

Marie Helene C. Torres
Organização

Estudos da tradução intercontinentais

Estudios de la traducción intercontinentales

Études de la traduction intercontinentales

Studi di traduzione intercontinentale

Intercontinental Translation Studies

RAFAEL COPETTI
·EDITOR·

**Estudos da tradução intercontinentais
Brasil – Canadá – Romênia**

Comitê Científico:

Alvaro Echeverri (Université De Montréal, Canadá)
Amparo Hurtado Albir (Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha)
Andréia Guerini (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)
Arvi Stepp (Vrije Universiteit Brussel, Bélgica)
Elizabeth Monasterios (University of Pittsburgh, EUA)
Ilana Heineberg (Université Bordeaux Montaigne)
Isabel Mociño González (Universidade de Vigo, Espanha)
José Lambert (KUL, Bélgica / Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)
Marie Helene Catherine Torres (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)
Michel Riaudel (Université Paris-Sorbonne, Paris IV)
Philippe Humblé (Vrije Universiteit Brussel, Bélgica)
Walter Carlos Costa (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)
Xuefei Min (Peking University, China)

Equipe de Tradutores:

Elena Manzato (Italiano)
Francisca Ysabelle Silveira (Espanhol)
Ingrid Bignardi (Italiano)
Jaqueline Siderski (Francês)
Lilian Pereira (Espanhol)
Rodrigo D'Avila (Inglês)
Sheila dos Santos (Francês)
Yeo N'Gana (Inglês)

Equipe de Revisores:

Andrea Cesco (Espanhol)
Davi Gonçalves (Inglês)
Karine Simoni (Italiano)
Marie Helene Catherine Torres (Francês)
Sheila Maria dos Santos (Francês)
Patrícia Rodrigues Costa (Inglês)

Entrevistas de:

Walter Carlos Costa
Muguraş Constantinescu
Georges Bastin
Marie Helene Catherine Torres

Marie Helene C. Torres
Organização

Estudos da tradução intercontinentais Brasil – Canadá – Romênia

RAFAEL COPETTI
·EDITOR·

© 2019 Rafael Zamperetti Copetti Editor Ltda., para a presente edição.

Nesta edição respeitou-se o estabelecido no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado pelo Brasil em 2009.

Conselho editorial

Álvaro Faleiros |USP; Andrea Santurbano |UFSC; Andréia Guerini |UFSC; Annateresa Fabris |ECA/USP; Aurora Bernardini |USP; Dirce Waltrick do Amarante |UFSC; Giorgio De Marchis |Università degli Studi Roma Tre; Lucia Sá |University of Manchester; Luciene Lehmkuhl |UFPB; Mamede Mustafa Jarouche |USP; Maria Aparecida Barbosa |UFSC; Maria Lucia de Barros Camargo |UFSC; Mariarosaria Fabris |USP; Paulo Knauss |UFF; Pedro Heliodoro Tavares |UFSC; Rita Mamoto |Universidade de Coimbra; Sandra Bagno |Università degli Studi di Padova; Stefania Pontrandolfo |Università degli Studi di Verona; Tania Regina de Luca |UNESP/Assis

Editor *Rafael Zamperetti Copetti*

Coordenador editorial *Raquel M. Keller*

Assistente editorial *Fabiana V. Assini*

Projeto gráfico, capa e diagramação *Paulo Roberto da Silva*

Preparação dos originais *Francisco Degani*

Revisão de provas *Fabiana V. Assini | Rafael Zamperetti Copetti | Marie Helene C. Torres*

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Laura Emilia da Silva Siqueira CRB 8-8127)**

Estudos da tradução intercontinentais : Brasil — Canadá — Romênia / Marie Helene C. Torres (organização) ; Andréia Guerini, introdução. — São Paulo — Florianópolis : Rafael Copetti Editor, 2019.

306 p., 15,5 x 20 cm

Exigências do sistema: Formato PDF – Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-67569-52-9 (recurso eletrônico)

Edição em português, espanhol, francês, italiano e inglês.

1. Literatura: tradução. 2. Literatura: estudos da tradução. 3. Literatura brasileira: tradução. 4. Literatura canadense: tradução. 5. Literatura romena: tradução. I. Torres, Maria Helene Catherine. II. Costa, Walter Carlos. III. Constantinescu, Muguraş. IV. Bastin, Georges.

CDU 82.091

CDD 418.02

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura: tradução
2. Literatura: estudos da tradução
418.02

2019 |1ª Edição Brasileira

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra por qualquer meio salvo mediante expressa autorização por escrito da editora.

Todos os direitos desta edição reservados para o Brasil à Rafael Zamperetti Copetti Editor Ltda.

Caixa Postal 5190

Trindade | Florianópolis | SC | Brasil | CEP 88040-970

Tel. 48 | 3733.5058

editora@rafaelcopettieditor.com.br | rafaelcopettieditor.com.br

Foi feito depósito legal.

Impresso no Brasil | Printed in Brazil

Sumário

Introdução	1
Andréia Guerini	
Estudos da tradução intercontinentais	5
Brasil – Canadá – Romênia	
Tradução de Jaqueline Siderski e Sheila dos Santos	
ENTREVISTA	
Andréia GUERINI e Robert de BROSE com Walter Carlos COSTA.....	7
ENTREVISTA	
Rodrigo D'AVILA e Yeo N'GANA com Albumita-Muguraş CONSTANTINESCU.....	21
ENTREVISTA	
Marie Helene Catherine TORRES com Georges BASTIN	36
ENTREVISTA	
Muguraş CONSTANTINESCU com Marie Helene Catherine TORRES.....	48
Estudios de la traducción intercontinentales	63
Brasil – Canadá – Rumanía	
Traducido por Francisca Ysabelle Silveira y Lilian Pereira	
ENTREVISTA	
Andréia GUERINI y Robert de BROSE con Walter Carlos COSTA.....	65
ENTREVISTA	
Rodrigo D'AVILA y Yeo N'GANA con Albumita-Muguraş CONSTANTINESCU.....	80
ENTREVISTA	
Marie Helene Catherine TORRES con Georges BASTIN.....	96
ENTREVISTA	
Muguraş CONSTANTINESCU con Marie Helene Catherine TORRES.....	108

Études de la traduction intercontinentales..... 125

Brésil – Canada – Roumanie

Traduit par Jaqueline Siderski et Sheila dos Santos

ENTRETIEN

Andréia GUERINI et Robert de BROSE avec Walter Carlos COSTA.....127

ENTRETIEN

Rodrigo D'AVILA et Yeo N'GANA avec Albumita-Muguraş CONSTANTINESCU143

ENTRETIEN

Marie Helene Catherine TORRES avec Georges BASTIN159

ENTRETIEN

Muguraş CONSTANTINESCU avec Marie Helene Catherine TORRES.....171

Studi di traduzione intercontinentale 187

Brasile – Canada – Romania

Tradotto da Elena Manzato e Ingrid Bignardi

INTERVISTA

Andréia GUERINI e Robert de BROSE com Walter Carlos COSTA.....189

INTERVISTA

Rodrigo D'AVILA e Yeo N'GANA con Albumita-Muguraş CONSTANTINESCU204

INTERVISTA

Marie Helene Catherine TORRES con Georges BASTIN.....220

INTERVISTA

Muguraş CONSTANTINESCU con Marie Helene Catherine TORRES233

Intercontinental Translation Studies 249

Brazil – Canada – Romania

Translated by Rodrigo D'Avila and Yeo N'Gana

INTERVIEW

Andréia GUERINI and Robert de BROSE with Walter Carlos COSTA.....251

INTERVIEW

Rodrigo D'AVILA and Yeo N'GANA with Albumita-Muguraş CONSTANTINESCU266

INTERVIEW

Marie Helene Catherine TORRES with Georges BASTIN281

INTERVIEW

Muguraş CONSTANTINESCU with Marie Helene Catherine TORRES293

INTRODUÇÃO

Estudos da tradução em entrevista

Em *Estudos da tradução intercontinentais Brasil — Canadá — Romênia*, livro idealizado e organizado pela pesquisadora Marie Helene Catherine Torres, temos um conciso, mas denso conjunto de entrevistas tendo como fio condutor a tradução em suas diferentes vertentes, disponibilizado em português, espanhol, francês, italiano e inglês.

As entrevistas aconteceram em diferentes momentos e foram realizadas por diferentes pesquisadores em Estudos da Tradução, a saber, Andréia Guerini, Marie Helene Catherine Torres, Muguraş Constantinescu, Robert de Brose, Rodrigo D'Avila e Yeo N'Gana. Os entrevistados foram Georges Bastin, Marie Helene Catherine Torres, Muguraş Constantinescu, e Walter Carlos Costa. Uma equipe de tradutores, que também são estudiosos da tradução, contribuiu para verter o material e torná-lo acessível em outras línguas. Francisca Ysabelle Silveira e Lilian Pereira foram as responsáveis pelo espanhol; Jaqueline Siderski e Sheila dos Santos para o francês e para o português; Elena Manzato e Ingrid Bignardi para o italiano e Rodrigo D'Avila e Yeo N'Gana para o inglês.

A entrevista de abertura é com Walter Carlos Costa, professor, pesquisador e tradutor, um dos pioneiros dos Estudos da Tradução no Brasil e idealizador da revista *Cadernos de Tradução* (<http://www.cadernos.ufsc.br>). O pesquisador ilustra a temática da tradução a partir do seu contato inicial com diferentes culturas no interior de São Paulo, onde nasceu e, mais tarde, o seu convívio em diferentes países, como Chile, Bélgica e Reino Unido onde viveu e realizou parte de sua formação acadêmica. O trânsito entre diferentes línguas e culturas: espanhol, inglês, neerlandês, francês; a sua atuação como pesquisador em Estudos da Tradução, a prática tradutória, especialmente, de tradução de poesia para revistas literárias e acadêmicas, sobretudo do espanhol, do inglês e do neerlandês; o estado da arte dos Estudos da Tradução no Brasil e em outros países; a questão de autoria na tradução, são os assuntos pelos quais o entrevistado transita. Na polêmica discussão sobre “autoria em tradução”, por exemplo, Walter Carlos Costa

diz que essa questão “costuma variar de texto para texto, de acordo com seu gênero e grau de complexidade e de tradutor para tradutor, de acordo com as competências leitora e textualizadora do tradutor” e acredita “[...] que essas competências sejam translinguísticas, embora sejam aprendidas e desenvolvidas em línguas concretas. Depende também da competência retextualizadora”. Acredita também “ser uma competência específica e que é de natureza, ao mesmo tempo, interlinguística (capacidade recriadora, de um sistema linguístico-discursivo para outro) e intralinguística (capacidade parafraseadora, dentro de um sistema linguístico-discursivo)”. Para ele “[...] na tarefa do tradutor estão envolvidas três importantes competências: a competência enciclopédica e as competências lexical-idiomática e estilística. No que se refere à tradução literária, as coisas se tornam, naturalmente, mais complexas. O índice de autoria, assim como o de relevância cultural e estética, vai depender de múltiplos fatores presentes no tempo e no lugar da produção e no tempo e no lugar da leitura”.

Na sequência, Marie Helene Catherine Torres entrevista Muguraş Constantinescu, professora e pesquisadora de Estudos da Tradução na Universidade “Ştefan cel Mare” de Suceava, Romênia, editora-chefe da revista *Atelier de Traduction* (<http://www.usv.ro/atelierdetraduction>) e diretora da coleção *Studia Doctoralia — Francophonie et Traductologie*. Muguraş Constantinescu discorre sobre crítica da tradução, original e tradução, prática de tradução, literatura traduzida e literatura nacional, história da tradução e da historiografia da tradução, tradução e autoria. Nesse último quesito, por exemplo, a pesquisadora informa que na Romênia “o tradutor é nomeado ‘autor’ e ele é o responsável pela sua versão. Entretanto, o editor intervém com suas próprias exigências. O tradutor não está, portanto, sozinho no processo editorial que leva à publicação de uma tradução”. Interrogada sobre a questão do direito do tradutor de ser criativo diante do original, Muguraş Constantinescu diz “que há um lugar para a criatividade em quase todas as traduções, mas uma criatividade, de certo modo, controlada pelo original, por um certo contexto. Não podemos adicionar metáforas que não existem, não se pode mudar os personagens. Existem limites impostos pelo original, senão, trata-se de uma reescrita, de uma réplica, uma paródia, um pastiche, tendo como ponto de partida o original”. Muguraş reivindica o fato de que cada cultura deve elaborar uma história das traduções, assim como há em cada cultura histórias literárias.

Isso permitiria “reconhecer a contribuição da tradução para a literatura e para o patrimônio nacional”.

Na terceira parte do livro, Georges Bastin, professor de tradução da Universidade de Montreal, idealizador e diretor do grupo de pesquisa História da Tradução na América Latina e editor-chefe da revista *Meta*, um dos principais nomes dos Estudos da Tradução no Canadá, é entrevistado por Marie Helene Catherine Torres. Bastin fala do seu interesse pela tradução na América Latina, especialmente na Venezuela e discorre sobre alguns temas da sua pesquisa que privilegia, entre outros, a imprensa antiga e as atividades linguísticas dos franciscanos e dos jesuítas. Também menciona questões sobre a pedagogia da tradução, pois entende a tradução como atividade onomasiológica. Bastin iniciou seu percurso acadêmico atuando como tradutor-intérprete, e se doutorou pela *École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs* com uma tese sobre a noção de adaptação na tradução, que permitiu “mostrar que a adaptação era pontual ou global. Pontual, ou seja, um processo comum de tradução focado na linguagem do texto (certas palavras, expressões ou passagens) e, acima de tudo, uma tática facultativa. Global, ou seja, uma estratégia global e coerente que não enfatiza o próprio texto, mas sim o ato de comunicação”. Prossegue dizendo que “a adaptação global difere [...] da tradução propriamente dita pelo fato de que essa última foca no significado ou no sentido, enquanto a adaptação se relaciona com transferência do alvo ou com a função do ato de comunicação verbal [...]. A adaptação, portanto, requer uma equivalência funcional, que se manifesta por decisões criativas e subjetivas do tradutor de acordo com o objetivo do original e das necessidades dos leitores alvo”. Bastin trata também da história da revista *Meta* (<https://www.erudiy.org/fr/revues/meta>), que foi fundada em 1955, e da qual é editor desde 2014; das relações acadêmicas com outros países, de questões sobre tradução e adaptação, tradução e interpretação.

Na última parte, Muguraş Constantinescu entrevista Marie Helene Catherine Torres, que é professora e pesquisadora em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e foi uma das idealizadoras da primeira pós-graduação em Estudos da Tradução *stricto sensu* no Brasil. A entrevista desvenda o percurso como pesquisadora de Marie Helene C. Torres, que tem atuado na relação entre literatura nacional e literatura traduzida, com teoria e história da tradução, tradução de literatura infanto-juvenil, literatura comparada, literatura francesa traduzida para o

Brasil e ainda sobre a história, teoria e crítica das traduções. Ao longo da entrevista, Marie Helene Catherine Torres fala sobre formação acadêmica, especialmente no mestrado e doutorado. Foi o doutorado, realizado na Bélgica, sob a supervisão de José Lambert, que a pesquisadora afirma ter sido “o ponto de virada” na sua carreira universitária, marcando o início da sua “paixão” pelos Estudos da Tradução. Questionada sobre a relação entre o tradutor antropofágico e a brasilidade, Marie Helene C. Torres esclarece que a antropofagia é uma metáfora cultural usada “não apenas para evocar o movimento antropofágico, que culminou na busca pela identidade brasileira”, que devorou “a cultura estrangeira [...] para restaurar o próprio patrimônio cultural”, mas também pode ser aplicada à tradução, ao tradutor “que pode ser, em graus variados, um antropófago, dependendo do que ele escolher devorar”. Outro tema tratado por Marie Helene C. Torres é o relativo aos paratextos, assunto não abordado pelos outros entrevistados, mas que não poderia faltar aqui, já que Marie Helene não concebe a leitura de um texto literário traduzido sem o que denomina textos de acompanhamento, pois, como ela destaca, “todo o aparato paratextual [...] é frequentemente o lugar onde a ideologia aparece mais claramente. O paratexto é, portanto, essencial para a análise das traduções”.

O livro, como citado anteriormente, coloca em diálogo estudiosos de diferentes países sob a ótica dos Estudos da Tradução. O fio condutor das diferentes entrevistas apresenta convergências e é um rico material para os estudiosos de tradução, pois um dos aspectos que liga os entrevistados é o fato de terem contribuído para a institucionalização e o fortalecimento dos Estudos da Tradução, quer coordenando cursos de graduação, pós-graduação e editando revistas acadêmicas específicas de tradução: *Atelier de Traduction*, *Cadernos de Tradução*, *Meta*; quer orientando e supervisionando pesquisas na área; quer publicando artigos, livros, capítulos, enriquecendo assim o multidisciplinar campo dos estudos da tradução. O livro é igualmente útil para quem quer conhecer um pouco mais sobre a tradução em nível acadêmico, a partir da experiência de renomados pesquisadores em tradução no Brasil, Canadá e Romênia.

Andréia Guerini

Estudos da tradução intercontinentais
Brasil – Canadá – Romênia

Tradução de
Jaqueline Siderski & Sheila dos Santos

ENTREVISTA¹

Andréia GUERINI² e Robert de BROSE³ com Walter Carlos COSTA⁴

Walter Carlos Costa, professor, tradutor e pesquisador do CNPq Nível 2, é uma figura central nos Estudos da Tradução no Brasil, seja pela sua longa e prolífera carreira como pesquisador nesta área, que ajudou a consolidar no país, seja pela sua atuação na formação de novos tradutores, pesquisadores e professores. Sua carreira iniciou-se com a graduação em Filologia Românica (Francês e Espanhol) na Katholieke Universiteit Leuven, Bélgica, onde também escreveu sua dissertação de mestrado sobre questões relacionadas à tradução do *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa para o francês, trabalho desenvolvido sob a orientação do eminente pesquisador, bem como um dos fundadores dos Estudos da Tradução, José Lambert. Entre 1988 e 1992, escreveu sua tese de doutoramento sobre os aspectos linguísticos da tradução de Jorge Luis Borges na Universidade de Birmingham, sob a orientação de Malcolm Coulthard. É Professor aposentado pela Universidade Federal de Santa Catarina, onde continua atuando na Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) daquela instituição, e Professor Visitante junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará (POET/UFC), do qual é um dos fundadores, desde 2017. Atualmente, dedica-se, principalmente, à pesquisa da literatura de Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares e à história e historiografia da tradução.



¹ Esta entrevista foi publicada anteriormente na *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 44, p. 436-447, jan./abr. 2018.

² Universidade Federal de Santa Catarina, CNPq, Brasil, andreia.guerini@gmail.com.

³ Universidade Federal do Ceará, Brasil, robert.de.brose@gmail.com.

⁴ Universidade Federal do Ceará; Universidade Federal de Santa Catarina; CNPq, Brasil. <walter.costa@gmail.com>.



ANDRÉIA GUERINI e ROBERT DE BROSE (A.G./R.B.): Comente sobre o seu contato inicial com a tradução.

WALTER CARLOS COSTA (W.C.C.): Meu contato inicial com a tradução data da infância, passada na pequena cidade paulista de Santópolis do Aguapeí, onde fiz o antigo ensino primário. A população da cidade era formada por imigrantes estrangeiros de várias nacionalidades, sobretudo japoneses, e migrantes de vários estados, além de contar com uma reserva indígena. Assim, pude ouvir durante meus primeiros onze anos, todos os dias, pessoas falando diferentes línguas estrangeiras e sotaques de diferentes regiões do país. Lembro que meus melhores amigos eram um nissei e um filho de sírio-libaneses e na casa deles eu ouvia alternadamente japonês, árabe e português. Lembro também pessoas lendo imprensa estrangeira, entre outros um jornal libanês e diferentes publicações em japonês, como o *São Paulo Shimbun*, que muitos habitantes assinavam. Foi em Santópolis ainda que pude seguir durante anos o cinema americano, com legendas, e, nos finais de semana, cinema japonês, também com legendas. No antigo ginásio, que fiz nas cidades vizinhas de Tupã e Birigui, tive excelentes professores de inglês e de francês. Particularmente importante foi o acesso às bibliotecas dos colégios, onde li centenas de livros traduzidos, entre eles toda a coleção Terramarear (<<http://marginalia.com.br/2015/11/16/colecao-terramarear/>>), de livros de aventura. Um de meus irmãos era assinante do Clube do Livro, cujos volumes de literatura estrangeira eu lia com frequência. Um acontecimento decisivo do início da adolescência foi a leitura do “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo* (<<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,no-suplemento-literario-o-encontro-de-varias-geracoes,6862,0.htm>>), jornal que meu pai assinava. No “Suplemento”, que eu lia de cabo a rabo toda semana, tive contato com as traduções de Augusto e Haroldo de Campos e com a coluna “Letras russas”, de Boris Schnaiderman, de quem eu me tornaria amigo décadas depois.

A.G./R.B.: Na sua formação acadêmica, quando aparece a tradução? O que mudou na área de Estudos da Tradução desde o seu primeiro contato até os dias de hoje que você considera que tenha sido importante ou marcante?

W.C.C.: Eu tinha me interessado pela tradução a partir da leitura dos poetas concretos, feitas em suplementos, revistas e livros. O amplo leque



de línguas ocidentais e orientais, modernas e antigas, do repertório concreto, me levou à tentativa de aprendizado de uma série de línguas estrangeiras, tanto em cursos de língua regulares (inglês, francês, italiano, alemão, russo, japonês) como por conta própria (espanhol, romeno). No entanto, foi durante meus estudos na KU Leuven (Katholieke Universiteit Leuven), que a prática da tradução se deu de forma cotidiana. Em primeiro lugar, ela se dava dentro de casa, pois minha esposa, na época, Sara Vergés Cabello, chilena, falava em espanhol comigo e com nossos dois filhos, Hiran e Rodrigo, e eu falava com eles em português. Quando estávamos com visitas que falavam inglês, neerlandês ou francês, falávamos nessas línguas com as visitas e, entre nós, em espanhol e português. Ou seja, praticávamos a tradução falada o tempo todo. Na KU Leuven tive como professor José Lambert, que era um entusiasta da tradução e que estava começando a estabelecer, junto com seus parceiros belgas, da Holanda e de Israel, o que viria a ser a disciplina dos Estudos da Tradução. Eu assisti a vários eventos promovidos por Lambert e seus colegas e comecei a ler a bibliografia nascente na área. Lambert começara a orientar trabalhos sobre tradução e foi sob sua orientação que escrevi a dissertação *Un roman brésilien en français. Questions de traduction à propos de Grande Sertão: Veredas de J. Guimarães Rosa*. Quando entrei na UFSC, como professor da área de Espanhol, a tradução começou a fazer parte de minha prática acadêmica. A área de Espanhol passou a oferecer a tradução e a versão no ensino de língua desde os primeiros semestres e eu frequentemente ministrava essas disciplinas. Posteriormente, em uma das muitas reformas curriculares, foi introduzida a disciplina Estudos da Tradução. Na UFSC, comecei também a desenvolver a atividade de editor, primeiro no Departamento de Metodologia de Ensino, onde eu tinha 20 horas, e, em seguida, no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, onde eu também tinha 20 horas. No DLLE, fui chamado pela colega Carmen Rosa Caldas-Coulthard para colaborar na edição da revista *Ilha do Desterro* e para atuar na Pós-Graduação em Inglês, então denominada PGI. Na *Ilha do Desterro*, organizei o número monográfico *Translation/ Tradução*, em 1987.1, e na PGI ministrei vários cursos sobre tradução, um deles em colaboração com Malcolm Coulthard, que viria a ser meu orientador na University of Birmingham, onde concluí o doutorado, sobre as traduções de Jorge Luis Borges para o inglês, em 1992.

A.G./R.B.: *Você tem traduzido regularmente; como você define a sua prática?*

W.C.C.: A minha prática de tradução tem sido constante, mas, ao mesmo tempo, não muito sistemática. Comecei a traduzir regularmente na Bélgica, quando, no meio do curso de Filologia Românica (Francês e Espanhol), comecei a trabalhar como jornalista na BRT (Belgische Radio en Televisie, Rádio e Televisão Belga), emissora oficial, então recém-criada para a comunidade flamenga através da divisão da antiga emissora única nacional. Durante 4 anos traduzi textos da imprensa e das agências de notícias do neerlandês para o espanhol e durante 1 ano fiz o mesmo trabalho para o português. Eu gravava esses textos que eram transmitidos pelo rádio, em onda curta, à noite. O que eu mais traduzi, ao longo dos anos, foi poesia, em geral para revistas literárias e acadêmicas, sobretudo do espanhol, do inglês e do neerlandês. Traduzi a antologia *Paisagem com uma vela e abelhas assírias*, do poeta, professor e tradutor americano Steven White (Florianópolis: Edições da Orla, 1995). Também traduzi poesia (Cruz e Sousa, Leonor Scliar-Cabral) do português para o espanhol, uma experiência muito gratificante porque se tratou, nos dois casos, de uma edição multilíngue, respectivamente inglês, francês e espanhol e inglês, francês, espanhol e hebraico e que possibilitou um trabalho de interlocução com colegas como Marie Helene Catherine Torres e Alexis Levitin. Uma experiência especial foi a tradução de dois livros infantis do neerlandês para o português: *Nina*, do flamengo David Ausloos (Comboio de Corda, 2010) e *Zoeira esteve aqui*, do holandês Edward van de Vendel (SM, 2011). A relação com as editoras foi excelente e dispus da mais ampla liberdade; a revisão e a preparação de texto foram exemplares e executadas com grande delicadeza e consulta permanente. Traduzi muito em colaboração e cabe destacar alguns desses trabalhos. Com Philippe Humblé, traduzi, em 1993, *Sobre livros e leitura*, de Arthur Schopenhauer, um grande sucesso da editora alternativa Paraula (com sede, primeiro em Porto Alegre e depois em Florianópolis) e que foi reproduzido na revista *Buriti*, da Fundação Biblioteca Nacional. Com o Philippe traduzi também alguns poemas do poeta flamengo Paul van Ostaijen. Com o saudoso Cleber Teixeira, meu grande amigo da editora Noa Noa, de Florianópolis, traduzi poemas de Octavio Paz. Com Andréia Guerini e Fabiano Seixas Fernandes traduzi *Maomé — uma biografia do profeta*, de Karen Armstrong (Companhia das Letras, 2002). Com Andréia Guerini e Eclair Antônio Almeida Filho,

traduzi poemas de Leopardi, publicados no *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Com Rosario Lázaro Igoa, traduzi algumas crônicas de autores brasileiros para o espanhol, publicadas na imprensa uruguaia. Com Pablo Cardellino traduzi, entre outros, Cervantes e os uruguaio Felisberto Hernández e Henry Trujillo. Com Luana Ferreira de Freitas, minha esposa, traduzi o conto “A bugra”, de Bram Stoker, publicado na coletânea *Sombras de Carcosa — Contos de terror cósmico*, da editora Poetisa, de Piracicaba. Com a Luana estou preparando atualmente uma antologia de poemas da Emily Dickinson.

A.G./R.B.: Você entende/assume a tradução como autoria?

W.C.C.: A autoria na tradução costuma variar de texto para texto, de acordo com seu gênero e grau de complexidade e de tradutor para tradutor, de acordo com suas competências. Entre os exemplos citados na pergunta anterior, eu diria que o índice de autoria foi maior na tradução de poesia, na tradução dos dois livros infantis e na tradução da ficção de Felisberto Hernández e de Bram Stoker. Esse índice de autoria depende também das competências leitora e textualizadora do tradutor. Acredito que essas competências sejam translinguísticas, embora sejam aprendidas e desenvolvidas em línguas concretas. Depende também da competência retextualizadora, que acredito ser uma competência específica e que é de natureza, ao mesmo tempo, interlinguística (capacidade recriadora, de um sistema linguístico-discursivo para outro) e intralinguística (capacidade parafraseadora, dentro de um sistema linguístico-discursivo). Podemos dizer também que na tarefa do tradutor estão envolvidas três importantes competências: a competência enciclopédica e as competências lexical-idiomática e estilística. No que se refere à tradução literária, as coisas se tornam, naturalmente, mais complexas. O índice de autoria, assim como o de relevância cultural e estética, vai depender de múltiplos fatores presentes no tempo e no lugar da produção e no tempo e no lugar da leitura. Por isso, me parece apressado dizer que as traduções têm vida mais curta que os textos-fonte. Se observarmos a história das literaturas e, dentro delas, a história das traduções, podemos dizer que as traduções podem apresentar, ao contrário, uma sobrevida maior, o que se deve, entre outros fatores, ao fato de que parte importante das traduções literárias é feita a partir de textos-fonte já previamente selecionados pelo público e pela crítica. É



um fato que apenas uma pequena parte da produção literária mundial é traduzida e uma pequena parte dessa pequena parte é constantemente retraduzida. Só histórias da literatura traduzida, como as recentes *The Oxford history of literary translation in english* (Oxford: Oxford University Press, 2005, 2006, 2008, 2011) e *Histoire des traductions en langue française* (Paris: Verdier, 2012, 2014, 2015) podem começar a esclarecer o intrincado processo de produção e recepção das traduções literárias e sua importância para a circulação internacional de representações, temas e procedimentos, e a complexa formação do sistema mundial das literaturas e a igualmente complexa formação dos subsistemas regionais, nacionais e transnacionais.

*A.G./R.B.: Você foi o idealizador da revista **Cadernos de Tradução**, hoje considerada a principal revista na área no Brasil, e na qual você figura como editor associado. Comente sobre a criação da revista e sobre como ela se insere no contexto acadêmico em relação a outras revistas.*

W.C.C.: Desde a primeira adolescência fui um grande leitor de revistas culturais, como as brasileiras *Leitura*, *Anhembi*, *Brasiliense*, *Civilização Brasileira* e as internacionais *Quinzaine Littéraire*, *Les Temps Modernes*, *Critique*, *Strumenti Critici*, *Europe*. Durante meu período belga (1974-1982), pude aumentar essa lista para a vasta coleção de periódicos acadêmicos da Katholieke Universiteit Leuven, tanto na biblioteca central como na biblioteca setorial de letras e linguística. Durante meu doutorado, na University of Birmingham (1988-1992), expandi ainda mais o leque dos periódicos acadêmicos lidos, especialmente os de língua inglesa. Foi com esse quadro de leitura prévia de revistas culturais e periódicos acadêmicos que surgiu a ideia de editarmos uma revista dedicada aos Estudos da Tradução e que fosse porta-voz do recém-criado GT (Grupo de Trabalho) da UFSC, na ANPOLL, por convite da então coordenadora do GT de Tradução da ANPOLL, Maria Paula Frota, da PUC-Rio. *Cadernos de Tradução* começou como uma revista anual, editada pelos colegas Marie Helene Catherine Torres, Mauri Furlan e por mim, como órgão do também recém-criado NUT (Núcleo de Tradução) da UFSC. *Cadernos de Tradução* funcionou, desde o primeiro número, publicado em 1996, segundo certos princípios: restrição da publicação de textos locais e publicação de textos nacionais e internacionais, publicação de textos em línguas estrangeiras, publicação de resenhas e inclusão de todas as correntes de pensamento da

área. A revista teve um êxito imediato e, aos poucos, foi se solidificando e ganhando prestígio entre os pesquisadores do país e do exterior. O grande salto aconteceu quando Andréia Guerini se tornou editora-chefe. A revista, que passou a contar regularmente com o apoio do CNPq e da CAPES, se profissionalizou e passou a sair com periodicidade regular e incorporou novas seções, como a de resenha de traduções, entrevistas e, ultimamente, traduções inéditas. Um salto importante aconteceu há pouco quando, graças a um esforço concentrado da editora-chefe com a então doutoranda Letícia Goellner, a *Cadernos de Tradução* entrou para a plataforma SciELO, o que assegura que renove automaticamente a nota A1 no Qualis da CAPES. *Cadernos de Tradução* é, assim, a principal revista de Estudos da Tradução do Brasil, país onde existe o maior número de periódicos na área. O cenário internacional é dominado por revistas do mundo anglo-americano, o que se explica por vários motivos, entre eles, o peso de grandes grupos editoriais como Benjamins e Routledge, que controlam o rico mercado dos periódicos na principal língua franca do momento, o inglês. Até agora, as grandes editoras brasileiras não se interessaram pela edição de livros e periódicos na área dos Estudos da Tradução. Por outro lado, todos os periódicos brasileiros são ligados a instituições de ensino e são de acesso livre *on-line*, o que torna a pesquisa brasileira, na área, democrática e inclusiva.

A.G./R.B.: *Você foi um dos responsáveis pela criação do primeiro programa de Estudos da Tradução no país, na Universidade Federal de Santa Catarina, e ajudou na criação de programas específicos em outras instituições, como UnB e UFC. Poderia comentar sobre esse seu movimento? Como você vê a expansão dos Estudos da Tradução no Brasil?*

W.C.C.: A criação da PGET, Pós-Graduação em Estudos da Tradução, na UFSC, se deveu a uma conjunção de fatores favoráveis, a começar pela existência de um grupo de professores apaixonado pela tradução, e que se agrupou em torno da revista *Cadernos de Tradução* e do NUT. Ou seja, na UFSC, o periódico especializado surgiu 7 anos antes do programa específico em Estudos da Tradução. Além de atuarem no NUT e na *Cadernos*, um pequeno grupo de pesquisadores já trabalhava em uma linha de pesquisa de tradução nos programas de Literatura, Inglês e Linguística. Isso explica, em parte, porque a PGET teve uma trajetória ascendente meteórica: autorizada



em 2013.2, passou a funcionar em 2014.1, com uma aula inaugural emblemática, a de Boris Schnaiderman, cuja carreira inspira muito de minha atuação institucional. Na primeira avaliação da CAPES, o programa passa para a nota 4 e, em seguida, tem o doutorado autorizado com nota 5. Na Avaliação Quadrienal da CAPES do ano passado, a PGET alcança a nota 6 e não é insensato pensar que no futuro a nota 7 possa ser alcançada. Um dos fatores que pesaram na avaliação positiva da PGET é a presença da pesquisa sobre Libras e língua de sinais. Entre as 345 teses e dissertações defendidas na PGET (<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88241>>), entre 2004 e 2018, várias são sobre tradução e interpretação em Libras e língua de sinais. Outro dos traços específicos da PGET é sua relação com a Bélgica, um dos países (junto com Holanda e Israel) onde nasceu a disciplina Estudos da Tradução. Eu fiz a graduação e o mestrado na KU Leuven, trajetória compartilhada por Philippe Humblé, que foi professor na UFSC durante 25 anos e hoje é professor na VUB (Vrije Universiteit Brussel, Universidade Livre de Bruxelas). Esse traço é complementado por outro, igualmente importante, a presença na PGET de docentes de origem estrangeira (mais de 20%) e a forte presença de professores visitantes estrangeiros. Em certo momento, chegamos a ter 6 professores estrangeiros ao mesmo tempo, combinando as possibilidades oferecidas pela CAPES, CNPq e a própria UFSC. Entre outros visitantes que colaboraram para a face internacional da PGET, estão os ingleses John Gledson (um dos maiores especialistas em Machado de Assis e tradutor de Machado e outros escritores brasileiros) e Malcolm Coulthard (um dos expoentes da Análise do Discurso britânica e um dos fundadores da Linguística Forense), o belga José Lambert e o alemão Berthold Zilly, professor da Freie Universität Berlin (Universidade Livre de Berlim) e um dos mais importantes tradutores de literatura brasileira, na PGET há 7 anos. Outra característica da PGET foi sua atitude não só de acolher os colegas pesquisadores de instituições nacionais e internacionais, mas também de colaborar com a formação de colegas não-doutores de instituições através do programa DINTER da CAPES. Assim, a PGET teve um DINTER com duas instituições federais da Paraíba, UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), formando 9 doutores. Atualmente tem um DINTER com a UFPA, estando em processo de formação de 15 doutores entre os colegas docentes de diferentes *campi*. Nos dois casos, a coordenação coube a Marie Helene Catherine Torres e eu estive, e estou, bastante engajado nos

dois empreendimentos. A interdisciplinaridade típica da área dos Estudos da Tradução, que tem interface com todas as áreas de conhecimento, tem se acentuado na PGET e isso ficou claro recentemente, quando, concorrendo ao edital conjunto 01/2018/PROPG/PESQ, para integrar o Programa Institucional de Internacionalização CAPES-PrInt, a PGET apresentou um projeto, sob sua coordenação, incluindo 9 outros programas de pós-graduação da UFSC, com 32 participantes e 16 diferentes países, com 36 pesquisadores(as) estrangeiros(as). O projeto foi aprovado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e aguarda implementação pela CAPES. A PGET, através sobretudo de consultorias feitas pela Marie e por mim, tem ajudado os colegas de outras universidades que queiram montar um programa específico, ou afim, de Estudos da Tradução. Ao longo dos anos, a Marie e eu fomos consultados por colegas da UnB, UFPB, UFC, UFRJ, UFF, UFRGS e UFRN. Dessas consultas surgiram o PosTrad, da UnB, cuja fundação foi conduzida por Germana Henriques Pereira e a POET, da UFC, cuja fundação foi conduzida por Luana Ferreira de Freitas. Cabe mencionar que a Luana, que fez graduação (Tradução) e mestrado (Linguística Aplicada) na UnB, fez doutorado e pós-doutorado na UFSC, na pós em Literatura e na PGET, respectivamente, e é membro permanente da PGET. Com a POET, onde sou atualmente professor visitante, meus vínculos são especialmente fortes. Para estar com a minha esposa Luana, que tinha entrado na UFC, acabei solicitando, e obtendo, uma “colaboração técnica” na UFC entre 2013 e 2016. Assim, pude participar ativamente do processo de estabelecimento do programa e continuo participando de seu funcionamento e fortalecimento, colocando a seu serviço a experiência acumulada na UFSC. A parceria POET/PGET resultou em uma série de cursos e eventos comuns, tanto em Fortaleza, Florianópolis e Bruxelas, como em Bragança e Belém (no quadro do DINTER PGET/UFPA) como em colóquios nacionais da ABRALIC e da ANPOLL. Essa parceria também se estende à participação em associações (ABRAPT, GT de Tradução da ANPOLL), participação de professores da PGET como professores na POET (atualmente Marie Helene Catherine Torres e Silvana dos Santos Aguiar), na publicação conjunta de livros e participação intensa em bancas dos dois programas e orientação de dissertações e teses. Em termos de expansão da área, os Estudos da Tradução têm experimentado uma verdadeira explosão no Brasil. Assim, o Diretor do Departamento Luso-Brasileiro do Instituto de Tradução e Interpretação da Universidade de Heidelberg, Alemanha,



Thomas Sträter, observou, em sua palestra proferida na POET/UFC, em 03/05/18, intitulada “Por que (Estudos da) Tradução?”, que o Brasil é o país onde mais se pesquisa sobre tradução.

A.G./R.B.: Como você vê a institucionalização dos Estudos da Tradução no exterior?

W.C.C.: Apesar do êxito da disciplina entre os pesquisadores e na indústria editorial, sobretudo de língua inglesa, a institucionalização dos Estudos da Tradução no exterior me parece problemática. Curiosamente, o único país onde a disciplina possui programas específicos fortes, e com grande número de mestrados, doutorandos e pós-doutorandos, é o Brasil. Na maior parte dos países, o que predomina são programas de treinamento de tradutores e intérpretes, não de Estudos da Tradução em nível de mestrado e doutorado. O Reino Unido se destaca por apresentar um grande número de mestrados e doutorados, mas isso se deve à flexibilidade da universidade britânica, que permite que se ofereça pós-graduação *stricto sensu* em uma determinada área com um número reduzido de professores. Cabe lembrar igualmente outros países em que os Estudos da Tradução possuem uma inserção institucional, a começar por dois países tradicionalmente fortes: Bélgica, mais precisamente em Flandres, onde as antigas escolas de interpretação foram absorvidas pela KU Leuven, Universiteit Antwerpen e VUB; e Canadá, onde a disciplina está bem estabelecida em várias universidades e onde são editadas algumas das mais importantes revistas internacionais como *Meta* e *TTR*. Na Espanha (com destaque para Barcelona) e em Portugal, os Estudos da Tradução alcançaram uma posição institucional importante. Um fenômeno novo é que os colegas portugueses têm preferido publicar, e realizar muitos eventos, em inglês. Mais países se sobressaem: Turquia, África do Sul, Índia, Austrália e Malásia. A China é a grande novidade e parece haver abraçado a causa dos Estudos da Tradução, potenciando uma tradição que já existia em Hong Kong e Macau. Nas publicações internacionais em inglês, tanto em periódicos como em livros, a presença de autores chineses se tornou uma constante. Aqui, devemos o atual reconhecimento dos Estudos da Tradução, em grande parte, à colega Sandra Regina Goulart Almeida, atual reitora da UFMG. A Sandra foi, antes de se candidatar a vice-reitora da UFMG, vice-coordenadora da área de Letras e Linguística da CAPES. Nesse cargo, ela, em consonância com

o coordenador, Dermeval da Hora, defendeu e promoveu os Estudos da Tradução. Em consequência, durante os 7 anos de mandato do Dermeval, os Estudos da Tradução foram reconhecidos pela CAPES e alguns de seus representantes, como Andréia Guerini e eu, fomos sistematicamente convidados a participar da comissão de avaliação dos programas, assim como de outras instâncias, como o Prêmio CAPES de Tese. Na gestão do Dermeval, houve ganhos importantes para a área como o reconhecimento de tradução de artigo como artigo e tradução de livro como livro.

A.G./R.B.: A bibliografia sobre Estudos da Tradução vem aumentando exponencialmente desde a criação da disciplina na década de 70/80 do século XX. Como você avalia esse incremento?

W.C.C.: A bibliografia vem aumentando muito nos últimos anos, superando outras disciplinas consagradas. No entanto, como costuma acontecer, esse crescimento é desigual, tanto em termos de línguas e países, como de subáreas. Assim, nas últimas décadas, temos visto aumentar o número de publicações, sobretudo em inglês, e especialmente em áreas antes pouco exploradas, como interpretação (que se tornou, praticamente, uma área independente), tradução audiovisual, interpretação e tradução em língua de sinais. Por outro lado, setores que existiam antes da disciplina, como os estudos da tradução literária, têm crescido pouco no cenário internacional. No Brasil, os Estudos da Tradução literária continuam uma área forte e constituem parte significativa da produção nacional. Há também o fenômeno recente da publicação digital, em que o Brasil se destaca, já que todos os trabalhos das universidades públicas, como TCCs (Trabalhos de Conclusão de Curso, da graduação), dissertações e teses, estão disponíveis *on-line*. É uma produção enorme e valiosa, pouco conhecida e pouco estudada, e cada vez mais utilizada. Seria importante que a bibliografia fosse mais conhecida, com a publicação, em livre acesso, de bibliografias críticas, que descrevessem e avaliassem esse riquíssimo material.

A.G./R.B.: O que ainda precisa ser feito para que a área de Estudos da Tradução avance e ganhe mais visibilidade no país e no exterior?

W.C.C.: A área está bem estabelecida em termos de publicação, com as limitações assinaladas acima, mas não em termos de institucionalização, que é o que garante mais visibilidade e um desenvolvimento sustentado por

dar acesso a fontes de financiamento estáveis. Acredito que se trata mais de um problema político-institucional do que propriamente acadêmico. Uma iniciativa que julgo essencial é aumentar o diálogo com outras disciplinas, o que quer dizer aumentar o diálogo com todas as disciplinas. Outra iniciativa importante é que a pesquisa em Estudos da Tradução seja mundial, quer dizer, que abarque todos os continentes, línguas e culturas, e que seja multilíngue. Cabe considerar que houve retrocessos também. Na Alemanha, país pioneiro e relevante em vários momentos históricos no estudo da tradução, os Estudos da Tradução parecem enfrentar dificuldades institucionais. O mesmo ocorre na França e, mais ainda, nos Estados Unidos.

A.G./R.B.: Como você vê a percepção do papel e da importância da tradução fora da academia? Essa percepção mudou? Em que sentido?

W.C.C.: Mudou em alguns setores; ainda resta muito por mudar. Há prêmios para as traduções, sobretudo literárias; há editais da Fundação Biblioteca Nacional com bolsas para tradutores de obras literárias brasileiras para outras línguas. As grandes editoras estão mais sensíveis: costumam colocar o nome do tradutor na folha de rosto e, em alguns casos, na capa; instruem os revisores e os preparadores de texto para terem uma atitude tolerante com as opções dos tradutores; privilegiam as traduções diretas, sempre que possível. Por outro lado, alguns maus costumes permanecem: nos sites das livrarias, os tradutores quase nunca são mencionados e o mesmo acontece em boa parte dos TCCs, dissertações e teses em estudos da tradução... Os direitos autorais dos tradutores são ainda muito limitados, com exceção de países como a Holanda. Em termos internacionais, a situação não é muito diferente, embora haja prêmios, sobretudo de traduções literárias. Um desenvolvimento importante é o das casas de tradutores, que começam a se espalhar por vários países, inclusive no Brasil, a partir de uma iniciativa de colegas da UFF e da Fundação Biblioteca Nacional, que encampou a ideia, em que a PGET tem participado ativamente.

A.G./R.B.: Ainda pensando na pergunta anterior, como se dá dentro da academia?

W.C.C.: Estamos longe do reconhecimento da importância da tradução e dos Estudos da Tradução. Mesmo em Letras, onde ela é mais reconhecida,

e onde boa parte da bibliografia é constituída de obras traduzidas, há certo preconceito contra o texto traduzido como objeto de pesquisa. Acredito que a existência de programas de pós-graduação *stricto sensu* bem qualificados pode ajudar nesse processo, que é, necessariamente longo. O reconhecimento das agências de fomento é igualmente importante e, no Brasil, a situação é muito mais favorável que em outros países. No entanto, apesar do avanço, os Estudos da Tradução ainda não constam como subárea no CNPq e na CAPES.

A.G./R.B.: Como você vê o futuro da tradução e o seu estudo num mundo cada vez mais conectado?

W.C.C.: Acho que o futuro da tradução e dos Estudos da Tradução será riquíssimo. Por uma feliz conjunção de fatores, em que a internet ocupa o lugar central, a tradução agora está ao alcance de todas as pessoas do planeta, que dominem algum sistema linguístico, de forma “gratuita” (de fato, paga por anúncios). A face mais visível disso são os tradutores automáticos que, no momento alcançaram tal nível de sofisticação, que qualquer pesquisador pode ler qualquer texto, escrito em centenas de línguas de todos os continentes, de forma rápida e bastante eficiente, sobretudo se esse pesquisador dominar o inglês e mais algumas línguas. Os eventuais problemas podem ser corrigidos através de uma grande quantidade de dicionários *on-line*, também financiados por anúncios, a maior parte dos quais apresenta uma interface de tradução, como os dicionários Oxford, Cambridge e Larousse, e centenas de outros. Outro instrumento para a progressiva sofisticação das traduções automáticas são as concordâncias *on-line*, cada vez mais numerosas e maiores, abarcando um grande número de línguas. Posso mostrar isso, com um exemplo, da área dos Estudos da Tradução. Durante muito tempo, eu me interessei por Jiří Levý (1926-1967), de quem ouvi falar pela primeira vez em Leuven, em um curso ministrado por José Lambert. Ontem, em Florianópolis, e hoje, em Fortaleza, Lambert mantém a mesma admiração pelo colega tcheco, falecido tão precocemente. Levý, que possui uma obra gigantesca para os poucos anos que viveu, tem uma contribuição significativa não só para os Estudos da Tradução, mas para os Estudos Literários como um todo e, mais especificamente, para o estudo da poesia e do verso. Pois bem, graças aos tradutores automáticos, aos diferentes dicionários e concordâncias, e



também ao conhecimento de algumas línguas estrangeiras, agora posso ter acesso direto ao texto tcheco. Como experimento, procurei e achei a edição tcheca de sua obra mais conhecida, *Umění překladau*, de 1963, que teve uma primeira tradução alemã, *Die literarische Übersetzung — Theorie einer Kunstgattung*, em 1963 e uma tradução para o inglês apenas em 2011. Reproduzo, abaixo o primeiro parágrafo do texto tcheco, seguido de sua tradução pelo Tradutor do Google e pelo tradutor Patrick Corness.

<p>Texto em tcheco.</p>	<p>Tradução do <i>Google Tradutor</i> para o inglês em 09/04/18.</p>	<p>LEVÝ, Jiří. <i>The art of translation</i>. Translated by Patrick Corness. Edited with a critical foreword by Zuzana Jettmarová. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 2011, p. 3.</p>
<p>1. Všeobecná situace</p> <p>Literatura o překládání se jen zčásti pohybuje v rovině teoretické, do dnešního dne většina studií i knižních publikací nepřesahuje hranice empirických pozorování nebo esejistických aforismů.</p>	<p>1. General situation</p> <p>Literature on translating is only partly in the theoretical plane; to date, most studies and books publications does not go beyond boundaries of empirical observations or eseistic aphorisms.</p>	<p>1.1 An overview</p> <p>To date, writing on translation only partially belongs to the realm of theory, as most articles and monographs have been confined to empirical observation or essayistic aphorisms.</p>

Assinalei em negrito alguns probleminhas da tradução do Google. Comparada com as primeiras traduções automáticas, esta tradução me parece próxima do tipo de tradução que necessito para conhecer a obra de Jiří Levý, a partir do texto tcheco e me valendo, claro, do conhecimento de outras línguas estrangeiras (inclusive um pouco de russo) e do conhecimento da área dos Estudos da Tradução. Estou curioso por estender esse primeiro experimento para os outros trabalhos de Estudos da Tradução de Levý, como *České teorie překladau* [Teorias tchecas da tradução], de 1957, e para os seus inúmeros textos sobre versificação.

ENTREVISTA

Rodrigo D'AVILA⁵ e Yeo N'GANA⁶ com Albumita-Muguraş CONSTANTINESCU⁷

Muguraş Constantinescu é professora HDR (habilitação para orientar pesquisas) na Universidade “Ştefan cel Mare” de Suceava, Romênia, onde ela ensina tradutologia. Ela é editora-chefe da revista *Atelier de Traduction*, diretora da coleção *Studia Doctoralia — Francophonie et Traductologie* e coordenadora do mestrado em Teoria e Prática da tradução da universidade.

Publicou obras como *Pratique de la traduction*, 2002, *La traduction entre pratique et théorie*, 2005, *Les contes de Perrault en palimpseste*, 2006, pela editora da Universidade de Suceava; publicou também a obra *Pour une lecture critique des traductions. Réflexions et pratiques*, 2013, pela editora L'Harmattan, Paris, *Lire et traduire la littérature de jeunesse*, 2013, publicado pela Peter Lang, Bruxellas, e mais recentemente, *La traduction sous la loupe — lectures critiques de textes traduits*, em 2017, também pela Peter Lang, Bruxelas.

Sua carreira teve abrangência internacional, como professora convidada na Universidade Blaise-Pascal, Clermont-Ferrand, França, em 2004 e como convidada a ministrar seminários doutorais na Universidade de Ottawa em 2013, Canadá e a proferir conferências na Universidade de Genebra, Suíça em 2014, na Universidade Nacional e Capodistrienne de Atenas, Grécia, em 2014, e na Universidade de Paris 8, França, em 2015.

Sua atividade científica conta com mais de 40 artigos, estudos e resenhas em periódicos de alcance internacional: *Meta*, *Target*, *Palimpsestes*, *TTR (Traduction — Terminologie — Rédaction)*, *Tropelias*, *Cadernos de tradução*, *Quaderns. Revista de Traduccion*, *Translationes*, *Atelier de traduction*, *Rielma*, *Ondina*.

⁵ Universidade Federal de Santa Catarina; CAPES, Brasil, rodrigodavilabraga@gmail.com.

⁶ Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; Université Félix Houphouët Boigny, Cocody, Abidjã, Costa do Marfim, nganayeo@gmail.com.

⁷ Universidade “Ştefan cel Mare” de Suceava, Romênia, mugurasc@gmail.com.



Publicou mais de 35 capítulos, abordando história e crítica das traduções, em obras coletivas que saíram em outros países, como: Picard, Frank & Timme, Lambert Lucas, L'Harmattan, Peter Lang, Honore Champion, Presses Sorbonne Nouvelle, Presses Blaise Pascal, Presses Universitaires de Rouen, Presses de l'Université de Bologne, etc.

Traduções — mais de 15 obras e capítulos de livros de G. Genette, G. Durand, A. Montandon, Jean Burgos, J.J. Wunenburger, Pascal Bruckner, Raymond Jean, J. P. Courtine, Raymond Aron, René Louis, Alain Montandon.



RODRIGO D'AVILA e YEO N'GANA (D.R./Y.N.): *Vamos começar por sua obra Pour une lecture critique des textes traduits, publicada pela editora L'Harmattan em abril de 2013. Como resumi-la para aquele que ainda não teve a oportunidade de lê-la?*

MUGURAŞ CONSTANTINESCU (M.C.): Eu quero dizer que esse livro foi completado em 2017 pelo seguinte, *La traduction sous la loupe*, publicado pela editora Peter Lang, que propõe leituras críticas de textos traduzidos e destaca ainda o conceito de “leitura crítica”. Eu quis reagir, nas duas obras, ao conceito de crítica de traduções que existe, sobretudo, pelo modelo de Berman através de sua obra *Pour une critique des traductions* de 1995. Eu acho que a obra de Berman é coerente, bem estruturada e muito útil, mas que não se pode realizar, pelas numerosas traduções que surgem em uma cultura, essa crítica tão estruturada que ele propõe. Tem-se a escolha entre a crítica bermaniana ou aquela de Lance Hewson, *An approach to translation criticism*, de 2011, completas, aprofundadas e nada. Não se tem maneira mais simples de acolher uma tradução, ainda que pela literatura original, nacional de cada cultura, tem-se várias formas — resumos, crônicas, artigos, estudos. Para a tradução há poucas formas de acolhimento. Muitas vezes, nos jornais literários, publica-se crônicas de uma obra que acabou de ser traduzida sem mesmo mencionar o fato de que se trata de uma tradução. Elas fazem referência à obra original e não à tradução, nem mesmo se comenta a maneira como a obra foi vertida para a língua estrangeira, mesmo que a rubrica se chame “crônica de traduções”. Voltando às minhas obras, quando eu digo “por uma leitura crítica” é para remeter ao título de

Berman e propor algo que preceda, destaque, complete esse conceito de “crítica de traduções”. Um texto traduzido deve ser acolhido por aquilo que o torna uma tradução. Então essa confusão que se faz entre texto original e texto traduzido nos estudos literários deve acabar. Tomar a tradução pelo original significa ignorar completamente o que se transformou no texto, o que se perdeu, o que talvez se destacou. Ainda mais que, para além disso, a tradutologia se desenvolveu muito, se ampliou, se expandiu. A crítica literária existe desde o século XIX e também evoluiu, enquanto que, para a tradução, não há uma diversidade de formas específicas de recepção.

D.R./Y.N.: Então você é a favor das críticas das traduções e não de uma crítica das traduções?

M.C.: Sim, eu acho que se deve acolher a tradução através de várias formas, simples ou complexas de crítica. Pode-se fazer um estudo monográfico, em uma tese por exemplo, e então colocar em prática esse estudo aprofundado, mas se quiser homenagear em um jornal a publicação de uma tradução, pode-se se limitar a uma crônica, a uma resenha, às vezes até mesmo a uma apresentação. Nessa última, se consagra algumas linhas à maneira como o texto foi vertido para idioma traduzido. Mesmo em um prefácio, pode-se falar do tradutor e da maneira como ele trabalhou. É, a grosso modo, o objetivo das minhas obras. Eu milito, se a palavra não os incomoda, por uma diversidade de formas de críticas que, de um modo ou de outro, reconhecem a tradução de um texto enquanto tradução e não permitem a confusão com o original, como se faz com frequência.

D.R./Y.N.: Eu gostaria de retomar o “mais flexível”, é o que me interessou. O que você entende como uma leitura mais flexível?

M.C.: É a “leitura crítica” que não deve respeitar rigorosamente todas as etapas da recepção do texto propostas por Berman para uma crítica completa de um texto. Em resumo, tendo como objetivo fazer um primeiro contato com o público, não se pode insistir na posição tradutora, que está sempre implícita. Quando eu digo “mais flexível”, eu penso nas formas breves que permitem passar silenciosamente por uma etapa ou outra da crítica aprofundada das traduções, sem ser muito limitada. Em uma crônica, pode-se permitir enumerar algumas soluções muito interessantes



do tradutor se as julgamos criativas ou assinalar as omissões que comprometem a mensagem do texto traduzido, se for o caso.

D.R./Y.N.: Pode-se avaliar uma tradução?

M.C.: Minha resposta será plural, a princípio, pode-se avaliar uma tradução, se existem critérios com relação ao projeto que a fez nascer. Uma condição obrigatória é confrontar o original e a tradução, senão a avaliação não é realmente embasada. Mas, na minha opinião, é mais interessante comentá-la, explorá-la. Pensar em termos de boa tradução ou de má tradução não é interessante. Ver sobretudo se é uma tradução que se afasta muito do texto original ou se se trata de uma tradução que sacrifica culturemas. Se pegarmos o caso de Le Clézio, eu acredito que o tradutor de suas primeiras obras traduzidas em romeno não era inteiramente responsável pelos ajustes do texto. Pode-se supor que o editor que as exigiu, ou que a mentalidade tradutória da época encorajava ajustes. Atualmente, a propriedade intelectual deve ser respeitada e não é negociável. Existe uma lei sobre a propriedade intelectual e isso exige ao menos uma nota do tradutor na qual se explique que algumas passagens foram encurtadas e porquê. É uma maneira de ser correto. Nos anos comunistas, Le Clézio pode ficar encrustado nas suas listas de árvores, plantas que mostram, de fato, um olhar para a natureza, importante no seu caso. Atualmente, a mentalidade sobre a tradução mudou. É preciso realocar as coisas em seus contextos e ver também uma evolução na visão sobre a tradução no nível do editor. É nesse sentido que é interessante avaliar uma tradução, colocando-a seu contexto. Se julgamos muito severamente esse primeiro tradutor em uma época em que as ideias de ecologia e até mesmo de propriedade intelectual não eram tão claras quanto hoje, corre-se o risco de fazer avaliações erradas. Não se deve então julgar com os critérios de nossa época, do século XXI, uma tradução que tem mais de meio século.

D.R./Y.N.: O original é uma metáfora? Na verdade, o “original” existe? Ou existem “originais”?

M.C.: Eu creio que para o conto popular a situação de original é mais complicada, mas para uma obra de Genette ou de Pascal Brickner o original, ao menos do ponto de vista editorial, existe. Bom, ele não se chama original no seu país, ele se chama “obra”, “último romance”, “último ensaio”,

“livro”. Eu penso que o original é um termo que se coloca no momento de uma análise comparativa. Devemos dar um nome ao texto que foi traduzido e, então, é uma convenção, se fala do original e da tradução, do texto a traduzir e do texto traduzido, do texto-fonte e do texto-alvo. Se pensarmos que cada leitor, isso inclui o tradutor, lê através de sua subjetividade, seu horizonte cultural, sua época etc., pode-se dizer que existem vários originais. Como o original passa através da tradução, isso é outra coisa. É por isso que há essa tendência de retraduzir, principalmente, os grandes autores pois cada época tem sua visão sobre o mundo e também a língua evolui. É necessário então publicar retraduzções — sobretudo para os outros autores que viveram, digamos, há séculos, ou mesmo para uma obra que foi publicada por um autor contemporâneo. Mas se a obra foi publicada há 40 anos, a tradução começa a ficar datada, a ser associada à uma certa língua de uma certa época. Então “existe um original?”. Quando o tradutor tem em mãos uma obra de 300 páginas, e eu não sei quantos capítulos que ele deve ter em sua língua, se pode chamá-la ou não de original, mas é o texto de partida. Para os contos populares é diferente. Mas para Perrault, que representa os contos orais, o texto existe, mesmo se, na origem, ele se inspirou na literatura oral, há um texto de autor, que tem um palimpsesto por trás, mas é um texto concreto, palpável com frases, pontuações, ilustrações.

D.R./Y.N.: Você poderia nos dizer como você se tornou tradutora?

M.C.: Eu penso que tive desde jovem o que se chama impulso tradutório. Eu era estudante no liceu na minha cidade natal, onde eu aprendia o francês, de que gostava bastante. Eu estava até, digamos, muito interessada em aprofundá-lo, a consultar os manuais de maneira regular nos limites possíveis da época comunista. Como eu estava na época tão apaixonada pela poesia, me propus a traduzir alguns poetas romenos. E traduzi alguns textos que publiquei, enquanto jovem tradutora, em um jornal nacional. Em seguida, passei pelo exame de admissão na universidade. Estudei Letras, dupla habilitação francês-romeno. E enquanto estudante fiquei muito contente de poder trabalhar textos literários nas aulas de tradução, porque tínhamos aulas de tradução. Eu estava muito apaixonada por essas aulas de tradução a ponto de frequentar também as que não estavam no meu programa. Eu também fiz um exame nacional para ter o certificado de tradutora. Consegui meu certificado, mas ele não me serviu, pois, as editoras



tinham seus tradutores titulares/preferidos. Eu pude traduzir durante os anos comunistas um fragmento aqui e outro lá em um jornal literário. Para responder a esse desejo, a essa pulsão de tradução. Em dado momento, traduzi contos da Madame d'Aulnoy do século XVII para minhas filhas. Eu traduzia o que eu lia. Tentei publicá-los e me disseram que eram contos aristocratas, com condessas, e que não era o momento. Então não pude publicar minhas traduções dessa época. Em troca, eu pude traduzir após a queda do comunismo quando o mercado editorial se abriu, aumentou. E encontrei Raymond Jean, romancista e professor da universidade Aix-en-Provence que visitava a Romênia. Ele me deu um livro chamado: *La lectrice*, muito interessante por sua carga intertextual porque o autor imaginava uma mulher que tinha estudado Letras e se entediava um pouco como dona de casa, então, ela propôs através de “classificados” leituras a domicílio de Maupassant, Mallarmé, Sade, etc. Então propus essa tradução a uma editora, Univers, que era especializada em literatura estrangeira. Acharam-na muito boa e aceitaram-na. Em seguida, os editores me propuseram outras traduções. Durante cerca de vinte anos, eu traduzi livros, ora propostos por mim, ora pelos editores, que me interessavam e me convinham. Era durante minhas horas vagas, porque eu trabalhava, sempre fui professora de francês. Eu nunca fui tradutora paga e que viveu de traduções. No momento, eu publico principalmente traduções colaborativas feitas com estudantes e jovens colegas. É um trabalho tão estimulante e gratificante quanto uma tradução individual, solitária. Em resumo, eu posso dizer que a tradução marcou minha vida pessoal e profissional e ela continua a me encantar e me preocupar, seja como prática, seja como objeto de reflexão.

D.R./Y.N.: Em 2008, você organizou um Colóquio Internacional intitulado “Panaiit Istrati sous le signe de la relecture”. O que nos interessa aqui é, sobretudo, a releitura. Traduzir é também reler, redizer, reescrever. Então, qual leitura você faz do prefixo “re” de um ponto de vista filosófico?

M.C.: Eu penso que eu já comecei a resposta falando de retradução. Eu diria que nossa época se encontra de algum modo localizada sobre o signo do “re”. Já na tradutologia, fala-se de retradução, em literatura fala-se de reescrita, nos espetáculos de visitar tal ou tal texto. Se aumentarmos, em arquitetura, você sabe, se uma antiga fábrica é transformada em centro cultural, isso se chama reconversão do edifício; em ecologia somos

exortados, somos convidados a reutilizar um mesmo produto. Estamos em uma época do “re” e eu acho que isso é uma boa coisa, pois, de fato, de um lado, somos mais ecológicos, mais atenciosos com o mundo contemporâneo, se falamos de reconversão e de reutilização, e que, de outro lado, reconhecemos um pouco uma herança, então retradução quer dizer que existe já uma primeira tradução, ou duas ou três. Isso é reconhecer também uma evolução, um fenômeno, uma série que se constituiu através das traduções. Para reescrever é mais complexo. Eu oriento uma tese sobre os contos do Perrault e sua escrita através da tradução. Isso supõe que a doutoranda vai se ocupar das traduções que existem para os contos de Perrault e que ela faz a coleta das reescritas dos textos de Perrault. Nós privilegiamos as reescritas que são traduzidas para ter que trabalhar uma segunda vez sobre a tradução. A partir da coleção *Les contes de Perrault à travers le monde*, pegamos Cinderela e vemos sua história em diversos países, diversas culturas, pois, para nós, é importante também ter a tradução dessa reescrita. Isso está muito em voga sobretudo nos contos, dar uma nova versão aos contos famosos que existem, se possível uma versão pessoal. Eu comprei na livraria da sua universidade um livro que se chama *A Cinderela brasileira*. É interessante ver que esses personagens de contos, esses temas de contos tem uma nova vida, adaptada. E você sabe, eu vi muitas Chapeuzinhos Vermelho em que o lobo é inocente e ingênuo e a menina que o seduz. Quando houve o centenário dos contos de Perrault, há 10 anos, em 1997, publicou-se uma coletânea na França cujo título era *Les contes de Perrault revus par*, reescritos por vários autores contemporâneos para adultos. Estamos então na reescrita e existe a reescrita, por exemplo, para a *Bela Adormecida*. Eu vi em um livro muito interessante publicado por um autor de origem marroquina Taha Ben Jelloun, *Mes contes de Perrault*, que ele deu um toque novo, magrebino. Eu também vi que muitos ilustradores dão uma nova leitura aos contos apenas pelas suas ilustrações, mais eróticas, mais feéricas, isso depende, ou ao contrário, mais sombrios.

D.R./Y.N.: Como você analisa a circulação das obras de Eminescu na Romênia, digamos na Europa de modo geral. A tradução foi importante nesse trajeto?

M.C.: Na Romênia as obras de Eminescu circulam bem, é o nosso poeta nacional. No que diz respeito às traduções de Eminescu a questão é

complexa e difícil de resolver. Ele foi muito traduzido para inúmeras línguas na Europa e fora do velho continente contou-se por volta de oitenta línguas para as quais ele foi vertido, das mais conhecidas — alemão, francês, inglês, espanhol, português, italiano, grego, russo, chinês, coreano — às menos conhecidas — catalão, malgaxe, lituano. Se minhas informações estão corretas, Eminescu está também traduzido no Brasil pelos títulos: Eminescu, Mihai: *25 poemas do amor romântico* (antologia), Fortaleza: Expressão Gráfica, 2004; e Eminescu, Mihai: *Vésper*, Fortaleza: Cearte, 1989; São Paulo: Giordano, 1994. A tradução o tornou conhecido como o poeta nacional romeno, mas sem conseguir dar a profundidade e a densidade de seu universo e a dimensão filosófica subjacente a ele. Eu vou pegar as traduções em francês, porque eu as conheço melhor. Desde sua morte e até o presente, numerosos são os tradutores que tentaram traduzi-lo em francês: Rea Ipcar, Nicolae Jorga e Septime Gorceix, Pierre Nicolesco, L. Barral, Marguerite Miller-Verghy, S. Pavès, Hubert Juin, Georges Barthouil e Ilinca Barthouil-Ionesco, Annie Bentoïu, Dimitire Suchianu, Veturia Draganescu, Michel Stériade, Alain Bosquet, Alain Guillermou, Paul Miclău, Jean-Louis Courriol, Elisabeta Isanos, Maria Vodă Câpușan, Ariadna Combes, Emanoil Marcu, Théodor Cazaban, Miron Kiropol, Michel Wattremez Constantin Frosin, entre outros. O fato é que as traduções de Eminescu nem sempre serviram ao poeta, porque às vezes lhe deram um sabor adocicado, grosseiro, procurando, a todo preço, a rima, a prosódia. Segundo Benjamin Fondane, poeta e tradutor da vanguarda, até 1933, nada de Eminescu, “esse gigante cuja língua é tão maravilhosa que é impossível entregar o equivalente em um outro idioma”, “passou em língua francesa” ou apenas algumas poesias transformadas em “romance de quat’sous” (1933). Isso se explica por sua “revolução em torno de qualquer grande corrente lírica europeia”, notadamente o romantismo, já atrasado à sua época, e sua tradução tardia, em pleno modernismo. Segundo Irina Mavrodin, grande tradutora e editora, a má sorte de Eminescu em francês está ligada a língua traduzida cuja estrutura é mais analítica que aquela do romeno, o que alonga e dilui as traduções. A isso, soma-se a falta de jeito dos tradutores que colocam a rima e a prosódia tradicional acima de tudo, embelezando a poesia de Eminescu, em vez de propor uma leitura-tradução renovadora, atenta às suas especificidades poéticas, à sua cor lexical e à sua musicalidade interior. Segundo Miron Kiropol, um dos melhores e mais recentes tradutores de Eminescu, para quem a tradução é um verdadeiro

ato de recreação, o erro é daqueles que seguiram a “tentação de versificar didaticamente” sua poesia, transformando-a em um “sob-Chenier”, no lugar de “modernizar um pouco o imenso poeta”, de propor uma leitura compatível com o público contemporâneo.⁸ Um outro fenômeno ligado à tradução de Eminescu é o fato de que muitas traduções, mesmo aquelas que correspondem ao gosto do leitor moderno, na qual a musicalidade interior, as palavras-chave do universo eminesciano são preservadas aparecem em editoras romenas e circulam na Romênia. Então, as traduções modernas são publicadas sobretudo na Romênia e não circulam realmente além das fronteiras. O interesse não é convencer o leitor romeno do valor de Eminescu, mas torná-lo conhecido em outros lugares. Eu posso dizer coisas boas sobre a tradução da prosa de Eminescu, tive a oportunidade de pesquisar sobre isso. Eminescu publicou também contos, de origem popular, aos quais ele deu uma forma muito mais lírica com imagens típicas para seu universo, um de seus contos é “Beau vaillant né d'une larme”. É a história de um príncipe encantado, que nasceu das lágrimas de uma rainha que não pode mais ter filhos, mas que tem a proteção da Virgem Maria. E aí, eu tive a surpresa de ver que a primeira tradução desse conto foi feita por um francês que tinha sido professor de francês na Romênia e conhecia também o romeno, Jules le Brun. Em 1890, um ano após a palavra do grande escritor, o conto saiu com o título genérico “Rhapsodies roumaines”, impresso por *Semeur*, revista literária e artística, publicada em Lausanne. A tradução não está assinada, mas ela pertence ao mesmo tradutor que a publicou em 1894, em Paris, na coleção *Sept contes roumains*, livreria de Firmin-Didot, o já nomeado Jules le Brun. Ele deixou muitas palavras especificamente romenas e difíceis de traduzir, tal qual estão no texto. Ele escreveu bastantes notas para este conto e explicou essas palavras e também sua maneira de trabalhar. Isso, no final do século XIX! Agora, é mais comum, especialmente na literatura pós-colonial, adornar o texto com termos que vêm da cultura de origem. Na época, ele teve essa intuição que eu apreciei muito. Em seguida, ele explicou como fez a escolha para as notas. Mais perto de nós, um jovem tradutor, Michel Wattremez, verteu em francês os contos e a prosa de Eminescu nas edições Actes Sud que criaram uma coleção *Lettras roumaines*. É graças à essa professora da

⁸ EMINESCU, Mihai; KIROPOL, Miron. *Poésies / Poezii: comment lire Eminescu en français*. București: Albatros, 2001, p. 6.



qual falei a vocês, Irina Mavrodin, diretora-fundadora da revista *Atelier de Traduction*, grande tradutora, entre outros, de Proust, que essa coleção nasceu. A prosa de Eminescu foi bem apresentada na tradução francesa. O público contemporâneo é bombardeado por tantas obras que aparecem em um mercado saturado, mas, ainda assim, há leitores interessados pela prosa de Eminescu. Michel Wattremes teve sucesso bastante na performance de verter para o francês uma grande parte das obras póstumas de Eminescu.

D.R./Y.N.: Qual é a literatura traduzida hoje na Romênia?

M.C.: É uma resposta bem ampla! Hoje em dia, se traduz de todas as línguas, de todas as culturas, de todos os gêneros, de todos os estilos em romeno. Como em outros países, os grandes prêmios nacionais ou internacionais, os Nobel são traduzidos o mais rápido possível. Tentamos estar por dentro de tudo. Existem editoras que são tão sólidas e que tem coleções, como por exemplo, uma série dedicada a Le Clézio, das edições Art, um dos romancistas franceses recompensados pelo Nobel. As edições Polirom tem uma série Modiano, outro Nobel, Humanitas na série Coelho, como autor mais vendido em todo o mundo e os exemplos poderiam continuar. Os grandes autores japoneses, suecos, noruegueses, africanos, magrebinos e de outras culturas são traduzidos há uma dezena ou quinzena de anos. Nas edições Univers, existe uma série de literatura brasileira. Traduzimos autores como: Érico Verissimo, Luís Fernando Verissimo, Moacyr Scliar, José Mauro de Vasconcelos, Clarice Lispector, João Paulo Cuenca, Patrícia Melo, Paolo Lins, Alberto Mussa e outros. Na Romênia, como em tantos outros países, a tradução domina o mercado editorial, mesmo que tenhamos uma literatura nacional igualmente interessante. A isso, soma-se a tradução da literatura jovem, as obras de ciências humanas, uma área muito importante, em seguida as obras de arte, de filosofia, técnicas, científicas. Não vamos esquecer os livros com escopo ecológico, muito traduzidos também! O mercado editorial de traduções é muito amplo e não se limita a textos literários.

D.R./Y.N.: Qual o futuro para a tradução na Romênia?

M.C.: Do ponto de vista cultural, eu penso que a Romênia é o que chamamos uma “cultura que traduz”. No nosso país, se traduz desde

o século XVI, quando começamos com textos religiosos. É um país tradutor do ponto de vista da literatura, das ciências humanas, também de outras áreas. Com tal passado e tal presente, acho que se pode prever um bom futuro para a tradução. Com nosso mestrado intitulado “Teoria e prática da tradução” nós preparamos nossos formandos para a tradução editorial, sobretudo de ciências humanas. Praticamos, como eu já disse, a tradução colaborativa, e ela funciona muito bem. Eu creio que isso vá continuar nesse sentido. A tradução tem uma dimensão de diálogo, ela significa abertura, interesse pelo Outro. Deve-se reconhecer que há uma assimetria entre uma cultura que já é conhecida e uma outra que se quer fazer conhecer, como a nossa e talvez a de vocês. Eu tive uma boa surpresa ao ver que aqui no Brasil se conhece o teatro de Ionesco e mesmo seus contos. Dirce Waltrick do Amarante traduziu os contos de Ionesco que, na Romênia são traduzidos também, pois ele os escreveu em francês. No mais, conhecemos aqui um autor que é bicultural. Ele vive às vezes na França, as vezes na Romênia. Ele se chama Visniec. É alguém de nossa região, então, o conhecemos. Ele vem, às vezes, à nossa universidade. Foi uma bela surpresa saber que ele é traduzido e interpretado aqui. Para resumir minha resposta, a tradução vai continuar na Romênia e no mundo e é uma boa coisa que ela possa continuar.

D.R./Y.N.: Na sua opinião qual é o lugar da teoria da tradução na atividade de tradução em geral?

M.C.: Aqui também, minha resposta será plural. Eu acho que um tradutor pode ignorar as teorias de tradutologia e ser, ainda assim, um bom tradutor. Mas também acho que a tradutologia, de uma maneira mais insidiosa, consegue influenciar um pouco as tendências, como, por exemplo, a retradução por causa da idade de uma tradução. Há essa ideia de que, em dado momento, uma tradução pode se tornar caduca, fora de moda, pode ser sentida como datada e então, deve-se retraduzir o texto para o público contemporâneo. Além disso, eu acho que cada tradutor, de uma maneira mais ou menos consciente, tem uma visão sobre a tradução no momento no qual ele trabalha. Françoise Wuilmart, a famosa tradutora e tradutóloga belga, evocava em sua palestra no Congrès Mondial de Traductologie, em abril de 2017, na universidade Paris-Nanterre, uma metodologia inconsciente do tradutor. Esse último tem algumas ideias sobre o traduzir,



mesmo se ele não as teoriza, mesmo se não as expõem. E um verdadeiro tradutor adapta essa visão tradutora de um texto a outro porque, às vezes, os textos são tão diferentes ou tão afastados um do outro. Eu penso em Irina Mavrodin que traduziu um pouco de tudo: poesia, Proust, Bachelard, Mme de Staël, Mme de Sévigné, Gide e Camus e muitos outros. Uma diversidade de estilos e de gêneros. Eu creio que, de maneira implícita, cada tradutor tem sua visão própria sobre o fazer tradutório.

D.R./Y.N.: O próprio fato de expressar sua opinião sobre a tradução não se deve ao fato de a própria editora não favorecer isso? Além disso, pode-se perguntar se é importante estudar a tradução socialmente?

M.C.: Sim, sem dúvida. É vital. Mas eu constatei uma tendência na Romênia nos prefácios dos tradutores, sobretudo se eles são ao mesmo tempo universitários e tradutores. Nesse caso, eles fazem um esqueleto crítico das traduções anteriores para justificar, por exemplo, sua (re)tradução de *Madame Bovary*. Houve, nos fóruns, nos blogs, comentários sobre tal ou tal tradução, o que quer dizer que há uma nova maneira de debater sobre as traduções. Os tradutores se expressam, seja nos prefácios, seja na internet, nos diversos blogs, o que é talvez uma tendência nesse momento. Tendência ainda tímida, mas que vai se desenvolver. Eu não diria que o tradutor não faz sua voz ser ouvida na Romênia, não tem o direito de se expressar. Eu vou dar um exemplo incrível, e mesmo surpreendente, de uma tradutora muito importante em língua portuguesa e de literatura brasileira que se chama Micaela Ghițescu. Uma editora muito conhecida na Romênia, Humanitas, lhe propôs de escrever um livro sobre sua experiência de tradutora. Ela o fez, incluindo toda a história de sua vida, porque ela foi presa sob o regime comunista, ela não teve o direito de lecionar e para ela, no início, a tradução foi um modo de sobreviver, para, em seguida, se tornar uma verdadeira paixão. Uma outra tradutora, Irina Mavrodin, publicou, igualmente, seus ensaios sobre a tradução, a pedido de uma editora, Scrisul Românesc.

D.R./Y.N.: O tradutor tem o direito de modificar o texto “original”?

M.C.: A resposta, para essa pergunta, é multifacetada. A princípio não, o tradutor não tem o direito de modificar o original quando o traduz. Mas há os casos de adaptações, versões encurtadas, nas quais o texto

será modificado protegido por esses rótulos que aparecerão na página de título para fazer a diferença com a tradução. Mas mesmo se o texto for integralmente conservado, o tradutor pode “modificar” o original, de maneira mais pífida, propondo sua própria leitura do texto que ele traduz e não a pluralidade de leituras que o original propõe. Eu vou dar um exemplo para ilustrar. Eu analisei várias traduções de Mallarmé e vocês sabem que Mallarmé é o mestre da ambiguidade, querendo dizer várias coisas através do mesmo texto. Nesse caso, eu acho que a ambiguidade deve ser mantida. Então, o verdadeiro tradutor não vai escolher uma das leituras possíveis para um texto de Mallarmé, para uma frase de Proust, para um autor que se presta a esse tipo de leitura plural. As coisas se põem de forma diferente para um texto científico, ou um texto de ciências humanas, ali não se tem realmente uma escolha de leitura, é preciso ficar na precisão. Mas para a tradução literária, de modo involuntário, a época se insinua no texto, a marca de sua impressão. No momento em que cada tradutor trabalha, ele está em sua época, é muito difícil tomar uma distância. Por exemplo, eu publiquei a tradução dos contos de Perrault há mais de vinte anos, e agora eu adoraria retraduzi-los pois estou muito mais interessada nas teorias de tradução hoje e eu faria a tradução um pouco diferente. Mas, ainda assim, posso dizer que fiz boas escolhas, do ponto de vista cultural. Eu não renunciei ao “molho Robert” que a rainha ogra adora (há esse famoso molho Robert na *Bela Adormecida* que os tradutores apagam porque dizem que é um detalhe que não diz nada aos leitores romenos), mas acho que é bom dar, até mesmo para a criança, um detalhe que a deixe curiosa, “o que é esse tal de molho Robert?”.

D.R./Y.N.: O tradutor é o autor do texto traduzido? Ele é responsável pelo produto final?

M.C.: Como eu tive muitos contratos de tradução eu devo dizer que no contrato, pelo menos no meu país, o tradutor é nomeado “autor” e ele é o responsável pela sua versão. Entretanto, o editor intervém com suas próprias exigências. O tradutor não está, portanto, sozinho no processo editorial que leva à publicação de uma tradução. Em certos contratos que assinei, estava estipulado que o editor que iria decidir o título. O título é muitas vezes controverso. Por exemplo, Camus havia proposto um outro título e foi a editora, Gallimard, quem escolheu *O estrangeiro*. Na cadeia



editorial, uma vez que o tradutor confia sua tradução ao editor, um “redator”, um “corretor” relê o texto e começa a negociar com o tradutor por tal e ou tal escolha. Em geral, as coisas se passam de forma amigável, mesmo construtiva. Eu diria que o tradutor compartilha a responsabilidade do texto traduzido com seu redator. Ele não é o único responsável. O editor tem seu papel na prática muito concreta da produção de um livro que passa pelo diálogo. Por duas vezes, o título proposto pela editora foi mais cativante para o público. Outras vezes eu tive que defender “meus” títulos. Eu, educadamente, recusei, inclusive, algumas sugestões do redator para o livro de Genette, sobretudo porque eu tinha tido a oportunidade de falar com o autor e tinha bons argumentos. Mas, em geral, essas negociações entre tradutor, redator, editor (o responsável da coleção) visam a boa recepção do livro pelo público, nos unimos para garantir isso. Essa é, em todo caso, a minha experiência.

D.R./Y.N.: O tradutor tem o direito de ser criativo diante do original se falamos de uma obra clássica?

M.C.: Eu acho que há um lugar para a criatividade em quase todas as traduções, mas uma criatividade, de certo modo, controlada pelo original, por um certo contexto. Não podemos adicionar metáforas que não existem, não se pode mudar os personagens. Existem limites impostos pelo original, senão, trata-se de uma reescrita, de uma réplica, uma paródia, um pastiche, tendo como ponto de partida o original. Tomemos um texto literário cujo texto de origem é bem marcado, muito rico em conotações e um tradutor, digamos, sem coragem, produzindo um texto plano, neutro, correto, mas no qual as conotações ou algumas riquezas simbólicas se perdem. Aqui, eu penso que o tradutor deve ter coragem de explorar bem a sua língua. Mesmo se se acredita conhecer bem sua língua, quando se traduz, nos damos conta que às vezes ela não nos satisfaz. Mas se ainda refletimos, se pesquisamos, se tomamos o caminho dos sinônimos, se pensamos em outros textos, podemos encontrar uma palavra antiga, uma palavra rara, que poderia servir sem soar falso no texto. Não é preciso escolher uma palavra estranha ou ir em direção a uma solução mais neutra, se o texto de origem tem essa riqueza. O tradutor pode ser criativo, explorando mais sua própria língua, deixando de lado a solução previsível. Eu acho que muitas vezes a criatividade rima com temeridade.

D.R./Y.N.: Como você vê a importância da história da tradução e da historiografia da tradução?

M.C.: Para mim é um projeto muito importante que cada cultura deveria ter. É fundamental para cada cultura elaborar uma história das traduções, assim como há em cada cultura histórias literárias. Isso permitiria reconhecer a contribuição da tradução à literatura e ao patrimônio nacional. A tradução enriqueceu a língua romena pelas suas novas palavras, permitiu a circulação das ideias, terminologias científicas, etc. Eu já trabalhei nesse projeto de reconhecimento da tradução como parte do patrimônio nacional, mas isso pode ser mais bem feito em equipe, através de uma história das traduções em língua romena. Já no século XIX, tradutores como Odobescu reconhecem que o romeno teve a chance de se estabelecer enquanto uma língua literária também através de traduções. Eles consideram uma oportunidade de modular a língua nacional, através de traduções, quando a linguagem literária ainda não está bem formada. Existem, há algum tempo, estudos da história das traduções, sobretudo, no nível das universidades. Por exemplo, Georgiana Badea, minha colega de Timisoara, publicou repertórios de traduções e de tradutores para algumas línguas. Eu criei na universidade uma coleção de tradutologia onde a história das traduções ocupa um lugar importante. Meus doutorandos deram, em suas teses, sequência a essa história, falando sobre Balzac, Flaubert, Maupassant, Mérimée, Verne, Voronca, Fondane, Istrati, Maalouf, Ionesco, Beckett, Le Clézio e outros escritores. Nós descobrimos e trabalhamos em textos nunca comentados do ponto de vista da tradução e que contribuem para a construção de uma história das traduções. Nós temos muitos instrumentos já elaborados como o *Dictionnaire du roman traduit en roumain*, bibliografias nacionais que são importantes na elaboração de uma história das traduções. Eu organizo um colóquio todo ano, em outubro, para a celebração do centenário da Grande União sobre “100 anos de traduções em língua romena 1918-2018”. Isso será, sem dúvida, o passo decisivo para colocar em andamento esse projeto de grande envergadura e de longa duração. “Une histoire des traductions en langue roumaine XVI-XX siècles”. Eu prometo dar notícias sobre isso a vocês.

ENTREVISTA

Marie Helene Catherine TORRES⁹ com Georges BASTIN¹⁰

Georges Bastin é professor titular no Departamento de Linguística e Tradução da Universidade de Montreal, no Canadá. É responsável pelo grupo de pesquisa HISTAL (História da Tradução na América Latina) e editor-chefe da revista *Meta*. Interessa-se por tudo o que é relativo à tradução na América Latina, em particular na Venezuela. Os temas que privilegia são a independência, a imprensa antiga e as atividades linguísticas dos franciscanos e dos jesuítas. Em pedagogia, são os aspectos da expressão que ocupam sua reflexão, como a tradução enquanto atividade onomasiológica. Trabalha principalmente com as técnicas de redação e de autorrevisão. Em teoria, Georges L. Bastin se interessa particularmente pelas intervenções deliberadas do tradutor, como a adaptação e a apropriação.



MARIE HELENE CATHERINE TORRES (M.H.C.T.): Você é belga e trabalha há um bom tempo no Canadá, tendo feito uma incursão de vários anos na Venezuela. Poderia descrever seu percurso acadêmico? Sua formação?

GEORGES BASTIN (G.B.): Eu completei uma licenciatura em tradução na Universidade de Mons em 1974. Em seguida, fiz a cooperação internacional na Venezuela como tradutor-intérprete em uma organização sindical latino-americana. Em 1978, comecei a ensinar tradução e interpretação na Universidade Central da Venezuela (UCV). Eu ensinei a tradução do espanhol ao francês, bem como o curso de tomada de notas (iniciação à interpretação consecutiva), interpretação consecutiva e simultânea, em

⁹ Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Federal do Ceará; CNPq, Brasil, marie.helene.torres@gmail.com.

¹⁰ Universidade de Montreal, Canadá, georges.bastin@umontreal.ca.



todos os níveis. Em 1987, eu fui a Paris para um doutorado no ESIT (École Supérieure d'Interprètes et de Traducteurs) [Escola Superior de Intérpretes e Tradutores], que obtive em 1990. Minha tese centrou-se na noção de adaptação na tradução. Na verdade, para um trabalho de promoção na UCV, eu já tinha adaptado o manual de Jean Delisle: *L'analyse du discours comme méthode de traduction* [A análise do discurso como método de tradução]. O original, escrito em francês, foi concebido para formar em tradução inglês-francês. Minha adaptação espanhola foi destinada a futuros tradutores de francês para espanhol. No entanto, faltava-me a reflexão teórica sobre essa prática, a adaptação, que eu intencionava reabilitar. Quando voltei à Venezuela, continuei ensinando, mas principalmente criei e liderei o Departamento de Tradução e Interpretação. Anteriormente, os professores de tradução pertenciam ao departamento de sua respectiva língua. Depois de um ano sabático na Universidade de Montréal em 1996-1997, decidi emigrar para o Canadá em 1998 para trabalhar na Universidade de Montréal, onde estou há alguns anos.

M.H.C.T.: Seja em nível pessoal ou profissional, como você se interessou pela tradução? E como você começou a sua carreira de intérprete-tradutor? Você deixou de lado suas habilidades de tradutor? Ou ainda está traduzindo?

G.B.: Ao escolher meus estudos universitários, eu sabia que eu queria especializar-me em línguas modernas, contudo queria estudá-los não em filologia, literatura ou linguística, mas em seu uso contemporâneo. Então escolhi estudar tradução depois de ouvir depoimentos de tradutores profissionais. Eu consegui alguns contratos de tradução na Bélgica (holandês-francês), mas eu realmente comecei minha carreira como tradutor-intérprete profissional na Venezuela. Eu rapidamente percebi que o trabalho das 9h às 17h não convinha para mim. Quando tive a chance de ensinar na UCV, não hesitei. Mas eu nunca parei de praticar no mercado profissional e como parte de minha pesquisa. Também sinto que seria impossível, para mim, ensinar tradução profissional sem exercê-la eu mesmo. Foi, na realidade, a minha prática de tradutor e intérprete profissional que me permitiu concentrar nas dificuldades de re-expressão e nas técnicas de revisão e de autorrevisão. Isso também me iluminou durante minha pesquisa em História da Tradução.

M.H.C.T.: Você tem escrito muito sobre as diferenças e semelhanças entre tradução e adaptação. Pode nos falar sobre isso?

G.B.: Assim que me tornei tradutor e intérprete, compreendi que esse exercício não era puramente linguístico ou automático e que o tradutor tinha muito espaço para manobra na sua re-expressão de textos e discursos. Eu sempre me recusei a ser um papagaio! Quando eu comecei a versão espanhola do manual de Jean Delisle para os meus cursos na UCV, rapidamente percebi que era muito mais do que traduzir. Eu tive que adaptar esse manual para meus estudantes venezuelanos, tão diferentes dos estudantes canadenses de Delisle. Por isso, decidi modificar as línguas de trabalho do manual (francês-espanhol em vez de inglês-francês), preservando os fundamentos teóricos do original. Essa mudança levou a um grande número de intervenções da minha parte: um novo contexto educativo, novos exemplos e novas referências para ilustrar os fundamentos do método e, acima de tudo, novos objetivos de aprendizagem adaptados para novas linguagens de trabalho. Esse trabalho de adaptação convenceu-me de que uma reflexão teórica sobre o tema era indispensável, devido à superficialidade teórica que circundava a noção de adaptação. Minha tese de doutorado na ESIT me permitiu mostrar que a adaptação era pontual ou global. Pontual, ou seja, um processo comum de tradução focado na linguagem do texto (certas palavras, expressões ou passagens) e, acima de tudo, uma tática facultativa. Seja global, ou seja, uma estratégia global e coerente que não enfatiza o próprio texto, mas sim o ato de comunicação. A adaptação global difere, então, da tradução propriamente dita no fato de que essa última foca no significado ou no sentido, enquanto a adaptação se relaciona com transferência do alvo ou à função do ato de comunicação verbal. Contrariamente à “tradução” chinesa que havia mantido todos os exemplos, referências e objetivos do original, perdendo, com isso, a função eminentemente didática do original, minha versão reproduziu essa função, seja para “treinar” os alunos venezuelanos para a tradução do francês para o espanhol, e não simplesmente “informar” sobre a tradução inglês-francês. A adaptação, portanto, requer uma equivalência funcional que se manifesta por decisões criativas e subjetivas do tradutor de acordo com o objetivo do original e das necessidades dos leitores alvo.

*M.H.C.T.: Você é o editor-chefe da revista **Meta**. Poderia nos dizer quando e como ela nasceu? Quais são os momentos marcantes de sua história?*

G.B.: *Meta* começou em 1955 como um “Jornal de tradutores”, um boletim informativo de tradutores profissionais, sob a direção de Jean-Paul Vinay. Os primeiros 40 números, relativamente anedóticos, mas reveladores do início da tradução no Canadá, estão sendo digitalizados e logo serão disponibilizados no *site* Erudit (<erudit.org>). Dez anos mais tarde, em 1966, sob a direção de André Clas, tornou-se uma revista acadêmica, publicada pela Presses de l’Université de Montréal. Por 40 anos, André Clas editou a *Meta* para torná-la um dos melhores periódicos de tradução especializados do mundo. Em 1998, tornou-se a revista emblemática da plataforma digital Érudit, na qual é difundida *on-line*. Por enquanto, a revista está em livre acesso com uma barreira móvel de um ano. É provável que vá entrar em pleno acesso livre em breve. Em 2008, Sylvie Vandaele sucedeu a André Clas e modernizou a revista, revisando tanto a diagramação quanto o processo de revisão por pares. A quantidade de números varia entre 3 e 4 por ano. Eu assumi a direção em 2014. A revista conta com um banco de dados de 2300 contatos e 650 avaliadores em 35 países. A taxa de rejeição dos itens submetidos (mais ou menos 120 por ano) é de cerca de 75%. *Meta* é mais do que nunca uma referência indispensável no mundo dos estudos da tradução, utilizada por acadêmicos em todo o mundo. Quase 200.000 pessoas acessam-na todos os anos e cerca de 1 milhão de páginas são consultadas.

*M.H.C.T.: Qual é a sua política de publicação na **Meta**? Você segue certos eixos? Você mudou, com sua equipe, o estilo da revista ou os autores que participam da revista, pois parece que 50% dos artigos devem ser publicados em francês? Por quê?*

G.B.: A *Meta* publica principalmente artigos substanciais (cerca de uma dezena por edição) e resenhas. *Meta* aceita apenas artigos científicos originais (excepcionalmente traduções) sobre tradução, interpretação, terminologia e outras questões linguísticas em francês, inglês e espanhol (excepcionalmente outra língua). Cada artigo é avaliado anonimamente por 2 ou 3 especialistas na área temática. Os artigos devem incluir de 8000 a 11000 palavras em inglês, francês ou espanhol e os autores são obrigados





a assinar um formulário declarando o estatuto de original e respeitar a diagramação da revista. Com relação ao francês, uma das agências de concessão, o FRQSC (Fonds de Recherche Québécois — Société et Culture) [Fundo Quebequense de Pesquisa sobre a Sociedade e a Cultura] sugere fortemente que o conteúdo em francês seja maioria. Daí a nossa insistência com os autores para submeter o seu artigo em francês. Deve-se saber também que a *Meta* publica um número especial por ano. Esses números são temáticos e são organizados por colegas estrangeiros. A demanda por esse tipo de número é muito alta. Estamos reservados até 2025... Devido à demanda, decidimos publicar números fora de série, mas o financiamento desses (cerca de C\$ 10000) fica sob responsabilidade dos organizadores do número.

M.H.C.T.: Você é especialista em tradutologia, como se diz no Canadá, especialmente em pesquisas sobre o tradutor. Poderia nos dizer sobre o estado de suas pesquisas e sobre suas principais publicações, que você indicaria para tais pesquisas?

G.B.: Meus interesses de pesquisa são a História da Tradução na América Latina e o Ensino da Tradução, em particular o de escrita e revisão. No que diz respeito à história, estou no meu quarto grande projeto: as narrativas de viagem traduzidas na Venezuela e na Colômbia nos séculos XVIII e XIX, intitulado *Le regard de l'Autre* [O olhar do Outro]. Os projetos anteriores eram sobre a Venezuela: os documentos fundadores da emancipação política, os periódicos independentistas e a conquista espiritual. A maioria dos artigos relativos à minha pesquisa em história estão disponibilizados em nosso *site*, exceto aquele sobre o eurocentrismo publicado, em 2017, no periódico *Perspectives* n. 25. Dois estudos estão no prelo, escritos em colaboração com meu colega (e amigo!) Álvaro Echeverri. O primeiro é a entrada correspondente à “South America” [“América do Sul”] em *A world atlas of Translation Studies* [Atlas mundial dos Estudos da Tradução], organizado por Yves Gambier e Ubaldo Stecconi, pela John Benjamins; o segundo, “Translation in Latin America” [“Tradução na América Latina”], será publicado no *The Routledge handbook of spanish Translation Studies* [Manual Routledge dos Estudos da Tradução espanhol], editado por Roberto Valdeón e África Vidal Claramonte. Em breve deve ser publicada uma nova edição do *The Routledge encyclopedia of Translation Studies* [Enciclopédia Routledge de Estudos da Tradução], para

o qual eu atualizei minha entrada sobre adaptação. Também parece que a UnB quer publicar a versão em português do meu livro *Profession traducteur* [Profissão tradutor], escrito em colaboração com minha colega Monique Cormier. É um pequeno opúsculo que faz parte de uma coleção destinada aos estudantes que desejam informar-se sobre uma carreira universitária. Em relação à história da tradução, gostaria de destacar a recente publicação de um livro que amplia e aprofunda a própria natureza da história enquanto disciplina não neutra e retoma a questão da ética dos tradutores. Trata-se do *La traducción y la(s) Historia(s) — Nuevas vías para la investigación* [A tradução e a(s) História(s) — Novas vias para a investigação] de Ma Carmen África Vidal Claramonte, publicada em 2018 pela Editorial Comares.

M.H.C.T.: Que cursos estão sendo oferecidos pela Universidade de Montréal nos 1º, 2º e 3º ciclos?

G.B.: No 1º ciclo (graduação), eu ensino metodologia de tradução, o primeiro curso de tradução geral que visa dar aos alunos as ferramentas necessárias para entender e reformular textos gerais, e as técnicas de escrita em francês; no 2º ciclo, no domínio profissional, o curso obrigatório de revisão avançada e escrita, e no 3º ciclo (pós-graduação), o seminário obrigatório de palestras dirigidas em tradutologia. Esse seminário é uma preparação para a primeira parte do *examen de synthèse* [exame de síntese] que trata sobre os conhecimentos teóricos, o segundo sendo o projeto de tese. O seminário inclui leituras teóricas (artigos ou capítulos de livros) que são objeto de resenhas e de discussão em sala de aula, de apresentações, assim como de resenhas escritas de obras completas.

M.H.C.T.: Quantas teses de doutorado você orientou e está atualmente orientando? Quais são os temas?

G.B.: Eu orientei (ou co-orientei) 9 teses de doutorado e oriento (ou co-oriento) outros 6. Os temas são bastante variados: a pedagogia da tradução, a tradução voluntária, a tradução publicitária, a imprensa colonial, o protetorado francês em Marrocos, a tradução audiovisual, a estética da tradução e a tradução como uma ferramenta paradiplomática, a censura política, a história da tradução no Líbano, as traduções do *Popol Vuh*, a imagologia e a legendagem no Japão.



M.H.C.T.: *Com a questão da internacionalização sendo colocada no Brasil, gostaríamos de saber se seus alunos são canadenses ou de outras partes do mundo? Em que línguas eles podem escrever suas teses?*

G.B.: Sim, cerca de metade dos doutorandos não são canadenses e poucos são aqueles que não têm um bom domínio de francês. Eles são de origens bastante diversas: Marrocos, França, Itália, Irã, Colômbia, México, Venezuela. A UdeM é uma universidade francófona e orgulhosa de o ser. Para escrever uma tese em um idioma diferente do francês, deve-se fazer um requerimento. Entre os critérios de aceitação estão o assunto ou a língua de trabalho da tese, mas igualmente o perfil do aluno. Foi assim que dois dos meus alunos defenderam em espanhol e um vai fazê-lo, em breve, em português.

M.H.C.T.: *Você é o criador do Grupo de pesquisa HISTAL — Histoire de la traduction en Amérique latine [HISTAL — História da Tradução na América Latina]. Você poderia explicar como e em que circunstâncias este projeto nasceu?*

G.B.: Eu estava infectado com o vírus da história na Venezuela, quando eu escrevi a entrada para o *Routledge encyclopedia* [Enciclopédia Routledge] sobre a América hispânica. Uma vez no Canadá, obtive uma bolsa de pesquisa de 3 anos (SSHRC) para estudar a tradução dos documentos fundadores da independência na Venezuela: a Declaração dos Direitos Humanos, os escritos filosóficos de Thomas Paine e John McCulloch, a Constituição estadunidense, a *Carta a los españoles-americanos* [Carta aos espanhóis-americanos] de Viscardo y Guzman, a *Carmagnole* etc. Foram os estudantes colombianos que colaboraram nesse projeto que me incentivaram a institucionalizar o grupo de pesquisa e criar um *site* (<www.histal.net>). A ideia por trás do *site* foi, como indicado na apresentação: “oferecer um espaço de trocas de experiências na área de história da tradução na América Latina, incluindo o Brasil, e ser um ponto de encontro para compartilhar informações com todas as pessoas interessadas nessa área. Ao atingir esse objetivo, faremos todos parte do estudo e da valorização das diversas contribuições de latino-americanos e de estrangeiros, ao longo da história, para o exercício e o desenvolvimento da atividade de tradução nessa parte do continente americano”. Desde então, o *site* continuou a enriquecer-se e convido todos aqueles que desejam colaborar a nos escrever.

M.H.C.T.: O projeto HISTAL se interessa por quais áreas da tradução? E por quê?

G.B.: Como o nome implica, o grupo está interessado em todos os aspectos da tradução na América Latina. Além do primeiro projeto já mencionado, trabalhamos sobre a imprensa independentista da Venezuela (1808 a 1822). Foram analisados seis periódicos publicados durante esses 24 anos-chave na história da Venezuela. O principal resultado dessa pesquisa é a tese de doutorado de Aura Navarro sobre o periódico principal dessa época: *Gaceta de Caracas*, que deve aparecer em espanhol na coleção *Vertere* da revista *Hermeneus*, da Universidade de Valladolid, este ano (2018). O projeto destacou uma série de estratégias de tradução e mostrou interesse em considerar a intertextualidade. O seguinte projeto centrou-se na conquista espiritual, a saber, com a tradução de catecismos, livros de oração, doutrinas, livros de confissões etc. para línguas indígenas. Na ausência de comparação entre as línguas presentes, foram os paratextos que revelaram a visão dos missionários sobre as culturas e línguas indígenas e a forma como as diferentes ordens religiosas foram traduzidas. Recém começamos um novo projeto sobre as histórias de viagem na Venezuela e na Colômbia nos séculos XVIII e XIX. A pesquisa centra-se nas razões que levaram à tradução para o espanhol de algumas dessas narrativas e no impacto que essas traduções tiveram sobre a questão da identidade nos países receptores. O *site* também contém inúmeros documentos relativos a outros países da América Latina e recebemos visitas regulares de países europeus e de vários Estados latino-americanos. A razão de ser do grupo é, principalmente, identificar o patrimônio “traducional” da região, para sublinhar o papel político, ideológico, cultural e social que a tradução tem desempenhado, mas também para conectar os vários pesquisadores que estão interessados nisso. A visão da história adotada pelo grupo é uma visão claramente latino-americanista, que se distancia de abordagens eurocêntricas.

M.H.C.T.: O Brasil é um dos países-culturas que integra o projeto HISTAL. Como essa integração se encaixa em seu projeto?

G.B.: A apresentação do nosso *site* é muito clara: “o principal objetivo do *site* HISTAL é oferecer um espaço de trocas de experiências na área



de história da tradução na América Latina, incluindo o Brasil”. De fato, desde o início, adotamos uma ampla definição da América Latina. O Brasil não poderia ser excluído, nem o Caribe de língua espanhola, por razões linguísticas, culturais e históricas. As primeiras visitas feitas ao Brasil pelos membros do grupo nos fizeram descobrir um mundo de tradução que é excessivamente rico em programas de formação, pesquisa e publicações. Foi aí que decidimos acrescentar o português. Em seguida, tivemos que enriquecer a seção “Documentos” com textos em português, o que era relativamente fácil. Ainda resta muito a fazer. Nós chamamos todos os estudantes e colegas brasileiros para nos ajudar a enriquecer o *site* e assim valorizar o patrimônio brasileiro.

M.H.C.T.: Você vem muitas vezes para universidades brasileiras. Você poderia falar sobre sua relação com os centros de pesquisa em estudos de tradução no Brasil? Você não acha que seria benéfico, para ambos os lados é claro, incluir pesquisadores canadenses em grupos de pesquisa brasileiros e pesquisadores brasileiros em grupos de pesquisa canadenses? Estamos pensando especificamente sobre o seu grupo de pesquisa.

G.B.: É sempre com o mesmo prazer que eu vou ao Brasil! Eu fui principalmente a convite para dar conferências, oficinas ou cursos. Eu também fui, por iniciativa própria, participar de colóquios, às vezes acompanhado por colegas ou por alunos. Foi assim que dei um curso na USP, uma série de oficinas e conferências na UnB, uma conferência na UFSC; participei de um simpósio internacional em São Paulo, na Universidade UNIBERO há muito tempo, na ABRAPT em 2013 (UFSC) e em 2016 (UFU), bem como no III e IV Seminário Internacional de História da Tradução, em 2014 e 2016, na UnB.

O HISTAL também acolheu vários colegas brasileiros para estadias de pesquisa mais ou menos prolongadas. Esses colegas tiveram a oportunidade de dar uma conferência na Universidade de Montréal e compartilhar suas ideias com os membros do HISTAL. Da mesma forma, o HISTAL acolheu vários estudantes brasileiros para estágios de pesquisa.

É claro que todos esses contatos são de grande riqueza para a nossa disciplina e todos nós vamos ganhar com o aprofundamento dessa colaboração. Essa é também a ideia por detrás da nossa vontade de acrescentar o

português às línguas de trabalho do HISTAL. Estamos mais do que nunca interessados em trabalhar com os grupos de pesquisa brasileiros.

M.H.C.T.: Você passou o mês de agosto de 2018 no Brasil, como parte do projeto brasileiro “École des Hautes Études” [“Escola de Estudos Superiores”], financiado pelo governo brasileiro. Pode nos contar sobre esse projeto? Que universidades estão envolvidas? Quais são os objetivos?

G.B.: Sim, foi uma experiência maravilhosa para mim e eu agradeço à CAPES, à Andréia Guerini, que pilotou o projeto do início ao fim, bem como a todos os colegas que graciosamente me acolheram. As universidades participantes foram a POET/UFC, a POSTRAD/UnB e a PGET/UFSC. A visita à Universidade de Belém (PPLSA/UFPA) foi planejada, mas não pôde ser realizada. No decorrer dessas 3 visitas, dei 2 conferências em cada universidade, participei de conversas com alunos e troquei informações com colegas.

Projeto **“École des hautes études”** **[“Escola de estudos superiores”]**

Objetivos: Ampliar a discussão sobre as abordagens metodológicas no campo da historiografia da tradução, com um dos maiores especialistas no assunto. Desenvolver uma metodologia de pesquisa e uma contribuição sólida que permita a elaboração de uma História da Tradução Literária dos países de língua portuguesa.

Resultados esperados: Fortalecer as parcerias internacionais, a realização de eventos conjuntos, as co-orientações, as publicações conjuntas e a mobilidade docente e discente.

Objetivo geral: O ciclo de conferências, além de fomentar o intercâmbio acadêmico internacional na área dos Estudos em Tradução, contribuirá para a formação de professores e pesquisadores na área de História da Tradução no Brasil. O objetivo é fomentar a produção acadêmica e a formação de recursos humanos no desenvolvimento da área cuja pós-graduação encontra-se consolidada, como o caso da PGET/UFSC, ou em fase de consolidação como a POET/UFC e o POSTRAD/UnB, e é considerada área estratégica para o desenvolvimento do país. A PGET foi a primeira Pós-Graduação em Estudos da Tradução a ser criada no país em 2003.

Sim, é importante renová-lo porque esses acordos facilitam a mobilidade dos estudantes e dos professores, assim como eventuais projetos de pesquisa.

M.H.C.T.: Quais seriam, na sua opinião, as ações que poderíamos colocar em prática para fortalecer os vínculos de tradução entre nossos grupos de pesquisa na América e, especificamente, a PGET, de Florianópolis?

G.B.: Por um lado, podemos incentivar os nossos estudantes e colegas a fazerem estadias de pesquisa a curto ou a longo prazo. A UdeM pode contribuir para o financiamento de seus alunos e professores. Projetos de pesquisa e publicação geralmente se originam em contatos pessoais. Por outro lado, vejo duas áreas de pesquisa específicas para os nossos programas: o Ensino da Tradução e a História da Tradução. Se não me engano, a história da tradução é muito interessante para os colegas brasileiros. Podem ser estabelecidos projetos conjuntos e publicações nessa área específica. Um colega me propôs trabalhar com uma antologia de textos teóricos e metodológicos relacionados à história. É um exemplo. Devemos também pensar nas co-orientações de dissertações ou teses.

M.H.C.T.: Quais são seus projetos em curso e para os próximos anos? O Brasil faz parte desses projetos?

G.B.: Como eu disse anteriormente, o quarto grande projeto em que estou trabalhando atualmente é intitulado: *Le regard de l'Autre: les récits de voyage traduits au Venezuela et en Colombie aux 18^e et 19^e siècles* [O olhar do Outro: as narrativas de viagem traduzidas na Venezuela e na Colômbia nos séculos XVIIIe XIX]. Trata-se de ver como as narrativas de viagem de outros foram traduzidas para o espanhol e como foram recebidas em ambos os países. E ver igualmente em que medida a tradução é, ela mesma, uma viagem, como sugere Michael Cronin.

Eu tenho dezenas de ideias sobre outros projetos em história, principalmente aprofundar os projetos anteriores e de mergulhar no papel de agente de tradução desempenhado por Francisco de Miranda, mas eu também gostaria de poder me dedicar a traduzir um livro.

Tenho a intenção de me dedicar seriamente ao estudo do português, o que permitiria me aproximar mais do Brasil. Por outro lado, não é impossível que eu passe meus primeiros anos de aposentado com vocês...

Muguraş CONSTANTINESCU¹²
com Marie Helene Catherine TORRES¹³

Marie Helene Catherine Torres é professora titular do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasil. Após obter o duplo diploma em Letras Português-Francês, pela Universidade Federal de Santa Catarina, em 1992, e o de Mestra em Literatura, concluído em 1995 na mesma universidade, ela defendeu sua tese de Doutorado em Tradução na Universidade Católica de Leuven, em Flandres, Bélgica, em 2001, sobre a tradução da literatura brasileira na França. Sua tese assumiu a forma de um livro intitulado *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes* [Variações sobre o estrangeiro nas letras: 100 anos de traduções francesas de cartas brasileiras], publicado em 2004 na editora da Universidade de Artois, Arras, na prestigiada coleção Tradutologia, um livro que rapidamente se tornou uma referência indispensável para a história das traduções (que aparece, entre outras, na bibliografia do Congresso Mundial de Tradução, da Universidade de Nanterre, que aconteceu em abril de 2017).

Sua pesquisa centra-se na relação entre a literatura e a tradução, entre a literatura nacional e a literatura traduzida, sobre a teoria e a história da tradução. Trabalha também com tradução de literatura juvenil, literatura comparada e com literatura francesa traduzida para o Brasil. Essas áreas de interesse são encontradas em seus artigos e estudos publicados em periódicos de tradução como *Meta*, *Traduire*, *Cadernos de Tradução*, *Scientia Translationis*, *Atelier de traduction* e suas comunicações

¹¹ Esta entrevista foi publicada anteriormente na revista *Atelier de traduction*, Suceava, n. 29, p. 21-33, 2018.

¹² Universidade “Ștefan cel Mare” de Suceava, Romênia, mugurasc@gmail.com.

¹³ Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Federal do Ceará; CNPq, Brasil, marie.helene.torres@gmail.com.



em congressos e colóquios internacionais. O número 1, volume 36/2016 da *Cadernos de Tradução*, Edição Regular sobre Literatura Infantil e Juvenil, realizado em colaboração com Eliane Dias Debus, merece atenção especial,

Ela também publicou o livro *Literatura Traduzida/Literatura Nacional* (em colaboração) pela editora 7Letras em 2008, em seguida, o *Dicionário de tradutores literários do Brasil e Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert* em 2011.

Como se interessa pela relação entre texto e paratexto, Marie Helene Catherine Torres também publicou uma obra sobre essa questão, a saber: *Traduzir o Brasil literário: paratexto e discurso de acompanhamento* (volume 1), em 2011. Dois anos depois, trabalhou em colaboração com o *Tradução dos clássicos*, publicado pela editora Copiart, e em 2014 um livro sobre a história e a crítica de traduções, *Traduzir o Brasil literário: história e crítica* (volume 2), que forma um conjunto com o livro sobre o paratexto.

Marie Helene Catherine Torres faz parte dos conselhos editoriais dos periódicos *Cadernos de Tradução* e *Scientia Traductionis*, publicados pela sua universidade e do comitê científico da revista francófona romena *Atelier de traduction*.

Atualmente é pesquisadora do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), um centro nacional de pesquisa brasileiro.

Sua prolífica atividade de pesquisa é complementada pela atividade didática e administrativa, igualmente rica. Coordenou assim o Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução de 2003 a 2007 e a Especialização em Tradução Literária para Formação de professores, de 2008 a 2009. Também coordenou o Doutorado Interinstitucional em Tradução com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) de 2010 a 2014 e está atualmente coordenando o Doutorado Interinstitucional em Tradução com a Universidade Federal do Pará (UFPA), de 2015 a 2019. Acrescenta-se a tudo isso a organização de numerosas conferências, seminários, reuniões, colóquios sobre temas diversos e estimulantes, tais como: “as teorias da tradução pós-colonial no desenvolvimento da literatura brasileira”, “a tradução do discurso de acompanhamento”, “o papel da tradução nas culturas”, “o lugar da tradução nas culturas: o caso francês”, “funções, teoria e poder da tradução nas culturas”, “clássicos traduzidos da literatura para crianças e adolescentes”.



Como tradutora, publicou em português (em colaboração) *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* de Antoine Berman, publicado em 2007, tradução que recebeu uma segunda edição em 2013. Outras traduções assinadas por Marie Helene Catherine Torres estão no campo da literatura juvenil: *A Bela e a Fera* por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont e *Cantos para os meus netos* de Victor Hugo, edição bilíngue, em 2014 e no campo dos quadrinhos, como *L'aliéniste* [O alienista] pela editora Urban Comics de Paris.

Atualmente, a apaixonada pesquisadora Marie Helene Catherine Torres está desenvolvendo um projeto sobre um tema mais surpreendente: as contistas francesas do Século das Luzes.

O objetivo da entrevista é revelar e iluminar o percurso de Marie Helene Catherine Torres, bem como sua reflexão sobre a literatura francesa e comparada e, especialmente, sobre a história, teoria e crítica das traduções.



MUGURAŞ CONSTANTINESCU (M.C.): *Cara Marie Helene Catherine Torres, agradeço-lhe em primeiro lugar por concordar com esta entrevista. Sugiro que comecemos com uma pergunta sobre sua formação. Você primeiro estudou Letras Português-Francês, continuou com um mestrado em Literatura, mas sua tese de doutorado é sobre a tradução e, atualmente, você é uma especialista reconhecida na área. O que explica essa mudança para os Estudos de Tradução em sua carreira? O que foi decisivo para você ao optar pela tradução?*

MARIE HELENE CATHERINE TORRES (M.H.C.T.): Sou eu que lhe agradeço, Muguraş, pela oportunidade de me expressar para os seus leitores e em francês. Eu acho que, para responder à sua pergunta, devo proceder com um retorno autobiográfico sobre o meu percurso. Cheguei ao Brasil, diretamente à Florianópolis, em 15 de janeiro de 1989, o 1º dia do plano econômico e monetário do presidente Sarney. Era a época do congelamento de preços, de salários etc. O tempo em que um dólar valia um cruzado novo, a moeda brasileira da época. Ingressei como estudante de Letras — Línguas e Literaturas Português-Francês na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por transferência da Universidade de Paris X-Nanterre, sem saber uma palavra em português e me graduei

em abril de 1992. Entrei no mestrado em Literatura na UFSC em junho do mesmo ano, sob a orientação do prof. dr. Zahidé Muzart. Ele era uma pessoa e um professor excepcional. E eu me lembro que Zahidé dizia a nós, mestrandos, que devíamos publicar para prosseguir uma carreira na educação superior! Tentei seguir seu conselho da melhor maneira possível. Em seguida, defendi minha dissertação de mestrado em 1995, sobre dois poetas simbolistas, um brasileiro e outro francês. Na verdade, eu estava envolvida em várias atividades de tradução desde os anos 1993-1994, 25 anos atrás! Eu realmente queria fazer um doutorado em Tradução na época. Por isso, candidatei-me a uma bolsa de estudos do CNPq, que obtive, para fazer meu doutorado por 4 anos, de 1997 a 2001, em Leuven, sob a orientação de um dos fundadores da disciplina de Tradução, José Lambert, graças ao contato e recomendação do prof. dr. Walter Costa, com quem trabalho em vários projetos acadêmicos até hoje.

*M.C.: A relação entre literatura e tradução está muito presente em seus livros, porque mesmo quando você foca sua pesquisa em tradução, você prefere a tradução literária. Nesse sentido, gostaria de saber que vestígios deixou na sua pesquisa em tradução o tema do seu trabalho de dissertação sobre a **Descida para o inferno no mundo poético de Cruz e Sousa e Baudelaire**. Esse é, presumivelmente, um estudo comparativo que está muito próximo da análise comparada, muitas vezes praticada na tradução, espelhando o original e suas traduções.*

M.H.C.T.: De fato, defendi minha dissertação de mestrado em 1995, cujo título é *Descida ao inferno no mundo poético de Cruz e Sousa e Baudelaire*. Foi retomada e, posteriormente, publicada em forma de livro pela editora da Universidade Federal de Santa Catarina em 1998. Eu também coloquei, em algum lugar no meu livro, que trabalhei a partir dos textos originais, os poemas de Cruz e de Sousa em português e os de Baudelaire em francês. Não se falava muito sobre tradução nos Estudos de Literatura na época, no Brasil. Eu ainda publiquei minha 1ª antologia de poesia traduzida de Pierre Reverdy, em português, em 1994. Voltando à sua pergunta, na verdade fiz uma análise comparativa da descida poética no universo infernal de Cruz e Sousa e de Baudelaire, um estudo sobre a questão do satanismo poético, mostrando as relações intertextuais do trabalho dos dois poetas, o brasileiro João da Cruz e Sousa e o francês Charles Baudelaire. Isso me

conduziu a estabelecer a existência de uma teoria satânica no contexto de sua poesia, marcando assim o início da poesia moderna. Nesse caso em particular, comparei textos escritos cada um em uma língua diferente, sem uma abordagem histórica, crítica ou até mesmo teórica da tradução.

*M.C.: O problema de sua tese de doutorado defendida na Universidade Católica de Leuven (Katholieke Universiteit Leuven — KUL) trata da tradução da literatura brasileira na França e tem um título bem inspirado: **Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes** [Variações sobre o estrangeiro nas letras: 100 anos de traduções francesas de cartas brasileiras]. Você escolheu esse tema interessante você mesma ou em colaboração com seu orientador? Trata-se de fato da literatura brasileira traduzida na França e não em língua francesa? Estou pensando no projeto HTLF (Histoire des traductions en langue française) [História das traduções em língua francesa] de Yves Chevrel e Jean-Yves Masson, o qual vislumbra as traduções em língua francesa, mesmo fora da França.*

M.H.C.T.: O doutorado que fiz na Bélgica foi um ponto de virada na minha carreira universitária, porque marca o início da minha carreira em estudos de tradução, principalmente porque entrei para o grupo desta escola de Leuven, os descritivistas. A minha posição teórica baseia-se precisamente no DTS (Descriptive Translation Studies) [Estudos Descritivos de Tradução] e em teorias complementares e compatíveis, como as de Venuti, Berman ou Pascale Casanova, por exemplo. Defendi minha tese de doutorado em setembro de 2001, cujo título francês era: *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes* [Variações sobre o estrangeiro nas letras: 100 anos de traduções francesas de cartas brasileiras]. O objetivo principal dessa tese foi contribuir para o mapa mundial da literatura, pois descrevo e analiso as marcas culturais, a *genius loci*, da literatura brasileira traduzida na França (e não em língua francesa) no sistema cultural e literário francês em todo o século XX. Eu mostro como os tradutores traduziram (a partir do estudo de editoras, estratégias comerciais, modelos utilizados, conceitos e tendências de tradução), tentando saber se houve a assimilação do *outro* ou a abertura a inovações na linguagem e na cultura. A fim de obter um *corpus* representativo, estabeleci como principal critério para a seleção de obras para o estudo que tivessem, para cada romance de formação da identidade nacional brasileira (um

trabalho sobre a língua e cultura brasileiras), pelo menos duas traduções diferentes feitas por tradutores diferentes. Assim, analisei os seguintes romances brasileiros e suas traduções para o francês: *O Guarani* e *Iracema* de José de Alencar, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* de Machado de Assis, *Os Sertões* de Euclides da Cunha, *Macunaíma* de Mário de Andrade e *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. As análises sobre o Brasil literário nas traduções francesas revelaram, contrariamente aos projetos sobre a língua dos textos brasileiros, uma naturalização efetiva da língua e da cultura brasileiras e que a transgressão criativa da linguagem não penetra a rígida língua francesa. Isso torna a tradução transparente, como se as obras tivessem sido escritas em francês, nas quais o dossiê do “discurso do povo” terminou por se metamorfosear em uma língua (traduzida) culta.

M.C.: Como os leitores da nossa revista não conhecem (infelizmente, eu também a conheço apenas parcialmente) a sua obra sobre os cem anos de tradução, publicada pela editora da Universidade de Artois e rapidamente esgotado, peço-lhe para nos dizer se você enfatiza a história das traduções e seu contexto ou a crítica dessas traduções, mesmo que, como bem sabemos, ambas sejam muito relacionadas.

M.H.C.T.: Essa questão é particularmente interessante porque depende, quanto à resposta, do que se entende por História e Crítica da Tradução. Gostaria de começar por dizer que considero a história da tradução como sendo a história das ideias, mentalidades e cultura em um espaço e em um espaço determinado, a partir de uma perspectiva histórica, diacrônica e/ou sincrônica. Como na literatura, tem havido (e sempre há), para a tradução, escolas, correntes, tendências, compromissos e querelas sobre a melhor maneira de traduzir. E, enfim, eu considero a tradução como crítica, como uma crítica produtiva, o que leva a revelar toda a significação da obra, como dizia Berman. A partir daí, posso dizer que, de fato, lidei com a história das traduções em francês das obras brasileiras de formação sobre e na língua (português).

M.C.: Em um artigo muito interessante publicado em nossa revista, você fala sobre um fenômeno injusto que as letras brasileiras têm experimentado na França, especialmente o que você chama de “la censure, devenue synonyme



d'invisibilisation” [“a censura, que se tornou sinônimo de invisibilidade”]. No que consiste esse tipo particular de censura? E a censura “neutralizante” em relação às letras brasileiras? No que consiste? Você fala, no mesmo artigo, de uma visão e uma atitude “colonial” da França para com a literatura do Brasil? Por quanto tempo essa atitude persistiu? Essa atitude é atribuível a “agentes culturais”. Quem são eles? Quais são os seus poderes e limitações?

M.H.C.T.: Eu presumo que você se refere ao fato de que os romances brasileiros traduzidos para o francês têm um papel fundamental na internacionalização do conceito de brasilianidade. As traduções francesas não só difundiram uma certa visão do Brasil, de um Brasil francês, mas ainda construíram e projetaram, no imaginário francês, uma identidade nacional brasileira diferente daquela que existia e/ou que existe no Brasil. Discuto igualmente o conceito de país “dominado”, apesar das características enunciadas por Casanova sobre a autonomia e a independência do Brasil (capítulo sobre *Macunaíma*), uma vez que um estudo das traduções francesas de obras brasileiras serve, na minha opinião, para revelar as engrenagens complexas do funcionamento dos sistemas culturais e interculturais. É preciso, evidentemente, ter em conta as relações específicas que a França e o Brasil mantiveram, dessa sedução cultural que a França exerceu sobre o Brasil. Uma longa história de atração mútua uniu o Brasil e a França, que na esperança de conquistar esse quase continente, tentou invadi-lo várias vezes, política e economicamente falando, mas também culturalmente. Primeiro em 1555, com a tentativa de estabelecer a França Antártica no Rio de Janeiro, em seguida em 1612, com a breve fundação da France Equinoxial em São Luiz do Maranhão, que terminou em 1615. Essas ambições coloniais frustradas esvaneceram das memórias, mas as relações entre a França e o Brasil iriam tomar um rumo completamente diferente. Embora, no início da descoberta do Brasil, os franceses tenham desfrutado dos favores dos indígenas em relação aos portugueses, como específica Levi-Strauss em *Tristes trópicos*, foi graças ao rei D. João VI, instalado com a corte portuguesa no Rio de Janeiro, que as relações entre o Brasil e a França se intensificaram. Ele fez realmente vir para a fundação de uma Academia de Belas Artes nos trópicos uma missão de artistas franceses, em 1816, composta por pintores, escultores, arquitetos, gravuristas, engenheiros. A grande quantidade de livros franceses enviada para o Brasil também

teve um enorme impacto na evolução das mentalidades. O Brasil do século XX foi separado progressivamente do modelo francês por uma emancipação cultural e identitária, assim estabelecendo relações novas com a França, relações da troca, de cooperação e de homenagens.

M.C.: Qual é a relação entre o tradutor antropofágico e a brasilianidade?

M.H.C.T.: Quando falo sobre antropofagia, refiro-me à teoria da antropofagia brasileira. Eu explico. O Brasil tem provocado sua emancipação cultural e identitária e essa busca pela identidade nacional, a brasilianidade, levou a uma interessante teoria brasileira, a Teoria da Antropofagia. Foi lançada após a Semana de Arte Moderna de 1922 (11 a 18 de fevereiro), em São Paulo, por um escritor brasileiro, Oswald de Andrade, que publicou em seguida seu *Manifesto Antropofágico* em 1928, em resposta à cultura europeia importada para o Brasil. Em contrapartida, o *Manifesto Antropofágico* foi traduzido para o francês somente em 1982, por Jacques Thiériot. De acordo com o *Manifesto Antropofágico*, o Brasil replicou os modelos europeus, assimilando-os, tal como era percebido no imaginário europeu. O *Manifesto Antropofágico*, cuja primeira frase, “só a Antropofagia nos une”, deu o tom e exigiu justamente a existência de um movimento, de uma teoria própria ao Brasil. O ritual antropofágico foi assim utilizado como uma metáfora cultural para o movimento antropofágico, representando assim o ponto culminante da busca pela identidade brasileira. Como funciona? Tal qual o “selvagem” que devora o inimigo — mas não qualquer inimigo, um inimigo corajoso e distinto por suas qualidades, especialmente as bélicas — o absorve e o digere para incorporar somente suas virtudes, o escritor brasileiro fez o mesmo através do ritual da antropofagia cultural. Diante da cultura do outro, o escritor brasileiro terá, então, o mesmo comportamento: devorar a cultura estrangeira, absorvê-la, digeri-la, para restaurar seu próprio patrimônio cultural. É a mesma coisa para o tradutor que pode ser, em graus variados, um antropofago, dependendo do que ele escolher devorar.

*M.C.: Eu sei que você está particularmente interessada em traduzir a literatura juvenil e que você coordenou uma edição especial da revista **Cadernos de Tradução** sobre essa questão, na qual eu tive a honra de publicar uma contribuição. Por favor, peço que nos conte como nasceu o seu interesse por essa área e sua especificidade.*

M.H.C.T.: Meu interesse na literatura juvenil vem do fato de que poucas obras são realmente traduzidas a partir do original. Isso soa inacreditável, mas, por exemplo, *A Bela e a Fera* nunca tinha sido publicada integralmente no Brasil antes da minha tradução, em 2014. Traduzi, assim, o conto de Mme. Leprince de Beaumont de 1755, escrito com intenções educacionais para crianças inglesas com faixa etária entre 5 e 12 anos. Havia apenas adaptações antes da minha tradução de 2014. Uma adaptação não é, você sabe, uma tradução! Mas, claro, na adaptação, é possível manter características estilísticas do texto primeiro, por exemplo. A adaptação mostra dois autores e cujo adaptador é muito mais visível do que o autor inicial do texto. A tradução e a adaptação mantêm o que eu chamo de relações isomórficas, ou seja, relações de similaridade na forma e na aparência. As adaptações contemporâneas refletem um grande desejo de apropriação e tentam minimizar as diferenças entre o universo linguístico e cultural da obra fonte e o da adaptação. Assim, nessas adaptações da *Bela e a Fera*, a fada desaparece da narrativa, enquanto ela é uma personagem essencial para a moral final da história, uma vez que ela aparece em sonho para Bela, que vê a Fera morrer perto do canal. Então, no final, a fada pune as duas irmãs da Bela por causa de seu orgulho, sua cólera, sua preguiça e sua inveja, transformando-as em estátuas de pedra! Em seguida, também traduzi poemas de Victor Hugo para crianças. Esses poemas ele dedicou a seus netos, Georges e Jeanne.

M.C.: Você traduziu para o português (em colaboração com dois colegas) a obra de Berman, *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain* [A tradução e a letra ou o albergue do longínquo], que ainda não foi traduzida para o romeno. Eu vi que já possui várias edições. Por quanto tempo você trabalhou nessa tradução colaborativa, com um texto tão denso, erudito e de grande sutileza? Que dificuldades você teve que superar?

M.H.C.T.: A 2ª edição de *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* [La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain] está praticamente esgotada. Tive o prazer de traduzir com dois dos meus colegas dos Estudos da Tradução, Mauri Furlan e Andréia Guerini. O trabalho, falando especificamente da tradução, nos exigiu dois anos de trabalho. Várias dificuldades se apresentaram, principalmente devido às citações de Berman em línguas estrangeiras com uma tradução em francês. Tentamos

explicar as nossas decisões de tradução em uma nota dos tradutores. E realmente, o maior desafio foi o do título das obras citadas por Berman. Como qualquer tradução é um processo decisório, optou-se por títulos em português, se já havia uma tradução, e quando o exemplo citado não afetava as questões de tradução. Quanto aos títulos ainda não traduzidos para o português, esses foram mantidos como no estado em que foram apresentados por Berman, no original em francês, de modo a não criar títulos sem textos traduzidos correspondentes.

M.C.: Qual é o peso do paratexto em uma tradução?

M.H.C.T.: Enorme!! Eu não concebo a leitura de um texto literário, qual seja, sem primeiramente me debruçar sobre os textos, que eu chamo de textos de acompanhamento, seja em relação ao aspecto externo dos livros, que chamo de aspecto morfológico, seja em relação ao discurso de acompanhamento. Esses indícios morfológicos dizem respeito a todas as indicações que aparecem nas capas, externas — frente e verso —, e páginas de guarda (o frontispício, as páginas de anterrosto e de rosto...), internas dos livros, que poderiam fornecer detalhes sobre o status das traduções ou como elas são percebidas de acordo com os elementos informativos que apresentam. E por discurso de acompanhamento, eu falo de todo o aparato paratextual (prefácio, aviso, introdução, posfácio etc.), que é frequentemente o lugar onde a ideologia aparece mais claramente. O paratexto é, portanto, essencial para a análise das traduções.

M.C.: Lembro-me que, em uma conversa mais antiga, você falou sobre 300 teses de mestrado e doutorado em Tradução em andamento em sua universidade. Qual é a situação atual da pesquisa doutoral em Tradução na UFSC? Quais são suas oportunidades no mercado de trabalho?

M.H.C.T.: Primeiramente, deve ser dito que o contexto brasileiro é particular, pois o mercado de trabalho nessa área é muito promissor. Faculdades e universidades foram fundadas a cada ano, até 2016, permitindo o desenvolvimento e consolidação da disciplina, contrariamente a uma situação muito diferente e frequentemente inversa não só na Europa, mas no mundo em geral. Se parece haver pouca ou nenhuma perspectiva de trabalho para os mestres e doutores em Tradução, no entanto, os Estudos

de Tradução, como são chamados no Brasil, estão crescendo. Fiz parte do primeiro grupo de docentes e pesquisadores do Brasil que propôs ao Ministério da Educação a criação do programa de mestrado e de doutorado dedicado unicamente aos Estudos da Tradução. Com isso, tive o privilégio de coordenar o primeiro programa do gênero, em 2003, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Florianópolis. Esse foi o ponto de partida favorável para a formação de três outros programas de mestrado e doutorado específicos em Estudos da Tradução no Brasil: o mestrado da Universidade de Brasília (UnB) em 2011; o mestrado e doutorado em Estudos de Tradução da Universidade de São Paulo em 2012; e o mestrado da Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2013. Dois outros mestrados em Estudos da Tradução esperam uma resposta do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro e em Natal. Isto elevaria o número de programas de pós-graduação em Estudos de Tradução para seis, um número nada insignificante. Esse entusiasmo tende a revelar, em primeiro lugar, o fato de que o campo da tradução é um campo precursor, vanguardista no Brasil, principalmente porque as universidades reconheceram seu status científico plenamente, concedendo diplomas específicos, o diploma de Mestre em Estudos da Tradução e de Doutor em Estudos da Tradução. Acredito que a questão é: o reconhecimento institucional dos Estudos da Tradução no Brasil. Para responder sobre o número de teses e dissertações defendidas no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET), da UFSC, consultei nossa página na Internet (<<http://ppget.posgrad.ufsc.br/teses-e-dissertacoes-PGET/>>). No final de maio de 2018, foram defendidas 270 dissertações de mestrado e 115 teses de doutorado. Uma última coisa: os mestrados e doutorados brasileiros em Estudos da Tradução não são mestrados e doutorados profissionais. Não formam tradutores, mas pesquisadores em Estudos da Tradução e são essencialmente acadêmicos. Essa é a diferença.

M.C.: Continuando sobre mesmo assunto, o que é um “doutorado interinstitucional”? Talvez um tipo de doutoramento em cotutela?

M.H.C.T.: Não, não exatamente. Não se trata de cotutela. Na verdade, o doutorado interinstitucional (DINTER) é o um dos raros projetos que respondem, ao mesmo tempo, às exigências da socialização concreta do conhecimento e do intercâmbio nacional privilegiado graças a um

projeto de solidariedade institucional, principalmente por parte dos professores. Como a internacionalização é a palavra de ordem atualmente nas universidades federais brasileiras, pouco espaço é dado a projetos de intercâmbio local, nacional. No entanto, existem programas há dez anos que apoiam o estabelecimento de doutorado no Brasil. Isso significa que professores de universidades ou institutos federais têm a oportunidade de fazer um doutorado em uma universidade diferente da sua. O sucesso do projeto DINTER depende fundamentalmente de fatores institucionais, acadêmicos e, sobretudo, humanos, pois implica a vontade e a mobilização participativa, bem como a qualidade de cada professor-pesquisador. A cultura da parceria é uma cultura de diálogo entre as universidades envolvidas, em nosso caso, a Universidade Federal de Santa Catarina e as universidades federais da Paraíba, UFPB e UFCG, de 2010 a 2014, e do Pará, UFPA, de 2015 a 2019. Eu coordeno Doutorado Interinstitucional há oito anos.

*M.C.: Em sua universidade, há uma revista de tradução: a **Cadernos de Tradução**, da qual você faz parte do Conselho Editorial, que eu saiba, e que comemorou em janeiro (2018) 20 anos de atividade. Poderia nos contar sobre a trajetória e a importância da revista?*

M.H.C.T.: A revista *Cadernos de Tradução* foi criada em 1996 por Mauri Furlan, Walter Costa e eu, todos professores na Universidade Federal de Santa Catarina. É a revista do mestrado e do doutorado em Estudos da Tradução desde 2003. No início, havia a periodicidade de um volume por ano, até 1999. Durante a passagem para o século XXI, a fim de adequar-se às normas de apoio financeiro do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), bem como àquelas da avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a revista começou a publicar duas edições por ano. Novas mudanças estruturais ocorreram a partir de 2016, com a entrada da revista no portal SciELO, com produção de três números por ano (janeiro, maio e setembro). O objetivo principal da revista é publicar os resultados das pesquisas no campo da Tradução no Brasil e no exterior e para manter o debate no campo, ao qual a interdisciplinaridade é inerente. Hoje, a revista partilha seu conteúdo entre artigos originais ou traduzidos, relacionados ao campo da tradução, resenhas de livros relacionados à tradução (análise, teoria, história), resenhas de obras traduzidas publicadas





nos últimos cinco anos e entrevistas, como aquela que você fez comigo, com tradutores, professores e pesquisadores do campo da tradução. Além disso, a *Cadernos de Tradução* sempre teve a política de acolher números e dossiês temáticos. A revista segue um rigoroso processo de avaliação por pares e, por sua vez, é regularmente avaliada pelo setor de regulamentação da CAPES, o “Qualis”, um conjunto de procedimentos para a estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de ensino superior. A revista é, de fato, indexada em bancos de dados internacionais, como o DIALNET — Difusión de Alertas en la Red [Difusão de Alertas na Rede], o DOAJ — Directory of Open Access Journals [Diretório de Periódicos de Acesso Livre], o LATINDEX — Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal [Sistema Regional de Informação Online para Periódicos Científicos da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal], a MLA — Modern Language Association International bibliography [Associação Internacional de Bibliografia em Línguas Modernas], a SciELO — Scientific Electronic Library Online [Biblioteca Eletrônica Científica Online] e o ULRICHS — Ulrichs Periodical Directory [Diretório Ulrichs de Periódicos]. No que diz respeito ao número intitulado *Vozes tradutórias: 20 anos de Cadernos de Tradução*, foi organizado por Andréia Guerini (editora-chefe da revista), Marie Helene Catherine Torres e Walter Carlos Costa. Foi publicada em 2016 para homenagear os tradutores. Acrescento também que a *Cadernos de Tradução* é uma revista completamente gratuita, que oferece acesso imediato e livre ao seu conteúdo, de acordo com o princípio de que disponibilizar o conhecimento científico ao público permite uma maior democratização mundial do saber.

M.C.: Nosso colega canadense, Marc Charron, um membro do comitê científico de nossa revista, nos contou superficialmente sobre uma colaboração de pesquisa entre a Universidade de Ottawa e a sua universidade. Do que se trata?

M.H.C.T.: A minha universidade, a Universidade Federal de Santa Catarina, estabeleceu acordos com dezenas de universidades do mundo, em todas as áreas. É verdade que não tem nenhum com a Romênia. Podemos pensar nisso. No entanto, em uma tentativa de responder a sua pergunta, a UFSC assinou acordos com quinze universidades canadenses, incluindo

a Universidade de Ottawa, onde o nosso colega Marc Charron ensina. São acordos de cooperação técnica, científica e cultural que permitem a mobilidade e o intercâmbio de estudantes, professores e funcionários técnico-administrativos. Não há financiamento previsto nesses acordos. Estudantes e professores-pesquisadores participam com seus próprios meios ou graças a uma eventual bolsa concedida pelo seu país e/ou universidades de origem.

M.C.: No que está trabalhando agora? Eu sei que você também trabalha com as contistas francesas do século XVIII. Você poderia nos dar alguns detalhes sobre esse projeto? O que tem na sua mesa?

M.H.C.T.: É verdade que atualmente estou dedicando minha pesquisa às contistas francesas do século XVIII. Trata-se principalmente de redimensionar o cânone das obras literárias francesas do século XVIII no Brasil e de analisar a tradução e seu processo. Nossa contribuição diz respeito à fortuna crítica dos textos clássicos franceses do século XVIII no Brasil através da tradução comentada. E eu faço esse questionamento sobre o cânone estético a fim de desenvolver um conceito inovador da história literária, um conceito que escaparia à rigidez do cânone literário tradicional em busca da autonomia intelectual, da liberdade de escolha, da leitura e do pensamento crítico. Tento, nesse sentido, reabilitar escritoras esquecidas pela história literária francesa e apresentar um material paratextual sobre suas escritoras, a fim de introduzir no cenário brasileiro textos que ampliem o discurso sobre o século XVIII, e para disponibilizar traduções inéditas dessas escritoras em português brasileiro. Eu já publiquei uma parte das pesquisas em trabalhos anteriores sob o formato de uma antologia, como a antologia *Mnémosine* (<<https://mnemosineantologias.com>>), dedicada à história literária de escritoras francesas do século XVIII e seu papel na (trans)formação do cânone literário brasileiro. Há, no momento, trinta escritoras na antologia, com entradas constantemente atualizadas. Nossa pesquisa leva em conta as teorias de André Lefevere e seu trabalho *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (1992), que mostra, principalmente, que a reescrita, a saber, a tradução, a historiografia, a crítica e a edição desempenham um papel fundamental na recepção e na canonização das obras literárias. Outros teóricos importantes inspiraram essa pesquisa, como José Lambert, Lieven D'hulst, Anthony Pym e Antoine





Berman. Uma segunda etapa da pesquisa permitirá estabelecer a história das contistas, frequentemente ligadas aos salões literários dedicados a contos de fadas em todas as suas formas. Os contos de Mme. d'Aulnoy, Mme. Murat ou Mlle. de la Force foram muito apreciados e lidos, como atestam as constantes reimpressões. O conto de fadas era um verdadeiro fenômeno em voga. Assim nasceu o conto literário feminino, uma escrita mundana e galante com tendências românticas. De maneira mais geral, no entanto, foi no encontro entre a literatura oral e escrita, popular e literária, antiga e moderna, que esses contos se inspiraram para a criação de sua estética, sua poesia e sua rica imaginação. Os contos de fadas de Mme. d'Aulnoy, por exemplo, obtiveram sucesso imediato e duradouro. Eles também foram traduzidos para o inglês muito antes dos contos de Perrault, frequentemente reimpressos durante o século XVIII. Os clássicos franceses geralmente não são traduzidos no Brasil e, quando são, dizem respeito aos mesmos textos, e essa nova história antológica incluirá contos de escritoras francesas da era do ouro (1690-1710), publicados nos quarenta e um volumes do *Cabinet des fées* [Gabinete de fadas], e sua tradução para o português brasileiro com comentários críticos. É o que eu faço ultimamente, entre outras coisas. Para finalmente responder à segunda parte da sua pergunta, há atualmente sobre minha mesa um livro de Pascale Casanova, em francês, *La langue mondiale: traduction et domination* [A língua mundial: tradução e dominação]. Estamos conversando, sobre a compra de direitos de tradução para o português brasileiro, com as editoras das universidades federais de Santa Catarina e Brasília e com a editora Seuil. Esse novo projeto de tradução é motivado principalmente pelas lacunas existentes em teoria e sociologia da tradução no mercado de livros no Brasil. Além disso, essa obra poderá ser adotada para os cursos de mestrado e doutorado em Estudos da Tradução em universidades brasileiras.

Estudios de la traducción intercontinentales
Brasil – Canadá – Rumanía

Traducido por
Francisca Ysabelle Silveira & Lilian Pereira

ENTREVISTA¹

Andréia GUERINI² y Robert de BROSE³ con Walter Carlos COSTA⁴

Walter Carlos Costa, profesor, traductor e investigador CNPq Nivel 2, es una figura central en los Estudios de la Traducción en Brasil, tanto por su amplia y prolífica carrera como investigador en esta área, la cual ayudó a consolidar en Brasil, como por su actuación en la formación de nuevos traductores, investigadores y profesores. Su carrera académica comenzó con su grado en Filología Románica (Francés y Español) en la Katholieke Universiteit Leuven, Bélgica, donde escribió su trabajo de maestría sobre cuestiones relacionadas a la traducción de *Gran Sertón: Veredas* de João Guimarães Rosa del portugués para el francés, que desarrolló bajo la tutoría del eminente investigador y uno de los fundadores de los Estudios de la Traducción, José Lambert. Entre 1988 y 1992, escribió su tesis de doctorado, sobre los aspectos lingüísticos de la traducción de Jorge Luis Borges en la Universidad de Birmingham, bajo la orientación de Malcolm Coulthard. Es profesor jubilado de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), en la cual continúa ejerciendo en la Posgrado en Estudios de la Traducción (PGET) en la misma institución y como Profesor Visitante del Programa de Posgrado en Estudios de la Traducción de la Universidad Federal do Ceará (POET/UFC), del cual es uno de sus fundadores, desde 2017. Actualmente se dedica principalmente a la investigación de la literatura de Jorge Luis Borges y Adolfo Bioy Casares y a la historia e historiografía de la traducción.



¹ Esta entrevista fue publicada anteriormente en la *Revista da Anpoll* v. 1, n. 44, p. 436-447, jan.-abr. 2018.

² Universidad Federal de Santa Catarina, CNPq, Brasil, andreia.guerini@gmail.com.

³ Universidad Federal do Ceará, Brasil, robert.de.brose@gmail.com.

⁴ Universidad Federal do Ceará; Universidad Federal de Santa Catarina; CNPq, Brasil, walter.costa@gmail.com.



ANDRÉIA GUERINI y ROBERT DE BROSE (A.G./R.B.): Comente sobre su contacto inicial con la traducción.

WALTER CARLOS COSTA (W.C.C.): Mi contacto inicial con la traducción se dio en la infancia, que pasé en la pequeña ciudad paulista de Santópolis do Aguapeí, donde hice la antigua enseñanza básica. Los habitantes de la ciudad eran principalmente inmigrantes extranjeros de varias nacionalidades, sobre todo japoneses y migrantes de varios territorios, además de contar con una reserva indígena. Así, oí durante mis primeros once años, todos los días, personas hablando diferentes idiomas y acentos de diversas regiones del país. Recuerdo que mis mejores amigos eran un nissei y un hijo de sirio-libaneses, en sus casas oí sucesivamente japonés, árabe y portugués. También me acuerdo de las personas leyendo la prensa extranjera, entre otros un diario libanés, y diferentes publicaciones en japonés, como el *São Paulo Shimbun*, del cual muchos eran suscritos. Ha sido en Santópolis que pude acompañar durante años el cine norteamericano con subtítulos y, a los finales de semana, el cine japonés, igual con subtítulos. En la escuela, que hice en las ciudades vecinas Tupã y Birigui, tuve excelentes profesores de inglés y de francés. El acceso a las bibliotecas de los colegios, donde leí centenas de libros traducidos, fue de particular importancia, entre ellos, toda la colección Terramarear (<<http://marginalia.com.br/2015/11/16/colecao-terramarear/>>), de libros de aventura. Uno de mis hermanos era suscriptor del Club del Libro, cuyos volúmenes de literatura extranjera yo leía con frecuencia. Un acontecimiento decisivo del inicio de mi adolescencia fue la lectura del “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo*. (<<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,no-suplemento-literario-o-encontro-de-varias-geracoes,6862,0.htm>>), periódico del cual mi padre era suscriptor. En el “Suplemento”, que yo leía entero a cada semana, tuve contacto con las traducciones de Augusto y Haroldo de Campos y con la columna periodística “Letras russas”, de Boris Schnaiderman, de quien me volvería amigo décadas después.

A.G./R.B.: En su formación académica, ¿cuándo aparece la traducción? ¿Qué ha cambiado en el área de los Estudios de la Traducción, desde su primer contacto hasta hoy, y qué usted considera importante o sobresaliente?

W.C.C.: Me interesé por la traducción a partir de la lectura de los poetas concretos, leídos en suplementos, revistas y libros. El amplio abanico de lenguas occidentales y orientales, modernas y antiguas, del repertorio concreto, me llevó al intento de aprender una serie de lenguas extranjeras, tanto en cursos de lengua regular (inglés, francés, italiano, alemán, ruso, japonés) como por cuenta propia (español y rumano). Sin embargo, fue durante mis estudios en la KU Leuven (Katholieke Universiteit Leuven), que la práctica de la traducción se dio cotidianamente. En primer lugar, se dio en casa, ya que mi esposa, en el momento, Sara Vergés Cabello, chilena, hablaba español conmigo y nuestros dos hijos, Hiran y Rodrigo, y yo les hablaba en portugués. Cuando teníamos visitas que hablaban inglés, holandés o francés, hablábamos con ellos en esos idiomas y, entre nosotros, en español y portugués. Es decir, siempre practicábamos la traducción hablada. En la KU Leuven tuve como profesor a José Lambert, que era un entusiasta de la traducción y que estaba empezando a establecer, junto a sus colegas belgas, de Holanda e Israel, lo que vendría a ser la asignatura de los Estudios de la Traducción. He visto varios eventos promovidos por Lambert y sus colegas y comencé a leer la bibliografía que nacía en el área. Lambert había empezado a dirigir trabajos sobre traducción y fue bajo su tutoría que escribí el trabajo de maestría *Un roman brésilien en français. Questions de traduction à propos de Grande Sertão: Veredas de J. Guimarães Rosa*. Cuando ingresé en la UFSC, como profesor en el área de Español, la traducción empezó a formar parte de mi práctica académica. El área de Español pasó a ofrecer traducción y versión en la enseñanza de lengua desde los primeros semestres y yo a menudo impartía esas asignaturas. Posteriormente, en una de las muchas reformas curriculares, se introdujo la asignatura de Estudios de la Traducción. En la UFSC, también comencé a desarrollar la actividad de editor, primero en el Departamento de Metodología de Enseñanza, donde tenía 20 horas y luego en el Departamento de Lenguas y Literaturas Extranjeras (DLLE) donde también tenía 20 horas. En el DLLE, mi colega Carmen Rosa Caldas-Coulthard me invitó para colaborar en la edición de la revista *Ilha do Desterro* y para actuar en el Posgrado en Inglés, entonces denominada PGI. En *Ilha do Desterro* organicé el número monográfico *Translation/Tradução*, en el primer semestre de 1987, y en la PGI impartí varios cursos sobre traducción, uno de ellos en colaboración con Malcolm Coulthard, el cual sería mi director



de tesis en la University of Birmingham, donde concluí mi doctorado, sobre las traducciones de Jorge Luis Borges al inglés, en 1992.

A.G./R.B.: Usted traduce regularmente; ¿cómo define su práctica?

W.C.C.: Mi práctica de traducción ha sido constante pero, al mismo tiempo, no muy sistemática. Empecé a traducir con frecuencia en Bélgica, cuando, en la mitad de la carrera de Filología Románica (Francés y Español), comencé a trabajar como periodista en la BRT (Belgische Radio en Televisie, Radio y Televisión Belga), nueva emisora oficial para la comunidad flamenca a través de la división de la antigua emisora única nacional. Durante 4 años, traduje textos de la prensa y de las agencias de noticias holandesas al español y durante un año hice ese mismo trabajo para el portugués. Grababa esos textos que eran transmitidos por la radio en onda corta, por la noche. Lo que más traduje, a lo largo de los años, fue poesía, generalmente para revistas literarias y académicas, sobre todo del español, del inglés y del holandés. Traduje al portugués la antología *Paisagem com uma vela e abelhas assírias*, del poeta, profesor y traductor norteamericano Steven White (Florianópolis, Edições da Orla, 1995). También traduje poesía (Cruz e Sousa, Leonor Scliar-Cabral) del portugués al español, una experiencia muy gratificante ya que se trataba en ambos casos, de una edición multilingüe, respectivamente inglés, francés y español y inglés, francés, español y hebraico, lo que posibilitó un trabajo de interlocución con colegas como Marie Helene Catherine Torres y Alexis Levitin. Una experiencia especial se pasó con la traducción de dos libros infantiles del holandés para el portugués: *Nina*, del flamenco David Ausloos (Comboio de Corda, 2010) y *Zoeira esteve aqui*, del holandés Edward van de Vendel (SM, 2011). La relación con las editoras fue excelente y tuve amplia libertad; la revisión y preparación del texto fueron ejemplares y ejecutadas con gran delicadeza y consulta permanente. Traducí mucho en colaboración y cabe destacar algunos de esos trabajos. Con Philippe Humblé traduje, en 1993, *Sobre la lectura y los libros*, de Arthur Schopenhauer, un gran suceso de la editora alternativa Paraula (ubicada primero en Porto Alegre y después en Florianópolis) y que fue reproducido en la revista *Buriti*, de la Fundação Biblioteca Nacional. Con Philippe también traduje algunos poemas del poeta flamenco Paul van Ostaijen. Con el saudoso Cleber Teixeira, mi gran amigo de la editora Noa Noa, de Florianópolis, traduje poemas de Octavio

Paz. Con Andréia Guerini y Fabiano Seixas Fernandes traduje *Mahoma: biografía del profeta*, de Karen Armstrong (en portugués publicada por la editorial Companhia das Letras, 2002). Con Andréia Guerini y Eclair Antônio Almeida Filho, traduje poemas de Leopardi, publicados en el *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Con Rosario Lázaro Igoa, traduje algunas crónicas de autores brasileños al español, publicadas en la prensa uruguaya. Con Pablo Cardellino traduje, entre otros, Cervantes y los uruguayos Felisberto Hernández y Henry Trujillo. Con Luana Ferreira de Freitas, mi esposa, traduje el cuento “La Squaw” (conocido también como “La Mujer India”), de Bram Stoker, publicado en la colección *Sombras de Carcosa — Contos de terror cósmico*, de la editora Poetisa, de Piracicaba, São Paulo. Con Luana actualmente estamos preparando una antología de poemas de Emily Dickinson.

A.G./R.B.: ¿Usted entiende/asume la traducción como autoría?

W.C.C.: La autoría en la traducción suele variar de texto a texto, de acuerdo con su género y grado de complejidad y de traductor para traductor, de acuerdo con sus capacidades. Entre los ejemplos mencionados en la pregunta anterior, yo diría que el índice de autoría se acentuó mucho más en la traducción de poesía, en la traducción de libros infantiles y en la traducción de ficción de Felisberto Hernández y de Bram Stoker. Este índice de autoría también depende de las habilidades lectora y textualizadora del traductor. Creo que estas capacidades sean translingüísticas, aunque se aprendan y se desarrollen en idiomas concretos. También depende de la habilidad retextualizadora, la cual creo ser una competencia específica y que es de naturaleza, al mismo tiempo, interlingüística (capacidad recreadora, de un sistema lingüístico-discursivo a otro) e intralingüística (capacidad parafraseadora, dentro de un sistema lingüístico-discursivo). También podemos decir que, dentro de la tarea del traductor están involucradas tres competencias importantes: la habilidad enciclopédica y las competencias léxical-idiomática y estilística. En lo que se refiere a la traducción literaria, las cosas se vuelven, naturalmente, más complejas. El índice de autoría, así como el de relevancia cultural y estética, dependerá de múltiples factores presentes en el tiempo y lugar de la producción y en el tiempo y lugar de la lectura. Por eso, me parece precipitado decir



de ANPOLL, Maria Paula Frota, de la PUC-Rio. *Cadernos de Tradução* empezó como una revista anual, editada por los colegas Marie Helene Catherine Torres, Mauri Furlan y por mí, como parte del igualmente, recién creado NUT (Núcleo de Traducción) de la UFSC. *Cadernos de Tradução* ha funcionado desde su primera edición, publicada en 1996, siguiendo ciertos principios: restricción de la publicación de textos locales y publicación de textos nacionales e internacionales, publicación de textos en otros idiomas, publicación de reseñas y la inclusión de todas las corrientes de pensamiento del área. La revista logró un éxito inmediato y, poco a poco, se solidificó ganando prestigio entre los investigadores del país y del exterior. El gran salto se produjo cuando Andréia Guerini se convirtió en directora-editora. La revista, que pasó a contar regularmente con el apoyo de CNPq⁵ y CAPES,⁶ se profesionalizó y pasó a ser publicada con periodicidad regular, incorporando nuevas secciones, como la de reseñas de traducciones, entrevistas y, últimamente, traducciones inéditas. Otro salto importante ocurrió hace poco, cuando, gracias a un esfuerzo concentrado de la directora-editora y la estudiante de doctorado en la época, Leticia Goellner, *Cadernos de Tradução* entró para SciELO (Biblioteca Científica Electrónica en Línea), lo que asegura que renueve automáticamente la nota A1 en el ranking Qualis de la CAPES. *Cadernos de Tradução* es, de esa forma, la principal revista sobre Estudios de la Traducción en Brasil, país donde existe el mayor número de periódicos en el área. El escenario internacional está dominado por revistas del mundo angloamericano, lo que puede explicarse por varios motivos, entre ellos, el peso de grandes grupos editoriales como Benjamins y Routledge que controlan el rico mercado de periódicos en el principal idioma franco del momento, el inglés. Hasta ahora, las grandes editoras brasileñas no se han interesado en editar libros y periódicos en el área de Estudios de la Traducción. Por otro lado, todos los periódicos brasileños están vinculados a instituciones de enseñanza y son de acceso libre en línea, lo que hace la investigación brasileña, en el área, democrática e inclusiva.

A.G./R.B.: Usted ha sido uno de los responsables por la creación del primer programa en Estudios de la Traducción de Brasil, en la Universidad Federal

⁵ Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico.

⁶ Coordinación de Perfeccionamiento de Personal de Nivel Superior.

de Santa Catarina y colaboró en la creación de programas específicos en otras instituciones, como la Universidad de Brasília y la Universidad Federal de Ceará. ¿Podría comentar sobre ese movimiento? ¿Cómo ve usted la expansión de los Estudios de la Traducción en Brasil?

W.C.C.: La creación de la PGET, Posgrado en Estudios de la Traducción, en la UFSC, se dio por un conjunto de factores favorables, empezando por la existencia de un grupo de profesores entusiastas por la traducción y que se agrupó en torno a la revista *Cadernos de Tradução* y NUT. Es decir, en la UFSC, el periódico especializado surgió 7 años antes del programa específico en Estudios de la Traducción. Además de actuar en el NUT y en *Cadernos*, un pequeño grupo de investigadores ya trabajaba en una línea de investigación en traducción en los programas de Literatura, Inglés y Lingüística. Esto explica, en parte, porque la PGET tuvo una trayectoria ascendente meteórica: autorizada en 2013.2, pasó a funcionar en 2014.1, con una clase inaugural emblemática de Boris Schnaiderman, cuya carrera inspira mucho mi actuación institucional. En la primera evaluación de la CAPES, el programa pasa a la nota 4 y, a continuación, tiene el doctorado autorizado con nota 5. En la Evaluación Cuatrienal de la CAPES del año pasado (2017), PGET alcanza la nota 6, y no es insensato pensar que futuramente se pueda alcanzar la nota 7. Uno de los factores que pesaron en la evaluación positiva de la PGET es la presencia de la investigación sobre Libras (lengua brasileña de señas) y lengua de señas. Entre las 345 tesis de maestría y doctorado defendidas en la PGET (<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88241>>), entre 2004 y 2018, muchas son sobre traducción e interpretación en Libras y lengua de señas. Otra de las características específicas de la PGET es su relación con Bélgica, uno de los países (junto con Holanda e Israel) donde nació la asignatura de los Estudios de la Traducción. Cursé mi grado y maestría en la KU Leuven, trayectoria que compartí con Philippe Humblé, profesor en UFSC por 25 años y hoy profesor en la VUB (Vrije Universiteit Brussel, Universidad Libre de Bruselas). Este rasgo es complementado por otro, igualmente importante, la presencia en PGET de docentes extranjeros (más del 20%) y la fuerte presencia de profesores visitantes extranjeros. En cierto momento, llegamos a tener 6 profesores extranjeros al mismo tiempo, combinando las posibilidades ofrecidas por CAPES, CNPq y la propia UFSC. Entre los visitantes que colaboraron para la cara internacional de



la PGET, están los ingleses John Gledson (uno de los grandes especialistas en Machado de Assis, traductor de Machado y otros escritores brasileños) y Malcolm Coulthard (uno de los exponentes del Análisis del Discurso británico y uno de los fundadores de la Lingüística Forense), el belga José Lambert y el alemán Berthold Zilly, profesor de la Freie Universität Berlin (Universidad Libre de Berlín) y uno de los más importantes traductores de literatura brasileña, en PGET hace 7 años. Otra característica de PGET ha sido su actitud, no solo acogedora con los colegas investigadores de instituciones nacionales e internacionales, sino también su colaboración con la capacitación de colegas no-doctores de instituciones a través del programa “Doutorado Interinstitucional” (DINTER) de la CAPES. En este sentido, la PGET tuvo un DINTER con dos instituciones federales de Paraíba, Universidad Federal de Paraíba (UFPB) y Universidad Federal de Campina Grande (UFCG), formando 9 doctores. Actualmente tiene un DINTER con la Universidad Federal de Pará (UFPA), en proceso de formación de 15 doctores entre los colegas docentes de diferentes campus. En los dos casos, la coordinación académica le correspondió a Marie Helene Catherine Torres y yo estaba, y estoy, bastante involucrado en los dos emprendimientos. La interdisciplinariedad típica del área de los Estudios de la Traducción, tangencial con todas las áreas de conocimiento, se ha acentuado en PGET y eso quedó claro recientemente, cuando, compitiendo al edital conjunto 01/2018/PROPG/PESQ, para integrar el Programa Institucional de Internacionalización CAPES-PrInt, la PGET presentó un proyecto, bajo su coordinación, incluyendo otros 9 programas de posgrado de la UFSC, con 32 participantes y 16 diferentes países, con 36 investigadores(as) extranjeros(as). La Pro-Rectoría de Posgrado aprobó el proyecto que ahora aguarda su implementación por la CAPES. La PGET, sobre todo a través de consultorías hechas por Marie y por mí, ha auxiliado a los colegas de otras universidades que quieran crear un programa específico, o similar, de Estudios de la Traducción. A lo largo de los años, Marie y yo hemos sido consultados por colegas de la UnB, UFPB, UFC, UFRJ, UFF, UFRGS y UFRN. De estas consultas surgieron PosTrad, de la UnB, cuya fundación fue dirigida por Germana Henriques Pereira y la POET, de la UFC, cuya fundación ha sido dirigida por Luana Ferreira de Freitas. Es importante subrayar que Luana, que hizo su grado (traducción) y maestría (Lingüística Aplicada) en UnB,



y doctorado e investigación postdoctoral en la UFSC, en en Literatura y en PGET, respectivamente, y es miembro permanente de PGET. Con el POET, donde soy actualmente profesor visitante, mis vínculos son especialmente fuertes. Para estar con mi esposa Luana, que empezó su labor como profesora en la UFC, solicité y obtuve una “colaboración técnica” entre 2013 y 2016. Así, pude participar activamente del proceso de establecimiento del programa y sigo participando de su funcionamiento y fortalecimiento, poniendo a su servicio la experiencia acumulada en la UFSC. La asociación POET/PGET resultó en una serie de cursos y eventos académicos comunes, tanto en Fortaleza, Florianópolis, Bragança, Belém (en el marco DINTER/UFPA) y Bruselas (en Bélgica), como en como en coloquios nacionales de ABRALIC⁷ y de ANPOLL.⁸ Esta asociación también se extiende a la participación en asociaciones (ABRAPT,⁹ Grupo temático de Traducción de ANPOLL), participación de profesores de la PGET como profesores en POET (actualmente Marie Helene Catherine Torres y Silvana de los Santos Aguiar), en la publicación conjunta de libros e intensa participación como examinadores de los dos programas y codirector de tesis de maestría y doctorado. En términos de expansión del área, los Estudios de la Traducción han experimentado una verdadera explosión en Brasil. Así, el Director del Departamento Luso-Brasileño del Instituto de Traducción e Interpretación de la Universidad de Heidelberg, Alemania, Thomas Sträter, observó, en su conferencia en POET/UFC, en 03/05/18, titulada “¿Por qué (Estudios de la) Traducción?”, que Brasil es el país donde más se investiga sobre traducción.

A.G./R.B.: ¿Cómo ve usted la institucionalización de los Estudios de la Traducción en el exterior?

W.C.C.: A pesar del éxito de la asignatura entre los investigadores y en la industria editorial, sobre todo de lengua inglesa, la institucionalización de los Estudios de la Traducción en el exterior me parece problemática. Curiosamente, el único país donde la asignatura posee programas específicos fuertes, y con un gran número de estudiantes de posgrado y

⁷ Asociación Brasileña de Literatura Comparada.

⁸ Asociación Nacional de Posgrado en Letras y Lingüística.

⁹ Asociación Brasileña de Investigadores de Traducción.

postdoctorales, es Brasil. En la mayoría de los países, lo que predomina son programas de formación de traductores e intérpretes, no de Estudios de la Traducción a nivel de maestría y doctorado. El Reino Unido se destaca por presentar un gran número de maestrías y doctorados, pero eso se debe a la flexibilidad de la universidad británica, que permite que se ofrezca posgrado *stricto sensu* en una determinada área con un número reducido de profesores. Cabe recordar también otros países en que los Estudios de la Traducción poseen una inserción institucional, empezando por dos países tradicionalmente fuertes: Bélgica, más precisamente en Flandes, donde las antiguas escuelas de interpretación fueron absorbidas por KU Leuven, Universiteit Antwerpen y VUB; y Canadá, donde la asignatura está bien establecida en varias universidades y donde se editan algunas de las más importantes revistas internacionales como *Meta* y *TTR*. En España (especialmente Barcelona) y Portugal, los Estudios de Traducción alcanzaron una importante posición institucional. Un nuevo fenómeno es que los colegas portugueses han preferido publicar y llevar a cabo muchos eventos académicos en Inglés. Más países se sobresalen: Turquía, África del Sur, India, Australia y Malasia. China es la gran novedad y parece haber abrazado la causa de los Estudios de la Traducción, potencializando una tradición que ya existía en Hong Kong y Macao. En las publicaciones internacionales en inglés, tanto en periódicos como en libros, la presencia de autores chinos se ha vuelto una constante. Aquí, debemos el actual reconocimiento de los Estudios de la Traducción, en gran parte, a la colega Sandra Regina Goulart Almeida, actual rectora de la UFMG. Sandra fue, antes de presentarse a la vicerrectoría de la UFMG, vicecoordinadora del área de Letras y Lingüística de la CAPES. En ese cargo, ella, en conjunto con el coordinador, Dermeval da Hora, defendió y promovió los Estudios de la Traducción. Consecuentemente, durante los 7 años de mandato de Dermeval, los Estudios de la Traducción fueron reconocidos por la CAPES y algunos de sus representantes, como Andréia Guerini y yo, fuimos sistemáticamente invitados a participar en la comisión de evaluación de los programas de posgrado, así como de otras instancias, como el Premio CAPES de Tesis. En la gestión de Dermeval, hubo ganos importantes para el área como el reconocimiento de traducción de artículo como artículo y traducción de libro como libro.



A.G./R.B.: La bibliografía sobre Estudios de la traducción está aumentando exponencialmente desde la creación de la asignatura en la década del 70/80 del siglo XX. ¿Cómo usted evalúa ese incremento?

W.C.C.: La bibliografía ha aumentado mucho en los últimos años, superando otras asignaturas consagradas. Sin embargo, como suele suceder, este crecimiento es desigual, tanto en términos idiomáticos y de países, como de subáreas. Así, en las últimas décadas, hemos visto un aumento en el número de publicaciones, sobre todo en inglés, y especialmente en áreas antes poco exploradas, como la interpretación (que se ha convertido prácticamente en un área independiente), traducción audiovisual, interpretación y traducción en lengua de señas. Por otro lado, sectores que existían antes de la asignatura, como los estudios de la traducción literaria, han crecido poco en el escenario internacional. En Brasil, los Estudios de la Traducción Literaria siguen siendo un área fuerte y constituyen parte significativa de la producción nacional. También está el fenómeno reciente de la publicación digital, en el cual Brasil se destaca, ya que todos los trabajos de las universidades públicas, como TCC (trabajos de conclusión de curso, de grado), trabajo de maestría y doctorado, están disponibles en línea. Es una producción enorme y valiosa, poco conocida y poco estudiada, y cada vez más utilizada. Sería importante que la bibliografía fuera más conocida, con la publicación, en libre acceso, de bibliografías críticas, que describan y valoren ese riquísimo material.

A.G./R.B.: ¿Qué es lo que aún necesita hacerse para que el área de los Estudios de la Traducción avance y tenga más visibilidad en el país y en el extranjero?

W.C.C.: El área está bien establecida en términos de publicación, con las limitaciones señaladas arriba, pero no en términos de institucionalización, que es lo que le garantiza más visibilidad y un desarrollo sostenido por dar acceso a fuentes de financiamiento estables. Creo que se trata más de un problema político-institucional que propiamente académico. Una iniciativa que considero esencial es aumentar el diálogo con otras asignaturas, lo que quiere decir aumentar el diálogo con todas las asignaturas. Otra iniciativa importante es que la investigación en Estudios de la traducción sea mundial, es decir, que abarque todos los continentes, idiomas y culturas, y que sea multilingüe. Cabe considerar

que también hubo retrocesos. En Alemania, país pionero y relevante en varios momentos históricos en estudio de la traducción, los Estudios de la Traducción parecen enfrentar dificultades institucionales. Ocurre lo mismo en Francia y aún más, en los Estados Unidos.

A.G./R.B.: ¿Cómo ve usted la percepción del rol y de la importancia de la traducción fuera del ámbito académico? ¿Ha cambiado? ¿En qué sentido?

W.C.C.: Cambió en algunos sectores; todavía queda mucho por cambiar. Hay premios para las traducciones, sobre todo literarias; hay ediciones de la Fundación Biblioteca Nacional con becas para traductores de obras literarias brasileñas para otros idiomas. Las grandes editoras son más sensibles: suelen poner el nombre del traductor en la hoja de rostro y, en algunos casos, en la portada; instruyen a los revisores y los preparadores de texto para que tengan una actitud tolerante con las opciones de los traductores; privilegian las traducciones directas, siempre que sea posible. Por otro lado, algunas malas costumbres permanecen: en los sitios de las librerías, casi nunca se mencionan los traductores y lo mismo sucede en buena parte de los TCC y tesis en Estudios de la Traducción... Los derechos de autor de los traductores son todavía muy limitados, con excepción de países como Holanda. En términos internacionales, la situación no es tan diferente, aunque hayan premios, sobre todo de traducciones literarias. Un desarrollo importante tiene que ver con las “casas de traductores”, que empiezan a extenderse por varios países, incluso en Brasil, a partir de una iniciativa de colegas de la Universidad Federal Fluminense (UFF) y de la Fundación Biblioteca Nacional, que llevó adelante la idea, en la que PGET ha participado activamente.

A.G./R.B.: Aún pensando en la pregunta anterior, ¿cómo se dá en el ámbito académico?

W.C.C.: Estamos lejos del reconocimiento de la importancia de la traducción y de los Estudios de la Traducción. Incluso en Letras, donde es más reconocida, y donde buena parte de la bibliografía es construida por obras traducidas, hay un cierto prejuicio contra el texto traducido como objeto de investigación. Creo que la existencia de programas de posgrado *stricto sensu* con buena calificación puede ayudar en este proceso, que es,

necesariamente largo. El reconocimiento de las agencias de fomento es igualmente importante y, en Brasil, la situación es mucho más favorable que en otros países. Sin embargo, a pesar del avance, los Estudios de la Traducción aún no constan como subárea en el CNPq y en la CAPES.

A.G./R.B.: ¿Cómo ve usted el futuro de la traducción y su estudio en un mundo cada vez más conectado?

W.C.C.: Creo que el futuro de la traducción y de los Estudios de la Traducción será riquísimo. Por un feliz conjunto de factores, en que Internet ocupa el lugar central, la traducción ahora está al alcance de todas las personas del planeta, que dominen algún sistema lingüístico, de forma “gratuita” (de hecho, paga por anuncios). La faceta más visible de esto son los traductores automáticos que, al momento, alcanzaron tal nivel de sofisticación, que cualquier investigador puede leer cualquier texto, escrito en cientos de idiomas de todos los continentes, de forma rápida y bastante eficiente, sobre todo si ese investigador domina inglés y otros idiomas. Los posibles problemas pueden ser corregidos a través de una gran cantidad de diccionarios en línea, también financiados por anuncios, la mayoría de los cuales presentan una interfaz de traducción, como los diccionarios Oxford, Cambridge y Larousse, y cientos de otros. Otro instrumento para la sofisticación progresiva de las traducciones automáticas son las concordancias *on line*, cada vez más numerosas y enormes, abarcando un gran número de idiomas. Puedo mostrar esto con un ejemplo del área de los Estudios de la Traducción. Durante mucho tiempo, me interesé por Jiří Levý (1926-1967), de quien oí hablar por primera vez en Leuven, en un curso ofrecido por José Lambert. Ayer, en Florianópolis, y hoy, en Fortaleza, Lambert mantiene la misma admiración por el colega checo, fallecido tan precozmente. Levý, que posee una gigantesca obra para los pocos años de vida, presenta una contribución significativa no sólo para los Estudios de la Traducción, sino para los Estudios Literarios como un todo y, más específicamente, para el estudio de la poesía y del verso. Pues bien, gracias a las traducciones automáticas, a los diferentes diccionarios y concordancias, y al conocimiento de algunos idiomas, ahora puedo tener acceso directo al texto checo. Como experimento, busqué y encontré la edición checa de su obra más conocida, *Umění překlada*, de 1963, que tuvo una primera traducción en alemán, *Die literarische Übersetzung*

— *Theorie einer Kunstgattung*, en 1963, y una traducción al inglés sólo en 2011. Reproduzco abajo, el primer párrafo del texto en checo, seguido de su traducción realizada por el traductor de Google y el traductor Patrick Corness.

<p>Texto en checo.</p>	<p>Traducción de <i>Google Traductor</i> al o inglés en 09/04/18.</p>	<p>LEVÝ, Jiří. <i>The art of translation</i>. Translated by Patrick Corness. Edited with a critical foreword by Zuzana Jettmarová. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 2011, p. 3.</p>
<p>1. Všeobecná situace</p> <p>Literatura o překládání se jen zčásti pohybuje v rovině teoretické, do dnešního dne většina studií i knižních publikací nepřesahuje hranice empirických pozorování nebo esejistických aforismů.</p>	<p>1. General situation</p> <p>Literature on translating is only partly in the theoretical plane; to date, most studies and books publications does not go beyond boundaries of empirical observations or eseistic aphorisms.</p>	<p>1.1 An overview</p> <p>To date, writing on translation only partially belongs to the realm of theory, as most articles and monographs have been confined to empirical observation or essayistic aphorisms.</p>

He señalado en negrita algunos problemas de la traducción de Google. En comparación con las primeras traducciones automáticas, esta traducción me parece cercana al tipo de traducción que necesito para conocer la obra de Jiří Levý, a partir del texto en checo y usando, claro, mi conocimiento de otros idiomas (incluso un poco ruso) y el conocimiento del área de los Estudios de la Traducción. Estoy curioso para extender ese primer experimento a los otros trabajos de Estudios de la Traducción de Levý, como *České teorie překladau* [Teorías checas de la traducción], de 1957, y para sus innumerables textos sobre versificación.

ENTREVISTA

Rodrigo D'AVILA¹⁰ y Yeo N'GANA¹¹
con Albumita-Muguraş CONSTANTINESCU¹²

Muguraş Constantinescu es profesora de HDR (Habilitación para Dirigir Investigaciones) de la Universidad “Ştefan cel Mare” en Suceava, Rumania, donde enseña estudios de la traducción. Es editora en jefe de la revista *Atelier de Traduction*, directora de la colección “Studia doctoralia — francophonie et traductologie” y coordinadora de la maestría en Teoría y Práctica de la Traducción en dicha universidad.

Ha publicado libros como *Pratique de la traduction*, en 2002; *La traduction entre pratique et théorie*, en 2005; *Les contes de Perrault en palimpseste*, en 2006, todos con la Editorial de la Universidad de Suceava. También publicó *Pour une lecture critique des traductions: Réflexions et pratiques*, en 2013, con ediciones L'Harmattan, París, *Lire et traduire la littérature de jeunesse*, en 2013 con ediciones Peter Lang, Bruselas; y, más recientemente, *La traduction sous la loupe — lectures critiques de textes traduits*, 2017, también con la editorial Peter Lang, Bruselas.

Su carrera ha adquirido un alcance internacional como profesora invitada en la Universidad Blaise-Pascal, Clermont-Ferrand, Francia, en 2004, y también en 2013 como invitada para seminarios de doctorado en la Universidad de Ottawa, Canadá; de igual forma ofreció varias conferencias en la Universidad de Ginebra, Suiza, en 2014, en la Universidad Nacional y Capodistriana de Atenas, Grecia, en 2014, y en la Universidad Paris 8, Francia, en 2015. Su actividad científica incluye más de 40 artículos, estudios e informes en revistas internacionales: *Meta*, *Target*, *Palimpsestes*, *TTR (Traducción — Terminología — Redacción)*, *Tropelias*, *Cadernos de Tradução*, *Quaderns. Revista de Traducción*, *Translations*, *Atelier de*

¹⁰ Universidade Federal de Santa Catarina; CAPES, Brasil, rodrigodavilabraga@gmail.com.

¹¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; Université Félix Houphouët Boigny, Cocody, Abidjã, Costa do Marfim, nganayeo@gmail.

¹² Universidad “Ştefan cel Mare”, Suceava, Rumania. mugurasc@gmail.com.



Traduction, Rielma, Ondina.

Es autora de más de 35 capítulos sobre la historia y la crítica de las traducciones, en trabajos colectivos publicados en el extranjero con las editoriales: Picard, Frank & Timme, Lambert Lucas, L'Harmattan, Peter Lang, Honore Champion, Imprentas Sorbonne Nouvelle, Imprentas Blaise Pascal, Imprentas Universitarias de Rouen, Imprentas de la Universidad de Bolonia, etc.

Entre sus traducciones figuran más de 15 libros y capítulos de G. Genette, G. Durand, A. Montandon, Jean Burgos, J.J. Wunenburger, Pascal Bruckner, Raymond Jean, JP Courtine, Raymond Aron, René Louis, Alain Montandon.



RODRIGO D'AVILA y YEON'GANA (D.R./Y.N.): *Comencemos con su libro **Pour une lecture critique des textes traduits** [Para una lectura crítica de los textos traducidos], publicado por Ediciones L'Harmattan en abril de 2013. ¿Cómo lo resumiría para aquellos que aún no han tenido la oportunidad de leerlo?*

MUGURAŞ CONSTANTINESCU (M.C.): Quiero decir que este libro se completó en 2017 con la publicación de *La traduction sous la loupe* [La traducción bajo la lupa], con la editorial Peter Lang, en el que propongo unas lecturas críticas sobre textos traducidos y también profundizo el concepto de "lectura crítica". Quería reaccionar en ambos libros al concepto de crítica de las traducciones que existe especialmente en el modelo de Berman, presente en su obra *Pour une critique des traductions* [Para una crítica de las traducciones] de 1995. Pienso que el trabajo de Berman es coherente, bien estructurado y muy útil, pero que no se puede utilizar para la gran variedad de traducciones que aparecen en una cultura, a pesar de ser una propuesta de crítica bien estructurada. Uno tiene la opción de escoger entre la crítica bermaniana o la de Lance Hewson del libro *An approach to translation criticism* [Una aproximación a la crítica de traducción], de 2011, ambas completas, minuciosa e ponto. No existe una forma que sea simple para acoger una traducción, mientras que, para la literatura original, o sea, la nacional de cada cultura, hay varias formas: informes, crónicas, artículos, estudios. Para la traducción hay



M.C.: Es la “lectura crítica” que no tiene que respetar rigurosamente todas las etapas de recepción del texto propuestas por Berman para una crítica completa de un texto. En un informe, con el propósito de hacer un primer contacto con el público, no se puede insistir en la posición traductoria, que muchas veces es implícita. Cuando digo “más flexible”, pienso en formas cortas que permiten ignorar una u otra etapa de la crítica detallada de las traducciones, pero que no son tan limitadas. En una crónica, uno puede darse el lujo de enumerar algunas soluciones muy interesantes del traductor si se las considera creativas o si señala omisiones que comprometen el mensaje del texto traducido, si ese es el caso.

D.R./Y.N.: ¿Se puede evaluar una traducción?

M.C.: Mi respuesta será plural. En principio, podemos evaluar una traducción, si tenemos criterios en relación con el proyecto que la engendró. Una condición obligatoria es confrontar el original y la traducción, de lo contrario la evaluación no estaría justificada por completo. Sin embargo, en mi opinión, es más interesante analizar una traducción, comentarla, explorarla. Pensar en términos de buena o mala traducción no es interesante. Es preferible ver si una traducción es muy diferente del texto original o si es una traducción que sacrifica culturemas. Si tomamos el caso de Le Clézio, creo que el traductor de sus primeros trabajos llevados al rumano no fue totalmente responsable por los ajustes del texto. Aparentemente, el editor es que los exigió, o la mentalidad de traducción de la época la que alentó los ajustes. Hoy en día, la propiedad intelectual debe ser respetada y no es negociable. Existe una ley sobre propiedad intelectual que requiere al menos una nota del traductor donde se anuncia que algunos pasajes se han acortado y donde se define el por qué. Es una forma de hacer las cosas bien. En los años comunistas, Le Clézio bien pudo haber sido abreviado en sus listas de árboles y plantas que son importantes en su caso ya que muestran su particular mirada hacia la naturaleza. Hoy en día, la mentalidad sobre la traducción ha cambiado. Necesitamos volver a poner las cosas en su contexto y también ver la evolución de la visión de la traducción a nivel de editor. Es en este sentido que es interesante evaluar una traducción, poniéndola en contexto. Si juzgamos con dureza a este primer traductor en un momento en que las ideas sobre ecología, incluso las de propiedad intelectual no eran tan claras como hoy, uno se arriesga a elaborar evaluaciones erróneas.

No debemos juzgar con los criterios de nuestro tiempo, el siglo XXI, una traducción que tiene más de medio siglo de antigüedad.

D.R./Y.N.: ¿El original es una metáfora? De hecho, ¿existe el “original” o hay “originales”?

M.C.: Creo que para el cuento popular la situación del original es más complicada. Pero para una obra de Genette o Pascal Bruckner existe el original, al menos desde el punto de vista editorial. Bueno, no se llama original en su país, se llama “trabajo”, “última novela”, “último ensayo”, “libro”, “obra”. Creo que el original es un término que surge en el momento de un análisis comparativo. Se debe asignar un nombre al texto que se ha traducido y luego se trata de una convención, se habla del original y de la traducción, el texto a traducir y el texto traducido, el texto de origen y el texto de destino. Si pensamos que cada lector, incluyendo cada traductor, lee el texto a través de su subjetividad, su horizonte cultural, su tiempo, etc., podemos decir que hay varios originales. Cómo pasa el original a través de la traducción, eso es otra cosa. Por eso hay una tendencia a volver a traducir especialmente a los grandes autores, porque cada época tiene su visión del mundo y la lengua también evoluciona. Por lo tanto, es necesario publicar re-traducciones, especialmente para autores que vivieron, digamos, hace siglos, o incluso para un trabajo que ha sido publicado por un autor contemporáneo. Pero si el libro se publicó hace 40 años, la traducción empieza a envejecer y a ser relacionada con una determinada lengua en un período determinado. Entonces “¿hay un original?”. Cuando el traductor tiene un libro de 300 páginas y no sé cuántos capítulos para llevar a su lengua, puede llamarse original o no, pero es el texto de partida. El caso de los cuentos populares es diferente. Para Perrault, que representa el relato especializado, el texto existe, aunque originalmente haya estado inspirado en la literatura oral. Hay un texto del autor, que tiene detrás un palimpsesto completo, pero es un texto concreto, evidente con oraciones, puntuación, ilustraciones.

D.R./Y.N.: ¿Podría contarnos cómo usted se convirtió en traductora?

M.C.: Creo que tenía desde muy joven lo que se llama el impulso traductorio. Yo era una estudiante en la escuela secundaria en mi ciudad

natal donde aprendí francés, que me gustaba mucho. Incluso estaba muy interesada, por ejemplo, en profundizarlo, en consultar libros de texto con cierta frecuencia dentro de los límites posibles de la era comunista. Como en ese momento también estaba muy apasionada por la poesía, me ofrecí como voluntaria para traducir algunos poetas rumanos. Y traduje algunos textos que publiqué en un periódico nacional, en la condición de joven traductora. Después, hice el bachillerato y me presenté a los exámenes para la admisión en la universidad, donde estudié doble especialidad franco-rumana. Y como estudiante, estaba muy contenta por tener la oportunidad de trabajar en textos literarios en los cursos de traducción, porque en efecto teníamos cursos de traducción. Me apasionaban tanto estos cursos hasta el punto que también asistía a clases que no formaban parte de mi programa. También pasé para un examen nacional para obtener el “certificado” de traductora. Obtuve mi certificado, pero realmente no me ayudó porque las editoriales tenían sus propios traductores. Durante los años comunistas, pude traducir un fragmento aquí y otro allá en alguna revista literaria, para responder a este deseo, a este ímpetu por traducir. En un momento determinado, traduje a mis hijas unos cuentos de Madame d'Aulnoy del siglo XVII. Traducía lo que les leía. Traté de publicarlos y me dijeron que eran cuentos aristocráticos, con condesas, y que ese no era el momento. Así que no pude publicar mis traducciones de aquella época. En cambio, pude traducir después de la caída del comunismo cuando el mercado editorial se abrió y se expandió. Conocí a Raymond Jean, novelista y profesor de la Universidad de Aix-en-Provence que vino a visitar Rumania. Me regaló un libro llamado *La lectrice*, muy interesante por su carga intertextual porque el autor imaginaba a una mujer que había estudiado literatura y que se sentía un poco aburrida como ama de casa; entonces logró hacer, mediante “clasificados”, lecturas en casa de Maupassant, Mallarmé, Sade, etc. Así que propuse esta traducción a una casa editorial, Univers, que era especializada en literatura extranjera. La recibieron bien y la aceptaron para publicación. Entonces los editores me ofrecieron otras traducciones. Durante unos veinte años, traduje obras propuestas por mí o por los editores, que me interesaban y que eran provechosas para mí. Lo hacía en mis horas libres, porque yo trabajaba: siempre fui profesora de francés. Nunca he sido una traductora remunerada, que vivió de las traducciones. En la actualidad, publico principalmente traducciones colaborativas hechas con estudiantes



y nuevos colegas. Es un trabajo tan estimulante y gratificante como la traducción individual, solitaria. En resumen, puedo decir que la traducción ha marcado mi vida personal y profesional y continúa fascinándome y preocupándome, ya sea como una práctica o como un objeto de reflexión.

D.R./Y.N.: En 2008, usted organizó un Simposio Internacional titulado “Panaït Istrati sous le signe de la relecture” [Panaït Istrati bajo el signo de la relectura]. Lo que nos interesa aquí es especialmente la relectura. Traducir es también releer, redecir, reescribir. Entonces, ¿cuál es su lectura del prefijo “re” desde un punto de vista filosófico?

M.C.: Creo que ya comencé la respuesta hablando sobre la retraducción. Yo diría que nuestro tiempo está más o menos bajo el signo del “re”. Ya en la traducción, hablamos de retraducción, en la literatura hablamos de reescritura, en los espectáculos hablamos sobre visitar este o aquel texto. Si se amplía la idea, en arquitectura sabemos que una antigua fábrica se puede transformar en un centro cultural, lo que se llama conversión de edificios; en ecología se nos pide, se nos invita a reutilizar algún producto. Estamos en la era de la “re” y creo que eso es algo bueno porque, por un lado, si hablamos de reconversión y de reutilización somos más ecológicos, más atentos al mundo contemporáneo; por otro lado, reconocemos algo de herencia en el sentido de que una nueva traducción indica que ya existe una primera, o dos, o tres. También es el reconocimiento de un fenómeno de evolución, de una serie que se ha formado a través de retraducciones. El caso de la reescritura es más complejo. Ahora estoy dirigiendo una tesis sobre los cuentos de Perrault y su reescritura gracias a la traducción. En este caso, la estudiante de doctorado se encargará de las traducciones que existen para los cuentos de Perrault, recopilando también las reescrituras de los mismos. Preferimos las reescrituras que son traducidas para tener la posibilidad de trabajar por segunda vez en una misma traducción. De la colección *Les contes de Perrault à travers le monde* [Los cuentos de Perrault en todo el mundo], tomamos a Cenicienta y miramos su historia en varios países, en varias culturas porque, para nosotros, también es importante contar con la traducción de esta reescritura. Especialmente para los cuentos que son famosos, está muy de moda ofrecer unas nuevas versiones, y si es posible, versiones más personales. Compré un libro en la biblioteca de tu universidad llamado *Cenicienta brasileña*. Es interesante

ver que estos personajes de cuentos, estos patrones de cuentos de hadas tienen una vida nueva, adaptada. Y ya sabe, he visto muchas Caperucitas Rojas donde el lobo es inocente e ingenuo mientras que la chica es la que lo seduce. Cuando se celebró el centenario de los cuentos de Perrault hace ya diez años, en 1997, se publicó una colección en Francia cuyo título era *Les contes de Perrault* [Cuentos de Perrault], revisados y reescritos por varios autores contemporáneos para adultos. Así que estamos en la reescritura y, por ejemplo, existe la reescritura para la *Bella Durmiente*. Vi un libro muy interesante publicado por el autor marroquí Tahar Ben Jelloun, *Mes contes de Perrault* [Mis cuentos de Perrault], en el que les dio un nuevo toque magrebí. También he visto que muchos ilustradores dan una nueva lectura a los cuentos de hadas solo por sus ilustraciones, más eróticas, más mágicas, depende, o por el contrario, más oscuras.

D.R./Y.N.: *¿Cómo usted analiza la circulación de las obras de Eminescu en Rumania, y en Europa en general? ¿Fue importante la traducción en este caso?*

M.C.: En Rumania las obras de Eminescu circulan bien, es nuestro poeta nacional. En lo que se refiere a las traducciones de Eminescu, el asunto es complejo y difícil de resolver. Ha sido traducido ampliamente a varias lenguas europeas y también fuera del viejo continente; se estima que había alrededor de ochenta lenguas en las que fue traducido, entre las que se cuentan las más conocidas, como alemán, francés, inglés, español, portugués, italiano, griego, ruso, chino, coreano; y algunas menos conocidas como catalán, malgache, lituano. Si mi información es buena, Eminescu también ha sido traducido en Brasil con los títulos: Eminescu, Mihai: *25 poemas de amor romântico* (antología), Fortaleza: Expressão Gráfica, 2004; e Eminescu, Mihai: *Vésper*, Fortaleza: Cearte, 1989; São Paulo: Giordano, 1994. Las traducciones lo han hecho ser conocido como el poeta nacional rumano, pero sin tener siempre éxito en mostrar la profundidad y la densidad de su universo, y la dimensión filosófica que lo sustenta. Tomaré las traducciones en francés, porque las conozco mejor. Desde su muerte y hasta ahora, muchos traductores han tratado de llevarlo al francés: Rea Ipcar, Nicolae Jorga y Septime Gorceix, Pierre Nicolesco, L. Barral, Marguerite Miller-Verghy, S. Pavès, Hubert Juin, Georges Barthouil e Ilinca Barthouil-Ionesco, Annie Bentiou, Dimitire Suchianu, Veturia Draganescu,



Michel Steriade, Alain Bosquet, Alain Guillerrou, Paul Miclau, Jean-Louis Courriol, Elisabeta Isanos, Maria Voda Căpușan, Ariadna Combes, Emil. Kiropol, Michel Wattremez Constantin Frosin entre otros. El hecho es que las traducciones de Eminescu no siempre han sido útiles para el poeta porque a veces le han dado una dimensión endulzada y, afectada, buscando a toda costa la rima y la prosodia. Según el poeta y traductor de vanguardia Benjamin Fondane, sobre Eminescu, hasta 1933, “este gigante cuyo lenguaje es tan maravilloso que es imposible encontrar el equivalente en otra lengua”, nada suyo “pasó al francés” o solo unos pocos poemas se transformaron en “canciones de poca monta” (1933). Esto se explica por su “revolución en torno a una gran corriente lírica europea”, incluido el romanticismo ya detenido en su tiempo, y por su traducción tardía, en pleno modernismo. Según la traductora y editora Irina Mavrodin, la desgracia de Eminescu en la lengua francesa está relacionada con la lengua de traducción cuya estructura es más analítica que la del rumano, alargando y diluyendo las traducciones. A esto se añade la torpeza de los traductores que privilegian sobre todo la rima y la prosodia tradicional, adornando la poesía de Eminescu, en lugar de proponer una traducción renovadora, más atenta a sus especificidades poéticas, a su color léxico y a su musicalidad interior. Según Miron Kiropol, uno de los mejores y más recientes traductores de Eminescu, para quien la traducción es un verdadero acto de recreación, la culpa es de quienes han seguido la “tentación de versificar didácticamente” su poesía, transformándolo en un “sous-Chenier”, en lugar de “modernizar un poco al inmenso poeta”, y proponer una lectura compatible con el público contemporáneo.¹³ Puedo decirle cosas buenas sobre la traducción de la prosa de Eminescu, ya que tuve la oportunidad de investigar sobre esto. Eminescu también publicó cuentos, de origen popular, a los que les dio una forma mucho más lírica con imágenes típicas de su universo. Y una de sus historias es “*Beau vaillant né d'une larme*” [Bello valiente nacido de una lágrima]. Esta es la historia de un príncipe encantador, nacido de las lágrimas de una reina que no puede tener hijos pero que tiene la protección de la Virgen María. Y allí, me sorprendió ver que la primera traducción de este cuento fue hecha por Jules le Brun, un francés que había sido profesor de francés en Rumania y también conocía bien el rumano. En

¹³ EMINESCU, Mihai; KIROPOL, Miron. *Poésies / Poezii: comment lire Eminescu en français*. Bucarest: Albatros, 2001, p. 6.

1890, un año después de la muerte del gran escritor, el cuento se publicó bajo el título genérico “Rhapsodies Roumaines”, en una edición especial de *Semur*, revista literaria y artística publicada en Lausana. La traducción no está firmada, pero pertenece al mismo traductor que la publicó en 1894 en París, en la colección *Sept contes roumains* [Siete relatos rumanos], Librairie Firmin-Didot, ya bajo el nombre de Jules le Brun. Él conservó intactas en el texto muchas palabras de la lengua rumana, difíciles de traducir. Escribió suficientes notas en este cuento, explicando estas palabras y también su forma de trabajar. ¡Y eso a finales del siglo XIX! Ahora es más común, especialmente en la literatura poscolonial, colorear el texto con los términos que provienen de la cultura original. En ese momento, él tenía esta intuición que me agradó mucho. Luego también explicó cómo hizo la elección de las notas. Un poco más próximo, el joven traductor Michel Wattremez, ha traducido al francés los cuentos y la prosa de Eminescu con ediciones Actes Sud, quienes crearon una colección de Letras Rumanas. Esta colección nació gracias a la profesora que ya le mencioné, Irina Mavrodin, directora y fundadora de la revista *Atelier de Traduction*, una excelente traductora de Proust, y de otros autores. La prosa de Eminescu está bien trabajada en la traducción francesa. El público contemporáneo está acosado por tantos libros que aparecen en medio de un mercado saturado, pero aun así, ha habido lectores interesados en la prosa de Eminescu. Michel Wattremez también logró llevar al francés una gran parte de las obras póstumas de Eminescu.

D.R./Y.N.: ¿Cuál es la literatura que se traduce hoy en Rumania?

M.C.: ¡Sería una respuesta muy amplia! Hoy en día, traducimos al rumano todas las lenguas, todas las culturas, todos los géneros, todos los estilos. Como en otros países, los grandes premios, nacionales o internacionales como los Nobel, se traducen lo antes posible. Intentamos ser conscientes de todo. Hay editoriales que son bastante sólidas y tienen colecciones, como una serie publicada por ediciones Art dedicada a Le Clézio, uno de los novelistas franceses premiados por el Nobel. Las ediciones Polirom tienen la serie Modiano, otro Nobel; Humanitas con la serie Coelho, como el autor más vendido en todo el mundo, y los ejemplos podrían continuar. Se traducen grandes autores japoneses, suecos, noruegos, africanos, magrebíes y también de otras culturas. Durante aproximadamente diez o quince años



en las ediciones Univers, ha habido una serie de literatura brasileña. Se han traducido autores como: Érico Veríssimo, Luis Fernando Veríssimo, Moacyr Scliar, José Mauro de Vasconcelos, Clarice Lispector, João Paulo Cuenca, Patrícia Melo, Paolo Lins, Alberto Mussa entre otros. En Rumania, como en muchos otros países, la traducción domina el mercado editorial, a pesar de tener una literatura nacional igualmente interesante. A esto le sumamos la traducción de literatura juvenil, obras de las ciencias humanas, un campo muy importante, y también obras de arte, de filosofía, técnicas y científicas. No olvidemos los libros con alcance ecológico, ¡muchos traducidos también! El mercado editorial de traducciones es muy amplio y no se limita a textos literarios.

D.R./Y.N.: ¿Cuál es el futuro para la traducción en Rumania?

M.C.: Desde un punto de vista cultural, creo que Rumania es lo que se llama una “cultura traductora”. Allí traducimos desde el siglo XVI, cuando comenzamos con los textos religiosos. Es un país traductor desde el punto de vista de la literatura, las ciencias humanas y otras áreas también. Con un pasado y un presente de esa naturaleza, creo que podemos predecir un buen futuro para la traducción. Gracias a nuestra Maestría en “Teoría y práctica de la traducción”, preparamos a nuestros graduados para la traducción editorial, especialmente en las ciencias humanas. Practicamos, como dije antes, la traducción colaborativa, que funciona muy bien. Creo que continuaremos en esa dirección. La traducción tiene una dimensión de diálogo, que significa apertura y un interés por el Otro. Debemos reconocer que existe una asimetría entre una cultura que ya se conoce y otra que quiere darse a conocer, como la nuestra y quizás la suya. Tuve una gran sorpresa al ver que aquí en Brasil se conoce el teatro de Ionesco e incluso sus cuentos. Dirce Waltrick do Amarante tradujo los cuentos de Ionesco que, en Rumania, también se traducen, porque están escritos originalmente en francés. Además, aquí conocemos a un autor que es bicultural. Vive entre Francia y Rumania: su nombre es Visniec. Es alguien de nuestra región y a veces viene a nuestra universidad, así que lo conocemos bien. O sea, otra buena sorpresa saber que se traduce y que se reproduce aquí. Es un autor contemporáneo. Para resumir mi respuesta, la traducción continuará tanto en Rumania como en el mundo, y es bueno que pueda continuar.

D.R./Y.N.: En su opinión, ¿cuál es el lugar de las teorías de traducción en la actividad de traducción en general?

M.C.: Aquí, mi respuesta también será plural. Creo que un traductor puede ignorar las teorías de los estudios de traducción y seguir siendo un buen traductor. Pero también creo que los estudios de traducción, de una manera más influyente, logran incidir en algunas tendencias como, por ejemplo, en la retraducción necesaria debido a la longevidad de una traducción en particular. Existe la idea de que, en un momento dado, una traducción puede volverse obsoleta, pasada de moda, sentirse como anticuada y entonces el texto necesita ser traducido de nuevo para el público contemporáneo. Además, creo que cada traductor, de una manera más o menos consciente, tiene una visión sobre la traducción cuando está trabajando. La conocida traductora y traductóloga belga Françoise Wuilmart, habló en el Congreso Mundial de Estudios de Traducción de 2017, en la Universidad Paris Nanterre, sobre la metodología inconsciente del traductor. La persona que traduce tiene algunas ideas sobre la traducción, incluso si no las teoriza, incluso si no las expone. Y un traductor real adapta esta visión sobre la traducción de un texto a otro porque a veces los textos son bastante diferentes o bastante distantes entre sí. Pienso en Irina Mavrodin que tradujo un poco de todo: Proust, Bachelard, Madame de Staël, Madame de Sévigné, Gide, Camus y muchos otros. Una diversidad de estilos y géneros. Creo que, implícitamente, cada traductor tiene su propia visión del oficio de traductor.

D.R./Y.N.: ¿El hecho mismo de expresar su opinión sobre la traducción, no se debe al hecho de que la propia editorial no la favorece? Además, uno se pregunta si ¿es importante estudiar la traducción como un hecho social?

M.C.: Sí, sin duda. Es vital. Pero noté una tendencia en Rumania en los prefacios de los traductores, especialmente si ellos son al mismo tiempo universitarios y traductores. En ese caso, hacen un esbozo de crítica de las traducciones anteriores para justificar, por ejemplo, su (re)traducción de *Madame Bovary*. En los foros, en los blogs, ha habido comentarios sobre alguna traducción en particular, lo que significa que hay una nueva forma de debatir las traducciones. Los traductores se expresan en prefacios o en internet, en varios blogs, lo que puede ser una tendencia hoy en día.



Es una tendencia todavía tímida pero que se irá desarrollando. Yo no diría que el traductor no hace oír su voz en Rumania ni que no tenga el derecho a expresarse. Le daré un ejemplo increíble e incluso sorprendente de una traductora muy importante de lengua portuguesa y literatura brasileña llamada Micaela Ghițescu. Una conocida editorial en Rumania, Humanitas, le propuso que escribiera un libro sobre su experiencia como traductora. Lo hizo al incluir la historia completa de su vida, porque fue a la cárcel bajo el régimen comunista, cuando no se le permitió enseñar y para ella, al principio, la traducción era una forma de sobrevivir, lo que luego se convertirá en una verdadera pasión. Otra traductora, Irina Mavrodin, también publicó sus ensayos sobre traducción a solicitud de la editorial Scrisul Românesc.

D.R./Y.N.: ¿El traductor tiene el derecho de modificar el texto “original”?

M.C.: La respuesta a esto tiene varios matices. En principio no, el traductor no debe modificar el original al traducirlo. Pero existe el caso de las adaptaciones, versiones abreviadas en las que el texto se modificará y que se justificará mediante informaciones que aparecerán en la página del título para marcar la diferencia con una traducción. Pero incluso si el texto está totalmente preservado, el traductor puede “modificar” el original, de una manera menos leal, al proponer su propia lectura sobre el texto que traduce y no la pluralidad de lecturas que el original propone. Le daré un ejemplo para ser más concreta. He analizado varias traducciones de Mallarmé y sabes que él es el maestro de la ambigüedad, pues quería decir varias cosas con un mismo texto. Allí, creo que la ambigüedad debe mantenerse absolutamente. Entonces, el verdadero traductor no va a elegir una de las lecturas posibles para un texto de Mallarmé, para una oración de Proust, para un autor que se preste a este tipo de lectura plural. Las cosas son diferentes para un texto científico o un texto de ciencias humanas, donde realmente no hay una elección de lectura y debemos conservar la precisión. Sin embargo, para la traducción literaria, de manera involuntaria, la época se insinúa en el texto y deja su huella. Cuando un traductor trabaja, está inmerso inevitablemente en su tiempo. Es muy difícil tomar distancia. Por ejemplo, publiqué la traducción de los cuentos de Perrault hace más de veinte años y ahora me gustaría volver a traducirlos porque ahora estoy mucho más interesada en las teorías de la traducción de hoy y haré

la traducción de manera un poco diferente. Pero puedo decir que tomé buenas decisiones, desde el punto de vista cultural. No renuncié a la “salsa Robert” que la Reina Ogresse ama (existe esta famosa salsa Robert en *La Bella Durmiente* que los traductores eliminan porque dicen que es un detalle que no tiene nada que decir a los lectores rumanos), pero creo que es bueno dar, incluso al niño, un detalle que le despierte la curiosidad, que le haga pensar “¿qué es esta salsa Robert?”.

D.R./Y.N.: ¿El traductor es el autor del texto traducido? ¿Es el responsable del producto final?

M.C.: Como tuve muchos contratos de traducción, debo decir que en el contrato, al menos en mi país, el traductor se llama “autor” y es el responsable de su versión. Sin embargo, el editor interviene con sus propias exigencias. El traductor no está solo en el proceso editorial que lleva a la publicación de una traducción. En algunos contratos que firmé, se estipuló que el editor decidiría el título. El título es a menudo controvertido. Por ejemplo, Camus había propuesto otro título y fue el editor, Gallimard, quien eligió el título *L'étranger* [El extranjero]. En la cadena editorial, una vez que el traductor da su traducción al editor, un “redactor”, un “corrector” vuelve a leer el texto y comienzan las negociaciones con el traductor por una u otra elección. En general las cosas suceden amigablemente, incluso de manera constructiva. Yo diría que el traductor comparte la responsabilidad del texto traducido con su editor. Él no es el único responsable. El editor tiene un papel en la práctica concreta de producir un libro que pasa por el diálogo. Dos veces, el título propuesto por el editor fue más atractivo para el público. Otras veces tuve que defender “mis” títulos. Además, rechacé cortésmente algunas sugerencias del editor para el libro de Genette, especialmente porque tuve la oportunidad de hablar con el autor y yo tenía buenos argumentos. Pero, en general, estas negociaciones entre el traductor, el redactor, el editor (el responsable de la colección), apuntan a la buena recepción del libro por parte del público y es más bien un trabajo en equipo que lo garantiza. En todo caso, esa ha sido mi experiencia.

D.R./Y.N.: ¿El traductor tiene el derecho de ser creativo frente al original si hablamos de una obra clásica?





M.C.: Creo que hay espacio para la creatividad en casi todas las traducciones, pero una creatividad aun controlada por el original, por ciertos límites. No podemos agregar metáforas que no existen, no podemos cambiar los personajes. Por lo tanto, hay límites impuestos por el original, de lo contrario sería una re-escritura, una réplica, una imitación elaborada a partir del original. Tomemos un texto literario cuyo texto de origen contenga muchos sentidos, muy rico en matices y un traductor, por ejemplo, que no sea muy valiente ofrecerá un texto plano, neutro, correcto, pero donde se pierden los matices y ciertas riquezas simbólicas. Allí, creo que el traductor debe tener el coraje de explorar bien su propia lengua. Incluso si pensamos que la conocemos bien, cuando traducimos nos damos cuenta de que a veces no nos satisface. Pero si pensamos de nuevo, si buscamos, si tomamos el camino de los sinónimos, si pensamos en otros textos, podemos encontrar una palabra antigua, una palabra poco común que podría servir sin perder la armonía del texto. No se debe escoger una palabra extravagante, o la solución más neutral, si el texto de origen tiene cierta riqueza. El traductor puede ser creativo al explorar su propia lengua aun más, dejando de lado la solución más predecible. Creo que a menudo la creatividad rima con intrepidez.

D.R./Y.N.: *¿Cómo ve la importancia de la historia de la traducción y de la historiografía de la traducción?*

M.C.: Para mí es un proyecto muy importante que todas las culturas deberían tener. Es fundamental para cada cultura desarrollar una historia de las traducciones, al igual que hay historias literarias en cada cultura. Esto reconocería la contribución de la traducción tanto a la literatura como al patrimonio nacional. La traducción enriqueció la lengua rumana con nuevas palabras, permitió la circulación de ideas, de terminología científica, etc. Ya he trabajado en este proyecto de reconocimiento de la traducción como parte del patrimonio nacional, pero se puede hacer de una mejor manera en equipo, a través de una historia de las traducciones de la lengua rumana. Existen, desde el siglo XIX, traductores como Odobescu que reconocen que el rumano tiene la oportunidad de enriquecerse como lengua literaria también a través de las traducciones. Consideran que es una oportunidad para ajustar la lengua nacional a través de traducciones, cuando la lengua literaria aún no está bien formada. Desde hace algún

tiempo se han realizado estudios sobre la historia de las traducciones, especialmente a nivel universitario. Por ejemplo, Georgiana Badea, mi colega de Timisoara publicó directorios de traducciones y traductores para lenguas específicas. En la universidad, yo engendré una colección de estudios de traducción en los que la historia de las traducciones ocupa un lugar importante. Mis estudiantes de doctorado continuaron en sus tesis las sucesiones de esta historia, trabajando sobre Balzac, Flaubert, Maupassant, Merimee, Verne, Voronca, Fondane, Istrati, Maalouf, Ionesco, Beckett, Le Clézio y otros escritores. Descubrimos y trabajamos sobre textos nunca comentados desde el punto de vista de la traducción y que contribuyen a la construcción de una historia de las traducciones. Tenemos muchos instrumentos ya desarrollados, como el *Diccionario de la novela* traducido en rumano, bibliografías nacionales que son importantes en la elaboración de una historia de las traducciones. Estoy organizando una conferencia para octubre de este año (2018) para la celebración del Centenario de la Grande Unión sobre “100 años de traducciones en lengua rumana 1918-2018”. Este será, sin duda, el paso decisivo para lanzar este proyecto de gran escala y a largo plazo: “Una historia de las traducciones rumanas en los siglos XVI-XX”. Prometo darle noticias.



ENTREVISTA

Marie Helene Catherine TORRES¹⁴ con Georges BASTIN¹⁵

Georges Bastin es profesor titular en el Departamento de lingüística y traducción de la Universidad de Montreal en Canadá. Es responsable por el Grupo de investigación HISTAL — História de la Traducción en Latinoamérica y es editor jefe de la revista *Meta*. Le interesa todo lo relacionado a la traducción en América Latina, particularmente Venezuela. Los temas principales son la independencia, la prensa antigua y las actividades lingüísticas de los franciscanos y jesuitas. En pedagogía, son los aspectos de la reexpresión que ocupan sus reflexiones, es decir, la traducción como actividad onomasiológica. Trabaja principalmente con las técnicas de redacción y autorevisión. En el ámbito teórico, Georges L. Bastin está particularmente interesado en las intervenciones deliberadas del traductor, como la adaptación y la apropiación.



MARIE HELENE CATHERINE TORRES (M.H.C.T.): *Usted es belga y trabaja hace mucho tiempo en Canadá, además de haber realizado una incursión de muchos años en Venezuela. ¿Podría describir su carrera académica? ¿Su formación?*

GEORGES BASTIN (G.B.): Terminé una licenciatura en Traducción en la Université de Mons en 1974. Luego, realicé una colaboración internacional en Venezuela como traductor-intérprete en una organización sindical latinoamericana. En 1978, comencé a leccionar traducción e interpretación en la Universidad Central de Venezuela (UCV). Enseñé traducción del

¹⁴ Universidad Federal de Santa Catarina; Universidad Federal de Ceará; CNPq, Brasil, marie.helene.torres@gmail.com.

¹⁵ Universidad de Montreal, Canadá, georges.bastin@umontreal.ca.

español al francés, así como el curso de toma de notas (introducción a la interpretación consecutiva), interpretación consecutiva y simultánea, en todos los niveles. En 1987, fui a París para un doctorado en L'ESIT (Escuela Superior de intérpretes y traductores), que obtuve en 1990. Mi tesis se centró en la noción de adaptación en la traducción. De hecho, para un trabajo de promoción en la UCV, ya había adaptado el libro de Jean Delisle: *L'analyse du discours comme méthode de traduction*. El original, escrito en francés, tenía como objetivo capacitar sobre la traducción inglés-francés. Mi adaptación al español era destinada a futuros traductores del francés al español. Sin embargo, me faltó la reflexión teórica sobre esta práctica, la adaptación, que pretendía rehabilitar. De vuelta a Venezuela, continué mi enseñanza, pero sobretodo, creé y dirigí el Departamento de Traducción y Interpretación. Anteriormente, los profesores de traducción pertenecían al departamento de su respectivo idioma. Después de un año sabático en la Universidad de Montreal en 1996-97, decidí emigrar a Canadá en 1998 para trabajar en la Universidad de Montreal donde aún me quedaré por algunos años.

M.H.C.T.: Ya sea a nivel personal o profesional ¿cómo usted se interesó por traducción? y ¿cómo dio inicio a su carrera de traductor-intérprete? ¿dejó de lado sus habilidades de traductor o todavía traduce?

G.B.: Al momento de escoger mis estudios universitarios, sabía que quería especializarme en idiomas modernos, pero quería estudiarlos, no en filología ni en literatura o en lingüística, sino en su uso contemporáneo. Así que elegí estudiar traducción después de escuchar testimonios de traductores profesionales. Conseguí algunos menús de contratos de traducción en Bélgica (holandés-francés), pero realmente comencé mi carrera como traductor-intérprete profesional en Venezuela. Entendí rápidamente que el trabajo de las 9h hasta las 17h no era para mí. Cuando tuve la oportunidad de enseñar en la UCV, no dudé. Pero nunca dejé de actuar en el mercado profesional y en el ámbito de mi investigación. Creo que sería imposible para mí enseñar traducción profesional sin que yo mismo la practicara. En realidad, es mi práctica como traductor e intérprete profesional que me ha permitido concentrarme en las dificultades de reexpresión y en las técnicas de revisión y auto revisión. Eso fue lo que también me iluminó a lo largo de mi investigación sobre la historia de la traducción.

M.H.C.T.: Usted ha escrito mucho sobre las diferencias y similitudes entre la traducción y la adaptación. ¿Podrías hablarnos de ello?

G.B.: Desde mis primeros trabajos como traductor e intérprete, me di cuenta que este ejercicio no es puramente lingüístico o automático y que el traductor posee mucho margen de maniobra en su reescritura de textos y discursos. ¡Siempre me negué a ser un loro! Cuando, para mis cursos en la UCV, emprendí la versión en español del manual de Jean Delisle, pronto me di cuenta que se trataba de mucho más que traducir. Tuve que adaptar este manual para mis estudiantes venezolanos, totalmente diferentes de los alumnos canadienses de Delisle. Así que decidí cambiar los idiomas de trabajo del manual (francés-español en vez de inglés-francés) manteniendo los fundamentos teóricos del original. Este cambio me llevó a realizar numerosas intervenciones: un nuevo contexto educativo, ejemplos y referencias nuevas para ilustrar los fundamentos del método y, especialmente, nuevos objetivos de aprendizaje, adaptados a los nuevos idiomas de trabajo. Ese trabajo de adaptación me convenció que es esencial una reflexión teórica sobre el tema, dada la vaguedad teórica que rodea la noción de adaptación. Mi tesis de doctorado en ESIT me permitió mostrar que la adaptación puede ser puntual o global. Puntual, es decir, un proceso común de la traducción en el idioma del texto (ciertas palabras, expresiones o pasajes) y, en general, una táctica opcional. O global, es decir, una estrategia global y coherente no relacionada con el texto en sí, sino con el acto de comunicación. La adaptación global, por lo tanto, difiere de la traducción propiamente dicha en que la última se relaciona con el significado o sentido, mientras que la adaptación se relaciona con la transferencia del objetivo o de la función del acto de la comunicación verbal. A diferencia de la “traducción” china que mantuvo todos los ejemplos, referencias y objetivos del original, perdiendo la función eminentemente didáctica del original, mi versión reproducía esta función, para “capacitar” estudiantes venezolanos en la traducción del francés para el español y no simplemente “informar” sobre la traducción inglés-francés. La adaptación exige, por consecuencia, una equivalencia funcional que se manifiesta en las decisiones creativas y subjetivas del traductor en función del propósito del original y de las necesidades del público.

M.H.C.T.: Usted es editor de la revista Meta. ¿Podría decirnos cuándo y cómo nació? ¿Cuales son los momentos eminentes de su historia?

G.B.: *Meta* comenzó en 1955 como un “diario de traductores”, un boletín de traductores profesionales, bajo la dirección notable de Jean-Paul Vinay. Sus primeros 40 números, relativamente anecdóticos pero indicativos de los comienzos de la traducción en Canadá, están siendo digitalizados y pronto estarán disponibles en línea, en el sitio web Erudit (<erudit.org>). Diez años más tarde, en 1966, bajo el liderazgo de André Clas, se convirtió en académica, publicada por Presses de l’Université de Montréal. Durante 40 años, André Clás lideró *Meta* como una de las mejores revistas especializadas de traducción en el mundo. En 1998, se convirtió en la revista insignia de la plataforma electrónica Érudit donde era difundida en línea. Por ahora, la revista es de acceso abierto con una barrera móvil de un año. Es probable que pronto entre a libre acceso. En 2008, Sylvie Vandaele reemplazó a André Clas y modernizó la revista, revisando tanto su diagramación como su proceso de evaluación en pares. El número de ediciones fue de 4 a 3 por año. Tomé la dirección en 2014. La revista cuenta con una base de datos de 2300 contactos y de 650 evaluadores en 35 países. La tasa de rechazo de artículos enviados (más o menos 120 por año) gira en torno de 75%. *Meta* es, más que nunca, referencia inevitable en el mundo de los estudios de la traducción, apreciada por académicos de todo el mundo. Cerca de 200.000 personas la visitan cada año y se consultan cerca de 1 millón de páginas.

M.H.C.T.: ¿Cuál es su política de publicación en Meta? ¿Sigue ciertos ejes? ¿Cambiò, junto a su equipo, el estilo de la revista o los autores que participan de la revista, ya que parece que un 50% de los artículos que son publicados deben ser en francés? ¿Por qué?

G.B.: *Meta* publica principalmente artículos destacados (alrededor de diez por edición) y reseñas. *Meta* acepta únicamente artículos científicos originales (excepcionalmente traducciones) sobre traducción, interpretación, terminología y otros problemas lingüísticos en francés, inglés y español (excepcionalmente algún otro idioma). Cada artículo es evaluado de forma anónima por 2 o 3 especialistas del área en cuestión. Los artículos deben tener de 8000 a 11000 palabras en inglés, francés o español





y los autores deben firmar un formulario de estado original y respetar la diagramación de la revista. Con respecto al francés, uno de los organismos que otorga subvenciones, el FRQSC (Fonds de recherche québécois — Société et culture) sugiere fuertemente que el contenido en francés debe ser mayoría. De ahí nuestra insistencia en que los autores envíen sus artículos en francés. También es necesario saber que *Meta* publica una edición especial por año. Estas ediciones son temáticas y son dirigidas por colegas extranjeros. La demanda por este tipo de edición es muy alta. Estamos con reservas hasta 2025... Ante tal solicitud, decidimos publicar las ediciones fuera de serie, pero el financiamiento de estos (en torno de 10.000 \$ CAD) es responsabilidad de los directores de la edición.

M.H.C.T.: Usted es especialista en traductología, como dicen en Canadá, especialmente en la investigación sobre traductores. ¿Podría hablarnos del estado de su investigación y sus publicaciones principales que indicaría para dicha investigación?

G.B.: Mis intereses de investigación son la historia de la traducción en América Latina y la enseñanza de la traducción, particularmente de redacción y revisión. En cuanto a la historia, estoy en mi cuarto gran proyecto: narraciones de viajes traducidas en Venezuela y en Colombia en los siglos XVIII y XIX, tituladas *Le regard de l'Autre*. Los precedentes se referían a Venezuela: documentos fundadores de la emancipación política, los periódicos independentistas y la conquista espiritual. La mayoría de los artículos relacionados con mi investigación en historia están en nuestro sitio, excepto el del eurocentrismo publicado en 2017 en *Perspectives* nº 25. Serán publicados dos estudios, escritos en colaboración con mi colega (¡y amigo!) Álvaro Echeverri. La primera es la entrada correspondiente a “South America” en *A world atlas of Translation Studies* dirigida por Yves Gambier y Ubaldo Steconi en John Benjamins; la segunda “Translation in Latin America” que aparece en el *The Routledge handbook of spanish Translation Studies* editado por Roberto Valdeón y África Vidal Claramonte. *The Routledge encyclopedia of Translation Studies* deberá lanzar pronto una nueva edición para la cual he actualizado mi entrada sobre adaptación. También parece que la UnB quiere publicar la versión en portugués de mi pequeña obra *Profession traducteur*, escrita en colaboración con mi colega Monique Cormier. Se

trata de un pequeño folleto que forma parte de una colección destinada a estudiantes que desean aprender sobre una carrera universitaria. En relación a la historia de la traducción, me gustaría destacar la reciente publicación de una obra que amplía y profundiza la naturaleza misma de la historia como una asignatura no neutral y se basa en el tema de la ética de los traductores. Se trata de *La traducción y la(s) Historia(s) — Nuevas vías para la investigación* de María Carmen África Vidal Claramonte publicado en 2018 por la Editorial Comares.

M.H.C.T.: *¿Cuáles son los cursos que usted ofrece en la Universidad de Montreal en los niveles de grado y posgrado?*

G.B.: En el nivel de licenciatura, enseño metodología de la traducción, que es el primer curso de traducción general destinado a brindar a los estudiantes las herramientas necesarias para entender y reescribir textos en general, así como técnicas de redacción en francés; en el segundo ciclo, de maestría profesional, el curso obligatorio de revisión y redacción avanzados y en el tercer ciclo, o seminario obligatorio de lecturas dirigidas sobre traductología. Este seminario es una preparación para la primera parte del examen de síntesis que se centra en los conocimientos teóricos, siendo el segundo, el proyecto de tesis. El seminario incluye lecturas teóricas (artículos o capítulos de libros) que son revisados y discutidos en clase, presentaciones y reseñas escritas de obras completas.

M.H.C.T.: *¿Cuántas tesis doctorales usted ha orientado y orienta en este momento? ¿Cuales son los temas?*

G.B.: Dirigí (o co-dirigí) 9 tesis doctorales y dirijo (o co-dirijo) más 6. Los temas son bastante variados: pedagogía de la traducción, traducción voluntaria, traducción publicitaria, la prensa colonial, el Protectorado francés en Marruecos, traducción audiovisual, estética de la traducción y la traducción como herramienta paradiplomática, la censura política, la historia de la traducción en el Líbano, las traducciones de *Popol-Vuh*, la imagología y el subtítulo en Japón.

M.H.C.T.: *Con el alta de la cuestión de la internacionalización en Brasil, nos gustaría saber si ¿sus alumnos son canadienses o provienen de otras partes del mundo? ¿En qué idiomas pueden escribir sus tesis?*

G.B.: Sí, aproximadamente la mitad de los estudiantes de doctorado no son canadienses y son raros los que no tienen un buen dominio del francés. Son de orígenes bastante diferentes: Marruecos, Francia, Italia, Irán, Colombia, México, Venezuela. La UdeM es una universidad francófona y orgullosa de serlo. Para escribir una tesis en otro idioma que no sea francés, es necesario hacer una solicitud. Entre los criterios de aceptación están el tema o el idioma de la tesis, pero también el perfil del estudiante. Así es como dos de mis alumnos defendieron en español y otro lo hará en portugués.

M.H.C.T.: Usted es el fundador del grupo de investigación HISTAL — Historia de la Traducción en América Latina. ¿Podría explicar cómo y bajo cuáles circunstancias nació este proyecto?

G.B.: Me infecté con el virus de la historia en Venezuela cuando escribí la entrada para la *Routledge encyclopedia* sobre América hispánica. Una vez en Canadá, obtuve una beca de investigación de 3 años (CRSH) para estudiar la traducción de los documentos fundadores de la independencia en Venezuela: la declaración de los Derechos Humanos, los escritos filosóficos de Thomas Paine y John McCulloch, la Constitución estadounidense, la *Carta a los españoles-americanos* de Viscardo y Guzmán, la *Caramagnole*, etc. Fueron los estudiantes colombianos que colaboraron en este proyecto, que me animaron a institucionalizar el grupo de investigación y crear una página web (<www.histal.net>). La idea detrás del sitio fue, como indicado en la presentación: “brindar un espacio de intercambio de experiencias en nuestra historia traductiva, un punto de encuentro para compartir información con todas las personas interesadas en la historia de la traducción en América Latina incluyendo Brasil. De lograr este objetivo, nos haremos todos partícipes del estudio y rescate de los aportes que, durante nuestra historia, nativos y extranjeros han hecho al ejercicio y desarrollo del quehacer traductivo en esta parte del continente americano”. Desde entonces, el sitio ha seguido creciendo e invito a todos aquellos que deseen colaborar a que nos escriban.

M.H.C.T.: ¿El proyecto HISTAL se centra en cuáles ejes de traducción? ¿y por qué?

G.B.: Como lo indica su nombre, el grupo está interesado en todos los aspectos de la traducción en América Latina. Además del primer proyecto ya mencionado, trabajamos en la prensa de la independencia en Venezuela (1808 a 1822). Analizamos seis publicaciones periódicas publicadas durante esos 24 años claves de la historia de Venezuela. El principal resultado de la investigación es la tesis de doctorado de Aura Navarro sobre la publicación principal de este período: *Gaceta de Caracas*, que debe ser publicada en español en la colección *Vertere* de la revista *Hermeneus* de la Universidad de Valladolid este año (2018). El proyecto destacó una serie de estrategias de traducción y mostró el interés de considerar la intertextualidad. El siguiente proyecto se centra en la conquista espiritual, sobre la traducción de catecismos, libros de oraciones, doctrinas, libros de confesiones, etc., en lenguas autóctonas. En ausencia de una comparación de los idiomas abordados, son los paratextos que nos revelan la visión de los misionarios de las culturas e idiomas autóctonos así como la forma de traducir diferentes órdenes religiosos. Acabamos de comenzar un nuevo proyecto sobre las narraciones de viaje en Venezuela y Colombia en los siglos XVIII y XIX. La investigación se centra en las razones que llevaron a la traducción al español de algunos de estos relatos y el impacto que esas traducciones tuvieron sobre la cuestión identitaria en los países receptores. El sitio web también contiene muchos documentos relacionados a otros países latinoamericanos y regularmente recibimos visitas de aprendices provenientes de Europa y de diversos países de América latina. La razón de ser del grupo es, antes de todo, identificar el patrimonio de traducción de la región, salientando el rol político, ideológico, cultural y social que desempeña la traducción, pero también reunir a los diversos investigadores que se interesen. La visión de historia adoptada por el grupo es una visión claramente latinoamericanista que se aleja de los enfoques eurocéntricos.

M.H.C.T.: Brasil es uno de los países-culturas que integran el proyecto HISTAL. ¿Cómo fue esa integración en su proyecto?

G.B.: La presentación de nuestro sitio es muy clara: “El sitio HISTAL tiene como objetivo principal ofrecer un espacio para el intercambio de experiencias en el campo de la historia de la traducción, incluyendo Brasil”. De hecho, desde el inicio, hemos adoptado una amplia definición de Latino América. Brasil no puede ser excluido, ni el Caribe de habla española,



por motivos lingüísticos, culturales e históricos. Las primeras visitas de los miembros del grupo a Brasil nos llevaron a descubrir un mundo de traducción que era demasíadamente rico en programas de capacitación, en investigación y publicaciones. Fue entonces que decidimos agregar el portugués. Luego, tuvimos que enriquecer la sección de “documentos” de textos en portugués, que fue relativamente fácil. Sin embargo, aún queda mucho por hacer. Hacemos un llamado a todos los estudiantes y colegas brasileños para que nos ayuden a enriquecer nuestro sitio web y así valorar el patrimonio brasileño.

M.H.C.T.: Usted viene con bastante frecuencia a las universidades brasileñas. ¿Podría contarnos de sus relaciones con los centros de investigación en Estudios de la Traducción en Brasil? ¿No cree que sería provechoso para los dos lados, claro, incluir investigadores canadienses en los grupos de investigación brasileños e investigadores brasileños en los grupos de investigación canadienses? Pensamos particularmente en su grupo de investigación.

G.B.: ¡Es siempre con mucho placer que voy a Brasil! Voy sobre todo como invitación a dar conferencias, talleres o cursos. También tomé mi propia iniciativa para participar de seminarios, a veces acompañado por colegas o alumnos. Así fue como di una conferencia en la USP, una serie de talleres y de conferencias en la UnB, una conferencia en la UFSC; participé de un seminario internacional en São Paulo en la universidad UNIBERO hace algún tiempo, en ABRAPT en 2013 (UFSC) y 2016 (UFU), así como en el III y IV Seminario Internacional de Historia de la Traducción en 2014 y 2016 en la UnB. HISTAL también le ha dado la bienvenida a muchos colegas brasileños para viajes de investigación más o menos largos. Estos colegas tuvieron la oportunidad de dar una conferencia en la Universidad de Montreal y de compartir sus ideas con los miembros de HISTAL. Del mismo modo, HISTAL ha recibido varios estudiantes brasileños para pasantías de investigación. Está claro que todos estos contactos son de gran riqueza para nuestra asignatura y que todos nos beneficiaremos al profundizar dicha colaboración. Esta es la idea por detrás de nuestro deseo de incluir el portugués en los idiomas de trabajo de HISTAL. Estamos más que nunca, interesados en colaborar con grupos de investigación brasileños.

M.H.C.T.: Usted pasó el mes de agosto de 2018 en Brasil como parte del proyecto brasileño “Escuela de Altos Estudios” financiado por el gobierno brasileño. ¿Podría hablarnos de ese proyecto? ¿Cuáles son las universidades que participan? ¿Cuáles son los objetivos?

G.B.: Sí, fue una experiencia maravillosa para mí y agradezco a CAPES, a Andréia Guerini que dirigió este proyecto de inicio al fin y a todos los colegas que me recibieron con amabilidad. Las universidades participantes fueron la POET/UFC, POSTRAD/UnB y PGET/UFSC. La Universidad de Belém (PPLSA/UFPA) estaba prevista pero la visita no se pudo realizar. A lo largo de estas tres visitas, di dos conferencias en cada universidad, participé en conversaciones con estudiantes e intercambié opiniones con colegas.

Proyecto “Escuela de altos estudios”

Objetivos: Ampliar la discusión de los enfoques metodológicos en el campo de la historiografía de la traducción con uno de los mayores especialistas en ese campo. Desarrollar una metodología de investigación y un aporte sólido que permita la elaboración de una Historia de la Traducción Literaria de los países de habla portuguesa.

Resultados esperados: Fortalecer las asociaciones internacionales, organización de eventos en conjunto, las codirecciones, las publicaciones conjuntas y la movilidad de docentes y alumnos.

Objetivo general: El ciclo de conferencias, además de promover el intercambio universitario internacional en el campo de la traducción, contribuirá para la capacitación de profesores e investigadores en el campo de la Historia de la Traducción en Brasil. El objetivo es fomentar la producción académica y la capacitación de recursos humanos para el desarrollo del campo de posgrado ya consolidado, como PGET/UFSC, o en fase de consolidación, como POET/UFC y POSTRAD/UnB y se considera un área estratégica para el desarrollo del país. La PGET fue el primer programa de posgrado en Estudios de la Traducción que se estableció en el país en 2003. La UnB creó POSTRAD en 2012 y ofrece, por ahora, maestría. La UFC creó POET en 2014 y ofrece, por ahora, maestría. La UFPA tiene DINTER con PGET (2016-2019) y al finalizar, tiene la intención de crear un curso de posgrado de Traducción, ya que 16 estudiantes de doctorado recibirán capacitación en traducción.



M.H.C.T.: ¿Qué acciones cree que podríamos implementar para fortalecer los vínculos en traductología entre nuestros grupos de investigación en América? Y específicamente, con PGET en Florianópolis.

G.B.: Por un lado, podríamos alentar nuestros estudiantes y nuestros respectivos colegas a realizar viajes de investigación a corto o largo plazo. La UdeM puede contribuir con financiamiento para sus alumnos y profesores. Los proyectos de investigación y de publicación a menudo se originan en contactos personales. Por otro lado, veo dos líneas de investigación específicas de nuestros programas: la enseñanza de la traducción y la historia de la traducción. Si no me equivoco, la historia de la traducción es de gran interés para los colegas brasileños. Se podrían organizar proyectos y publicaciones conjuntas en esta área específica. Un colega también me propuso trabajar con una antología de textos metodológicos y teóricos relacionados a la historia. Este es un ejemplo. También debemos pensar en codirecciones de memoriales o tesis.

M.H.C.T.: ¿Cuáles son sus proyectos actuales y sus proyectos para los próximos años? ¿Brasil es parte de esos proyectos?

G.B.: Como dije anteriormente, el cuarto gran proyecto en el que estoy trabajando actualmente se titula: *Le regard de l'Autre: les récits de voyage traduits au Venezuela et en Colombie aux 18^e et 19^e siècles* [La mirada del otro: narraciones de viaje traducidas en Venezuela y Colombia en los siglos XVIII y XIX]. Se trata de ver cómo las historias de viaje del Otro se tradujeron al español y como fueron recibidas en ambos países. Ver también hasta qué punto la traducción es ella misma un viaje, como lo sugiere por Michael Cronin. Tengo docenas de ideas para otros proyectos en la historia, incluida la profundización de proyectos anteriores y la inmersión en el papel de agente de traducción desempeñado por Francisco de Miranda, pero también me gustaría poder dedicarme a traducir un libro. Tengo intenciones de estudiar seriamente el portugués, lo que me permitiría acercarme más a Brasil. Tampoco es imposible que pase mis primeros años de retiro com ustedes...



Muguraș CONSTANTINESCU¹⁷
 con Marie Helene Catherine TORRES¹⁸

Marie Helene Catherine Torres es profesora titular del Departamento del Lenguas y Literaturas Extranjeras y de Posgrado en Estudios de Traducción de la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC), en Florianópolis, Brasil. En sus estudios, obtuvo doble titulación portugués-francés, de la Universidad Federal de Santa Catarina finalizando en 1992 y obtuvo un Magíster en Literatura, por parte de la misma universidad en el año de 1995, defendió su tesis doctoral en Traducción en la Katholieke Universiteit Leuven, en Flandes, Bélgica, en 2001, sobre la traducción de la literatura brasileña en Francia. Su tesis se convertiría en el libro *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes* [Variaciones sobre lo extranjero en las letras: cien años de traducciones francesas de las letras brasileñas], publicado en 2004 por la Imprenta de la Universidad de Artois, Arras, en la prestigiosa colección “Traductologie”. Este libro se convertiría rápidamente en una referencia indispensable para la historia de las traducciones (aparece junto a otros, en la bibliografía del Congreso Mundial de Estudios de Traducción de la Universidad de Nanterre, que se llevó a cabo en abril de 2017).

Su investigación se centra en las relaciones entre literatura y traducción, entre literatura nacional y literatura traducida, así como en la teoría y en la historia de la traducción. Su trabajo también se centra en la traducción de literatura juvenil, literatura comparada y literatura francesa traducida en Brasil. Estas áreas de interés se reflejan en sus artículos y estudios publicados en revistas de traducción como *Meta*, *Traduire*,

¹⁶ Esta entrevista fue publicada previamente en la revista *Atelier de traduction*, n. 29, p. 21-33, 2018.

¹⁷ Universidad “Ștefan cel Mare” de Suceava, Rumania, mugurasc@gmail.com.

¹⁸ Universidad Federal de Santa Catarina; Universidad Federal de Ceará; CNPq, Brasil, marie.helene.torres@gmail.com.



Cadernos de Tradução, Scientia Traductionis, Atelier de traduction, y también en sus ponencias en congresos y simposios internacionales. El número 1 de *Cadernos de Tradução*, vol. 36/2016, Edición Regular en Literatura Infantil y Juvenil, producido en colaboración con Eliane Dias Debus, merece atención especial.

También publicó, en 2008, *Literatura traduzida/Literatura nacional* (en colaboración) con 7Letras Ediciones, seguido por el *Dicionário de tradutores literários do Brasil, Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert*, en 2011.

Como está interesada en la relación entre texto y paratexto, Marie Helene Catherine Torres también publicó obras sobre este tema, en especial: *Traduzir o Brasil literário: paratexto e discurso de acompanhamento*, vol. 1, en 2011. Dos años después, colaboró en el libro *Tradução dos clássicos*, publicado por ediciones Copiart, y en 2014 publicó *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*, vol. 2, sobre historia y crítica de las traducciones, el cual forma un conjunto al lado del primer volumen.

Marie Helene Catherine Torres hace parte de los consejos editoriales de las revistas *Cadernos de Tradução* y *Scientia Traductionis*, publicadas por su universidad, y del comité científico de la revista rumana en lengua francesa *Atelier de traduction*.

Actualmente es investigadora del CNPq, Centro Nacional de Investigación de Brasil.

Su rica actividad investigadora se complementa con sus actividades didácticas y administrativas igualmente ricas. Coordinó el programa de posgrado en Estudios de la Traducción de 2003 a 2007 y la Especialización en Traducción Literaria para la formación docente de 2008 a 2009; también coordinó el Doctorado Interinstitucional en Traducción con la Universidad Federal de Paraíba (UFPB) y la Universidad Federal de Campina Grande (UFCG) de 2010 a 2014 y coordina actualmente el Doctorado Interinstitucional en Traducción con la Universidad Federal de Pará (UFPA), actividad que realiza desde 2015 hasta este año. A todo esto se le suma la organización de un gran número de congresos, seminarios, encuentros y simposios sobre diversos y estimulantes temas, tales como: “Teorías de la traducción poscolonial en el desarrollo de la literatura brasileña”, “Traducción del discurso de acompañamiento”, “El papel de la traducción en las culturas”, “El lugar de la traducción en las culturas: el



caso francés”, “Funciones, teoría y poder de la traducción en las culturas” y “Clásicos traducidos de la literatura infantil y juvenil”.

Como traductora, llevó al portugués (en colaboración) *La traduction et la lettre ou l'aberge du lointain* de Antoine Berman, publicada en 2007, y que llegó a su segunda edición en 2013. Otras traducciones firmadas por Marie Helene Catherine Torres son del campo de la literatura juvenil, *Bela e a Fera* [La belle et la bête] de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont y *Cantos para os meus netos* de Victor Hugo, en una edición bilingüe de 2014; y en el género de los cómics, *L'aliéniste* [O alienista] para Editions Urban Comics de París.

Actualmente, como investigadora apasionada Marie Helene Catherine Torres está desarrollando un proyecto sobre un tema sorprendente: narradores franceses del Siglo de las Luces.

La siguiente entrevista tiene como objetivo desvelar y esclarecer la carrera de Marie Helene Catherine Torres, así como sus reflexiones acerca de la literatura francesa y comparada, y principalmente sobre la historia, la teoría y la crítica de las traducciones.



MUGURAŞ CONSTANTINESCU (M.C.): *Querida Marie Helene Catherine Torres, primero me gustaría agradecerle por aceptar esta entrevista. Sugiero que empecemos con una pregunta sobre su formación. En primer lugar, usted realizó estudios en idiomas francés-portugués, continuó con una maestría en literatura, pero su tesis doctoral trata sobre la traducción y, actualmente, es una especialista reconocida en traductología. ¿Cómo se explica este punto de inflexión hacia los estudios de traducción en su carrera? ¿Para usted qué ha sido lo más determinante en esta inclinación hacia los estudios de traducción?*

MARIE HELENE CATHERINE TORRES (M.H.C.T.): Soy yo quien agradece, Muguraş, por la oportunidad de dirigirme a sus lectores y en francés. Creo que para responder a esa pregunta necesito hacer un recorrido autobiográfico de mi carrera. Llegué a Brasil, directamente a Florianópolis, el primer día del plan económico y monetario del presidente Sarney: 15 de enero de 1989. Era la época de congelación de los precios, congelación de los salarios, y cuando un dólar valía un Cruzado Novo, la moneda brasileña de la época. Ingresé como estudiante en lenguas y

literaturas portugués-francés en la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC) por transferencia desde la Universidad de París X-Nanterre, sin saber una palabra de portugués. Me gradué en abril de 1992. Ingresé a la maestría en literatura en la UFSC en junio del mismo año bajo la dirección de la Profesora Dra. Zahidé Muzart. Era excepcional como persona y como maestra. ¡Y recuerdo que Zahidé nos decía a los estudiantes de maestría que debíamos publicar para poder continuar una carrera en educación superior! Traté de seguir su consejo de la mejor manera. Luego, en 1995, enfoqué mi trabajo de maestría en dos poetas simbolistas, uno brasileño y otro francés. De hecho, estuve involucrada en varias actividades de traducción durante los años 1993-1994, ¡hace 25 años! En ese momento, quería realmente hacer un doctorado en traducción. Por lo tanto solicité y obtuve una beca del CNPq para hacer mi doctorado durante 4 años, de 1997 a 2001, en Leuven, bajo la dirección de José Lambert, uno de los fundadores de la asignatura de traducción. Esto se produjo gracias al contacto y a la recomendación del Prof. Dr. Walter Costa, con quien trabajo en diversos proyectos académicos hasta hoy.

*M.C.: La relación entre literatura y traducción está muy presente en sus libros, porque incluso cuando enfoca su investigación en la traducción, favorece la traducción literaria. En este sentido, me gustaría saber qué rastros dejó en sus investigaciones sobre los estudios de la traducción el tema de su trabajo de maestría: **Descente en enfer dans le monde poétique de Cruz e Sousa et Baudelaire** [Descenso al infierno en el mundo poético de Cruz e Sousa y Baudelaire]. Es presuntamente un estudio comparatista que está muy cerca del análisis comparativo que se practica a menudo en los estudios de la traducción, al reflejar el original y su/sus traducciones.*

M.H.C.T.: De hecho, defendí mi trabajo de maestría en 1995 cuyo título es *Descente en enfer dans le monde poétique de Cruz e Sousa et Baudelaire* [Descenso al infierno en el mundo poético de Cruz e Sousa y Baudelaire]. En 1998 fue organizado y posteriormente publicado como un libro por la editorial de la Universidad Federal de Santa Catarina. En una parte de mi libro explico que trabajé los poemas de Cruz e de Sousa en portugués y los de Baudelaire en francés a partir de los textos originales. En los estudios de literatura no se hablaba mucho sobre traducción en ese momento en Brasil. Todavía, en 1994, publiqué mi primera colección de poesía de Pierre



Reverdy traducida al portugués. Para volver a su pregunta, efectivamente hice un análisis comparativo del descenso poético en el mundo infernal de Cruz e Sousa y Baudelaire, un estudio sobre la cuestión del satanismo poético, mostrando las relaciones intertextuales de las obras de los dos poetas, el brasileño João da Cruz e Sousa y el francés Charles Baudelaire. Esto me llevó a establecer la existencia de una teoría satánica como parte de su poesía, lo que marcó el comienzo de la poesía moderna. En este caso específico, comparé textos escritos en idiomas diferentes, sin ningún enfoque histórico, crítico o incluso teórico de la traducción.

M.C.: El tema de su tesis doctoral defendida en la Katholieke Universiteit Leuven (KUL) se centra en la traducción de la literatura brasileña en Francia y tiene un título inspirador: **Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes** [Variaciones sobre lo extranjero en las letras: cien años de traducciones francesas de letras brasileñas]. ¿Has elegido este interesante tema usted misma o en colaboración con su director? ¿Trata solo sobre la literatura brasileña traducida en Francia y no en lengua francesa en general? Estoy pensando en el proyecto HTLF de Yves Chevrel y J.Y. Masson, donde se consideran las traducciones al francés, incluso fuera de Francia.

M.H.C.T.: El doctorado que hice en Bélgica fue un punto de inflexión en mi carrera académica porque marca el inicio de mi trabajo en los Estudios de la Traducción, principalmente debido a mi entrada al grupo de esta escuela en Leuven, los descriptivistas. Mi posición teórica se basa precisamente en los EDT (Estudios Descriptivos de Traducción) y teorías complementarias y compatibles con ellos, como las de Venuti, Berman o Pascale Casanova, por ejemplo. Defendí mi tesis doctoral en septiembre de 2001, cuyo título en francés era: *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes* [Variaciones sobre lo extranjero en las letras: cien años de traducciones francesas de letras brasileñas]. El objetivo principal de esta tesis fue contribuir en el mapa mundial de la literatura, porque describo y analizo las marcas culturales, ya sea el *genius loci*, de la literatura brasileña traducida en Francia (y no en lengua francesa) al sistema cultural y literario francés a lo largo del siglo XX. Muestro cómo traducían los traductores (a partir del estudio de editoriales, de las estrategias comerciales, de los modelos utilizados, de los

conceptos y de las tendencias de traducción), para tratar de determinar si hubo asimilación del *otro*, o una apertura a nuevas creaciones en el lenguaje y en la cultura. Para obtener un *corpus* representativo, establecí como criterio principal para la selección de trabajos a estudiar, lo siguiente: que para cada novela de formación de la identidad nacional brasileña (un trabajo sobre la lengua y sobre la cultura brasileña), existieran al menos dos traducciones diferentes realizadas por diferentes traductores. De esta forma analicé las siguientes obras brasileñas y sus traducciones al francés: *O Guarani e Iracema* de José de Alencar, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* y *Dom Casmurro* de Machado de Assis, *Os Sertões* de Euclides da Cunha, *Macunaíma* de Mário de Andrade y *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. Los análisis sobre el Brasil literario en las traducciones francesas revelaron, contrariamente a los proyectos sobre la lengua de textos brasileños, una naturalización efectiva de la lengua y la cultura brasileñas, como también se encontró que la transgresión creativa del lenguaje no penetraba en la rigidez de la lengua francesa. Esto hace que la traducción sea transparente, como si las obras hubieran sido escritas en francés, donde el archivo “discurso de la gente” finalmente se transforma en un lenguaje (traducido) formal.

M.C.: Como los lectores de nuestra revista, al igual que yo, infelizmente, no conocemos por completo su obra publicada en la imprenta de la Universidad de Artois sobre los cien años de traducción, la cual se agotó rápidamente, le pido el favor que nos diga si esta está enfocada en la historia de las traducciones y su contexto, o si está enfocada en la crítica de las traducciones, aunque sepamos que las dos están muy relacionadas.

M.H.C.T.: Esta pregunta es particularmente interesante porque la respuesta depende de lo que se entienda por Historia y Crítica de la Traducción. En primer lugar, me gustaría decir que considero que la historia de la traducción es la historia de las ideas, de las mentalidades y de la cultura en un espacio dado, desde una perspectiva histórica, diacrónica y/o sincrónica. En la traducción como en la literatura, ha habido (y todavía hay) escuelas, corrientes, tendencias, compromisos y disputas sobre cuál es la mejor forma de traducir. En segundo lugar, considero la traducción como crítica, una crítica productiva, aquella que lleva a revelar todo el significado de la obra, como decía Berman. A partir de ahí, puedo decirles que efectivamente he



abordado la historia de las traducciones al francés de las obras brasileñas de formación desde la lengua portuguesa.

M.C.: En un artículo muy interesante publicado en nuestra revista, usted habla del fenómeno injusto que las letras brasileñas han experimentado en Francia, incluyendo lo que se denomina “censura convertida en sinónimo de invisibilización”. ¿Qué es este tipo particular de censura? ¿Y la censura “neutralizadora” de las letras brasileñas? ¿En qué consiste? ¿Usted habla en el mismo artículo sobre una visión y una actitud “colonial” de Francia hacia la literatura de Brasil? ¿Cuánto tiempo ha persistido esta actitud? Esta actitud es atribuida a “agentes culturales”. ¿Quiénes son estos agentes? ¿Cuáles son sus poderes y sus límites sobre esto?

M.H.C.T.: Supongo que se refiere al hecho de que las novelas brasileñas traducidas al francés han jugado un papel fundamental en la internacionalización del concepto de brasilidad. Las traducciones francesas no solo difundieron una cierta visión de Brasil, de un Brasil francés, sino que también construyeron y proyectaron, en el imaginario francés, una identidad nacional brasileña diferente de la que existía y/o que existe en Brasil. También discuto el concepto de país “dominado”, a pesar de las características declaradas por Casanova con respecto a la autonomía y a la independencia de Brasil (capítulo sobre *Macunaíma*), ya que, desde mi punto de vista, es posible desvelar los complejos engranajes de los sistemas culturales e interculturales a partir de un estudio de las traducciones francesas de obras brasileñas. Por supuesto, hay que tener en cuenta las relaciones específicas que Francia y Brasil han mantenido, como la seducción cultural que Francia ha ejercido sobre Brasil. Una larga historia de atracción mutua unió a los dos países, en la que Francia albergaba la esperanza de dominación sobre un país con dimensiones de continente, intentando invadirlo varias veces de forma política y económica, como también en lo cultural: primero, en 1555, con el intento de establecer la Francia Antártica en Río de Janeiro; luego en 1612 con el establecimiento, aunque de corta duración, de la Francia Equinoccial en San Luis de Maranhão hasta 1615. Estas inclinaciones coloniales fallidas se borraron de la memoria, pero las relaciones entre Francia y Brasil iban a tomar un giro diferente. Si bien es cierto que los franceses se beneficiaron más que los portugueses de los favores indígenas en el comienzo del “Descubrimiento

de Brasil”, como lo expresa Lévi-Strauss en *Tristes tropiques*, sería solo hasta las decisiones del Rey D. João VI, instalado con la corte portuguesa en Río de Janeiro, que se intensificaron las relaciones entre Brasil y Francia. De hecho, en 1816, promovió la llegada a Brasil de una misión de artistas franceses para la fundación de una Academia de Bellas Artes en el trópico, integrada por pintores, escultores, arquitectos, grabadores e ingenieros. El considerable envío de libros franceses a Brasil también tuvo un gran impacto en el cambio de actitudes. En el siglo XX, Brasil se separará progresivamente del modelo francés gracias a una emancipación cultural y de identidad, estableciendo nuevas relaciones con Francia, relaciones de intercambio, de cooperación y de respeto.

M.C.: ¿Cuál es la relación entre el traductor antropófago y la brasilidad?

M.H.C.T.: Cuando hablo de antropofagia, me refiero a la teoría antropofágica brasileña. Me explico. Brasil desarrolló su propia emancipación cultural e identitaria, y esta búsqueda de identidad nacional permitió el surgimiento de una interesante teoría propiamente brasileña, la Teoría de la Antropofagia. Esta teoría fue iniciada después de la “Semana de arte moderna de 1922” (del 11 al 18 de febrero) en São Paulo, por el escritor brasileño Oswald de Andrade que publicó en 1928 su *Manifiesto Antropofágico* como una forma de reacción a la cultura europea importada en Brasil. En una reacción contraria, el *Manifiesto Antropófago* no fue traducido al francés sino hasta 1982 por Jacques Thiériot. Según el *Manifiesto Antropofágico*, Brasil reprodujo modelos europeos, asimilándose a sí misma a la forma como era percibida en el imaginario europeo. El *Manifiesto Antropofágico*, cuya primera frase, “Sólo la antropofagia nos une”, establecía el tono, y exigía precisamente la existencia de un movimiento, de una teoría específica de Brasil. El ritual antropofágico se utilizó así como una metáfora cultural del movimiento caníbal, lo que representó la culminación de la búsqueda de una identidad brasileña. ¿Cómo funciona? Al igual que el “salvaje” que devora al enemigo (pero no cualquier enemigo, un enemigo valiente que se distingue por sus cualidades, especialmente las de la guerra), lo absorbe y lo digiere incorporando solo sus virtudes. El escritor brasileño actuó de la misma forma gracias al ritual de antropofagia cultural. Frente a la cultura del otro, el escritor brasileño tendrá, por lo tanto, el mismo comportamiento: devorar la cultura extranjera, absorberla, digerirla, para restaurar su propia



herencia cultural. Sucede lo mismo con el traductor que puede ser un antropófago en diferentes niveles, de acuerdo con lo que elija para devorar.

*M.C.: Sé que usted está especialmente interesada en la traducción de literatura juvenil y que ha coordinado un número especial de su revista **Cadernos de Tradução** sobre este tema, donde tuve el honor de contribuir con una publicación. Por favor, díganos cómo nació su interés en esta área y sus particularidades.*

M.H.C.T.: Mi interés en la literatura juvenil proviene del hecho de que pocas obras se traducen realmente desde el texto original. Parece increíble, pero por ejemplo, *La Belle et la Bête* [A Bela e a Fera] nunca había sido traducido de forma integral en Brasil antes de mi traducción en 2014. Así que traduje la historia de la Sra. Leprince de Beaumont de 1755, escrita con intenciones educativas para niños ingleses entre 5 y 12 años. Solo había adaptaciones antes de mi traducción de 2014. ¡Una adaptación no es una traducción! Usted lo sabe. Pero, por supuesto, la adaptación puede tener características estilísticas del texto original, por ejemplo. La adaptación presenta a dos autores, pero el que adapta termina siendo mucho más visible que el autor original del texto. La traducción y la adaptación poseen lo que yo llamo ‘relaciones isomorfas’, es decir, relaciones de similitud en la forma y en la apariencia. Las adaptaciones contemporáneas reflejan un gran deseo de apropiación y tratan de minimizar las diferencias entre el universo lingüístico y cultural del trabajo original con el universo lingüístico y cultural de la adaptación. Entonces, en estas adaptaciones de *La Belle et la Bête* el hada desaparece de la historia cuando en realidad ella es un personaje esencial para la moraleja de la historia, ya que aparece en un sueño a Bella, quien ve a la Bestia muriendo cerca del canal. Luego, al final, el hada castiga a las dos hermanas de Bella por su soberbia, su ira, su pereza y su envidia, ¡convirtiéndolas en estatuas de piedra! Posteriormente, traduje también los poemas de Victor Hugo para niños, quien se los había dedicado a sus nietos, Georges y Jeanne.

*M.C.: Usted ha traducido al portugués (en colaboración con dos colegas) la obra de Berman **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain**, que aún no está traducida al rumano. Me di cuenta que ya tiene varias ediciones. ¿Cuánto tiempo lleva trabajando en esta traducción colaborativa de un texto*

tan denso, erudito y sutil? ¿Qué dificultades ha tenido que afrontar?

M.H.C.T.: La 2ª edición de *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* está prácticamente agotada. Tuve el placer de traducirlo con dos de mis colegas de Estudios de Traducción, Mauri Furlan y Andréia Guerini. El trabajo de traducción como tal ha requerido 2 años. Surgieron algunas dificultades, principalmente debido a las citas de Berman en idiomas extranjeros que estaban traducidas al francés. Intentamos explicar nuestras decisiones de traducción en una nota de los traductores. Y realmente, el mayor desafío fueron los títulos de las obras citadas por Berman. Debido a que toda traducción es un proceso de toma de decisiones, optamos por los títulos en portugués cuando existían en la traducción, siempre que el ejemplo citado no afectara directamente el proceso general de la traducción. En cuanto a los títulos que no habían sido traducidos al portugués, se mantuvieron tal como estaban, de acuerdo a lo presentado por Berman en el original francés, para no crear títulos que carecieran de los correspondientes textos traducidos.

M.C.: Para usted, ¿cuál es el peso del paratexto en una traducción?

M.H.C.T.: ¡Grandísimo! No puedo leer un texto literario, sea el que sea, sin detenerme primero en los textos que llamo de textos adjuntos, como también en la apariencia externa de los libros. Esto es lo que llamo aspecto morfológico y discurso de acompañamiento. Las pistas morfológicas hacen referencia a todas las señales que aparecen en las cubiertas — frontal y trasera —, y en las páginas de presentación internas de los libros (portadas, páginas de medio título...), que pueden ofrecer detalles sobre el estado de las traducciones, o sobre cómo se perciben a partir de los elementos informativos que presentan. Y en cuanto al discurso de acompañamiento, lo entiendo como todo el aparato paratextual (prefacio, opinión, introducción, epílogo, etc.), que es a menudo el lugar donde la ideología aparece con una mayor claridad. El paratexto es por lo tanto esencial para el análisis de las traducciones.

M.C.: Recuerdo que en una conversación anterior usted habló sobre 300 trabajos de maestría y de doctorado en estudios de traducción que se desarrollan en su universidad. ¿Cuál es la situación actual de la investigación



doctoral en estudios de traducción en la UFSC? ¿Cuál es su salida al mercado laboral?

M.H.C.T.: En primer lugar, debemos decir que el contexto brasileño es único porque el mercado laboral en esta área es muy prometedor. Las facultades y universidades que se fundaron cada año hasta 2016 permitieron el desarrollo y la consolidación de la asignatura, al contrario de una situación muy diferente y a veces, opuesta, no solamente en Europa, pero igualmente de forma general, donde parece que hay pocas o casi ninguna posibilidad de trabajo para el titular de una maestría o un doctorado en traductología. En cambio, los Estudios de la Traducción, como se llaman en Brasil, están en pleno apogeo. Hice parte del primer grupo de profesores e investigadores de Brasil que propuso al Ministerio de Educación la creación de los programas de maestría y de doctorado dedicados únicamente a los estudios de la traducción. Como resultado, tuve el privilegio de coordinar el primer programa de posgrado de este tipo, en 2003, en la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC) en Florianópolis. Este fue el punto de partida para la creación de otros tres programas de Maestría y Doctorado en Estudios de la Traducción en Brasil: la Maestría de la Universidad de Brasilia (UnB) en 2011; la Maestría y el Doctorado en Estudios de la Traducción de la Universidad de São Paulo en 2012 y la Maestría de la Universidade Federal do Ceará (UFC) en 2013. Dos maestrías más en Estudios de la Traducción, en Rio de Janeiro y Natal, esperan una respuesta por parte Ministerio de Educación. Esto hizo que elevaría el número de los programas de posgrado en estudios de la traducción a seis, lo que no es una cifra despreciable. Este crecimiento tiende a revelar, ante todo, el hecho de que el campo de la traducción es precursor y vanguardista en Brasil, principalmente porque las universidades han reconocido su condición de ciencia por derecho propio, otorgando así títulos específicos como el de Maestría en Estudios de la Traducción y de Doctor en Estudios de la Traducción. Creo que la clave es esa: el reconocimiento institucional de los Estudios de la Traducción en Brasil. Para responder al número de tesis y trabajos de maestría admitidos en el PGET/UFSC, consulté nuestra página web (<<http://ppget.posgrad.ufsc.br/teses-e-dissertacoes-pget/>>). A finales de mayo de 2018, había 270 trabajos de maestría y 115 tesis doctorales defendidas en la página web. Y para finalizar: las maestrías y doctorados brasileños en estudios de la traducción no son programas profesionales, es decir, no forman traductores



sino investigadores en Estudios de la Traducción y son esencialmente académicos. Esa es una gran diferencia.

M.C.: Para continuar con el tema del doctorado, ¿qué es un “doctorado interinstitucional”? ¿Tal vez sea una fórmula de doctorado en cotutela?

M.H.C.T.: No exactamente. No es cotutela. De hecho, el Doctorado Interinstitucional (DINTER) es uno de los pocos proyectos que, al mismo tiempo, cumple con los requisitos de la socialización concreta del conocimiento y que privilegia el intercambio a nivel nacional a través de un proyecto de solidaridad institucional, principalmente para docentes. Como la consigna actualmente es la internacionalización en las universidades federales brasileñas, hay poco espacio para proyectos de intercambio locales y nacionales. Sin embargo, hay programas que desde hace diez años han apoyado el establecimiento de doctorados en Brasil. Esto significa que los profesores de universidades o institutos federales tienen la oportunidad de realizar un doctorado con el apoyo de una universidad distinta a la suya. El éxito del proyecto DINTER depende fundamentalmente de factores institucionales, académicos y, sobre todo, humanos, porque implica la voluntad y la movilización participativa de la misma forma que la calidad de cada docente investigador. Esta cooperación es una cultura de diálogo entre las universidades interesadas que son, en nuestro caso, la Universidad Federal de Santa Catarina y las Universidades Federales de Paraíba, UFPB y UFCG de 2010 a 2014, y la de Pará, UFPA de 2015 a 2019. Es así que llevo 8 años coordinando el doctorado interinstitucional.

*M.C.: Ustedes tienen en su universidad una revista sobre estudios de traducción, **Cadernos de Tradução**, que celebró en enero 20 años de actividad, y hasta donde sé, usted hace parte del comité editorial. ¿Podría contarnos sobre la trayectoria y la importancia de la revista?*

M.H.C.T.: La revista *Cadernos de Tradução* fue creada en 1996 por Mauri Furlan, Walter Costa y yo, todos profesores de la Universidad Federal de Santa Catarina. Esta es la revista de Maestría y Doctorado en Estudios de la Traducción desde 2003. Al principio, contaba con una periodicidad de un volumen por año hasta 1999. Ya con el transcurrir del siglo XXI, la publicación aumentó a dos números anuales para ajustarse a los

M.C.: ¿Nuestro colega canadiense, Marc Charron, quien al igual que usted es miembro del comité científico de nuestra revista, habló brevemente sobre la colaboración en investigación entre la Universidad de Ottawa y su universidad? ¿En qué consiste esta colaboración?

M.H.C.T.: Mi universidad, la Universidad Federal de Santa Catarina, tiene acuerdos con docenas de universidades de todo el mundo en todos los campos. Pero también es cierto que no tiene ninguno con Rumania. Podemos pensar en ello. Sin embargo, intentando responder a su pregunta, la universidad firmó acuerdos con quince universidades canadienses, incluida la Universidad de Ottawa, donde enseña nuestro colega Marc Charron. Son acuerdos de cooperación técnica, científica y cultural que permiten la movilidad y el intercambio de estudiantes, profesores y funcionarios técnico-administrativos. No hay fondos previstos en estos acuerdos. Los estudiantes y los docentes-investigadores participan por sus propios medios o con becas que pueden ser otorgadas por su país y/o universidad de origen.

M.C.: ¿A qué está dedicada en este momento? Sé que usted también está trabajando sobre narradores del siglo XVIII. ¿Podrías ofrecernos algunos detalles sobre este proyecto? ¿Qué hay ahora en su escritorio?

M.H.C.T.: De hecho, es cierto que actualmente estoy dedicando mi investigación a los narradores franceses del siglo XVIII. Se trata principalmente de redimensionar el canon de las obras literarias francesas del siglo XVIII en Brasil, y analizar tanto la traducción como su proceso. Nuestra contribución tiene que ver con la riqueza crítica de los textos clásicos franceses del siglo XVIII en Brasil a través de la traducción comentada. Y hago este cuestionamiento del canon estético para desarrollar un concepto innovador en la historia literaria, un concepto que escaparía a la rigidez del canon literario tradicional, en la búsqueda de una autonomía intelectual, de una libertad de elección, de lectura y de pensamiento crítico. En este sentido, intento recuperar escritores olvidados por la historia literaria francesa, y presentar un material paratextual sobre sus escritores para introducir textos en los escenarios brasileños que amplíen el discurso sobre el siglo XVIII y poner a disposición las traducciones inéditas de estos escritores en



portugués de Brasil. Ya publiqué parte de la investigación en trabajos anteriores con el formato de antología, como en *Mnemosyne* (<<https://mnemosineantologias.com>>), dedicada a la historia literaria de escritores franceses del siglo XVIII y su papel en la (trans)formación del canon literario brasileño. Actualmente hay treinta escritoras en la antología con entradas actualizadas constantemente. Nuestros trabajos de investigación tienen en cuenta las teorías de André Lefevere y su obra *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame* (1992), donde se muestra que la reescritura, es decir, la traducción, la historiografía, la crítica y la edición juegan un papel principal en la recepción y canonización de obras literarias. Otros teóricos importantes han inspirado esta investigación, como José Lambert, Lieven D’hulst, Anthony Pym o aún Antoine Berman. Un segundo momento de la investigación permitirá establecer la Historia de los narradores, la mayoría de los casos relacionados con tertulias literarias dedicadas a los cuentos de hadas en todas sus formas. Los cuentos de Madame d’Aulnoy, Madame Murat o Mademoiselle de la Force fueron muy apreciados y leídos, como lo demuestran sus constantes reimpresiones. El cuento de hadas fue un verdadero fenómeno de moda. Así nació el cuento literario femenino, una escritura trivial pero galante, con tendencias románticas. De forma más general, fue el encuentro entre lo oral y lo escrito, lo popular y lo literario, lo antiguo y lo moderno, lo que inspiró estas historias en su estética, su poesía y su abundante imaginación. Los cuentos de hadas de Madame d’Aulnoy, por ejemplo, obtuvieron un éxito inmediato y a la vez duradero. También fueron traducidos al inglés mucho antes que los cuentos de Perrault, siendo reimpresos con frecuencia durante el siglo XVIII. Por lo general, los clásicos franceses son poco traducidos en Brasil y, cuando lo son, esta traducción se limita a un grupo reducido de textos. Esta nueva historia antológica incluirá cuentos de escritores franceses de la edad de oro (1690-1710) publicados en los cuarenta y un volumen de *Cabinet des fées* [El gabinete de las hadas] y su traducción al portugués brasileño, acompañada de comentarios críticos. Eso es a lo que me dedico últimamente, entre otras cosas. Finalmente, para responder a la segunda parte de su pregunta, tengo sobre mi mesa un libro de Pascale Casanova en francés, *La langue mondiale: traduction et domination* [La lengua mundial: traducción y dominación]. Estamos negociando con las editoriales de las Universidades Federales de

Santa Catarina y Brasilia para la compra de los derechos de traducción del portugués brasileño junto con Ediciones Seuil. Este nuevo proyecto de traducción está motivado principalmente por unos vacíos en teoría y sociología de la traducción, especialmente en el mercado brasileño del libro. Además, este libro podrá ser utilizado en los cursos de Maestría y de Doctorado en Estudios de la Traducción de las universidades brasileñas.



Études de la traduction intercontinentales
Brésil — Canada — Roumanie

Traduit par
Jaqueline Siderski & Sheila dos Santos

ENTRETIEN¹

Andréia GUERINI² et Robert de BROSE³ avec Walter Carlos COSTA⁴

Walter Carlos Costa est professeur, traducteur et chercheur du CNPq (agence de financement de recherche Centre National de Recherche Brésilien), Niveau 2, il est une figure centrale aux Études de la Traduction au Brésil, soit par sa longue et prolifique carrière de chercheur dans ce domaine, qu'il a contribué à consolider dans le pays, soit pour son rôle dans la formation de nouveaux traducteurs, chercheurs et enseignants. Sa carrière a commencé avec des études en Philologie Romane (Français et Espagnol) à la Katholieke Universiteit Leuven, en Belgique, où il a aussi écrit son mémoire de Master sur des questions liées à la traduction de *Grande Sertão: Veredas (Diadorim, en français)* de João Guimarães Rosa en français, travail développé sous la direction de l'éminent chercheur, ainsi que de l'un des fondateurs des Études de la Traduction, José Lambert. Entre 1988 et 1992, il a écrit sa thèse de doctorat à propos des aspects linguistiques de la traduction de Jorge Luis Borges à l'Université de Birmingham, sous la direction de Malcolm Coulthard. Il est professeur à la retraite à l'Université Fédérale de Santa Catarina, où il continue d'y travailler au programme de recherche (du troisième cycle) en Études de la Traduction (PGET), il est professeur invité au programme de recherche (du troisième cycle) en Études de la Traduction de l'Université Fédérale de Ceará (POET/UFC), dont il est l'un des fondateurs depuis 2017. Actuellement, il se consacre surtout à la recherche littéraire de Jorge Luis Borges et d'Adolfo Bioy Casares, ainsi qu'à l'histoire et à l'historiographie de la traduction.

¹ Cet entretien a été publié auparavant dans la revue *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 44, p. 436-447, jan./avr. 2018.

² Universidade Federal de Santa Catarina, CNPq, Brésil, andreia.guerini@gmail.com.

³ Universidade Federal do Ceará, Brésil, robert.de.brose@gmail.com.

⁴ Universidade Federal do Ceará; Universidade Federal de Santa Catarina; CNPq, Brésil, walter.costa@gmail.com.





ANDRÉIA GUERINI et ROBERT DE BROSE (A.G./R.B.): Pourriez-vous commenter votre premier contact avec la traduction.

WALTER CARLOS COSTA (W.C.C.): Mon premier contact avec la traduction remonte à mon enfance dans la petite ville de Santópolis do Aguapeí, à l'état de São Paulo, où j'ai fait, ce qu'on appelait à l'époque, l'enseignement primaire. La population de la ville était formée d'immigrés étrangers de plusieurs nationalités, surtout de japonais, et d'immigrés de plusieurs états du Brésil, en plus d'une réserve indigène. Ainsi, au cours de mes onze premières années, j'ai pu entendre chaque jour des gens parler différentes langues étrangères avec des accents de différentes régions du Brésil. Je me souviens que mes meilleurs amis étaient un fils de japonais immigrés, un nissei et un fils de Syro-libanais et que chez eux j'entendais à la fois le japonais, l'arabe et le portugais. Je me souviens également des gens lisant la presse étrangère, notamment un journal libanais et des différentes publications en japonais, comme le *São Paulo Shimbun*, qui avait énormément d'abonnés. C'était encore à Santópolis que j'ai pu suivre pendant des années le cinéma américain, avec des sous-titres, et le week-end, le cinéma japonais, avec des sous-titres également. Au collège, que j'ai fait dans les villes voisines de Tupã et Birigui, j'avais d'excellents professeurs d'anglais et de français. L'accès aux bibliothèques des collèges a été particulièrement important, où j'ai lu une centaine de livres traduits, dont la collection Terramarear (<<http://marginalia.com.br/2015/11/16/colecao-terramarear/>>), des livres d'aventure. L'un de mes frères était abonné au Clube do Livro, dont je lisais souvent les ouvrages de littérature étrangère. Un événement décisif du début de mon adolescence a été la lecture du "Suplemento Literário" d'*O Estado de S. Paulo* (<<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,no-suplemento-literario-o-encontro-de-varias-geracoes,6862,0.htm>>), journal auquel mon père était abonné. Dans le *Suplemento*, que je lisais du début à la fin chaque semaine, j'ai eu le contact avec les traductions de Augusto e Haroldo de Campos et avec la rubrique "Letras Russas", de Boris Schnaiderman, de qui je deviendrai ami des décennies plus tard.

A.G./R.B.: Dans votre formation académique, quand est-ce que la traduction apparaît? qu'est-ce qui a changé dans le domaine des Études de la Traduction depuis votre premier contact jusqu'à présent et que vous considérez comme important ou marquant?

W.C.C.: Je m'étais intéressé à la traduction à partir de la lecture des poètes concrétistes, faites dans des suppléments, des revues et des livres. Le large éventail de langues occidentales et orientales, modernes et anciennes qui faisait partie du répertoire concrétiste, m'a amené à essayer d'apprendre un certain nombre de langues étrangères dans les cours réguliers de langue (anglais, français, italien, allemand, russe, japonais) mais aussi seul (espagnol, roumain). Cependant, c'était pendant mes études à la KU Leuven (Katholieke Universiteit Leuven), que la pratique de traduction a eu lieu quotidiennement. Tout d'abord, c'était à la maison, car ma femme, à cette époque, Sara Vergés Cabello, de nationalité chilienne, parlait en espagnol avec moi et nos deux enfants, Hiran et Rodrigo, et moi, je parlais avec eux en portugais. Lorsque nous recevions des invités qui parlaient anglais, néerlandais ou français, nous parlions dans ces langues lors des visites et, entre nous, en espagnol et en portugais. C'est-à-dire que nous pratiquions la traduction parlée tout le temps. À la KU Leuven j'ai eu comme professeur José Lambert, qui était un enthousiaste de la traduction et qui commençait à établir avec ses partenaires belges, de la Hollande et d'Israël, ce qui allait devenir la discipline des Études de la Traduction. J'ai regardé plusieurs colloques animés par Lambert et ses collègues et j'ai commencé à lire la bibliographie naissante de ce domaine. Lambert avait commencé à diriger des recherches sur la traduction et c'est sous sa direction que j'ai rédigé le mémoire *Un roman brésilien en français. Questions de traduction à propos de Grande Sertão: Veredas de J. Guimarães Rosa*. Lorsque j'ai rejoint l'UFSC, en tant qu'enseignant dans le domaine de l'espagnol, la traduction a commencé à faire partie de ma pratique académique. Le domaine de l'espagnol a intégré la traduction (version et thème) dans l'enseignement de langue dès les premiers semestres et moi, j'ai souvent enseigné ces disciplines. Par la suite, dans l'une des nombreuses réformes du curriculum, la discipline d'Études de la Traduction a été introduite. À l'UFSC, j'ai également commencé à développer l'activité de rédacteur, d'abord au Département de Méthodologie de l'Enseignement, où j'enseignais 20 heures par semaine, et, ensuite, au Département de Langue et Littérature étrangères, où j'avais



également 20 heures. Au DLLE, j'ai été invité par la collègue Carmen Rosa Caldas-Coulthard à collaborer à l'édition de la revue *Ilha do Desterro* et à intégrer le programme de troisième cycle en Anglais, à l'époque nommé PGI. Pour la revue *Ilha do Desterro*, j'ai organisé le numéro monographique *Translation/Tradução*, en 1987.1, et à la PGI j'ai donné plusieurs cours sur la traduction, l'un en collaboration avec Malcolm Coulthard, qui serait plus tard mon directeur de recherche à l'Université de Birmingham, où j'ai terminé mon doctorat, sur les traductions de Jorge Luis Borges en anglais, en 1992.

A.G./R.B.: Vous traduisez régulièrement; comment définissez-vous votre pratique?

W.C.C.: Ma pratique de traduction est constante mais, en même temps, pas très systématique. J'ai commencé à traduire régulièrement en Belgique lorsque, en plein cours de philologie romane (Français et Espagnol), j'ai commencé à travailler comme journaliste à la BRT (Belgische Radio en Televisie, Radio et Télévision Belgique), station officielle, récemment créée pour la communauté flamande par la division de l'ancien radiodiffuseur national unique. Pendant 4 ans, j'ai traduit des textes de la presse et des agences de presse du néerlandais vers l'espagnol et pendant un an j'ai fait le même travail vers le portugais. J'enregistrais ces textes qui étaient diffusés par la radio, à onde courte, le soir. Ce que j'ai traduit le plus, tout au long des années, c'était la poésie, en général pour des revues littéraires et académiques, surtout de l'espagnol, anglais, et du néerlandais. J'ai traduit l'anthologie *Paisagem com uma vela e abelhas assírias*, du poète, professeur et traducteur américain Steven White (Florianópolis, Edições da Orla, 1995). J'ai aussi traduit de la poésie (Cruz e Sousa, Leonor Scliar-Cabral) du portugais vers l'espagnol, une expérience très enrichissante car, dans les deux cas, il s'agissait d'une édition multilingue, respectivement de l'anglais, français et espagnol et anglais, français, espagnol et hébreu ce qui a rendu possible la communication avec des collègues comme Marie Helene Catherine Torres et Alexis Levitin. Une des expériences les plus spéciales fut la traduction de deux livres pour enfants du néerlandais vers le portugais: *Nina*, de l'auteur flamand David Ausloss (Comboio de Corda, 2010) et *Zoeira esteve aqui*, de l'écrivain hollandais Edward van de Vendel (SM, 2011). La relation avec les maisons d'éditions fut excellente et j'ai eu

la plus grande liberté possible; la révision et la préparation du texte ont été justes et réalisées avec une grande délicatesse et consultation permanente. J'ai beaucoup traduit en collaboration et il faut mettre en valeur certains de ces travaux. Avec Philippe Humblé, j'ai traduit, en 1993, *Sobre livros e leitura*, de Arthur Schopenhauer un grand succès de la maison d'édition alternative Paraula (dont le siège se situait à Porto Alegre, puis à Florianópolis) et qui a été reproduit dans la revue *Buriti*, de la Fondation de la Bibliothèque Nationale. Avec Philippe, j'ai également traduit certains poèmes du poète flamand Paul van Ostaijen. Avec le regretté Cleber Teixeira, mon cher ami de la maison d'édition Noa Noa, de Florianópolis, j'ai traduit des poèmes d'Octavio Paz. Avec Andréia Guerini et Fabiano Seixas Fernandes j'ai traduit *Maomé — uma biografia do profeta*, de Karen Armstrong (Companhia das Letras, 2002). Avec Andréia Guerini et Eclair Antônio Almeida Filho, j'ai traduit des poèmes de Leopardi, publiés au *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Avec Rosario Lázaro Igoa, j'ai traduit certaines chroniques d'auteurs brésiliens vers l'espagnol, publiées à la presse uruguayenne. Avec Pablo Cardellino j'ai traduit, entre autres, Cervantes et les écrivains uruguayens Felisberto Hernández et Henry Trujillo. Avec Luana Ferreira de Freitas, mon épouse, j'ai traduit le conte "A bugra", de Bram Stoker, publié dans le recueil *Sombras de Carcosa — Contos de terror cósmico*, pour la maison d'édition Poetisa, de Piracicaba. Avec Luana je prépare une anthologie de poèmes d'Emily Dickinson.

A.G./R.B.: Croyez-vous que le traducteur peut être considéré comme l'auteur du texte traduit/ de la traduction?

W.C.C.: L'autorialité dans la traduction varie généralement d'un texte à l'autre, selon son genre et degrés de complexité et d'un traducteur à l'autre selon ses compétences. Parmi les exemples mentionnés ci-dessous, je dirais que mon rôle en tant qu'auteur a été plus important dans la traduction de poésie, dans la traduction des deux livres pour enfants et dans la traduction de la fiction de Felisberto Hernández et de Bram Stoker. Ce rôle en tant qu'auteur dépend également des compétences de lecture et de textualisation du traducteur. Je crois que ces compétences sont translinguistiques bien qu'elles soient apprises et développées dans des langues concrètes. Cela dépend aussi de la compétence de retextualisation, qui, à mon avis, est une compétence spécifique et qui est à la fois interlinguistique (capacité de re-





création, d'un système linguistique-discursif à un autre) et intralinguistique (capacité de paraphraser, dans un système linguistique-discursif). Nous pouvons dire également que dans la tâche du traducteur trois compétences importantes sont impliquées: la compétence encyclopédique et les compétences lexico-idiomatiques et stylistiques. En ce qui concerne la traduction littéraire, les choses deviennent, naturellement, plus complexes. L'indice d'autorialité, ainsi que celui de la pertinence culturelle et esthétique, dépendront de multiples facteurs présents dans le temps et le lieu de production et dans le temps et le lieu de lecture. Il me semble donc précipité de dire que les traductions ont une durée de vie plus courte que les textes sources. Si nous examinons l'histoire des littératures et, en leur sein, l'histoire des traductions, nous pouvons dire que les traductions peuvent présenter, au contraire, une plus grande survie, ce qui est dû, entre autres facteurs, au fait qu'une partie importante des traductions littéraires est faite à partir de textes sources préalablement sélectionnés par le public et par la critique. Il est vrai que seule une petite partie de la production littéraire mondiale est traduite et qu'une petite partie de cette petite partie est constamment retraduite. Seules les histoires de la littérature traduite comme les récentes *The Oxford history of literary translation in english* (Oxford: Oxford University Press, 2005, 2006, 2008, 2011) et *Histoire des traductions en langue française* (Paris: Verdier, 2012, 2014, 2015) peuvent commencer à mettre en lumière le complexe processus de production et de réception des traductions littéraires et leur importance pour la circulation internationale des représentations, des thèmes et des procédures, ainsi que pour la complexe formation du système littéraire mondial et la formation tout aussi complexe des sous-systèmes régionaux, nationaux et transnationaux.

A.G./R.B.: Vous êtes le fondateur de la revue *Cadernos de Tradução*, considérée aujourd'hui comme la principale revue dans le domaine au Brésil, et dans laquelle vous figurez comme éditeur associé. Commentez à propos de la création de la revue et de son insertion dans le contexte académique par rapport à d'autres revues.

W.C.C.: Dès le début de mon adolescence, j'ai été un grand lecteur de revues culturelles, telles que les revues brésiliennes *Leitura*, *Anhembi*, *Brasiliense*, *Civilização Brasileira* et les revues internationales *Quinzaine Littéraire*, *Les*

Temps Modernes, Critique, Strumenti Critici, Europe. Pendant ma période belge (1974-1982), j'ai pu augmenter cette liste grâce à la vaste collection de périodiques académiques de la Katholieke Universiteit Leuven, à la fois de la bibliothèque centrale et de la bibliothèque sectorielle de Lettres et de Linguistique. Au cours de mon doctorat, à l'Université de Birmingham (1988-1992), j'ai élargi encore plus la gamme de revues scientifiques lues, notamment les revues en langue anglaise. C'était avec ce cadre de lecture préalable de revues culturelles et de périodiques académiques que l'idée de créer une revue consacré aux Études de la traduction a surgi, considérant aussi qu'elle devrait être porte-parole du nouveau GT (Groupe de Travail) de l'UFSC, de l'ANPOLL (Association Brésilienne de Recherche en Lettres et Linguistique), par une invitation de la coordinatrice du GT de Traduction de l'ANPOLL, à l'époque, Maria Paula Frota, de l'Université PUC-Rio. *Cadernos de Tradução* a commencé comme une revue annuelle, éditée par mes collègues Marie Helene Catherine Torres, Mauri Furlan et moi-même, intégré au nouveau Centre de Traduction, le NUT (Núcleo de Tradução) de l'UFSC. *Cadernos de Tradução* a fonctionné, dès le premier numéro, publié en 1996, selon certains principes: restriction de la publication de textes locaux et publication de textes nationaux et internationaux, publication de textes en langues étrangères, publication de compte rendus/recensions et inclusion de tous les courants de pensée du domaine. La revue a connu un succès immédiat et, peu à peu, elle s'est solidifié et a gagné du prestige auprès des chercheurs du Brésil et de l'étranger. Le grand tournant est arrivé lorsque Andréia Guerini est devenue la rédactrice en chef. La revue, qui a commencé à compter sur le soutien des agences de financement CNPq et de CAPES, s'est professionnalisée et a commencé à paraître régulièrement, incorporat de nouvelles sections, telles que le compte rendu de traductions, des entretiens et, récemment, des traductions inédites. Un important tournant eut lieu récemment, grâce à un effort concentré de la rédactrice en chef et de la doctorante Letícia Goellner, puisque *Cadernos de Tradução* est entré sur la plateforme SciELO, ce qui l'assure de renouveler automatiquement la note A1 au système d'évaluation Qualis de la CAPES. *Cadernos de Tradução* est, ainsi, la principale revue d'Études de la Traduction du Brésil, pays où il existe le plus grand nombre de périodiques dans le domaine. La scène internationale est dominée par les revues anglo-américaines, ce qui s'explique par un certain nombre de raisons, notamment le poids de grands



groupes éditoriaux tels que Benjamins et Routledge, qui contrôlent le riche marché des périodiques dans la *lingua franca* principale de nos jours, l'anglais. Jusqu'au présent, les grandes maisons d'éditions brésiliennes ne se sont pas intéressées par l'édition de livres et périodiques dans le domaine des Études de la Traduction. En revanche, tous les périodiques brésiliens sont liés à des institutions d'enseignement et sont en libre accès en ligne, ce qui rend la recherche brésilienne, dans le domaine, démocratique et inclusive.

A.G./R.B.: Vous avez été l'un des responsables de la création du premier programme de recherche (3^e cycle) en Études de la Traduction du pays, à l'Université Fédérale de Santa Catarina (UFSC), et vous avez apporté votre soutien à la création des programmes spécifiques dans autres institutions, tels que l'UnB et l'UFC. Pourriez-vous commenter ce mouvement? Comment voyez-vous l'expansion des Études de la Traduction au Brésil?

W.C.C.: La création de la PGET, Programme de Master et Doctorat en Études de la Traduction, à l'UFSC, est due à une combinaison de facteurs favorables, à commencer par l'existence d'un groupe d'enseignants passionnés de traduction et qui se sont regroupés autour de la revue *Cadernos de Tradução* et du Centre de Traduction, NUT. C'est-à-dire, qu'à l'UFSC, le périodique spécialisé a paru 7 ans avant le programme de recherche spécifique en Études de la Traduction. Outre, leur rôle au NUT et à *Cadernos*, un petit groupe de chercheurs travaillait déjà dans une ligne de recherche dans les 3^e cycle de Littérature, d'Anglais et de Linguistique. Cela explique, en partie, pourquoi la PGET a eu une trajectoire ascendante fulgurante: son ouverture a été autorisé en 2003.2, la revue a commencé à fonctionner en 2004.1, avec une séance inaugurale emblématique, celle de Boris Schnaiderman, dont la carrière a inspiré une grande partie de mes activités institutionnelles. Lors de la première évaluation de la CAPES, la PGET obtint la note 4 (sur une échelle allant de 3 à 7) et, ensuite, avec le doctorat la note 5. Lors de l'évaluation quadriennale de la CAPES en 2017, la PGET a atteint la note 6 et il n'est pas déraisonnable de penser que la note 7 peut être atteinte dans un avenir proche. L'un de facteurs qui a pesé dans l'évaluation positive de la PGET est la présence de la recherche sur la langue de signes brésilienne, Libras, et la langue des signes. Parmi les 345 thèses et mémoires soutenus à la PGET (<<https://repositorio.ufsc.br/>



handle/123456789>). Entre 2004 et 2018, plusieurs sont sur la traduction et l'interprétation en Libras et en langue de signes. Une autre particularité de la PGET est sa relation avec la Belgique, l'un des pays (avec la Hollande et Israël) où la discipline des Études de la Traduction est née. J'ai fait ma licence et mon master à KU Leuven, trajectoire partagée par Philippe Humblé, professeur à l'UFSC pendant 25 ans et aujourd'hui enseignant à la VUB (Vrije Universiteit Brussels, Université libre de Bruxelles). Ce trait est complémentaire d'un autre élément tout aussi important, la présence à la PGET d'enseignants d'origine étrangère (plus de 20%) et la forte présence d'enseignants étrangers invités. À un moment donné, nous avons eu 6 enseignants étrangers en même temps, rassemblant les possibilités offertes par la CAPES, le CNPq et l'UFSC elle-même. Parmi les professeurs invités qui ont collaboré sur le plan international à la PGET, l'on compte les anglais John Gledson (l'un des plus grands spécialistes de Machado de Assis et traducteur de Machado et d'autres écrivains brésiliens) et Malcolm Coulthard (l'un des représentants de l'Analyse du Discours britannique et l'un des fondateurs de la linguistique judiciaire), le belge José Lambert et l'allemand Berthold Zilly, enseignant à la Freie Universität Berlin (Université Libre de Berlin) et l'un des plus importants traducteurs de littérature brésilienne, à la PGET depuis 7 ans. Une autre caractéristique de la PGET fut son attitude non seulement à accueillir des chercheurs d'institutions nationales et internationales, mais également à collaborer à la formation de collègues non docteurs d'autres institutions par le biais du programme DINTER (doctorat interinstitutionnel) de CAPES. De cette façon, la PGET a mis en place un DINTER avec deux institutions fédérales de Paraíba, UFPB (Université Fédérale de Paraíba) et UFCG (Université Fédérale de Campina Grande), qui a formé 9 docteurs. Un DINTER est actuellement en cours avec l'UFPA (Université Fédérale du Pará), qui est en train de former 15 docteurs parmi les collègues enseignants de différents campus. Dans les deux cas, la coordination était et est assurée par Marie Helene Catherine Torres. J'étais (et je suis encore) très engagé dans les deux projets. L'interdisciplinarité typique du domaine des Études de la Traduction, qui a une interface avec tous les domaines du savoir, s'est accentuée à la PGET et cela est devenu clair récemment lorsque, concourant à l'appel publique conjoint 01/2018/PROPG/PESQ, visant à intégrer le programme d'internationalisation CAPES-PrInt, la PGET a présenté un



sa conférence à la POET/UFC, le 03/05/18, intitulée “Pourquoi (les Études de) la Traduction?” que le Brésil est le pays qui fait plus de recherches sur la traduction au monde.

A.G./R.B.: Comment voyez-vous l’institutionnalisation des Études de la Traduction à l’étranger?

W.C.C.: Malgré la réussite de la discipline parmi les chercheurs et dans l’industrie de l’édition, surtout de langue anglaise, l’institutionnalisation des Études de la Traduction à l’étranger me semble problématique. Curieusement, le seul pays où la discipline a des programmes spécifiques forts, et ayant un grand nombre d’étudiants en master, doctorats et post doctorat, c’est le Brésil. Dans la plupart des pays, ce que prévaut, ce sont les programmes de formation de traducteurs et interprètes, et non d’Études de la Traduction au niveau du master et du doctorat. Le Royaume-Uni se distingue car il présente un grand nombre d’étudiants en master et en doctorat, mas cela est dû à la flexibilité de l’université britannique, permettant d’offrir des master et doctorat de recherche dans certains domaines avec un nombre réduit d’enseignants. Il convient également de mentionner d’autres pays dans lesquels les Études de la Traduction ont une insertion institutionnelle, à commencer par deux pays traditionnellement forts: plus précisément en Flandres, où les anciennes écoles d’interprétation ont été absorbées par la KU Leuven, l’Universiteit Antwerpen et par la VUB; et le Canada, où la discipline est bien établie dans plusieurs universités et où sont édités certaines des plus importantes revues internationales telles que *Meta* et *TTR*. En Espagne (notamment Barcelone) et au Portugal, les Études de la Traduction ont atteint une position institutionnelle importante. Un phénomène nouveau est celui des collègues portugais qui préfèrent publier organiser colloques et congrès en anglais. D’autres pays se distinguent: la Turquie, l’Afrique du Sud, l’Inde, l’Australie et la Malaisie. La Chine est la grande nouveauté et semble avoir adhéré à la cause des Études de la Traduction, maximisant ainsi une tradition qui existait déjà à Hong Kong et à Macao. Dans les publications internationales en anglais, et dans les périodiques et dans des livres, la présence d’auteurs chinois est devenue une constante. Au Brésil, nous devons la reconnaissance actuelle des Études de la Traduction à Sandra Regina Goulart Almeida, actuelle présidente de l’UFMG. Avant de





poser sa candidature au poste de vice-présidente de l'UFMG, Sandra était vice-coordinatrice du domaine des Lettres et de Linguistique à la CAPES. À ce poste, elle a, en accord avec le coordinateur, Dermeval da Hora, défendu et promu les Études de la Traduction. En conséquence, pendant les 7 ans de mandat de Dermeval, les Études de la Traduction ont été reconnus par la CAPES et certains de ses représentants, comme Andréia Guerini et moi-même, avons été systématiquement invités à participer au comité d'évaluation des programmes, ainsi qu'au prix de thèse de la CAPES. Pendant la gestion de Dermeval, il y eut des gains importants dans le domaine, notamment la reconnaissance de la traduction d'article en tant qu'article et la traduction de livre en tant que livre.

A.G./R.B.: La bibliographie sur les Études de la Traduction augmente de manière exponentielle depuis la création de la discipline dans les années 70/80 jusqu'au 20ème siècle. Comment évaluez-vous cette augmentation?

W.C.C.: La bibliographie a beaucoup augmenté ces dernières années, surpassant d'autres disciplines consacrées. Cependant, comme c'est souvent le cas, cette croissance est inégale, à la fois en termes de langues et de pays et de sous-domaines. Ainsi, au cours des dernières décennies, nous avons constaté une augmentation du nombre de publications, notamment en anglais, et spécialement dans des domaines auparavant peu exploités, comme l'interprétation (qui est devenue, pratiquement, un domaine indépendant), la traduction audiovisuelle, l'interprétation et la traduction en langue de signes. En revanche, les secteurs qui existaient avant la discipline, comme les études de la traduction littéraire, ont peu augmenté dans la scène internationale. Au Brésil, les Études de la Traduction Littéraire représentent un domaine important et constituent une partie significative de la production nationale. Il y a aussi le récent phénomène de l'édition numérique, dans lequel le Brésil se distingue, car tous les travaux des universités publiques, tels TCCs (travail de conclusion de cours de licence) les mémoires et les thèses, sont disponibles en ligne. C'est une production immense et précieuse, peu connue et peu étudiée, et chaque fois plus utilisée. Il serait important que la bibliographie soit mieux connue, et avec la publication, en accès libre, de bibliographies critiques décrivant et évaluant ce matériau très riche.

A.G./R.B.: Que reste-t-il à faire pour que le domaine des Études de la Traduction progresse et gagne plus de visibilité dans le pays et à l'étranger?

W.C.C.: Le domaine est bien établi en termes de publication, avec les limitations signalées ci-dessus, mais pas en termes d'institutionnalisation, ce qui garantit plus de visibilité et un développement soutenu par l'accès à des sources de financement stables. Je crois qu'il s'agit plus d'un problème politico-institutionnel qu'académique. Une initiative qui, à mon avis, est essentielle consiste à augmenter le dialogue avec les autres disciplines, ce qui signifie augmenter le dialogue avec toutes les disciplines. Une autre initiative importante est que la recherche en Études de la Traduction est mondiale, c'est-à-dire qu'elle couvre tous les continents, toutes les langues et toutes les cultures, et qu'elle est multilingue. Il convient de considérer qu'on a eu aussi un recul. En Allemagne, pays pionnier et remarquable en plusieurs moments historiques dans l'étude de la traduction, les Études de la Traduction semblent faire face à des difficultés institutionnelles. Il en va de même en France, et davantage encore, aux États-Unis.

A.G./R.B.: Comment voyez-vous la perception du rôle et de l'importance de la traduction en dehors l'académie? Cette perception a-t-elle changé? Dans quel sens?

W.C.C.: Elle a changé dans quelques secteurs; il reste encore beaucoup à faire. Il y a des prix pour les traductions, surtout littéraires; il existe des appels d'offre de bourses de la Fondation de la Bibliothèque National Brésilienne [Fundação Biblioteca Nacional] pour les traducteurs d'œuvres littéraires brésiliennes vers d'autres langues. Les grandes maisons d'éditions sont plus sensibles: elles mettent généralement le nom du traducteur sur la page de titre et, dans certains cas, sur la couverture; elles demandent aux correcteurs et aux préparateurs de texte d'être tolérants envers les choix des traducteurs; elles privilégient les traductions directes, dans la mesure du possible. D'un autre côté, quelques mauvaises habitudes demeurent: dans les sites des libraires, les traducteurs ne sont presque jamais mentionnés et c'est la même chose dans la plupart de TCCs, mémoires et thèses en études de la traduction... Les droits d'auteurs des traducteurs sont encore très limités, à l'exception de quelques pays comme la Hollande. Sur le plan international, la situation n'est pas tellement différente, bien qu'il y ait des



sont les concordances en ligne, de plus en plus nombreuses et plus grandes, comprenant un grand nombre de langues. Je peux vous montrer cela, avec un exemple, du domaine des Études de la Traduction. Pendant longtemps, je me suis intéressé à Jiří Levý (1926-1967), de qui j'ai entendu parler pour la première fois à Leuven, dans un cours donné par José Lambert. Hier, à Florianópolis, et aujourd'hui, à Fortaleza, Lambert maintient la même admiration par son collègue tchèque, décédé de façon précoce. Levý, dont le travail est gigantesque, si l'on pense à sa vie si brève, a contribué de manière significative non seulement aux Études de la Traduction, mais aussi aux Études Littéraires dans son ensemble et, plus particulièrement, à l'étude de la poésie et du vers. Eh bien, grâce aux traducteurs automatiques, les différents dictionnaires et concordances, et aussi grâce à la connaissance de quelques langues étrangères, je peux maintenant avoir accès au texte tchèque. En tant qu'expérience, j'ai cherché et trouvé l'édition tchèque de son œuvre la plus connue, *Umění překladau*, de 1963, qui a eu sa première traduction en allemand, *Die literarische Übersetzung — Theorie einer Kunstgattung*, en 1963 et une traduction vers l'anglais seulement en 2011. Je reproduis ci-dessous le premier paragraphe du texte tchèque, suivi de sa traduction par Google Translator et le traducteur Patrick Corness.





<p>Texto en tchèque.</p>	<p>Traduction de <i>Google Traducteur</i> vers l'anglais le 09/04/18.</p>	<p>LEVÝ, Jiří. <i>The art of translation</i>. Translated by Patrick Corness. Edited with a critical foreword by Zuzana Jettmarová. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 2011, p. 3.</p>
<p>1. Všeobecná situace</p> <p>Literatura o překládání se jen zčásti pohybuje v rovině teoretické, do dnešního dne většina studií i knižních publikací nepřesahuje hranice empirických pozorování nebo esejistických aforismů.</p>	<p>1. General situation</p> <p>Literature on translating is only partly in the theoretical plane; to date, most studies and books publications does not go beyond boundaries of empirical observations or eseistic aphorisms.</p>	<p>1.1 An overview</p> <p>To date, writing on translation only partially belongs to the realm of theory, as most articles and monographs have been confined to empirical observation or essayistic aphorisms.</p>

J'ai souligné en gras quelques problèmes de traduction de Google. Comparée avec les premières traductions automatiques, cette traduction me semble proche du type de traduction dont j'ai besoin pour connaître l'œuvre de Jiří Levý, à partir du texte tchèque et en utilisant, bien sûr, la connaissance des autres langues étrangères (y compris le russe) et de la connaissance du domaine des Études de la Traduction. J'ai hâte d'étendre ce premier test à d'autres travaux d'Études de la Traduction de Levý, comme *České teorie překládu* [Théories tchèques de la traduction] de 1957, et à ses nombreux textes sur la versification.

ENTRETIEN

Rodrigo D'AVILA⁵ et Yeo N'GANA⁶ avec Albumita-Muguraş CONSTANTINESCU⁷

Muguraş Constantinescu est professeur HDR à l'Université "Ştefan cel Mare" de Suceava, Roumanie où elle enseigne la traductologie. Elle est rédactrice en chef de la revue *Atelier de Traduction*, directrice de la Collection "Studia doctoralia — francophonie et traductologie" et coordinatrice du master Théorie et Pratique de la Traduction de son Université. Elle a publié des ouvrages comme *Pratique de la traduction*, 2002, *La traduction entre pratique et théorie*, 2005, *Les contes de Perrault en palimpseste*, 2006, aux éditions de l'Université de Suceava; a publié aussi *Pour une lecture critique des traductions. Réflexions et pratiques*, 2013, chez L'Harmattan, Paris, *Lire et traduire la littérature de jeunesse*, 2013, chez Peter Lang, Bruxelles et, plus récemment, *La traduction sous la loupe — lectures critiques de textes traduits*, 2017, chez Peter Lang, Bruxelles.

Sa carrière a connu une envergure internationale comme professeur invitée à l'Université Blaise-Pascal, Clermont-Ferrand, France, en 2004 et comme invitée à assurer des séminaires doctoraux à l'Université d'Ottawa en 2013, Canada et à dispenser des conférences à l'Université de Genève, Suisse, en 2014, à l'Université Nationale et Capodistrienne d'Athènes, Grèce en 2014, à l'Université Paris 8, France en 2015.

Son activité scientifique compte plus de 40 de articles, études et comptes-rendus dans des périodiques à portée internationale: *Meta*, *Target*, *Palimpsestes*, *TTR (Traduction — Terminologie — Rédaction)*, *Tropelias*, *Cadernos de traducaao*, *Quaderns. Revista de Traduccion*, *Translationes*, *Atelier de traduction*, *Rielma*, *Ondina*.

⁵ Universidade Federal de Santa Catarina; CAPES, Brésil, rodrigodavilabraga@gmail.com.

⁶ Universidade Federal de Santa Catarina, Brésil; Université Félix Houphouët Boigny, Cocody, Abidjā, Côte d'Ivoire, nganayeo@gmail.com.

⁷ Université "Ştefan cel Mare" de Suceava, Roumanie, mugurasc@gmail.com.



Plus de 35 chapitres, portant sur l’histoire et la critique des traductions, dans des ouvrages collectifs parus à l’étranger chez: Picard, Frank & Timme, Lambert Lucas, L’Harmattan, Peter Lang, Honore Champion, Presses Sorbonne Nouvelle, Presses Blaise Pascal, Presses Universitaires de Rouen, Presses de l’Université de Bologne etc.

Traductions — plus de 15 ouvrages et chapitres d’ouvrages de G. Genette, G. Durand, A. Montandon, Jean Burgos, J.J. Wunenburger, Pascal Bruckner, Raymond Jean, J. P. Courtine, Raymond Aron, René Louis, Alain Montandon.



RODRIGO D’AVILA et YEO N’GANA (D.R./Y.N.): *Commençons par votre ouvrage Pour une lecture critique des textes traduits, publié par les éditions L’Harmattan en avril 2013. Comment le résumeriez-vous pour celui ou celle qui n’a pas encore eu l’opportunité de le lire?*

MUGURAŞ CONSTANTINESCU (M.C.): Je veux dire que ce livre a été complété en 2017 par le suivant, *La traduction sous la loupe*, chez Peter Lang, qui propose des lectures critiques de textes traduits et nuance encore le concept de “lecture critique”. J’ai voulu réagir dans les deux ouvrages au concept de critique des traductions qui existe surtout par le modèle de Berman, à travers son ouvrage *Pour une critique des traductions* de 1995. Moi, je trouve que l’ouvrage de Berman est cohérent, bien structuré et très utile, mais qu’on ne peut pas réaliser pour les nombreuses traductions qui paraissent dans une culture, cette critique si structurée qu’il propose. On a le choix entre la critique bermanienne ou celle de Lance Hewson, *An approach to translation criticism*, de 2011, complètes, approfondies et rien. On n’a pas de forme plus simple d’accueillir une traduction, tandis que pour la littérature originale, nationale de chaque culture, on a plusieurs formes — des comptes rendus, des chroniques, des articles, des études. Pour la traduction il y a peu de formes d’accueil. Souvent, dans des journaux littéraires, on publie des chroniques d’un ouvrage qui vient d’être traduit sans même mentionner le fait que c’est une traduction. Elles font référence à l’œuvre originale et non pas à la traduction, ne commentent pas du tout la manière dont l’ouvrage a été rendu en langue étrangère, même si la rubrique s’appelle “chronique des traductions”. En revenant à mes ouvrages, quand je dis “pour une lecture



critique” c’est pour renvoyer au titre de Berman et proposer quelque chose qui précède, nuance, complète ce concept de “critique des traductions”. Un texte traduit doit être accueilli pour ce qui fait de lui une traduction. Donc cette confusion qui se fait entre le texte original et le texte traduit dans les études littéraires doit cesser. Prendre la traduction pour l’original signifie ignorer complètement ce qui s’est transformé dans le texte, ce qu’on a perdu, ce qu’on a peut-être nuancé. D’autant plus que, par ailleurs, la traductologie s’est beaucoup développée, a pris de l’ampleur, de l’expansion. La critique littéraire existe depuis le XIX^e siècle et a aussi évolué, tandis que pour la traduction, il n’y a pas une diversité de formes d’accueil spécifiques.

D.R./Y.N.: Donc vous êtes pour des critiques des traductions et non pour une critique des traductions?

M.C.: Oui, je pense qu’on doit accueillir la traduction à travers plusieurs formes simples ou complexes de critique. On peut faire une étude monographique, dans une thèse par exemple, et alors on pratique cette étude approfondie mais si l’on veut saluer dans un journal la parution d’une traduction, on peut se limiter à une chronique, à une recension, parfois même, à une présentation. Dans cette dernière, on peut consacrer quelques lignes à la façon dont le texte a été rendu dans la langue traduisante. Même dans une préface, on peut parler du traducteur et de la manière dont il a travaillé. C’est *grosso modo*, l’objectif de mes deux ouvrages. Je milite, si le mot ne vous dérange pas, pour une diversité de formes de critiques qui, d’une façon ou d’une autre, reconnaissent la traduction d’un texte en tant que traduction et ne permettent pas la confusion avec l’original, comme on le fait trop souvent.

D.R./Y.N.: Je voudrais rebondir sur “plus souple”, c’est ce qui m’a intéressé. Qu’entendez-vous par une lecture plus souple?

M.C.: C’est la “lecture critique” qui ne doit pas respecter rigoureusement toutes les étapes de réception du texte proposées par Berman pour une critique complète d’un texte. Dans un compte-rendu, ayant le but de faire un premier contact avec le public, on peut ne pas insister sur la position traductive, qui est souvent implicite. Quand, je dis “plus souple”, je pense à des formes brèves qui se permettent de passer sous silence une étape ou autre de la critique approfondie des traductions, sans être trop limitée.



Dans une chronique, on peut se permettre d'énumérer quelques solutions très intéressantes du traducteur si on les juge créatives ou signaler des omissions qui compromettent le message du texte traduit, si c'est le cas.

D.R./Y.N.: Peut-on évaluer une traduction?

M.C.: Ma réponse sera plurielle, en principe, on peut évaluer une traduction, si on a des critères par rapport au projet qui l'a fait naître. Une condition obligatoire est de confronter l'original et la traduction, sinon l'évaluation n'est donc pas vraiment fondée. Mais, selon moi, il est plus intéressant d'analyser une traduction, de la commenter, de l'explorer. Penser en termes de bonne traduction ou de mauvaise traduction n'est pas intéressant. Voir plutôt si c'est une traduction qui s'éloigne beaucoup du texte original ou s'il s'agit d'une traduction qui sacrifie des culturèmes. Si l'on prend le cas de Le Clézio, je crois que le traducteur de ses premiers ouvrages traduits en roumain n'était pas entièrement responsable des ajustements du texte. On peut supposer que c'est l'éditeur qui les a exigés, ou que la mentalité traductive de l'époque encourageait des ajustements. De nos jours, la propriété intellectuelle est à respecter et n'est pas négociable. Il y a une loi sur la propriété intellectuelle et cela exige au moins une note du traducteur où on l'on annonce que certains passages ont été abrégés et pourquoi. C'est une façon d'être correct. Dans les années communistes, Le Clézio a pu être abrégé dans ses listes d'arbres, de plantes qui montrent, en fait, un regard sur la nature, important dans son cas. De nos jours, la mentalité sur la traduction a changé. Il faut replacer les choses dans leurs contextes et voir aussi l'évolution de la vision sur la traduction au niveau de l'éditeur. C'est dans ce sens-là qu'il est intéressant d'évaluer une traduction, en la mettant dans son contexte. Si on juge trop sévèrement ce premier traducteur à une époque où les idées d'écologie, les idées même de propriété intellectuelle n'étaient pas aussi claires qu'aujourd'hui, on risque de faire des évaluations erronées. Il ne faut donc pas juger avec les critères de notre époque, du XXI^e siècle une traduction qui a plus d'un demi-siècle d'ancienneté.

D.R./Y.N.: Est-ce que l'original est une métaphore? En fait, est-ce que "l'original" existe? Ou est-ce qu'il y a "des originaux"?

M.C.: Je pense que pour le conte populaire la situation de l'original est plus compliquée. Mais pour un ouvrage de Genette ou de Pascal Bruckner

l'original, au moins du point de vue éditorial, existe. Bon, il ne s'appelle pas original dans son pays, il s'appelle "œuvre", "dernier roman", "dernier essai", "livre", "ouvrage". Je pense que l'original est un terme qui se pose au moment d'une analyse comparative. On doit donner un nom au texte qui a été traduit et alors, c'est une convention, on parle de l'original et de la traduction, du texte à traduire et du texte traduit, du texte-source et du texte-cible. Si l'on pense que chaque lecteur, y compris chaque traducteur, lit le texte à travers sa subjectivité, son horizon culturel, son époque etc., on peut dire qu'il y a plusieurs originaux. Comment l'original passe-t-il à travers la traduction, cela est autre chose. C'est pour cela qu'il y a cette tendance de retraduire surtout les grands auteurs, parce que chaque époque a sa vision sur le monde et la langue évolue aussi. Il est donc nécessaire de publier des retraductions — surtout pour les auteurs qui ont vécu, disons, il y a des siècles, ou même pour un ouvrage qui a été publié par un auteur contemporain. Mais si l'ouvrage a été publié il y a 40 ans, la traduction commence à dater, à être associée à une certaine langue d'une certaine époque. Donc "y a-t-il un original?". Lorsque le traducteur a en main un ouvrage de 300 pages et je ne sais combien de chapitres qu'il doit rendre dans sa langue, on peut l'appeler ou non original, mais c'est le texte de départ. Pour les contes populaires c'est différent. Mais pour Perrault, qui représente le conte savant, le texte existe, même si, à l'origine, il s'est inspiré de la littérature orale. Il y a un texte d'auteur, qui a tout un palimpseste derrière, mais c'est un texte concret, palpable avec phrases, ponctuation, illustrations.

D.R./Y.N.: Pourriez-vous nous dire comment vous êtes devenue traductrice?

M.C.: Je pense que j'ai eu très jeune ce qu'on appelle l'impulsion traductive. J'étais élève au lycée dans ma ville natale où j'apprenais le français que j'aimais bien. J'étais même, disons, très intéressée à l'approfondir, à consulter les manuels de façon régulière dans les limites possibles de l'époque communiste. Comme j'étais à l'époque aussi très passionnée par la poésie, je me suis proposé de traduire quelques poètes roumains. Et j'ai traduit quelques textes que j'ai publiés, en tant que jeune traductrice, dans un journal national. J'ai, ensuite, été prise par le baccalauréat, par l'examen d'admission à l'Université. J'ai fait des études de lettres — double spécialité français-roumain. Et en tant qu'étudiante, j'ai été très contente de pouvoir



travailler des textes littéraires dans les cours de traduction, parce qu'on avait des cours de traduction. J'étais très passionnée par ces cours de traduction au point que je fréquentais aussi des cours qui n'étaient pas de mon programme. J'ai passé aussi un examen national pour avoir le "certificat" de traducteur. J'ai eu mon certificat, mais il ne m'a pas vraiment servi parce que les maisons d'édition avaient ses traducteurs attirés. J'ai pu traduire pendant les années communistes un fragment par-ci, par-là dans un journal littéraire. Pour répondre à ce désir, à cette pulsion de traduction. A un moment donné, j'ai traduit des contes de Madame d'Aulnoy du XVII^e siècles pour mes filles. Je traduisais ce que je leur lisais. Et j'ai essayé de les publier et on m'a dit que ce sont des contes aristocrates, avec comtesses et que ce n'est pas le moment. Je n'ai donc pas pu publier mes traductions de cette époque-là. En échange, j'ai pu traduire après la chute du communisme quand le marché éditorial s'est ouvert, s'est élargi. Et, j'ai rencontré Raymond Jean, romancier et professeur de l'université d'Aix-en-Provence venu en visite en Roumanie. Il m'a donné un livre nommé: *La lectrice*, très intéressant par sa charge intertextuelle parce que l'auteur imaginait une femme qui avait fait des études de lettres et s'ennuyait un peu comme femme au foyer; alors, elle a proposé par "les petites annonces" des lectures à domicile de Maupassant, Mallarmé, Sade, etc. J'ai donc proposé cette traduction à une maison d'édition, Univers, qui était spécialisée en littérature étrangère. On l'a trouvée très bonne et on l'a acceptée. Ensuite les éditeurs m'ont proposé d'autres traductions. Pendant une vingtaine d'années, j'ai traduit des ouvrages soit proposés par moi, soit par les éditeurs qui m'intéressaient et me convenaient. C'était pendant mes heures libres parce que je travaillais, j'ai toujours été professeur de français. Je n'ai jamais été traductrice payée et qui vit de traductions. A présent, je publie plutôt des traductions collaboratives faites avec des étudiants et de jeunes collègues. C'est un travail tout aussi stimulant et gratifiant que la traduction individuelle, solitaire. En résumant, je peux dire que la traduction a marqué ma vie personnelle et professionnelle et elle continue de me passionner et me préoccuper, soit comme pratique soit comme objet de réflexion.

D.R./Y.N.: En 2008, vous avez organisé un Colloque International intitulé "Panăit Istrati sous le signe de la relecture". Ce qui nous intéresse ici c'est surtout la relecture. Traduire, c'est aussi relire, redire, réécrire. Alors, quelle lecture faites-vous du préfixe "re" d'un point de vue philosophique?

M.C.: Je pense que j'ai déjà commencé la réponse en parlant de retraduction. Je dirais que notre époque se trouve en quelque sorte placée sous le signe du "re". Déjà en traductologie, on parle de retraduction, en littérature on parle de réécriture, dans les spectacles on parle de revisiter tel ou tel texte. Si on élargit, en architecture, vous savez telle ancienne fabrique est transformée en centre culturel, cela s'appelle reconversion de bâtiment; en écologie on nous exhorte, on nous invite à réutiliser tel produit. On est dans l'époque du "re" et je pense que c'est une bonne chose, parce qu'en fait, d'une part, on est plus écologique, plus attentif avec le monde contemporain, si on parle de reconversion et de réutilisation, et que, d'autre part, on reconnaît un peu un héritage, donc une retraduction veut dire qu'il y a déjà une première traduction ou deux ou trois. C'est reconnaître aussi une évolution, un phénomène, une série qui s'est constituée à travers les retraductions. Pour réécriture, c'est plus complexe. Je dirige une thèse sur les contes de Perrault et leur réécriture à travers la traduction. Cela suppose que la doctorante va s'occuper des traductions qui existent pour les contes de Perrault et qu'elle fait la collecte de réécritures des textes de Perrault. Nous privilégions les réécritures qui sont traduites pour avoir à travailler une deuxième fois sur la traduction. A partir du recueil *Les contes de Perrault à travers le monde*, on prend Cendrillon et on voit son histoire dans plusieurs pays, plusieurs cultures car, pour nous, c'est important d'avoir aussi la traduction de cette réécriture. C'est très à la mode surtout pour les contes, de donner une version nouvelle aux contes célèbres qui existent, si possible une version personnelle. J'ai acheté dans la librairie de votre université un livre qui s'appelle la Cendrillon brésilienne — la *Cinderela brasileira*. Il est intéressant de voir que ces personnages de contes, ces motifs de contes ont une vie nouvelle, adaptée. Et vous savez, j'ai vu pas mal de Petits Chaperons rouges où le loup est innocent et naïf et c'est la fille que le séduit. Lorsqu'il y eu le centenaire des contes de Perrault il y a 10 ans déjà, en 1997, et on a publié un recueil en France dont le titre était *Les contes de Perrault revus par*, réécrits par plusieurs auteurs contemporains pour les adultes. On est donc dans la réécriture et il y a la réécriture, par exemple, pour la *Belle au Bois dormant*. J'ai vu un livre très intéressant publié par l'auteur d'origine marocaine Tahar Ben Jelloun, *Mes contes de Perrault*, il a leur a donné une touche nouvelle, maghrébine. J'ai aussi vu que beaucoup d'illustrateurs donnent une nouvelle lecture



aux contes juste par leurs illustrations, plus érotiques, plus féériques, cela dépend, ou au contraire, plus noires.

D.R./Y.N.: Comment est-ce que vous analysez la circulation des œuvres d’Eminescu en Roumanie, disons en Europe de façon générale. Est-ce que la traduction a été importante dans ce trajet?

M.C.: En Roumanie les œuvres d’Eminescu circulent bien, c’est notre poète national. Pour ce qui est des traductions d’Eminescu la question est complexe et difficile à trancher. Il a été beaucoup traduit dans de nombreuses langues de l’Europe et en dehors du vieux continent; on a compté environ quatre-vingts langues où il a été rendu des plus connues — allemand, français, anglais, espagnol, portugais, italien, grec, russe, chinois, coréen — aux moins connues catalan, malgache, lituanien. Si mes renseignements sont bons, Eminescu est aussi traduit au Brésil par les titres: Eminescu, Mihai: *25 poemas do amor romântico* (antologia), Fortaleza: Expressão Gráfica, 2004; e Eminescu, Mihai: *Vésper*, Fortaleza: Cearte, 1989; São Paulo: Giordano, 1994. La traduction l’a fait connaître comme le poète national roumain mais sans réussir toujours à rendre la profondeur et la densité de son univers et la dimension philosophique qui la sous-tend. Je vais prendre les traductions en français, parce que je les connais mieux. Depuis sa mort et jusqu’à présent nombreux sont les traducteurs qui ont essayé de le rendre en français: Rea Ipcar, Nicolae Jorga et Septime Gorceix, Pierre Nicolesco, L. Barral, Marguerite Miller-Verghy, S. Pavès, Hubert Juin, Georges Barthouil et Ilinca Barthouil-Ionesco, Annie Bentoïu, Dimitire Suchianu, Veturia Draganescu, Michel Stériade, Alain Bosquet, Alain Guillerrou, Paul Miclău, Jean-Louis Courriol, Elisabeta Isanos, Maria Vodă Căpușan, Ariadna Combes, Emanoil Marcu, Théodor Cazaban, Miron Kiropol, Michel Wattremez Constantin Frosin et d’autres. Le fait est que les traductions d’Eminescu n’ont pas toujours rendu service au poète parce qu’elles lui ont parfois donné une dimension édulcorée, mignarde, en cherchant, à tout prix, la rime, la prosodie. Selon Benjamin Fondane, poète et traducteur d’avant-garde, jusqu’en 1933 rien d’Eminescu, “ce géant dont la langue est une telle merveille qu’il est impossible d’en rendre l’équivalent dans un autre idiome”, “n’a passé en langue française” ou seules quelques poésies transformées en “romances de quat’sous” (1933). Cela s’explique par sa “révolution autour de quelque

grand courant lyrique européen”, notamment le romantisme, déjà attardé à son époque, et sa traduction tardive, en plein modernisme. Selon Irina Mavrodin, grande traductrice et éditrice, la malchance d’Eminescu en français est liée à la langue traduisante dont la structure est plus analytique que celle du roumain, ce qui allonge et dilue les traductions. A cela s’ajoute la maladresse des traducteurs qui mettent au-dessus de tout la rime et la prosodie traditionnelle, en enjolivant la poésie d’Eminescu, au lieu d’en proposer une lecture-traduction renouvelante, attentive à ses spécificités poétiques, à sa couleur lexicale et à sa musicalité intérieure. Selon Miron Kiropol, l’un des meilleurs et des plus récents traducteurs d’Eminescu, pour qui la traduction est un véritable acte de recreation, la faute est à ceux qui ont suivi la “tentation de versifier didactiquement” sa poésie, en le transformant en un “sous-Chenier”, au lieu de “moderniser un peu l’immense poète”, d’en proposer une lecture compatible avec le public contemporain.⁸ Un autre phénomène lié à la traduction d’Eminescu est le fait que de nombreuses traductions, même celles qui correspondent au goût du lecteur moderne, où la musicalité intérieure, les mots clefs de l’univers eminescien sont préservés paraissent à des maisons d’éditions roumaines et circulent en Roumanie. Donc, les traductions modernes sont publiées surtout en Roumanie et ne circulent pas vraiment au-delà des frontières. L’intérêt n’est pas de convaincre le lecteur roumain de la valeur d’Eminescu, mais de le faire connaître ailleurs. Je peux vous dire de bonnes choses sur la traduction de la prose d’Eminescu, j’ai eu l’occasion de faire des recherches à ce propos. Eminescu a publié aussi des contes, à l’origine populaire, auxquels il a donné une forme beaucoup plus lyrique avec des images typiques pour son univers. Et l’un de ses contes est *Beau vaillant né d’une larme*. C’est l’histoire d’un prince charmant, qui est né des larmes d’une reine qui ne peut pas avoir d’enfants mais qui a la protection de la Vierge Marie. Et là, j’ai eu la surprise de voir que la première traduction de ce conte a été faite par un Français qui avait été professeur de français en Roumanie et connaissait aussi le roumain, Jules le Brun. En 1890, une année après le mot du grand écrivain, le conte est paru sous le titre générique *Rhapsodies roumaines*, tirage à part du *Semeur*, revue littéraire et artistique, paraissant à Lausanne. La traduction n’est pas signée mais elle appartient au même traducteur qui

⁸ EMINESCU, Mihai; KIROPOL, Miron. *Poésies/Poezii: comment lire Eminescu en français*. București: Albatros, 2001, p. 6.





la publie en 1894 à Paris dans le recueil *Sept contes roumains*, Librairie de Firmin-Didot, le nommé déjà Jules le Brun. Il a laissé beaucoup de mots spécifiquement roumains et difficiles à traduire, tels quels, dans le texte. Il a écrit assez de notes à ce conte et a expliqué ces mots et aussi sa manière de travailler. Cela, à la fin du XIX^e siècle! Maintenant, c'est plus fréquent surtout dans la littérature postcoloniale d'émailler le texte de termes qui viennent de la culture d'origine. A l'époque, il a eu cette intuition que j'ai beaucoup appréciée. Il a ensuite expliqué comment il a fait le choix pour les notes. Plus près de nous, un jeune traducteur, Michel Wattremez, a rendu en français les contes et la prose d'Eminescu aux éditions Actes Sud qui ont créé une collection Lettres roumaines. C'est grâce à cette professeure dont je vous ai parlé, Irina Mavrodin, la directrice-fondatrice de la revue *Atelier de Traduction*, grande traductrice, entre autres de Proust, que cette collection a vu le jour. La prose d'Eminescu est bien passée en traduction française. Le public contemporain est assailli par tant d'ouvrages qui paraissent sur un marché saturé, mais, quand même, il y a eu des lecteurs intéressés par la prose d'Eminescu. Michel Wattremez a réussi aussi la performance de rendre en français une grande partie des posthumes d'Eminescu.

D.R./Y.N.: Quelle est la littérature traduite aujourd'hui en Roumanie?

M.C.: C'est une très ample réponse! De nos jours, on traduit de toutes les langues, de toutes les cultures, de tous les genres, de tous les styles en roumain. Comme dans les autres pays, les grands prix, nationaux ou internationaux, les Nobels sont traduits le plus vite possible. On essaie d'être au courant de tout. Il y a des maisons d'éditions qui sont assez solides et qui ont des collections, comme par exemple une série dédiée à Le Clézio, aux éditions Art, un des romanciers français récompensés par le Nobel. Les éditions Polirom ont la série Modiano, autre Nobel, Humanitas a la série Coelho, comme auteur le mieux vendu partout dans le monde et les exemples pourraient continuer. Les grands auteurs japonais, suédois, norvégiens, africains, maghrébins et d'autres cultures sont traduits Depuis une dizaine ou une quinzaine d'années aux éditions Univers, il y a une série de littérature brésilienne. On y a traduit des auteurs comme: Érico Verissimo, Luis Fernando Verissimo, Moacyr Scliar, José Mauro de Vasconcelos, Clarice Lispector, João Paulo Cuenca, Patrícia Melo, Paolo Lins, Alberto Mussa et d'autres. En Roumanie, comme dans tant d'autres

pays, la traduction domine sur le marché éditorial, même si on a une littérature nationale toute aussi intéressante. A cela, on ajoute la traduction de littérature de jeunesse, des ouvrages de sciences humaines, un domaine très important, ensuite des ouvrages d'art, de philosophie, techniques, scientifiques. N'oublions pas les ouvrages à portée écologique, beaucoup traduits aussi! Le marché éditorial des traductions est vraiment très vaste et ne se limite pas aux textes littéraires.

D.R./Y.N.: Quel futur pour la traduction en Roumanie?

M.C.: Du point de vue culturel, je pense que la Roumanie est ce qu'on appelle une "culture traduisante". Chez nous, on traduit depuis le XVI^e siècle, lorsqu'on a commencé par des textes religieux. C'est un pays traducteur du point de vue de la littérature, des sciences humaines, d'autres domaines aussi. Avec un tel passé et un tel présent, je pense qu'on peut présager d'un bon avenir pour la traduction. Par notre master, intitulé "Théorie et pratique de la traduction" nous préparons nos diplômés pour la traduction éditoriale, surtout des sciences humaines. On y pratique, comme je l'ai déjà dit, la traduction collaborative et elle marche très bien. Je crois que cela va continuer dans ce sens. La traduction a une dimension de dialogue, elle signifie ouverture, intérêt pour l'Autre. On doit reconnaître qu'il y a une asymétrie entre une culture qui est déjà connue et une autre qui veut se faire connaître, comme la nôtre et peut-être la vôtre. J'ai eu la bonne surprise de voir qu'ici au Brésil, on connaît le théâtre de Ionesco et même ses contes. Dirce Waltrick do Amarante a traduit les contes de Ionesco qui, en Roumanie sont traduits aussi, parce qu'il les a écrits en français. De plus, on connaît ici un auteur qui est biculturel. Il vit parfois en France, parfois en Roumanie. Il s'appelle Visniec. C'est quelqu'un qui est de notre région, donc, on le connaît. Il vient parfois dans notre université. Ce fût une autre bonne surprise d'apprendre qu'il est traduit et joué ici. C'est un auteur contemporain. Pour résumer ma réponse, la traduction va continuer en Roumanie et dans le monde et c'est une bonne chose qu'elle puisse continuer.

D.R./Y.N.: À votre avis quelle la place des théories de traduction dans l'activité de traduction en général?



M.C.: Là aussi, ma réponse sera plurielle. Je pense qu'un traducteur peut ignorer les théories de la traductologie et être quand même un bon traducteur. Mais je pense aussi que la traductologie, d'une façon plus insidieuse, réussit à influencer un peu certaines tendances comme, par exemple, la retraduction à cause de l'âge d'une traduction. Il y a cette idée que, à un moment donné, une traduction peut devenir caduque, démodée, peut être ressentie comme datée et alors on doit retraduire le texte pour le public contemporain. Par ailleurs, je pense que chaque traducteur, d'une façon plus ou moins consciente, a une vision sur la traduction au moment où il travaille. Françoise Wuilmart, la bien connue traductrice et traductologue belge, évoquait dans sa conférence au Congrès Mondial de Traductologie, d'avril 2017, à l'Université Paris Nanterre des méthodologie inconscientes du traducteur. Ce dernier a certaines idées sur le traduire, même s'il ne les théorise pas, même s'il ne les expose pas. Et un vrai traducteur adapte cette vision traduisante d'un texte à l'autre parce que, parfois, le textes sont assez différents ou assez éloignés l'un de l'autre. Je pense à Irina Mavrodin qui a traduit un peu de tout: de la poésie, Proust, Bachelard, Mme de Staël, Mme de Sévigné, Gide et Camus et beaucoup d'autres. Une diversité de styles et de genres. Je crois que, de façon implicite, chaque traducteur sa vision propre sur le faire traducteur.

D.R./Y.N.: Est-ce que le fait même d'exprimer son avis sur la traduction n'est pas dû au fait que la maison d'édition elle-même ne favorise pas cela? D'ailleurs, l'on peut se demander s'il est important d'étudier la traduction socialement?

M.C.: Oui, sans doute. C'est vital. Mais j'ai constaté une tendance en Roumanie dans les préfaces des traducteurs, surtout s'ils sont à la fois universitaire et traducteur. Dans ce cas, ils font une esquisse de critique des traductions antérieures pour justifier, par exemple, leur (re)traduction de *Madame Bovary*. Il y eu, dans des forums, dans des blogs, des commentaires sur telle ou telle traduction, ce qui veut dire qu'il y a une nouvelle manière de débattre sur les traductions. Les traducteurs s'expriment soit dans des préfaces, soit sur internet, sur divers blogs, ce qui est peut-être une tendance en ce moment. Tendance encore timide mais qui va se développer. Je ne dirais pas que le traducteur ne fait pas entendre sa voix en Roumanie, n'a pas le droit de s'exprimer. Je vais vous donner un exemple incroyable et même surprenant, d'une traductrice très importante de langue portugaise et de

littérature brésilienne qui s'appelle Micaela Ghițescu. Une maison d'édition très connue en Roumanie, Humanitas, lui a proposé d'écrire un livre sur son expérience de traductrice. Elle l'a fait en y incluant toute l'histoire de sa vie, parce qu'elle a fait de la prison sous le régime communiste, elle n'a pas eu le droit d'enseigner et pour elle, au début, la traduction a été une façon de survivre, pour devenir ensuite une véritable passion. Une autre traductrice, Irina Mavrodin, a également publié ses essais sur la traduction à la demande d'un éditeur, Scrisul Românesc.

D.R./Y.N.: Le traducteur a-t-il le droit de modifier le "texte original"?

M.C.: La réponse y est très nuancée. En principe non, le traducteur ne doit pas modifier l'original en le traduisant. Mais il y a le cas des adaptations, des versions abrégées, où le texte sera modifié à l'abri de ces étiquettes qui vont figurer sur la page de titre pour faire la différence avec la traduction. Mais, même si le texte est intégralement gardé, le traducteur peut "modifier" l'original, de manière plus perfide, en proposant sa propre lecture sur le texte qu'il traduit et non pas la pluralité de lectures que l'original propose. Je vais vous donner un exemple pour faire plus concret. J'ai analysé plusieurs traductions de Mallarmé et vous savez que Mallarmé est le maître de l'ambiguïté, voulant dire plusieurs choses par le même texte. Là, je pense que cette ambiguïté doit être absolument gardée. Donc le vrai traducteur ne va pas choisir une des lectures possibles pour un texte de Mallarmé, pour une phrase de Proust, pour un auteur qui se prête à ce type de lecture plurielle. Les choses se posent différemment pour un texte scientifique ou un texte de sciences humaines, là on n'a pas vraiment de choix de lecture, il faut rester dans la précision. Mais pour la traduction littéraire, de façon involontaire, époque s'insinue dans le texte, le marque de son empreinte. Au moment où chaque traducteur travaille, il est dans son époque. Il est très difficile de prendre la distance. Par exemple, j'ai publié la traduction des contes de Perrault il y a plus de vingt ans et maintenant j'aimerais les retraduire car je me suis beaucoup plus intéressée aux théories sur la traduction aujourd'hui et je ferai la traduction un peu autrement. Mais je peux dire quand même que j'ai fait de bons choix, du point de vue culturel. Je n'ai pas renoncé à la "sauce Robert" que la Reine ogresse adore (il y a cette fameuse sauce Robert dans *La Belle au bois dormant* que les traducteurs enlèvent parce qu'ils disent que c'est un détail qui ne dit rien aux lecteurs

d'un pastiche, ayant pour point de départ l'original. Prenons un texte littéraire dont le texte source est très nuancé, très riche en connotations et un traducteur, disons, pas très courageux donnant un texte plat, neutre, correct, mais où les connotations ou certaines richesses symboliques se perdent. Là, je pense que le traducteur doit avoir le courage de bien explorer sa langue. Même si on croit bien connaître sa langue, quand on traduit, on se rend compte que parfois elle ne nous satisfait pas. Mais si on réfléchit encore, si on cherche, si on prend le chemin des synonymes, si on ne pense à d'autres textes, on peut trouver un mot ancien, un mot rare qui pourrait rendre service sans faire fausse note dans le texte. Il ne faut pas choisir un mot bizarre ou aller vers la solution la plus neutre, si le texte source a cette richesse. Le traducteur peut être créatif, en explorant davantage sa propre langue, en laissant de côté la solution prévisible. Je pense que souvent la créativité rime avec témérité.

D.R./Y.N.: Comment voyez-vous l'importance de l'histoire de la traduction et de l'historiographie de la traduction?

M.C.: Pour moi c'est un projet très important que chaque culture devrait avoir. C'est fondamental pour chaque culture d'élaborer une histoire des traductions, tout comme il y a dans chaque culture des histoires littéraires. Cela permettrait de reconnaître à la traduction sa contribution à la littérature et au patrimoine nationaux. La traduction a enrichi la langue roumaine par de nouveaux mots, a permis la circulation des idées, des terminologie scientifiques etc. J'ai déjà travaillé sur ce projet de reconnaissance de la traduction comme partie du patrimoine national, mais cela peut se faire le mieux en équipe à travers une histoire des traductions en langue roumaine. Il y a déjà au XIX^e siècle des traducteurs comme Odobescu qui reconnaissent que le roumain a la chance de se former en tant que langue littéraire aussi à travers les traductions. Ils considèrent que c'est une opportunité de moduler la langue nationale, à travers des traductions, lorsque la langue littéraire n'est pas encore bien formée. Il y a depuis un certain temps des études d'histoire des traductions surtout au niveau des universités. Par exemple, Georgiana Badea, ma collègue de Timisoara a publié des répertoires de traductions et de traducteurs pour certaines langues. Moi, j'ai créé à l'université une collection de traductologie où l'histoire des traductions occupe une place importante. Mes doctorants ont donné par



leurs thèses des séquences de cette histoire, portant sur Balzac, Flaubert, Maupassant, Mérimée, Verne, Voronca, Fondane, Istrati, Maalouf, Ionesco, Beckett, Le Clézio et d'autres écrivains. Nous avons découvert et travaillé sur des textes jamais commentés du point de vue de la traduction et qui contribuent à la construction d'une histoire des traductions. Nous avons beaucoup d'instruments déjà élaborés comme le *Dictionnaire du roman traduit en roumain*, des Bibliographies nationales qui sont importants dans l'élaboration d'une histoire des traductions. J'organise un colloque cette année en octobre pour la célébration du centenaire de la Grande Union sur "100 ans de traductions en langue roumaine 1918-2018". Ce sera, sans doute, le pas décisif pour mettre en marche ce projet de grande envergure et de longue durée "Une histoire des traductions en langue roumaine XVI-XX siècles". Je promets de vous en donner des nouvelles.



ENTRETIEN

Marie Helene Catherine TORRES⁹ avec Georges BASTIN¹⁰

Georges Bastin est professeur titulaire au Département de linguistique et de traduction de l'Université de Montréal au Canada. Il est responsable du Groupe de recherche HISTAL — Histoire de la traduction en Amérique latine et éditeur en chef de la revue *Meta*. Il s'intéresse à tout ce qui touche la traduction en Amérique latine, en particulier au Venezuela. Les thèmes privilégiés sont l'indépendance, la presse ancienne et les activités langagières des franciscains et des jésuites. En pédagogie, ce sont les aspects de la réexpression qui occupent sa réflexion, soit la traduction en tant qu'activité onomasiologique. Il travaille notamment sur les techniques de rédaction et d'autorévision. En théorie, Georges L. Bastin s'intéresse plus particulièrement aux interventions délibérées du traducteur, comme l'adaptation et l'appropriation.



MARIE HELENE CATHERINE TORRES (M.H.C.T.): *Vous êtes belge et travaillez depuis longtemps au Canada, en ayant fait une incursion de plusieurs années au Venezuela. Pourriez-vous décrire votre parcours académique? Votre formation?*

GEORGES BASTIN (G.B.): J'ai terminé une licence en traduction à l'Université de Mons en 1974. J'ai ensuite fait la coopération internationale au Venezuela comme traducteur-interprète dans une organisation syndicale latino-américaine. En 1978, j'ai commencé à enseigner la traduction et l'interprétation à l'Université centrale du Venezuela (UCV).

⁹ Université Fédérale de Santa Catarina; Université Fédérale du Ceará; CNPq, Brésil, marie.helene.torres@gmail.com.

¹⁰ Université de Montréal, Canada, georges.bastin@umontreal.ca.





J'enseignais la traduction de l'espagnol en français, de même que le cours de prises de notes (initiation à l'interprétation consécutive), l'interprétation consécutive et la simultanée, cela à tous les niveaux. En 1987, je suis parti à Paris pour un doctorat à l'ESIT que j'ai obtenu en 1990. Ma thèse a porté sur la notion d'adaptation en traduction. En fait, pour un travail de promotion à l'UCV, j'avais déjà adapté le manuel de Jean Delisle: *L'analyse du discours comme méthode de traduction*. L'original, rédigé en français, visait à former à la traduction anglais-français. Mon adaptation espagnole s'adressait à des futurs traducteurs du français à l'espagnol. Il me manquait toutefois la réflexion théorique sur cette pratique, l'adaptation, que je prétendais réhabiliter. Rentré au Venezuela, j'ai continué mon enseignement, mais j'ai surtout créé et dirigé le Département de traduction et d'interprétation. Auparavant, les professeurs de traduction appartenaient au département de leur langue respective. Après une année sabbatique à l'Université de Montréal en 1996-97, j'ai décidé d'émigrer au Canada en 1998 pour travailler à l'Université de Montréal où je suis encore pour quelques années.

M.H.C.T.: Que ce soit sur le plan personnel ou professionnel, comment vous êtes-vous intéressé à la traduction? Et comment avez-vous commencé votre carrière de traducteur-interprète? Avez-vous laissé de côté vos aptitudes de traducteurs? Ou traduisez-vous toujours?

G.B.: Au moment de choisir mes études universitaires, je savais que je voulais me spécialiser en langues modernes, mais je souhaitais les étudier, non pas dans la philologie ni la littérature ni la linguistique, mais bien dans leur usage contemporain. J'ai donc choisi de faire de la traduction après avoir entendu des témoignages de traducteurs professionnels. J'ai obtenu quelques menus contrats de traduction en Belgique (néerlandais-français) mais j'ai véritablement commencé ma carrière de traducteur-interprète professionnel au Venezuela. J'ai rapidement compris que le travail de 9h à 17h ne me convenait pas. Lorsque j'ai eu la chance d'enseigner à l'UCV, je n'ai pas hésité. Mais je n'ai jamais cessé de pratiquer sur le marché professionnel et dans le cadre de mes recherches. J'estime d'ailleurs qu'il me serait impossible d'enseigner la traduction professionnelle sans l'exercer moi-même. C'est en fait ma pratique de traducteur et d'interprète professionnel qui m'a permis de me pencher sur les difficultés de réexpression et sur les

techniques de révision et d'auto-révision. C'est elle aussi qui m'a éclairé tout au long de mes recherches en histoire de la traduction.

M.H.C.T.: Vous avez beaucoup écrit sur les différences et similitudes entre traduction et adaptation. Pourriez-vous nous en parler?

G.B.: Dès mes premiers mandats de traducteur et d'interprète, j'ai compris que cet exercice n'était pas purement linguistique ni automatique et que le traducteur possédait une grande marge de manœuvre dans sa réexpression des textes et des discours. J'ai toujours refusé d'être un perroquet! Lorsque, pour mes cours à l'UCV, j'ai entrepris la version espagnole du manuel de Jean Delisle, j'ai vite compris qu'il s'agissait de bien plus que de traduire. Je devais adapter ce manuel pour mes étudiants vénézuéliens tellement différents des étudiants canadiens de Delisle. J'ai donc décidé de modifier les langues de travail du manuel (français-espagnol plutôt qu'anglais-français) tout en conservant les fondements théoriques de l'original. Cette modification a entraîné de très nombreuses interventions de ma part: un nouveau contexte éducatif, de nouveaux exemples et de nouvelles références pour illustrer les fondements de la méthode, et surtout de nouveaux objectifs d'apprentissage adaptés aux nouvelles langues de travail. Ce travail d'adaptation m'a convaincu qu'une réflexion théorique sur le sujet était indispensable vu le flou théorique qui entourait la notion d'adaptation. Ma thèse de doctorat à l'ESIT m'a permis de montrer que l'adaptation était soit ponctuelle, soit globale. Ponctuelle, c'est-à-dire un procédé courant de traduction relevant de la langue du texte (certains mots, expressions ou passages), et somme toute une tactique facultative. Soit globale, c'est-à-dire une stratégie globale et cohérente relevant non pas du texte lui-même mais bien de l'acte de communication. L'adaptation globale diffère donc de la traduction proprement dite en ce que cette dernière porte sur le vouloir-dire ou le sens alors que l'adaptation porte sur le transfert de la visée ou la fonction de l'acte de communication verbale. Contrairement à la "traduction" chinoise qui avait conservé tous les exemples, références et objectifs de l'original, perdant en cela la fonction éminemment didactique de l'original, ma version reproduisait cette fonction, soit de "former" des étudiants vénézuéliens à la traduction du français en espagnol et non pas simplement les "informer" à propos de la traduction anglais-français. L'adaptation exige par conséquent une équivalence fonctionnelle qui se manifeste par des décisions créatives



et subjectives du traducteur en fonction de la visée de l'original et des besoins du lectorat cible.

*M.H.C.T.: Vous êtes rédacteur en chef de la revue **Meta**. Pourriez-vous nous dire quand et comment elle est née? Quels sont les moments forts de son histoire?*

G.B.: *Meta* a commencé en 1955 comme un “Journal de traducteurs”, soit un bulletin de traducteurs professionnels, sous la direction notamment de Jean-Paul Vinay. Ces 40 premiers numéros, relativement anecdotiques mais révélateurs des débuts de la traduction au Canada, font l'objet d'une numérisation et seront prochainement mis en ligne sur le site Erudit (<erudit.org>). Dix ans plus tard, en 1966, sous l'impulsion d'André Clas, elle devient universitaire, publiée par les Presses de l'Université de Montréal. Pendant 40 ans, André Clas a dirigé *Meta* pour en faire l'une des meilleures revues de traduction spécialisées au monde. En 1998, elle devient la revue phare de la plateforme électronique Érudit où elle est diffusée en ligne. Pour l'instant, la revue est en accès libre avec une barrière mobile d'une année. Il est probable qu'elle passe en accès libre total prochainement. En 2008, Sylvie Vandaele assure la relève d'André Clas et modernise la revue en révisant tant sa feuille de style que son processus d'évaluation par les pairs. Le nombre de numéros passe de 4 à 3 par an. J'en ai pris la direction en 2014. La revue compte sur une base de données de 2300 contacts et de 650 évaluateurs dans 35 pays. Le taux de rejet des articles soumis (plus ou moins 120 par an) est d'environ 75 %. *Meta* est plus que jamais une référence incontournable dans le monde des études de la traduction, prisée par les universitaires du monde entier. Près de 200.000 personnes la visitent chaque année et environ 1 million de pages sont consultées.

*M.H.C.T.: Quelle est votre politique de publication à **Meta**? Suivez-vous certains axes? Avez-vous changé avec votre équipe le style de la revue ou des auteurs qui participent à la revue, car il semble que 50 % des articles doivent être publiés en français? Pourquoi?*

G.B.: *Meta* publie principalement des articles de fond (une dizaine par numéro) et des recensions. *Meta* n'accepte que des articles scientifiques originaux (exceptionnellement des traductions) en traduction, inter-

prétation, terminologie et autres questions langagières en français, anglais et espagnol (exceptionnellement une autre langue). Chaque article est évalué de manière anonyme par 2 ou 3 spécialistes du domaine en question. Les articles doivent comporter de 8000 à 11000 mots en anglais, français ou espagnol et les auteurs sont tenus de signer un formulaire de statut d'original et de respecter la feuille de style de la revue. En ce qui concerne le français, l'un des organismes subventionnaires, le FRQSC (Fonds de recherche québécois — Société et culture) suggère très fortement que le contenu en français soit majoritaire. D'où notre insistance auprès des auteurs de soumettre leur article en français. Il faut savoir aussi que *Meta* publie un numéro spécial par année. Ces numéros sont thématiques et dirigés par des collègues étrangers. La demande pour ce genre de numéro est très élevée. Nous sommes réservés jusqu'en 2025... Étant donné une telle demande, nous avons décidé de publier des numéros hors-série, mais le financement de ceux-ci (environ 10.000 \$ CAD) est à la charge des directeurs du numéro.

M.H.C.T.: Vous êtes spécialiste en traductologie, comme on dit au Canada, particulièrement dans les recherches sur le traducteur. Pourriez-vous nous parler de l'état de vos recherches et de vos principales publications que vous indiqueriez pour de telles recherches?

G.B.: Mes intérêts de recherche sont l'histoire de la traduction en Amérique latine et l'enseignement de la traduction, en particulier celui de la rédaction et de la révision. En ce qui concerne l'histoire, j'en suis à mon quatrième grand projet: les récits de voyage traduits au Venezuela et en Colombie aux 18^e et 19^e siècles, intitulé *Le regard de l'Autre*. Les précédents portaient sur le Venezuela: les documents fondateurs de l'émancipation politique, les périodiques indépendantistes et la conquête spirituelle. La plupart des articles relatifs à mes recherches en histoire sont versés dans notre site sauf celui sur l'eurocentrisme publié en 2017 dans *Perspectives* n° 25. Deux études sont à paraître, rédigées en collaboration avec mon collègue (et néanmoins ami!) Álvaro Echeverri. La première est l'entrée correspondant à *South America* dans *A world atlas of Translation Studies* dirigé par Yves Gambier et Ubaldo Steconi chez John Benjamins; la seconde *Translation in Latin America* à paraître dans *The Routledge handbook of spanish Translation Studies* edited by Roberto Valdeón and África Vidal Claramonte. *The*





Routledge encyclopedia of Translation Studies devrait sortir une nouvelle édition prochainement pour laquelle j'ai mis à jour mon entrée sur l'adaptation. Il semble aussi que l'UnB veut publier la version portugaise de mon petit ouvrage *Profession traducteur*, écrit en collaboration avec ma collègue Monique Cormier. Il s'agit d'un petit opuscule qui fait partie d'une collection destinée aux étudiants qui désirent s'informer sur une carrière universitaire. En rapport avec l'histoire de la traduction, j'aimerais souligner la parution récente d'un ouvrage qui élargit et approfondit la nature même de l'histoire en tant que discipline non neutre et repose la question de l'éthique des traducteurs. Il s'agit de *La traducción y la(s) Historia(s) — Nuevas vías para la investigación* de Ma Carmen África Vidal Claramonte publié en 2018 chez Editorial Comares.

M.H.C.T.: Quels sont les cours que dispensez à l'Université de Montréal en 1^{er} et 2^e cycle, et en 3^e cycle?

G.B.: Au premier cycle, j'enseigne la méthodologie de la traduction, soit le premier cours de traduction générale qui vise à donner aux étudiants les outils nécessaires à la compréhension et à la réexpression de textes généraux, et les techniques de rédaction en français; au deuxième cycle, à la maîtrise professionnelle, le cours obligatoire de révision et rédaction avancées, et au 3^e cycle, le séminaire obligatoire de lectures dirigées en traductologie. Ce séminaire est une préparation à la première partie de l'examen de synthèse qui porte sur les connaissances théoriques, la deuxième étant le projet de thèse. Le séminaire comprend des lectures théoriques (articles ou chapitres de livres) qui font l'objet de recension et de discussion en classe, des exposés ainsi que des recensions écrites d'ouvrages complets.

M.H.C.T.: Combien de thèse de doctorat avez-vous dirigées et dirigez-vous en ce moment? Quels en sont les thèmes?

G.B.: J'ai dirigé (ou co-dirigé) 9 thèses de doctorat et j'en dirige (ou co-dirige) encore 6. Les sujets sont assez variés: la pédagogie de la traduction, la traduction bénévole, la traduction publicitaire, la presse coloniale, le Protectorat français au Maroc, la traduction audio-visuelle, l'esthétique de la traduction et la traduction comme outil paradiplomatique, la censure politique, l'histoire de la traduction au Liban, les traductions du *Popol-Vuh*, l'imagologie et le sous-titrage au Japon.

M.H.C.T.: La question de l'internationalisation étant de mise au Brésil, nous aimerions savoir si vos étudiants sont canadiens ou viennent d'autres parties du monde? En quelles langues peuvent-ils écrire leurs thèses?

G.B.: Oui, environ la moitié des doctorants ne sont pas Canadiens et rares sont ceux qui n'ont pas une bonne maîtrise du français. Ils sont d'origines assez diverses: Maroc, France, Italie, Iran, Colombie, Mexique, Venezuela. L'UdeM est une université francophone et fière de l'être. Pour écrire une thèse dans une langue autre que le français il faut en faire la demande. Parmi les critères d'acceptation se trouvent le sujet ou la langue de travail de la thèse, mais également le profil de l'étudiant. C'est ainsi que deux de mes étudiantes ont soutenu en espagnol et une le fera bientôt en portugais.

M.H.C.T.: Vous êtes le créateur du groupe de recherche HISTAL — Histoire de la traduction en Amérique latine. Pourriez-vous expliquer comment et dans quelles circonstances ce projet a vu le jour?

G.B.: J'ai été atteint du virus de l'histoire au Venezuela lorsque j'ai rédigé l'entrée de la *Routledge encyclopedia* sur l'Amérique hispanique. Une fois au Canada, j'ai obtenu une subvention de recherche de 3 ans (CRSH) pour étudier la traduction des documents fondateurs de l'indépendance au Venezuela: la Déclaration des droits de l'homme, les écrits philosophiques de Thomas Paine et John McCulloch, la Constitution américaine, la *Lettre aux espagnols-américains* de Viscardo y Guzman, la *Carmagnole*, etc. Ce sont les étudiants colombiens qui collaboraient à ce projet qui m'ont incité à institutionaliser le groupe de recherche et à créer un site web (<www.histal.net>). L'idée derrière le site était, comme indiqué dans la présentation: "offrir un espace d'échange d'expériences dans le domaine de l'histoire de la traduction en Amérique latine, un point de rencontre où partager des informations avec toutes celles et tous ceux qui s'intéressent à l'histoire de la traduction en Amérique latine, y compris le Brésil. Dans la mesure où il suscitera un échange véritable, nous prendrons tous part à l'étude et à la mise en valeur des diverses contributions de Latino-américains et d'étrangers, au cours de l'histoire, à l'exercice et au développement de l'activité de traduction dans cette partie du continent américain". Depuis lors, le site n'a cessé de s'enrichir et j'invite toutes celles et ceux qui souhaitent collaborer à nous écrire.

M.H.C.T.: Le projet HISTAL s'intéresse à quels axes de la traduction? Et pourquoi?

G.B.: Comme son nom l'indique, le groupe s'intéresse à tous les aspects de la traduction en Amérique latine. En plus du premier projet déjà mentionné, nous avons travaillé sur la presse indépendantiste au Venezuela (1808 à 1822). Nous avons ainsi analysé six périodiques publiés durant ces 24 années clés de l'histoire du Venezuela. Le résultat principal de cette recherche est la thèse de doctorat d'Aura Navarro sur le principal périodique de cette période: *Gaceta de Caracas*, qui devrait paraître en espagnol dans la collection *Vertere* de la revue *Hermeneus* de l'Université de Valladolid cette année. Le projet a mis en lumière une série de stratégies de traduction et a montré l'intérêt de considérer l'intertextualité. Le projet suivant s'est penché sur la conquête spirituelle, soit la traduction des catéchismes, livres de prière, doctrines, livres de confessions, etc. en langues autochtones. À défaut de comparaison des langues en présence, ce sont les paratextes qui ont révélé la vision qu'avaient les missionnaires des cultures et des langues autochtones ainsi que la manière de traduire des différents ordres religieux. Nous venons de commencer un nouveau projet sur les récits de voyage au Venezuela et en Colombie aux 18^e et 19^e siècles. La recherche porte sur les raisons qui ont conduit à la traduction en espagnol de certains de ces récits et de l'impact que ces traductions ont eu sur la question identitaire dans les pays récepteurs. Le site web recèle en outre de nombreux documents relatifs à d'autres pays latino-américains et nous recevons régulièrement la visite de stagiaires venus d'Europe et de divers pays d'Amérique latine. La raison d'être du groupe est avant tout de recenser le patrimoine traductionnel de la région, de souligner le rôle politique, idéologique, culturel et social que la traduction a joué, mais également de mettre en contact les divers chercheurs qui s'y intéressent. La vision de l'histoire adoptée par le Groupe est une vision clairement latino-américaniste qui prend ses distances par rapport aux approches eurocentristes.

M.H.C.T.: Le Brésil est un des pays-culture qui intègre le projet HISTAL. Comment s'est faite cette intégration dans votre projet?

G.B.: La présentation de notre site est très claire: "Le site HISTAL a pour objectif principal d'offrir un espace d'échange dans le domaine de l'histoire de la traduction en Amérique latine, y compris le Brésil". En effet, dès le

début, nous avons adopté une définition large de l'Amérique latine. Le Brésil ne pouvait pas en être exclu, ni d'ailleurs les Caraïbes de langue espagnole, pour des raisons linguistiques, culturelles et historiques. Les premières visites effectuées au Brésil par les membres du groupe nous ont fait découvrir un monde de la traduction excessivement riche en programmes de formation, en recherche et en publications. C'est alors que nous avons décidé d'ajouter le portugais. Il nous a fallu ensuite enrichir la rubrique "documents" de textes en portugais, ce qui a été relativement facile. Il n'en reste pas moins que beaucoup reste à faire. Nous en appelons à tous les étudiants et collègues brésiliens pour qu'ils nous aident à enrichir le site et ainsi mettre en valeur le patrimoine brésilien.

M.H.C.T.: Vous venez assez souvent dans les universités brésiliennes. Pourriez-vous parler de vos relations avec les centres de recherche en Études de la Traduction au Brésil? Ne pensez-vous pas qu'il serait profitable, des deux côtés, bien entendu, d'inclure des chercheurs canadiens dans les groupes de recherche brésiliens et des chercheurs brésiliens dans les groupes de recherche canadiens? Nous pensons particulièrement à votre groupe de recherche.

G.B.: C'est toujours avec le même plaisir que je vais au Brésil! J'y suis allé surtout sur invitation pour donner des conférences, des ateliers ou des cours. J'y suis également allé à mon initiative pour participer à des colloques, parfois accompagné de collègues ou d'étudiants. C'est ainsi que j'ai donné un cours à l'USP, une série d'ateliers et de conférences à l'UnB, une conférence à l'UFSC; j'ai participé à un colloque international à São Paulo à l'Université UNIBERO il y a longtemps, à ABRAPT en 2013 (UFSC) et 2016 (UFU), ainsi qu'aux III et IV Séminaire international d'histoire de la traduction en 2014 et 2016 à l'UnB. HISTAL a également accueilli plusieurs collègues brésiliens pour des séjours de recherche plus ou moins longs. Ces collègues ont eu l'occasion de donner une conférence à l'Université de Montréal et de partager leurs idées avec les membres d'HISTAL. De même HISTAL a accueilli plusieurs étudiants brésiliens pour des stages de recherche. Il est clair que tous ces contacts sont d'une grande richesse pour notre discipline et nous gagnerons tous à approfondir une telle collaboration. C'est d'ailleurs l'idée derrière notre volonté d'ajouter le portugais dans les langues de travail d'HISTAL. Nous sommes plus que jamais intéressés à collaborer avec les groupes de recherche brésiliens.





M.H.C.T.: Vous avez passé le mois d'août 2018 au Brésil dans le cadre du projet brésilien "École des Hautes Etudes" financé par le gouvernement brésilien. Pourriez-vous nous parler de ce projet? Quelles sont les universités qui y participent? Quels en sont les objectifs?

G.B.: Oui, cela a été une magnifique expérience pour moi et j'en remercie le CAPES, Andréia Guerini qui a piloté le projet du début à la fin ainsi que tous les collègues qui m'ont aimablement accueilli. Les universités participantes ont été POET/UFC, POSRAD/UnB et PGET/UFSC. L'Université de Belém (PPLSA/UFPA) était prévue mais la visite n'a pas pu se réaliser. Au cours de ces 3 visites, j'ai donné 2 conférences dans chaque université, participé à des conversations avec les étudiants et échangé avec les collègues.

Projet "École des hautes études"

Objectifs: Développez la discussion sur les approches méthodologiques dans le domaine de l'historiographie de la traduction avec l'un des plus grands experts du domaine. Développer une méthodologie de recherche et une contribution solide qui permet l'élaboration d'une Histoire de la Traduction Littéraire des pays de langue portugaise.

Résultats attendus: Renforcer les partenariats internationaux, l'organisation des événements communs, les codirections, les publications conjointes et la mobilité des professeurs et des étudiants.

Objectif général: Le cycle de conférences, en plus de favoriser les échanges universitaires internationaux dans le domaine de la Traduction, contribuera à la formation de professeurs et de chercheurs dans le domaine de l'Histoire de la Traduction au Brésil. L'objectif est d'encourager la production académique et la formation des ressources humaines pour le développement du domaine de troisième cycle universitaire, tels que PGET/UFSC, ou en phase de consolidation, tels que POET/UFC et POSTRAD/UnB, et il est considéré comme un domaine stratégique pour le développement du pays. Le PGET a été le premier programme de Traduction à être créé dans le pays en 2003. L'UnB a créé le POSTRAD en 2012 et offre, pour le moment, la maîtrise. L'UFC a créé le POET en 2014 et offre, pour le moment, la maîtrise. L'UFPA a le DINTER avec PGET (2016-2019) et l'intention de créer un cours de troisième cycle de Traduction, étant donné que 16 doctorants recevront une formation en Traduction.

Objectifs spécifiques: Il convient de rappeler que, à l'origine, la traduction est toujours un effort pour comprendre l'autre, ce qui signifie que le cours stimulera une compréhension plus approfondie des relations entre le Canada et le Brésil, en ce qui concerne la construction d'une histoire de la traduction des Amériques et dans des pays lusophones; de plus, nous cherchons avec ce mouvement disciplinaire:

- Compléter la formation d'étudiants de troisième cycle dans le domaine de l'Histoire de la Traduction en organisant une série de conférences;
- Qualifier les enseignants intéressés par l'Histoire de la Traduction à l'UFSC, l'UnB, l'UFC, l'UFPA et d'autres universités intéressées;
- Engager des négociations concrètes pour des accords binationaux;
- Accroître la mobilité entre les chercheurs des deux pays en vue de la diffusion de la bibliographie produite sur l'Histoire de la Traduction;
- Créer des centres de recherche qui développent la recherche — à court, moyen et long terme — dans le domaine de l'Histoire de la Traduction.

En plus de proposer un cycle de conférences, le projet prévoit de discuter un accord binational entre les différentes universités brésiliennes et l'UdeM, ainsi que de créer un réseau de recherche international.

Un tel projet répond aussi à votre question précédente...

M.H.C.T.: Nos universités avaient un accord qui semble-t-il n'a pas été renouvelé. Pensez-vous qu'il serait important que nous réhabilitons cet accord de coopération entre l'université de Montréal au Canada et l'université de Santa Catarina au Brésil? Pourquoi?

G.B.: L'Université de Montréal compte le Brésil parmi ses partenaires privilégiés. Elle a signé des ententes avec une bonne dizaine d'universités brésiliennes. Celle avec l'UFSC a effectivement expiré en 2013. Ce sont les départements des affaires internationales qui se chargent des démarches sur conseil ou à la demande des départements ou programmes concernés. Oui, il est important de la renouveler car ces ententes facilitent la mobilité étudiante et professorale ainsi que les projets de recherche éventuels.

M.H.C.T.: Quelles seraient selon vous les actions que nous pourrions mettre en place pour resserrer les liens en traductologie entre nos groupes de recherche en Amérique, et spécifiquement le PGET de Florianópolis.

G.B.: D'un côté, nous pourrions encourager nos étudiants et nos collègues respectifs à faire des séjours de recherche de courte ou longue durée. L'UdeM peut contribuer au financement de ses étudiants et enseignants. Les projets de recherche et de publication trouvent souvent leur origine dans les contacts personnels. D'un autre côté, je vois deux axes de recherche propres à nos programmes: l'enseignement de la traduction et l'histoire de la traduction. Si je ne me trompe, l'histoire de la traduction intéresse vivement les collègues brésiliens. On pourrait mettre sur pied des projets et des publications conjoints dans ce domaine précis. Un collègue m'a d'ailleurs proposé de travailler à une anthologie de textes méthodologiques et théoriques relatifs à l'histoire. C'est un exemple. Nous devons aussi penser aux co-directions de mémoires ou de thèses.

M.H.C.T.: Quels sont vos projets en cours et vos projets pour les années à venir? Le Brésil fait-il partie de ces projets?

G.B.: Comme je le disais plus haut, le quatrième grand projet sur lequel je travaille actuellement est intitulé: *Le regard de l'Autre: les récits de voyage traduits au Venezuela et en Colombie aux 18^e et 19^e siècles*. Il s'agit de voir comment les récits de voyage des Autres ont été traduits en espagnol et comment ils ont été reçus dans les deux pays. Voir également dans quelle mesure la traduction est elle-même un voyage, comme le suggère Michael Cronin. J'ai des dizaines d'idées en ce qui concerne d'autres projets en histoire, notamment approfondir les projets précédents et me plonger plus à fond dans le rôle d'agent de traduction joué par Francisco de Miranda, mais j'aimerais aussi pouvoir me consacrer à traduire un ouvrage. J'ai l'intention de me mettre sérieusement à l'étude du portugais, ce qui me permettrait de me rapprocher davantage du Brésil. Il n'est d'autre part pas impossible que je passe mes premières années de retraite chez vous...

ENTRETIEN¹¹

Muguraş CONSTANTINESCU¹² avec Marie Helene Catherine TORRES¹³

Marie Helene Catherine Torres est professeur titulaire du Département de Langues et Littératures Étrangères et du 3^e Cycle en Études de la Traduction de l'Université Fédérale de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, du Brésil. Après des études à double diplôme portugais-français, suivies à l'Université Fédérale de Santa Catarina et terminées en 1992 et un master littéraire terminé en 1995 dans la même université, elle a soutenu sa thèse de doctorat en traduction à la Katholieke Universiteit Leuven en Flandre, Belgique, en 2001, sur la traduction de la littérature brésilienne en France. Sa thèse a pris la forme d'un livre intitulé *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*, publié en 2004 aux Presses de l'Université d'Artois, Arras, dans la prestigieuse collection "Traductologie", livre qui est vite devenu une référence incontournable dans l'histoire des traductions (Il figure, entre autres, dans la bibliographie du Congrès Mondial de Traductologie de l'Université de Nanterre, qui a eu lieu en avril 2017).

Ses axes de recherche portent sur les relations entre littérature et traduction, entre littérature nationale et littérature traduite, sur la théorie et l'histoire de la traduction. Elle travaille aussi sur la traduction de la littérature de jeunesse, sur la littérature comparée et sur la littérature française traduite au Brésil. Ces domaines d'intérêt se retrouvent dans ses articles et études publiés dans des revues de traductologie comme *Meta*, *Traduire*, *Cadernos de Tradução*, *Scientia Translationis*, *Atelier de traduction* et ses communications à des congrès et colloques internationaux. Une

¹¹ Cet entretien a été publié auparavant dans la revue *Atelier de traduction*, n. 29, p. 21-33, 2018.

¹² Université "Ștefan cel Mare" de Suceava, Roumanie, mugurasc@gmail.com.

¹³ Université Fédérale de Santa Catarina; Université Fédérale du Ceará; CNPq, Brésil, marie.helene.torres@gmail.com.





attention particulière mérite le numéro 1, réalisé en collaboration avec Eliane Dias Debus du vol. 36/2016, de *Cadernos de Tradução*, Edição Regular portant sur *Literatura infantil e juvenil*.

Elle a publié aussi *Literatura traduzida/Literatura nacional* (en collaboration) aux éditions 7Letras en 2008, ensuite *Dicionário de tradutores literários do Brasil, Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert* en 2011.

Comme elle s'intéresse à la relation entre texte et paratexte, Marie Helene Catherine Torres a publié également un ouvrage sur cette problématique, notamment *Traduzir o Brasil literário: paratexto e discurso de acompanhamento*, vol. 1 en 2011. Deux années plus tard, elle travailla en collaboration l'ouvrage *Tradução dos clássicos*, publié aux éditions Copiart, et en 2014 un ouvrage portant sur l'histoire et la critique des traductions, *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*, vol. 2, qui forme un ensemble avec le livre sur le paratexte.

Marie Helene Catherine Torres fait partie des comités de rédaction des revues *Cadernos de Tradução* et *Scientia Traductionis* publiées par son Université et dans le comité scientifique de la revue roumaine francophone *Atelier de traduction*.

Elle est actuellement chercheuse au CNPq, Centre National de Recherche Brésilien.

Sa riche activité de recherche est complétée par une tout aussi riche activité didactique et administrative. Elle a ainsi coordonné le 3^e cycle en Études de la Traduction de 2003 à 2007 et la spécialisation en traduction littéraire de formation des enseignants de 2008 à 2009; elle a coordonné également le Doctorat Interinstitutionnel en traduction avec l'Université Fédéral de Paraíba (UFPB) et l'Université Fédérale de Campina Grande (UFCG) de 2010 à 2014 et coordonne actuellement le Doctorat Interinstitutionnel en traduction avec l'Université Fédérale du Pará (UFPA) de 2015 à 2019. À tout cela s'ajoute l'organisation de nombreux congrès, séminaires, réunions, symposiums sur des thématiques diverses et stimulantes dont on en mentionne quelques-unes: "Les théories de la traduction postcoloniale dans le développement de la littérature brésilienne", "Traduction du discours d'accompagnement", "Le rôle de la traduction dans les cultures", "La place de la traduction dans les cultures: le cas français", "Fonctions, théorie et pouvoir de la traduction

dans les cultures”, “Classiques traduits de la littérature pour enfants et adolescentes”.

En tant que traductrice, elle a rendu en portugais (en collaboration) *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain* d'Antoine Berman, publié en 2007, traduction qui a connu déjà une deuxième édition en 2013. D'autres traductions signées par Marie Helene Catherine Torres sont du domaine de la littérature de jeunesse, *A Bela e a Fera* [La belle et la bête] de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont et *Cantos para os meus netos* de Victor Hugo en édition bilingue en 2014 et du domaine des bandes dessinées, comme *L'aliéniste* [O alienista] aux Editions Urban Comics à Paris.

Actuellement, la chercheuse passionnée qu'est Marie Helene Catherine Torres développe un projet sur un sujet des plus surprenants: les conteuses françaises du siècle des Lumières.

L'entretien qui suit a pour but de dévoiler et d'éclairer autant le parcours de Marie Helene Catherine Torres que sa réflexion sur la littérature française et comparée et surtout sur l'histoire, la théorie et la critiques des traductions.



MUGURAŞ CONSTANTINESCU (M.C.): *Chère Marie Helene Catherine Torres, je vous remercie tout d'abord d'avoir accepté cet entretien. Je vous propose de commencer par une question sur votre formation. Vous avez fait d'abord des études de langues français-portugais, vous avez continué par un master littéraire mais votre thèse de doctorat porte sur la traduction et actuellement vous êtes une spécialiste reconnue en traductologie. Qu'est-ce qui explique ce tournant vers les études de traductologie dans votre carrière? Qu'est-ce qui a été déterminant pour vous dans cette option pour la traductologie?*

MARIE HELENE CATHERINE TORRES (M.H.C.T.): C'est moi qui vous remercie Muguraş pour l'opportunité de m'exprimer pour vos lecteurs et en français. Je pense que pour répondre à votre question il me faut procéder à un retour autobiographique sur mon parcours. Je suis arrivée au Brésil, directement à Florianópolis, le 15 janvier 1989, le 1^{er} jour du plan économique et monétaire du président Sarney. C'était l'époque du gel des prix, du gel des salaires, etc. Le temps où un dollar valait un *Cruzado*





Novo, la monnaie brésilienne de l'époque. Je suis entrée comme étudiante en langues et littératures portugais-français à l'Université Fédérale de Santa Catarina (UFSC) par transfert de l'Université de Paris X-Nanterre, sans parler un mot de portugais. Et j'ai été diplômé en avril 1992. Je suis entrée en master de littérature à l'UFSC en juin de la même année sous la direction du professeur Dr. Zahidé Muzart. C'était une personne et une enseignante exceptionnelle. Et je me souviens que Zahidé nous disait, à nous étudiants de master, que nous devrions publier pour poursuivre une carrière dans l'enseignement supérieur! J'ai essayé de suivre ses conseils au mieux. J'ai ensuite soutenu mon mémoire de master en 1995 sur deux poètes symbolistes, l'un brésilien et l'autre français. En fait, j'étais impliquée dans plusieurs activités de traduction dès les années 1993-1994, soit il y a 25 ans! Je voulais vraiment faire un doctorat en traduction à l'époque. Je me suis donc candidaté à une bourse du CNPq, que j'ai obtenue, pour faire mon doctorat pendant 4 ans, de 1997 à 2001, à Leuven, sous la direction de l'un des fondateurs de la discipline de traduction, José Lambert, grâce au contact et à la recommandation du Prof. Dr. Walter Costa, avec qui je travaille sur divers projets académiques jusqu'à aujourd'hui.

M.C.: La relation entre littérature et traduction est très présente dans vos ouvrages, car même lorsque vous focalisez votre recherche sur la traduction, vous privilégiez la traduction littéraire. Dans ce sens, je voudrais savoir quelles traces a laissé dans vos recherches de traductologie la thématique de votre travail de dissertation portant sur la **Descente en enfer dans le monde poétique de Cruz e Sousa et Baudelaire**. Il s'agit, vraisemblablement, d'une étude comparatiste qui est très proche de l'analyse comparative qu'on pratique souvent dans la traductologie, en mettant en miroir l'original et ses traductions.

M.H.C.T.: J'ai en effet soutenu mon mémoire de Master en 1995 dont le titre est *Descente en enfer dans le monde poétique de Cruz e Sousa et Baudelaire*. Il a été remanié et publié par la suite sous forme de livre par la maison d'édition de l'Université Fédérale de Santa Catarina en 1998. Je dis d'ailleurs quelque part dans mon livre que j'ai travaillé à partir des textes originaux, soit les poèmes de Cruz e de Sousa en portugais et ceux de Baudelaire en français. On ne parlait pas beaucoup de traduction dans les études de littérature à l'époque au Brésil. J'ai tout de même publié mon

1^{er} recueil de poésie traduite de Pierre Reverdy en portugais en 1994. Pour en revenir à votre question, j'ai en effet fait une analyse comparative de la descente poétique dans l'univers infernal de Cruz e Sousa et de Baudelaire, soit une étude sur la question du satanisme poétique, montrant les relations intertextuelles du travail des deux poètes, le Brésilien João da Cruz e Sousa et le français Charles Baudelaire. Cela m'a conduit à établir l'existence d'une théorie satanique dans le cadre de leur poésie, marquant ainsi le début de la poésie moderne. Dans ce cas précis, j'ai comparé des textes écrits chacun dans une langue différente, sans approche historique, critique ou même théorique de la traduction.

*M.C.: La problématique de votre thèse de doctorat soutenue à la Katholieke Universiteit Leuven (KUL) porte sur la traduction de la littérature brésilienne en France et a un titre bien inspiré: **Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes**. Est-ce que vous avez choisi vous-même cette intéressante thématique ou en collaboration avec votre directeur? Il s'agit bien de littérature brésilienne traduite en France et non pas en langue française? Je pense au projet HTLF d'Yves Chevrel et J.Y. Masson où l'on envisage les traductions en langue française, même en dehors de la France.*

M.H.C.T.: Le doctorat que j'ai fait en Belgique fut un tournant dans ma carrière universitaire, car il marque le début de ma carrière en Études de la Traduction, principalement parce que je me suis jointe au groupe de cette école de Leuven, les descriptivistes. Ma position théorique se base précisément sur les DTS (Descriptive Translation Studies) et les théories complémentaires et compatibles avec celle-ci, telles que celles de Venuti, Berman ou Pascale Casanova, par exemple. J'ai soutenu ma thèse de doctorat en septembre 2001, dont le titre français était: *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*. L'objectif principal de cette thèse était de contribuer à la carte mondiale de la littérature, car j'y décris et analyse les marques culturelles, soit le *genius loci*, de la littérature brésilienne traduite en France (et non en langue française) dans le système culturel et littéraire français tout au long du XX^e siècle. Je montre comment les traducteurs traduisaient (à partir de l'étude des maisons d'édition, des stratégies commerciales, des modèles utilisés, des concepts et des tendances de traduction), en essayant





de savoir s'il y avait assimilation de l'*autre* ou ouverture aux innovations dans le langage et dans la culture. Afin d'obtenir un *corpus* représentatif, j'ai établi comme les principaux critères de sélection des œuvres à l'étude qu'elles aient au moins, pour chaque roman de formation de l'identité nationale brésilienne (un travail sur la langue et la culture brésilienne), deux traductions différentes faites par des traducteurs différents. J'ai donc analysé, les romans brésiliens suivants et leurs traductions en français: *Le Guarani* et *Iracéma* de José de Alencar, *Mémoires posthumes de Bras Cubas*, *Quincas Borba* et *Dom Casmurro* de Machado de Assis, *Os Sertões* d'Euclides da Cunha, *Macounaïma* de Mário de Andrade et *Diadorim* de Guimarães Rosa. Les analyses sur le Brésil littéraire dans les traductions françaises ont révélé, contrairement aux projets sur la langue des textes brésiliens, une naturalisation effective de la langue et de la culture brésilienne et que la transgression créatrice du langage ne pénètre pas la rigidité de la langue française. Ce qui rend la traduction transparente, comme si les œuvres avaient été écrites en français, où le dossier du "discours du peuple" finit par se métamorphoser en une langue (traduite) soutenue.

M.C.: Comme les lecteurs de notre revue ne connaissent pas tous (hélas, moi aussi je ne le connais que partiellement) votre ouvrage sur les cent ans de traduction, paru aux presses de l'Université d'Artois et assez vite épuisé, je vous prie de nous dire si vous y mettez l'accent sur l'histoire des traductions et leur contexte ou sur la critique de ces traductions, même si, on le sait bien, les deux sont très liées.

M.H.C.T.: Cette question est particulièrement intéressante car elle dépend, quant à sa réponse, de ce que l'on entend par Histoire et Critique de la Traduction. J'aimerais tout d'abord vous dire que je considère l'histoire de la traduction comme étant l'histoire des idées, des mentalités et de la culture dans un espace et un espace donné, à partir donc d'une perspective historique, diachronique et/ou synchronique. Comme en littérature, il y a eu (et il y a toujours) pour la traduction, des écoles, des courants, des tendances, des compromis et des querelles, à propos de la meilleure manière de traduire. Et enfin, je considère la traduction comme critique, comme critique productive, ce qui conduit à révéler toute la signification de l'œuvre, comme le disait Berman. A partir de là, je peux vous dire que j'ai

en effet traité de l'histoire des traductions en français d'œuvres brésiliennes de formation sur et dans la langue (portugaise).

M.C.: Dans un très intéressant article publié dans notre revue, vous parlez d'un phénomène injuste que les lettres brésiliennes ont connu en France, notamment ce que vous appelez "la censure, devenue synonyme d'invisibilisation". En quoi consiste ce type particulier de censure? Et la censure "neutralisante" envers les lettres brésiliennes? En quoi consiste-t-elle? Vous parlez dans le même article d'une vision et d'une attitude "coloniale" de la France envers la littérature du Brésil? Combien de temps cette attitude a-t-elle persisté? Cette attitude est imputable à des "agents culturels". Qui sont-ils? Quels sont leurs pouvoirs et leurs limites à ce sujet?

M.H.C.T.: Je présume que vous vous référez au fait que les romans brésiliens traduits en français ont un rôle fondamental dans l'internationalisation du concept de brésilianité. Les traductions françaises ont non seulement répandu une certaine vision du Brésil, d'un Brésil français, mais encore ont construit et projeté, dans l'imaginaire français, une identité nationale brésilienne différente de celle qui existait et/ou qui existe au Brésil. Je discute également du concept de pays "domine", en dépit des caractéristiques énoncées par Casanova concernant l'autonomie et l'indépendance du Brésil (chapitre sur *Macounaima*), puisqu'une étude des traductions françaises d'œuvres brésiliennes est à même, selon moi, de révéler les rouages complexes du fonctionnement des systèmes culturels et interculturels. Il faut bien entendu tenir compte des relations spécifiques qu'ont entretenues la France et le Brésil, de cette séduction culturelle que la France a exercé envers le Brésil. Une longue histoire d'attirance mutuelle a uni le Brésil et la France, laquelle dans l'espoir d'une main mise sur ce presque continent tenta de l'envahir à plusieurs reprises, politiquement et économiquement parlant mais également culturellement. D'abord en 1555, avec la tentative d'instauration de la France Antarctique à Rio de Janeiro, puis en 1612 avec la courte fondation de la France Equinoxiale à Saint-Louis-du-Maragnon qui prit fin en 1615. Ces vellétés coloniales avortées s'effacèrent des mémoires, mais les rapports entre la France et le Brésil allaient prendre une tout autre tournure. Même si au début de la Découverte du Brésil les français bénéficiaient des faveurs des indigènes par rapport aux portugais, spécifie Lévi-Strauss dans *Tristes tropiques*, ce



sera grâce au roi D. João VI, installé avec la cour portugaise à Rio de Janeiro, que les rapports entre le Brésil et la France s'intensifièrent. Il fit en effet venir pour la fondation d'une Académie des beaux-arts sous les tropiques une mission d'artistes français, en 1816, composée de peintres, sculpteurs, architectes, graveurs, ingénieurs. L'envoi considérable de livres français vers le Brésil eu également un impact énorme sur l'évolution des mentalités. Le Brésil du XX^{ème} siècle se détachera progressivement du modèle français par une émancipation culturelle et identitaire et nouera ainsi de nouvelles relations avec la France, des relations d'échange, de coopération et d'hommages.

M.C.: Quelle est la relation entre le traducteur anthropophage et la brésilianité?

M.H.C.T.: Lorsque je parle d'anthropophagie, je me réfère à la théorie de l'anthropophagie brésilienne. Je m'explique. Le Brésil a provoqué son émancipation culturelle et identitaire et cette quête d'identité nationale, la brésilianité, a débouché sur une intéressante théorie brésilienne, soit la Théorie de l'Anthropophagie. Elle fut lancée après la "Semana de arte moderna de 1922" (11 au 18 février) à São Paulo, par un écrivain brésilien, Oswald de Andrade, qui publia par la suite son *Manifeste Anthropophage* en 1928, en réaction à la culture européenne importée au Brésil. En contre-réaction, d'ailleurs, le *Manifeste Anthropophage* ne fut traduit en français qu'en 1982 par Jacques Thiériot. Selon le *Manifeste Anthropophage*, le Brésil reproduisait les modèles européens, s'assimilant au même, tel qu'il était perçu dans l'imaginaire européen. Le *Manifeste Anthropophage* dont la première phrase "Seule l'anthropophagie nous unit" donnait le ton et réclamait justement l'existence d'un mouvement, d'une théorie propre au Brésil. Le rituel anthropophage fut donc utilisé comme métaphore culturelle du mouvement anthropophage, représentant ainsi le point culminant de la quête identitaire brésilienne.

Comment cela fonctionne-t-il? A l'instar du "sauvage" qui dévore l'ennemi, — mais pas n'importe quel ennemi, un ennemi courageux et qui se distingue par ses qualités, notamment guerrières — l'absorbe et le digère pour n'incorporer que ses vertus, l'écrivain brésilien a fait de même par le rituel de l'anthropophagie culturelle. Face à la culture de l'autre, l'écrivain brésilien aura donc le même comportement: dévorer la culture étrangère, l'absorber, la digérer, pour restaurer son propre patrimoine culturel. C'est

la même chose pour le traducteur qui peut être, à des degrés différents, un anthropophage, selon ce qu'il choisit de dévorer.

M.C.: Je sais que vous vous intéressez particulièrement à la traduction de la littérature de jeunesse et que vous avez coordonné un numéro spécial de votre revue *Cadernos de Tradução* sur cette problématique, où j'ai eu l'honneur de publier une contribution. Je vous prie de nous dire comment est né votre intérêt pour ce domaine et sa spécificité.

M.H.C.T.: Mon intérêt pour la littérature de jeunesse vient du fait que peu d'œuvres sont effectivement traduites de l'original. Cela semble incroyable mais par exemple *La Belle et la Bête* n'avait jamais été intégralement au Brésil avant ma traduction en 2014. J'ai donc traduit le conte de Mme Leprince de Beaumont de 1755, écrit avec des intentions éducatives pour les enfants anglais âgés de 12 à 5 ans. Il n'y avait que des adaptations avant ma traduction de 2014. Une adaptation n'est pas, vous le savez, une traduction! Mais bien sûr, dans l'adaptation, il peut avoir des traits stylistiques du texte premier par exemple. L'adaptation affiche deux auteurs dont l'adaptateur qui est beaucoup plus visible que l'auteur initial du texte. La traduction et l'adaptation entretiennent ce que j'appelle des relations isomorphes, c'est-à-dire des relations de similarité dans la forme et l'apparence. Les adaptations contemporaines reflètent un grand désir d'appropriation et tentent de minimiser les différences entre l'univers linguistique et culturel de l'œuvre source et celui de l'adaptation. Donc, dans ces adaptations de *La Belle et la Bête*, la fée disparaît du récit alors qu'elle est un personnage essentiel à la morale finale de l'histoire, puisqu'elle apparaît en rêve à Belle qui voit la Bête mourir près du canal. Puis, à la fin, la fée punit les deux sœurs de Belle à cause de leur fierté, leur colère, leur paresse et leur envie, en les transformant en statues de pierre!

Par la suite, j'ai aussi traduit des poèmes de Victor Hugo pour enfant. Ces poèmes qu'il dédia à ses petits-enfants, Georges et Jeanne.

M.C.: Vous avez rendu en portugais (en collaboration avec deux collègues) l'ouvrage de Berman *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*, qui n'est pas encore traduit en roumain. J'ai vu qu'il a déjà connu plusieurs éditions. Combien de temps avez-vous travaillé à cette traduction collaborative



sur un texte si dense, érudit et d'une grande subtilité? Quelles difficultés avez-vous eu à vaincre?

M.H.C.T.: La 2^e édition de *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* [La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain] est pratiquement épuisée. J'ai eu le plaisir de traduire avec deux de mes collègues des Études en Traduction, Mauri Furlan et Andréia Guerini. Le travail à proprement parler de traduction nous a demandé 2 ans de travail. Plusieurs difficultés se sont présentées, principalement dues aux citations de Berman en langues étrangères avec une traduction en français. Nous avons ainsi essayé d'expliquer nos décisions de traduction dans une note des traducteurs. Et vraiment, le plus grand défi fut celui des titres d'œuvres citées par Berman. Comme toute traduction est une prise de décisions, nous avons opté pour des titres en portugais lorsque ceux-ci existaient en traduction, quand l'exemple cité n'avait pas d'incidence sur les questions de traduction. Quant aux titres non encore traduits en portugais, ils furent maintenus en l'état, tel que présentés par Berman dans l'original français, de manière à ne pas créer des titres sans textes traduits correspondants.

M.C.: Quel est pour vous le poids du paratexte dans une traduction?

M.H.C.T.: Énorme!! Je ne conçois la lecture d'un texte littéraire, quel qu'il soit, sans d'abord m'attarder dans les textes que je nomme textes d'accompagnement, soit sur l'aspect externe des livres que j'appelle aspect morphologique et le discours d'accompagnement. Ces indices morphologiques concernent toutes les indications figurant sur les couvertures, externes — recto et verso —, et pages de couverture (pages de garde, pages du faux-titre...), internes des livres, susceptibles d'apporter des précisions sur le statut des traductions, soit sur la façon dont elles sont perçues d'après les éléments informatifs qu'elles présentent. Et par discours d'accompagnement, je comprends tout l'apparat paratextuel (préface, avis, introduction, postface, etc.), qui est souvent le lieu où l'idéologie apparaît le plus en clair. Le paratexte est donc essentiel à l'analyse des traductions.

M.C.: Je me rappelle que dans un échange plus ancien vous avez parlé de 300 thèses de master et doctorat en traductologie qui se déroulent dans votre Université. Quelle est la situation actuelle de la recherche doctorale en traductologie dans l'UFSC? Quel est son débouché sur le marché de travail?

M.H.C.T.: Il faut tout d'abord vous dire que le contexte brésilien est particulier car le marché du travail en la matière est très prometteur. Facultés et universités étaient fondées chaque année jusqu'en 2016, permettant le développement et la consolidation de la discipline, contrairement à une situation très différente et souvent inverse non seulement en Europe mais encore dans le monde en général. Si là où il semble y avoir peu ou pratiquement pas de perspectives de travail pour les porteurs de Master et de Doctorat en Traductologie, en revanche, les Études de la Traduction, comme on les nomme au Brésil sont en plein essor. J'ai fait partie du premier groupe de professeurs et chercheurs du Brésil qui a proposé au Ministère de l'Éducation la création du programme de Master et de Doctorat uniquement dédié aux Études de la Traduction. De ce fait, j'ai eu le privilège de coordonner le premier programme du genre en 2003 à l'Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) à Florianópolis. Ce fut le point de départ favorable à la formation de trois autres programmes de Master et de Doctorat spécifiques en Études de la Traduction au Brésil: le Master de l'Université de Brasília (UnB) en 2011; le Master et Doctorat en Études de la Traduction de l'Université de São Paulo en 2012 et le Master de l'Universidade Federal do Ceará (UFC), en 2013. Deux autres Masters en Études de la Traduction attendent une réponse du Ministère de l'Éducation à Rio de Janeiro et à Natal. Ceci élèvera les 3^e cycles en Études de la Traduction à six, nombre en soi non négligeable. Cet engouement tend à révéler, avant toute chose, le fait que le domaine de la traduction est un domaine précurseur, avant-gardiste au Brésil, principalement parce que les universités ont reconnu son statut de science à part entière, en octroyant ainsi des diplômes spécifiques, le diplôme de Master en Études de la Traduction et de Doctorat Études de la Traduction. Je pense que la question est là: la reconnaissance institutionnelle des Études de la Traduction au Brésil. Pour répondre au nombre de thèse et mémoires soutenus à la PGET/UFSC, j'ai consulté notre page sur internet (<<http://ppget.posgrad.ufsc.br/teses-e-dissertacoes-pget/>>). À la fin mai 2018, il y avait 270 mémoires de Masters soutenus et 115 thèses de doctorat.

Une dernière chose: les Masters et Doctorats brésiliens en Études de la Traduction ne sont pas des Masters et Doctorats professionnels. Ils ne forment pas de traducteurs mais des chercheurs en Études de la Traduction et sont essentiellement académiques. C'est là toute la différence.



M.C.: Pour rester au doctorat, qu'est-ce qu'un "Doctorat Interinstitutionnel"? C'est peut-être une formule de doctorat en cotutelle?

M.H.C.T.: Non, pas exactement. Ce n'est pas de la cotutelle. En fait, le Doctorat Interinstitutionnel (DINTER) est l'un des rares projets qui répondent en même temps aux exigences de socialisation concrète des connaissances et de l'échange national privilégié grâce à un projet de solidarité institutionnelle, principalement de la part des enseignants. L'internationalisation étant le mot d'ordre actuellement dans les universités fédérales brésiliennes, peu de place est donnée aux projets d'échange locaux, national. Toutefois, il y a des programmes depuis dix ans qui soutiennent la mise en place de Doctorat au Brésil. Cela signifie que les professeurs des universités ou des instituts fédéraux ont l'occasion de faire un doctorat par le biais d'une autre université que la leur. Le succès du projet DINTER dépend fondamentalement de facteurs institutionnels, universitaires et surtout humains, car il implique la volonté et la mobilisation participative ainsi que la qualité de chaque enseignant-chercheur. La culture du partenariat est une culture du dialogue entre les universités concernées, dans notre cas, l'Université Fédérale de Santa Catarina et les Universités Fédérales de Paraíba, UFPA et UFCG de 2010 à 2014, et du Pará, UFPA de 2015 à 2019. Je coordonne donc le Doctorat Interinstitutionnel depuis 8 ans.

*M.C.: Vous avez dans votre Université une revue de traductologie et vous faites partie du comité de rédaction, à ce que je sache, de **Cadernos de Tradução** qui a fêté en janvier 20 ans d'activité. Pourriez-vous nous parler de la trajectoire et de l'importance de la revue?*

M.H.C.T.: La revue *Cadernos de Tradução* fut créée en 1996 par Mauri Furlan, Walter Costa et moi-même, tous professeurs à l'Université Fédérale de Santa Catarina. C'est la revue du Master et Doctorat en Études de la Traduction depuis 2003. Au début, elle avait une périodicité d'un volume par an, et ce, jusqu'en 1999. Lors du passage au XXI^e siècle, afin de s'ajuster aux normes relatives aux aides financières du Conseil national de la Recherche du Brésil (CNPq) ainsi qu'à celles de l'évaluation de la Coordination du Perfectionnement du Personnel de l'Enseignement Supérieur (Capes), la revue commença à éditer deux numéros par an. De nouveaux changements structurels sont intervenus à partir de 2016, avec l'entrée de la revue sur le

portail SciELO, avec la production de trois numéros par an (janvier, mai et septembre). L'objectif principal de la revue est de publier des résultats de recherche dans le domaine de la traduction au Brésil et à l'étranger et de suivre le débat dans le domaine, où l'interdisciplinarité y est inhérente. Aujourd'hui, la revue partage son contenu entre des articles originaux ou traduits, liés au domaine de la traduction, des critiques de livres liées à la traduction (analyse, théorie, histoire), des critiques d'œuvres traduites publiées au cours des cinq dernières années et des interviews, comme celle que vous faites avec moi, avec des traducteurs, des enseignants et des chercheurs dans le domaine de la traduction. En outre, *Cadernos de Tradução* a toujours eu pour politique d'héberger des numéros et dossiers thématiques. La revue suit un processus rigoureux d'évaluation par ses pairs et est, à son tour, régulièrement évaluée par secteur de réglementation du CAPES, le "Qualis", un ensemble de procédures pour la stratification de la qualité de la production intellectuelle des programmes d'études supérieures. La revue est, en fait, indexée dans les bases de données internationales telles que DIALNET — Difusión de Alertas en la Red, DOAJ — Directory of Open Access Journals, LATINDEX — Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal, MLA — Modern Language Association International bibliography, SciELO — Scientific Electronic Library Online e ULRICHS — Ulrichs Periodical Directory. En ce qui concerne le numéro intitulé *Vozes tradutórias: 20 anos de Cadernos de Tradução* (Voix: 20 ans de la revue *Cadernos de Tradução*), il a été organisé par Andréia Guerini (rédactrice en chef de la revue), Marie Helene Catherine Torres et Walter Carlos Costa. Il a été publié en 2016 pour rendre hommage aux traducteurs. J'ajouterai également que *Cadernos de Tradução* est une revue entièrement gratuite, qui offre un accès immédiat et libre quant à son contenu, suivant le principe selon lequel disponibiliser gratuitement des connaissances scientifiques au public permet une plus grande démocratisation mondiale du savoir.

M.C.: Notre collègue canadien, Marc Charron, membre comme vous du comité scientifique de notre revue, nous a fugitivement parlé d'une collaboration au niveau de la recherche entre l'Université d'Ottawa et votre Université? En quoi consiste-t-elle?

M.H.C.T.: Mon université, l'Université Fédérale de Santa Catarina, a établi des accords avec des dizaines d'universités dans le monde dans tous les



domaines. Il est vrai qu'elle n'en a pas avec la Roumanie. Nous pouvons y penser. Cependant, pour tenter de répondre à votre question, elle a signé des accords avec quinze universités canadiennes, y compris avec l'Université d'Ottawa, où enseigne notre collègue Marc Charron. Ce sont des accords de coopération technique, scientifique et culturelle qui permettent la mobilité et l'échange d'étudiants, de professeurs et de fonctionnaires technico-administratifs. Il n'y a pas de financements prévus dans ces accords. Les étudiants et les enseignants-chercheurs participent avec leurs propres moyens ou grâce à une bourse éventuelle octroyée par leur pays et/ou leurs universités d'origine.

M.C.: A quoi travaillez-vous à présent? Je sais que vous travaillez aussi sur les conteuses du XVIII^e siècle. Pourriez-vous nous donner quelques détails sur ce projet? Qu'est-ce qu'il y a sur votre table de travail?

M.H.C.T.: Il est en effet exact que je consacre en ce moment mes recherches aux conteuses françaises du XVIII^e siècle. Il s'agit principalement de redimensionner le canon des œuvres littéraires françaises du XVIII^e siècle au Brésil et d'analyser la traduction et son processus. Notre contribution concerne la fortune critique des textes français classiques du dix-huitième siècle au Brésil à travers la traduction commentée. Et je fais ce questionnement du canon esthétique dans le but de développer un concept novateur de l'histoire littéraire, un concept qui échapperait à la rigidité du canon littéraire traditionnel en quête d'autonomie intellectuelle, de liberté de choix, de lecture et pensée critique. J'essaie, dans ce sens, de réhabiliter des écrivaines oubliées par l'histoire littéraire française, de présenter un matériel paratextuel sur ses écrivaines afin d'introduire dans le scénario brésilien des textes qui élargissent le discours sur le XVIII^e siècle et de disponibiliser des traductions inédites de ces écrivaines en portugais du Brésil. J'ai déjà publié une partie de la recherche dans des travaux antérieurs sous la forme d'anthologie, comme l'anthologie *Mnémosyne* (<<https://mnemosineantologias.com>>), consacré à l'histoire littéraire des écrivaines françaises du dix-huitième siècle et de leur rôle dans la (trans) formation du canon littéraire brésilien. Il y a pour le moment, trente écrivaines dans l'anthologie avec des entrées en constante mise à jour. Nos travaux de recherches prennent en compte les théories d'André Lefevere et son ouvrage *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*

(1992) qui montre notamment que la réécriture, à savoir la traduction, l'historiographie, la critique et l'édition joue un rôle clé dans la réception et canonisation des œuvres littéraires. D'autres théoriciens importants ont inspiré cette recherche, comme José Lambert, Lieven D'hulst, Anthony Pym ou encore Antoine Berman. Une deuxième étape de la recherche permettra d'établir l'Histoire des conteuses, le plus souvent liées aux salons littéraires dédiés aux contes de fées sous toutes ses formes. Les contes de Mme d'Aulnoy, Mme Murat ou Mlle de la Force, étaient très appréciés et lus, ainsi que l'attestent les constantes réimpressions. Le conte de fées était un véritable phénomène de mode. Ainsi naquit le conte littéraire féminin, une écriture mondaine et galante aux tendances romanesques. De façon plus générale, cependant, c'est de la rencontre entre la littérature orale et écrite, populaire et littéraire, ancienne et moderne, que ces contes se sont inspirés dans leur esthétique, leur poésie et leur riche imagination. Les contes de fées de Mme d'Aulnoy, par exemple, obtinrent un succès immédiat et durable. Ils furent d'ailleurs traduits en anglais bien avant les contes de Perrault, souvent réimprimés au cours du XVIII^e siècle. Les classiques français étant généralement peu traduits au Brésil et, lorsqu'ils le sont, ils concernent les mêmes textes, cette nouvelle histoire anthologique inclura des contes d'écrivaines françaises de l'âge d'or (1690-1710) publiés dans les quarante et un volumes du *Cabinet des fées* et leur traduction en portugais brésilien accompagnée de commentaires critiques. C'est ce que je fais dernièrement, entre autres choses. Pour répondre finalement à la deuxième partie de votre question, il y a actuellement sur ma table un ouvrage de Pascale Casanova en français, *La langue mondiale: traduction et domination*. Nous sommes en pourparlers avec les maisons d'édition des Universités Fédérales de Santa Catarina et de Brasília pour l'achat des droits de traduction en portugais du Brésil auprès des Editions Seuil. Ce nouveau projet de traduction est principalement motivé par les lacunes en théorie et sociologie de la traduction sur le marché du livre au Brésil. En outre, cet ouvrage pourra être adopté pour les cours de Master et Doctorat en Études de la Traduction des universités brésiliennes.



Studi di traduzione intercontinentale
Brasile — Canada — Romania

Tradotto da
Elena Manzato & Ingrid Bignardi

INTERVISTA¹

Andréia GUERINI² e Robert de BROSE³ com Walter Carlos COSTA⁴

Walter Carlos Costa, professore, traduttore e ricercatore del Centro Nazionale di Ricerca brasiliano (CNPq) Livello 2, è una figura centrale degli Studi sulla Traduzione in Brasile, sia per la sua lunga e prolifera carriera come ricercatore in questa area, che ha aiutato a consolidare nel paese, sia per la sua attenzione nella formazione di nuovi(e) traduttori(trici), ricercatori(trici) e professori(esse). La sua carriera è iniziata con una laurea in Filologia Romanza (Francese e Spagnolo) alla Katholieke Universiteit di Leuven, Belgio, dove ha anche scritto la sua tesi di laurea magistrale su varie questioni relative alla traduzione in francese di *Grande Sertão: Veredas* di João Guimarães Rosa, lavoro sviluppato avendo come relatore l'eminente ricercatore, nonché uno dei fondatori degli Studi sulla Traduzione, José Lambert. Tra il 1988 e il 1992, ha redatto la sua tesi di dottorato sugli aspetti linguistici della traduzione di Jorge Luis Borges all'Università di Birmingham, con Malcolm Coulthard come relatore. Pur essendo professore pensionato dell'Università Federale di Santa Catarina (UFSC), continua a fare ricerca nel programma di specializzazione in Studi sulla Traduzione (PGET) della stessa istituzione, è inoltre visiting professor nel programma di specializzazione in Studi sulla Traduzione dell'Università Federale del Ceará (POET/UFC), di cui è uno dei(lle) fondatori(trici), dal 2017. Attualmente, si dedica principalmente alla ricerca sulla letteratura di Jorge Luis Borges e Adolfo Bioy Casares e sulla storia e storiografia della traduzione.

¹ Questa intervista è stata pubblicata precedentemente nella *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 44, p. 436-447, jan./abr. 2018.

² Università Federale di Santa Catarina, CNPq, Brasile, andreia.guerini@gmail.com.

³ Università Federale del Ceará, Brasile, robert.de.brose@gmail.com.

⁴ Università Federale del Ceará; Università Federale di Santa Catarina; CNPq, Brasile, walter.costa@gmail.com.





ANDRÉIA GUERINI e ROBERT DE BROSE (A.G./R.B.): Ci racconti del suo contatto iniziale con la traduzione.

WALTER CARLOS COSTA (W.C.C.): Il mio contatto iniziale con la traduzione viene dall'infanzia, vissuta nella cittadina paulista di Santópolis do Aguapéi, dove ho fatto quello che si chiamava insegnamento primario. La popolazione della città era formata da immigrati stranieri di varie nazionalità, soprattutto giapponesi, e migranti di vari stati, oltre ad esserci una riserva indigena. Così nei miei primi undici anni ho potuto ascoltare, tutti i giorni, persone parlando molte lingue straniere e con accenti provenienti da diverse aree del paese. Ricordo che, dei miei migliori amici, uno era figlio di giapponesi e un altro era figlio di sirio-libanesi, e a casa loro sentivo parlare giapponese, arabo e portoghese. Ricordo anche le persone che leggevano i giornali stranieri, tra cui un giornale libanese e varie pubblicazioni in giapponese, come il *São Paulo Shimbun*, al quale molti abitanti erano abbonati. È stato sempre a Santópolis che ho potuto seguire per anni il cinema americano, con i sottotitoli, e nei fine settimana il cinema giapponese, anche questo sottotitolato. In quello che all'epoca era il ginnasio, che ho frequentato nelle città vicine di Tupã e Birigui, ho avuto eccellenti docenti d'inglese e di francese. Particolarmente importante è stato l'accesso alle biblioteche delle scuole, dove ho letto centinaia di libri tradotti, tra i quali tutta la collezione Terramarear (<http://marginalia.com.br/2015/11/16/colecao-terramarear/>), di libri d'avventura. Uno dei miei fratelli era abbonato al club del libro, di cui leggevo con frequenza i volumi di letteratura straniera. Un avvenimento decisivo dell'inizio dell'adolescenza è legato alla lettura del "Suplemento Literário" di *O Estado de S. Paulo* (<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,no-suplemento-literario-o-encontro-de-varias-geracoes,6862,0.htm>), giornale a cui mio padre era abbonato. Attraverso il *Suplemento*, che leggevo dalla prima all'ultima parola ogni settimana, sono entrato in contatto con le traduzioni di Augusto e Haroldo de Campos e con la rubrica "Letras russas", di Boris Schnaiderman, di cui sarei diventato amico decenni dopo.

A.G./R.B.: Nella sua formazione accademica, quando è comparsa la traduzione? Cosa è cambiato nel campo degli Studi sulla Traduzione dal suo primo contatto fino ad oggi che considera importante o marcante?

W.C.C.: Avevo iniziato ad interessarmi alla traduzione a partire dalla lettura dei poeti concreti, in inserti di giornali, riviste e libri. L'ampia gamma di lingue occidentali e orientali, moderne e antiche, del repertorio concreto, mi portò al tentativo d'imparare diverse lingue straniere, tanto in tradizionali corsi di lingue (inglese, francese, italiano, tedesco, russo, giapponese) quanto da autodidatta (spagnolo, rumeno). Tuttavia, fu nel corso dei miei studi alla KU Leuven (Katholieke Universiteit Leuven), che affrontai la pratica della traduzione quotidianamente. Innanzitutto si traduceva in casa, perché la mia ex-moglie cilena, Sara Vergés Cabello, parlava in spagnolo con me e con i nostri due figli, Hiran e Rodrigo, e io parlavo con loro in portoghese. Quando avevamo visite parlavamo in inglese, neerlandese o francese, parlavamo in queste lingue con gli(le) ospiti e, tra di noi, in spagnolo e portoghese. Ovvero, praticavamo la traduzione nel parlato tutto il tempo. Alla KU Leuven ebbi come professore José Lambert, che era un appassionato di traduzione e che stava cominciando a creare, insieme ai(lle) colleghi(e) belgi(e), olandesi e israeliani(e), quella che sarebbe diventata l'area accademica degli Studi sulla Traduzione. Partecipai a vari eventi promossi da Lambert e dai(lle) suoi(e) colleghi(e) e cominciai a leggere la relativa bibliografia che stava nascendo. Lambert iniziò a fare da relatore per le ricerche sulla traduzione e fu con lui che scrissi la mia tesi di laurea magistrale *Un roman brésilien en français. Questions de traduction à propos de Grande Sertão: Veredas de J. Guimarães Rosa*. Quando sono entrato alla UFSC, come professore del dipartimento di spagnolo, la traduzione ha iniziato a fare parte della mia pratica accademica. Il dipartimento di spagnolo cominciò a dare corsi di traduzione attiva e passiva durante l'insegnamento delle lingue fin dai primi semestri e spesso ero io a tenere questi corsi. In seguito, in una delle ristrutturazioni curriculari, è stata introdotta la disciplina degli Studi sulla Traduzione. Alla UFSC ho cominciato anche a svolgere l'attività di editore, prima nel dipartimento di Metodologia di Insegnamento, in cui avevo 20 ore, e in seguito nel Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere, dove avevo sempre 20 ore. Al DLLE (Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere), venni invitato dalla collega Carmen Rosa Caldas-Coulthard



a collaborare all'edizione della rivista *Ilha do Desterro* e a lavorare nel programma di specializzazione in inglese, chiamato PGI. Come editore di *Ilha do Desterro*, ho curato un numero monografico *Translation/Tradução*, nel primo numero del 1987, e alla PGI ho dato vari corsi di traduzione, uno dei quali in collaborazione con Malcolm Coulthard, che sarebbe poi diventato mio relatore nella University of Birmingham, dove ho concluso il mio dottorato sulle traduzioni in inglese di Jorge Luis Borges nel 1992.

A.G./R.B.: *Lei ha tradotto frequentemente; come definisce la sua pratica?*

W.C.C.: La mia pratica della traduzione è stata costante ma, allo stesso tempo, non molto sistematica. Ho cominciato a tradurre regolarmente in Belgio, quando, a metà del corso di Filologia Romanza (Francese e Spagnolo), ho cominciato a lavorare come giornalista alla BRT (Belgische Radio en Televisie, Radio e Televisione Belga), emittente ufficiale, allora neonata, della comunità fiamminga, dopo la divisione della vecchia emittente unica nazionale. Per 4 anni ho tradotto testi della stampa e delle agenzie di notizie dal neerlandese allo spagnolo e per un anno ho fatto lo stesso lavoro con il portoghese. Registravo i testi che venivano trasmessi via radio su onde corte, di sera. Quello che ho tradotto maggiormente, nel corso degli anni, fu poesia, in generale per riviste letterarie e accademiche, soprattutto dello spagnolo, dall'inglese e dal neerlandese. Ho tradotto l'antologia *Paisagem com uma vela e abelhas assírias*, del poeta, professore e traduttore americano Steven White (Florianópolis, Edição da Orla, 1995). Ho tradotto anche poesia (Cruz e Souza, Leonor Scliar-Cabral) dal portoghese allo spagnolo, un'esperienza molto gratificante perché nei due casi si trattava di un'edizione multilingue, rispettivamente in inglese, francese e spagnolo e inglese, francese, spagnolo ed ebraico e che ha reso possibile un lavoro in dialogo con colleghi come Marie Helene Catherine Torres e Alexis Levitin.

Un'esperienza speciale è stata la traduzione di due libri per l'infanzia dal neerlandese al portoghese: *Nina*, del fiammingo David Ausloos (Comboio de Corda, 2010) e *Zoeira esteve aqui*, dell'olandese Edward van de Vendel (SM, 2011). Il rapporto con le case editrici è stato eccellente e ho avuto ampia libertà; la revisione e la preparazione del testo sono state esemplari ed eseguite con grande accuratezza e consulenze costanti. Ho tradotto molto in collaborazione e meritano di essere messi in evidenza alcuni lavori. Con

Philippe Humblé ho tradotto in portoghese, nel 1993, *Sobre livros e leitura* [Sulla lettura e sui libri] di Arthur Schopenhauer, un grande successo della casa editrice alternativa Paraula (con sede, prima in Porto Alegre e poi a Florianópolis) e che è stato riproposto nella rivista *Buriti*, della Fundação Biblioteca Nacional. Con Philippe ho tradotto anche alcuni poemi del poeta fiammingo Paul van Ostaijen. Con il compianto Cleber Teixeira, mio grande amico della casa editrice Noa Noa di Florianópolis, ho tradotto poemi di Octavio Paz. Con Andréia Guerini e Fabiano Seixas Fernandes ho tradotto *Maomé — uma biografia do profeta*, di Karen Armstrong (Companhia das Letras, 2002). Con Andréia Guerini e Eclair Antônio Almeida Filho, ho tradotto poemi di Leopardi, pubblicati nel *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Con Rosario Lázaro Igoa, ho tradotto in spagnolo alcune cronache di autori brasiliani, pubblicate nella stampa uruguaiana. Con Pablo Cardellino ho tradotto, tra gli altri, Cervantes e gli uruguaiani Felisberto Hernández e Henry Trujillo. Con Luana Ferreira de Freitas, mia moglie, ho tradotto il racconto “A bugra”, di Bram Stoker, pubblicato nella collettanea *Sombras de Carcosa — Contos de terror cósmico*, della casa editrice Poetisa, di Piracicaba. Attualmente con Luana sto preparando un’antologia di poesia di Emily Dickinson.

A.G./R.B.: *Lei intende/sostiene la traduzione come autorialità?*

W.C.C.: L’autorialità nella traduzione dipende dal testo, secondo il genere e il grado di complessità, e dal(la) traduttore(trice), secondo le sue competenze. Tra gli esempi citati nella domanda precedente, direi che l’indice di autorialità è stato maggiore nella traduzione poetica, nella traduzione dei due libri per l’infanzia e nella traduzione delle narrative di Felisberto Hernández e di Bram Stoker. Questo indice di autorialità dipende anche delle competenze di lettura di textualização del(la) traduttore(trice). Credo che queste competenze siano translinguistiche, benché vengano imparare e sviluppate in lingue concrete. Dipende anche della competenza retextualizadora, che credo sia una competenza specifica e di natura allo stesso tempo interlinguistica, (capacità di ricreazione, da un sistema linguistico-discorsivo all’altro) e intralinguistica (capacità di parafrasi, interno al sistema linguistico-discorsivo). Possiamo dire anche che nel compito del(la) traduttore(trice) sono coinvolte tre importanti competenze: la competenza enciclopedica e le competenze





lessicale-idiomatica e stilistica. Per quanto riguarda la traduzione letteraria le cose diventano naturalmente più complesse. L'indice di autorialità, così come l'indice di rilevanza culturale ed estetica, dipenderà da diversi fattori legati al tempo e al luogo di produzione e al tempo e al luogo di lettura. Per questo, mi sembra affrettato dire che le traduzioni hanno vita più corta dei testi di partenza. Se osserviamo la storia della letteratura e al suo interno la storia della traduzione, possiamo dire che le traduzioni abbiano, invece, una sopravvivenza maggiore: ciò è dovuto, tra l'altro, al fatto che una parte importante delle traduzioni letterarie vengono fatte a partire da testi precedentemente selezionati dal pubblico e dalla critica. È un fatto che soltanto una piccola parte della produzione letteraria mondiale è tradotta, e che solo una piccola parte di quest'ultima è costantemente ritradotta. Soltanto le storie della letteratura tradotta, come le recenti *The Oxford history of literary translation in english* (Oxford: Oxford University Press, 2005, 2006, 2008, 2011) e *Histoire des traductions en langue française* (Paris: Verdier, 2012, 2014, 2015), possono cominciare a chiarire l'intricato processo di produzione e ricezione delle traduzioni letterarie e la loro importanza per la circolazione internazionale di rappresentazioni, temi e procedure, e la complessa formazione del sistema mondiale delle letterature e l'ugualmente complessa formazione dei sub-sistemi regionali, nazionali e transnazionali.

*A.G./R.B.: Lei ha fondato la rivista **Cadernos de Tradução**, oggi considerata la più importante rivista nell'area di traduzione in Brasile, e vi figura come editore associato. Potrebbe parlarci della creazione della rivista e di come essa si inserisce nel contesto accademico rispetto ad altre riviste.*

W.C.C.: Fin dalla prima adolescenza ero un avido lettore di riviste culturali, come le riviste brasiliane *Leitura*, *Anhembi*, *Brasiliense*, *Civilização Brasileira* e le internazionali *Quinzaine Littéraire*, *Les Temps Modernes*, *Critique*, *Strumenti Critici*, *Europe*. Durante il mio soggiorno belga (1974-1982), ho potuto allargare questa lista con una ampia collezione di periodici accademici della Katholieke Universiteit Leuven, sia della biblioteca centrale sia della biblioteca settoriale di Lettere e Linguistica. Durante il mio dottorato, alla University of Birmingham (1988-1992), ho ampliato ancora di più la gamma di lettura di periodici accademici, specialmente quelli in lingua inglese. Fu con questo quadro di lettura previa di riviste

culturali e periodici accademici che nacque l'idea di pubblicare una rivista dedicata agli Studi sulla Traduzione che si facesse portavoce del neonato gruppo di studio della UFSC, nella ANPOLL, su invito della coordinatrice del gruppo di studi di Traduzione dell'ANPOLL, Maria Paula Frota, della PUC-RIO (Università Cattolica di Rio de Janeiro). *Cadernos de Tradução* è iniziata come una rivista annuale, pubblicata dai(lle) colleghi(e) Marie Helene Catherine Torres, Mauri Furlan e da me, come organo del neonato NUT (Nucleo di Traduzione) dell'UFSC. *Cadernos de Tradução* ha funzionato, fin dal primo numero, pubblicato nel 1996, secondo certi principi: restrizione della pubblicazione di testi locali e pubblicazione di testi nazionali e internazionali, pubblicazione di testi in lingue straniere, pubblicazione di recensioni e inclusione di tutte le vertenti di pensiero dell'area. La rivista ha avuto esito immediato e, poco a poco, si è andata consolidando e guadagnando prestigio tra i ricercatori(trici) brasiliani(e) ed esteri(e). Il grande salto è avvenuto quando Andréia Guerini è diventata caporedattrice. La rivista, che iniziò a contare sul supporto del CNPq e del Coordinamento di Perfezionamento del Personale dell'Istruzione Superiore (CAPES), si è professionalizzata e ha iniziato ad essere pubblicata con periodicità regolare oltre ad incorporare nuove sezioni, come quella delle recensioni di traduzione, delle interviste e, di recente, delle traduzioni inedite. Un altro salto importante è avvenuto da poco, quando, grazie allo sforzo della caporedattrice e della dottoranda Letícia Goellner, *Cadernos de Tradução* è entrata a far parte della piattaforma SciELO, che garantisce il rinnovo automatico del voto A1 nel sistema di valutazione CAPES. *Cadernos de Tradução* è, quindi, la principale rivista di Studi sulla Traduzione in Brasile, paese in cui esiste il maggior numero di periodici di quest'area. Lo scenario internazionale è dominato da riviste del mondo anglo-americano, e ciò si giustifica per varie ragioni, tra cui il peso dei grandi gruppi editoriali come Benjamins e Routledge, che controllano il ricco mercato dei periodici nella principale lingua franca del momento, l'inglese. Fino adesso, le grandi case editrici brasiliane non hanno avuto interesse per le edizioni di libri e periodici nell'area degli Studi sulla Traduzione. D'altra parte, tutti i periodici brasiliani sono vincolati alle istituzioni di insegnamento superiore e sono di libero accesso online, che rende la ricerca brasiliana nell'area più democratica e inclusiva.





A.G./R.B.: Lei è stato uno dei responsabili per la creazione del primo programma di Studi sulla Traduzione in Brasile, all'Università Federale di Santa Catarina, e ha collaborato alla creazione di programmi specifici in altre istituzioni, come l'Università di Brasilia (UnB) e l'Università Federale del Ceará (UFC). Potrebbe parlarci di questo suo movimento? Come vede l'espansione degli Studi sulla Traduzione in Brasile?

W.C.C.: La creazione della PGET, Post-laurea in Studi sulla Traduzione, della UFSC, è dovuta a un insieme di fattori favorevoli, a cominciare dall'esistenza di un gruppo di professori(esse) appassionati(e) di traduzione, e che si sono riuniti(e) intorno alla rivista *Cadernos de Tradução* e intorno al NUT. Ossia, all'UFSC, il periodico specializzato è nato 7 anni prima del programma specifico in Studi sulla Traduzione. Oltre a lavorare nel NUT e nella rivista *Cadernos*, un piccolo gruppo di ricercatori lavoravano già sulla traduzione nei dipartimenti di Letteratura, di Inglese e di Linguistica. Questo spiega, in parte, perché la PGET ha avuto una traiettoria ascendente meteorica: autorizzata nel 2003.2 ha iniziato a funzionare nel 2004.1, con una lezione inaugurale emblematica, quella di Boris Schnaiderman, la cui carriera ispira gran parte del mio lavoro istituzionale. Nella prima valutazione CAPES, il programma è passato al voto 4 e, in seguito, è stato autorizzato il dottorato con voto 5. Nella valutazione Quadriennale CAPES dell'anno scorso, la PGET ha raggiunto il voto 6 e non è insensato pensare che in futuro possa raggiungere il voto massimo 7. Uno dei fattori che ha pesato nella valutazione positiva della PGET è la presenza della ricerca in LIBRAS e lingue dei segni. Tra le 345 tesi di dottorato e magistrale discusse alla PGET (<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88241>>), tra il 2004 e il 2018, diverse sono sulla traduzione e interpretazione in LIBRAS (Lingua Brasiliana dei Segni) e lingua dei segni. Un'altra delle caratteristiche specifiche della PGET è il suo rapporto con il Belgio, uno dei paesi (insieme ad Olanda e Israele) in cui è nata la disciplina dei Translation Studies. Ho frequentato i corsi di laurea e di magistrale alla KU Leuven, in traiettoria condivisa con Philippe Humblé, che è stato professore dell'UFSC per 25 anni e oggi è professore nella VUB (Vrije Universiteit Brussel, Libera Università di Bruxelles). A questa caratteristica se ne aggiunge un'altra, ugualmente importante, la presenza di docenti di origine straniera alla PGET (più del 20%) e la forte presenza di visiting professor. C'è stato un momento in cui abbiamo avuto 6 professori stranieri allo stesso tempo, mettendo insieme

le possibilità offerte da CAPES, CNPq e UFSC. Tra i visiting professor che hanno collaborato a rendere internazionale il volto della PGET, ci sono stati gli inglesi John Gledson (uno dei maggiori esperti in Machado de Assis e traduttore di Machado e di altri scrittori brasiliani) e Malcolm Coulthard (uno degli esponenti dell'Analisi del Discorso britannica e uno dei fondatori della Linguistica Forense), il belga José Lambert e il tedesco Berthold Zilly, professore della Freie Universität Berlin (Libera Università di Berlino) nonché uno dei più importanti traduttori di letteratura brasiliana, tutti alla PGET sette anni fa. Altra caratteristica della PGET è legata alla decisione di non accogliere soltanto colleghi(e) ricercatori(trici) di istituzioni nazionali e internazionali, ma anche di collaborare alla formazione di colleghi(e) senza dottorato attraverso il programma di dottorato interistituzionale DINTER del CAPES. Così, la PGET ha avuto un DINTER con due istituzioni federali della Paraíba, Università Federale della Paraíba (UFPB) e Università Federale di Campina Grande (UFCG), formando 9 dottori(esse). Attualmente è in corso un DINTER con l'Università Federale del Pará (UFPA), e sono in processo di formazione 15 dottori(esse) tra colleghi(e) docenti di diversi campi. In entrambi i casi, Marie Helene Catherine Torres è stata la coordinatrice ed'io ero, e sono tuttora, abbastanza impegnato nei due progetti. L'interdisciplinarietà tipica dell'area degli Studi sulla Traduzione, che si interfaccia con tutte le aree del sapere, è stata approfondita alla PGET e ciò si è reso chiaro ultimamente, quando, concorrendo al concorso congiunto 01/2018/PROPG/PESQ, per integrare il Programma Istituzionale d'Internazionalizzazione CAPES-PrInt, la PGET ha presentato un progetto, sotto il coordinamento di Marie Helene, che comprende 9 programmi di post-laurea dell'UFSC, con 32 partecipanti e 16 paesi diversi, con 36 ricercatori(trici) stranieri(e). Il progetto è stato approvato dalla Pró-Reitoria de Pós-Graduação ed è in attesa di implementazione da parte del CAPES. La PGET, soprattutto grazie a delle consulenze fatte da Marie e da me, ha aiutato colleghi(e) di altre università che desideravano creare un programma specifico, o relativo, agli Studi sulla Traduzione. Nel corso degli anni, Marie ed io siamo stati consulenti di colleghi(e) di UnB, UFPB, UFC, Università Federale di Rio de Janeiro (UFRJ), Università Federale Fluminense (UFF), Università Federale del Rio Grande do Sul (UFRGS) e Università Federale del Rio Grande do Norte (UFRN). Da queste consulenze sono sorti la specializzazione POSTRAD dell'UnB, fondata



da Germana Henriques Pereira, e la POET della UFC, fondata da Luana Ferreira de Freitas. Va ricordato che Luana, che si è laureata in traduzione con specializzazione in Linguistica Applicata all'UnB, ha frequentato poi il dottorato e il post-dottorato all'UFSC, nel programma di Letteratura e della PGET, rispettivamente, ed è membro permanente della PGET. Con la POET, dove sono attualmente visiting professor, i miei rapporti sono particolarmente forti. Per stare vicino a mia moglie Luana, che era entrata all'UFC, ho fatto richiesta ed ho poi ottenuto una “collaborazione tecnica” all'UFC dal 2013 al 2016. In questo modo ho potuto partecipare attivamente al processo di creazione del programma e continuo ad essere partecipe del suo funzionamento e del suo sviluppo, mettendo a disposizione l'esperienza fatta all'UFSC. La collaborazione POET/PGET ha dato come risultato una serie di corsi ed eventi comuni, a Fortaleza, Florianópolis e Bruxelles, così come a Bragança e a Belém (nel quadro del DINTER PGET/UFPA), e vari colloqui nazionali dell'Associazione Brasiliana di Letteratura Comparata (ABRALIC) e della ANPOLL. Risultato di questa collaborazione sono anche la partecipazione ad associazioni (Associazione Brasiliana di Ricerca in Traduzione ABRAPT, gruppo di lavoro di Traduzione dell'ANPOLL), la partecipazione di professori(esse) della PGET come docenti alla POET (attualmente Marie Helene Catherine Torres e Silvana dos Santos Aguiar), la pubblicazione congiunta dei libri e la collaborazione per la valutazione dei due programmi e la co-tutela di tesi. Per quanto riguarda riguarda l'espansione dell'area, gli Studi sulla Traduzione hanno visto una vera esplosione in Brasile. Come osservato dal direttore del dipartimento Luso-Brasiliano dell'Istituto di Traduzione ed Interpretazione dell'Università di Heidelberg, Germania, Thomas Sträter, nella sua conferenza alla POET/UFC, il 03/05/18, intitolata “Perché (Studi sulla) Traduzione?”, il Brasile è il paese dove si fa più ricerca sulla traduzione.

A.G./R.B.: *Come vede l'istituzionalizzazione degli Studi sulla Traduzione all'estero?*

W.C.C.: Nonostante l'esito della disciplina tra i(le) ricercatori(trici) e nell'industria editoriale, soprattutto di lingua inglese, l'istituzionalizzazione degli Studi sulla Traduzione all'estero mi sembra problematica. Curiosa-

mente, l'unico paese dove questa disciplina ha programmi specifici forti e un gran numero di specializzazioni, dottorati e post-dottorati, è il Brasile. Nella maggior parte dei paesi, predominano i programmi di formazione di traduttori(trici) e interpreti, non di Studi sulla Traduzione a livello di magistrale e di dottorato. Il Regno Unito si distingue per la grande presenza di magistrali e dottorati, ma questo si deve alla flessibilità dell'università britannica, che ha programmi di post-laurea *stricto sensu* in una determinata area anche con un numero ridotto di docenti. Vanno menzionati anche altri paesi in cui gli Studi sulla Traduzione hanno un'inserimento istituzionale, a partire da due paesi tradizionalmente forti: il Belgio, più precisamente le Fiandre, dove le vecchie scuole di interpretazione sono state assorbite dalla KU Leuven, Universiteit Antwerpen e VUB; e il Canada, dove la disciplina è stabile in varie università e dove vengono pubblicate alcune delle più importanti riviste internazionali come *Meta* e *TTR*. In Spagna (soprattutto a Barcellona) e in Portogallo, gli Studi sulla Traduzione hanno raggiunto una posizione istituzionale importante. Un fenomeno recente è quello legato al fatto che i(le) colleghi(e) portoghesi preferiscono pubblicare e realizzare molti eventi in inglese. Altri paesi in evidenza: Turchia, Sudafrica, India, Austria e Malesia. La Cina è la grande novità e sembra aver abbracciato la causa degli Studi sulla Traduzione, potenziando una tradizione che già esisteva a Hong Kong e a Macau. Nelle pubblicazioni internazionali in inglese, tanto in periodici come in libri, la presenza degli(lle) autori(trici) cinesi è diventata una costante. In Brasile dobbiamo l'attuale riconoscimento degli Studi sulla Traduzione, in gran parte, alla collega Sandra Regina Goulart Almeida, attuale vice-rettrice della UFMG. Sandra, prima di candidarsi a vice-rettrice dell'UFMG, è stata vice-coordinatrice del dipartimento di Lettere e Linguistica del CAPES. In questo ruolo Sandra, in accordo con il coordinatore Dermeval da Hora, ha difeso e promosso gli Studi sulla Traduzione. Di conseguenza, nei 7 anni di mandato di Dermeval, gli Studi sulla Traduzione sono stati riconosciuti dal CAPES e alcuni(e) dei(lle) suoi(e) rappresentanti, come Andréia Guerini ed io, siamo stati(e) sistematicamente invitati(e) a partecipare ai comitati di valutazione dei programmi, così come ad altri processi, come il premio CAPES per le Tesi. Durante l'amministrazione di Dermeval, ci sono stati traguardi importanti per quest'area di studio come il riconoscimento della traduzione di articoli come articoli, e della traduzione di un libro come libro.



A.G./R.B.: La bibliografia sugli Studi sulla Traduzione è aumentata in modo esponenziale dal momento della creazione della disciplina negli anni Settanta e Ottanta del XX secolo. Come valuta questa crescita?

W.C.C.: La bibliografia sta aumentando molto negli ultimi anni superando altre discipline consacrate. Tuttavia, come spesso succede, questa crescita è diseguale, tanto in termini di lingue e paesi, quanto nelle sottoaree. Negli ultimi decenni abbiamo visto aumentare il numero di pubblicazioni, soprattutto in inglese, e specialmente in aree precedentemente inesplorate, come l'interpretazione (che è diventata, praticamente, un'area indipendente), la traduzione audiovisuale, l'interpretazione e la traduzione in lingua dei segni. D'altra parte, alcuni settori che esistevano prima della disciplina, come gli Studi sulla Traduzione letteraria, sono cresciuti poco nello scenario internazionale. In Brasile, gli Studi sulla Traduzione letteraria continuano ad essere un'area forte e costituiscono una parte significativa della produzione nazionale. C'è anche il fenomeno recente della pubblicazione digitale, in cui il Brasile si distingue, visto che tutti i lavori delle università pubbliche, come le tesine di laurea e le tesi di magistrale e di dottorato, sono disponibili online. È una produzione enorme e preziosa, poco conosciuta e poco studiata, e sempre più utilizzata. Sarebbe importante che la bibliografia fosse più conosciuta, con la pubblicazione, in libero accesso, di bibliografie critiche, che descrivano e valutino questo ricchissimo materiale.

A.G./R.B.: Cos'altro dev'essere fatto affinché l'area degli Studi sulla Traduzione progredisca e guadagni più visibilità in Brasile e all'estero?

W.C.C.: L'area è stabile in termini di pubblicazioni, con le limitazioni menzionate sopra, ma non in termini di istituzionalizzazione, che è quello che garantisce più visibilità e uno sviluppo sostenuto in modo da dare accesso a fonti di finanziamento stabile. Credo che si tratti più di un problema politico-istituzionale che propriamente accademico. Un'iniziativa che giudico essenziale è aumentare il dialogo con altre discipline, o sia, aumentare il dialogo con tutte le discipline. Altro fattore importante sarebbe che la ricerca sugli Studi sulla Traduzione fosse mondiale, ovvero che includesse tutti i continenti, le lingue e le culture, e che fosse multilingue. Va considerato che ci sono stati anche dei passi indietro. In Germania, paese

pioniero e rilevante in vari momenti storici per gli Studi sulla Traduzione, questi sembrano affrontare delle difficoltà istituzionali. Lo stesso accade in Francia e, ancora di più, negli Stati Uniti.

A.G./R.B.: Come vede la percezione del ruolo e dell'importanza della traduzione fuori dell'ambiente accademico? Questa percezione è cambiata? Come?

W.C.C.: È cambiata in alcuni settori; c'è ancora molto da cambiare. Esistono premi per la traduzione, soprattutto letteraria; ci sono concorsi della Fundação Biblioteca Nacional con borse per traduttori(trici) di opere letterarie brasiliane in altre lingue. Le grandi case editrici sono più sensibili: di solito mettono il nome del(la) traduttore(trice) nel frontespizio e, in alcuni casi, in copertina; istruiscono i(le) revisori e i(le) preparatori(trici) dei testi ad avere un atteggiamento tollerante verso le scelte dei(lle) traduttori(trici), privilegiano le traduzioni dirette, quando possibile. D'altra parte, certe cattive abitudini rimangono: nei siti delle librerie, i(le) traduttori(trici) non vengono quasi mai citati(e) e lo stesso accade nella maggior parte delle tesi di laurea, magistrale e dottorato in Studi sulla Traduzione... I diritti d'autore dei(lle) traduttori(trici) sono ancora molto limitati, tranne in alcuni paesi come l'Olanda. In termini internazionali, la situazione non è molto diversa, nonostante esistano dei premi, soprattutto per le traduzioni letterarie. Uno sviluppo importate è quello delle case editrici dei(lle) traduttori(trici), che stanno iniziando a diffondersi in vari paesi, incluso il Brasile, a partire dall'iniziativa di alcuni(e) colleghi(e) della UFF, e della Fundação Biblioteca Nacional che ha abbracciato l'idea, e in cui la PGET ha partecipato attivamente.

A.G./R.B.: Pensando ancora alla domanda precedente, come funziona all'interno dell'ambito accademico?

W.C.C.: Siamo ancora lontani dal riconoscere l'importanza della traduzione e degli Studi sulla Traduzione. Anche in Lettere, area in cui è più riconosciuta, e dove buona parte della bibliografia è costituita da opere tradotte, c'è un certo pregiudizio sul testo tradotto come oggetto di ricerca. Credo che l'esistenza di programmi di post-laurea *stricto sensu* ben qualificati può essere d'aiuto in questo processo che è necessariamente

lungo. Il riconoscimento delle agenzie di finanziamento è ugualmente importante e in Brasile la situazione è molto più propizia che in altri paesi. Tuttavia, nonostante il progresso, gli Studi sulla Traduzione non ancora sono inclusi come sottoarea nel CNPq e nel CAPES.

A.G./R.B.: Come vede il futuro della traduzione e il suo studio in un mondo sempre più connesso?

W.C.C.: Penso che il futuro della traduzione e degli Studi sulla Traduzione sarà molto prospero. Per un insieme favorevole di fattori, in cui internet occupa una posizione centrale, la traduzione è ora a disposizione di tutti(e) coloro che dominano un qualche sistema linguistico, in modo “gratuito” (di fatto, sponsorizzata da annunci). Il fenomeno più visibile sono i sistemi di traduzione automatica che ad oggi hanno raggiunto un tale livello di sofisticatezza che qualsiasi ricercatore(trice) può leggere un testo, scritto in un centinaio di lingue di tutti i continenti, in modo rapido e abbastanza efficiente, soprattutto se il(la) ricercatore(trice) ha il dominio dell’inglese e di qualche altra lingua. Gli eventuali problemi possono essere corretti attraverso una grande quantità di dizionari, online, anche finanziati da annunci, la maggior parte dei quali presenta un’interfaccia di traduzione, come i dizionari Oxford, Cambridge, Larousse, e molti altri. Altri strumenti per il progressivo miglioramento delle traduzioni automatiche sono le concordanze online, sempre più numerose e che, includono sempre più lingue. Posso dimostrarlo con un esempio dall’area degli Studi sulla Traduzione. Per molto tempo mi sono interessato a Jiří Levý (1926-1967), di cui avevo sentito parlare per la prima volta a Leuven, in un corso tenuto da José Lambert. Allora, a Florianópolis, e oggi, a Fortaleza, Lambert continua ad avere stessa ammirazione per il collega ceco, scomparso così presto. Levý, che possiede un’opera gigantesca per i pochi anni che ha vissuto, ha contribuito significativamente non solo agli Studi sulla Traduzione, ma agli Studi Letterari nel loro insieme e, più nello specifico, allo studio della poesia e del verso. Ebbene, grazie ai sistemi di traduzione automatica, ai diversi dizionari e alle concordanze, e anche alla conoscenza di alcune lingue straniere, ora posso avere accesso diretto ai testi cechi. Come esperimento, ho cercato e trovato l’edizione ceca della sua opera più conosciuta, *Umění překladau*, del 1963, che ha avuto una prima traduzione in tedesco, *Die literarische Übersetzung — Theorie einer Kunstgattung*, nel

1963 e una traduzione in inglese soltanto nel 2011. Riporto qui sotto il primo paragrafo del testo ceco, seguito dalla sua traduzione fatta da Google Traduttore e dal traduttore Patrick Corness.

<p>Testo in ceco</p>	<p>Traduzione in inglese di Google Traduttore del 09/04/18</p>	<p>LEVÝ, Jiří. <i>The art of translation</i>. Translated by Patrick Corness. Edited with a critical foreword by Zuzana Jettmarová. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 2011, p. 3.</p>
<p>1. Všeobecná situace</p> <p>Literatura o překládání se jen zčásti pohybuje v rovině teoretické, do dnešního dne většina studií i knižních publikací nepřesahuje hranice empirických pozorování nebo esejistických aforismů.</p>	<p>1. General situation</p> <p>Literature on translating is only partly in the theoretical plane; to date, most studies and books publications does not go beyond boundaries of empirical observations or eseistic aphorisms.</p>	<p>1.1 An overview</p> <p>To date, writing on translation only partially belongs to the realm of theory, as most articles and monographs have been confined to empirical observation or essayistic aphorisms.</p>

Ho segnalato in grassetto alcuni problemi di traduzione di Google. Rispetto alle prime traduzioni automatiche, questa traduzione mi sembra più vicina al tipo di traduzione di cui ho bisogno per conoscere l'opera di Jiří Levý, partendo dal testo ceco e avvalendomi, certamente, della conoscenza di altre lingue straniere (compreso un po' di russo) e della conoscenza dell'area degli Studi sulla Traduzione. Sono curioso di estendere questo primo esperimento ad altri testi sugli Studi sulla Traduzione di Levý, come *České teorie překládu* [Teorie ceche della traduzione] del 1957, e ai suoi numerosi testi sulla versificazione.



INTERVISTA

Rodrigo D'AVILA⁵ e Yeo N'GANA⁶ con Albumita-Muguraş CONSTANTINESCU⁷

Muguraş Constantinescu è professoressa HDR (abilitazione a dirigere delle ricerche)⁸ presso l'Università “Ştefan cel Mare” di Suceava, Romania, dove insegna Traduttologia. È caporedattrice della rivista *Atelier de Traduction*, direttrice della collana “Studia doctoralia — francophonie et traductologie” e coordinatrice del master in Teoria e Pratica della Traduzione nella sua università.

Ha pubblicato libri come *Pratique de la traduction*, 2002, *La traduction entre pratique et théorie*, 2005, *Les contes de Perrault en palimpseste*, 2006, editi dall'Università di Suceava; ha inoltre pubblicato *Pour une lecture critique des traductions. Réflexions et pratiques*, 2013, edito da L'Harmattan, Parigi, *Lire et traduire la littérature de jeunesse*, 2013, edito da Peter Lang, Bruxelles e, recentemente, *La traduction sous la loupe — lectures critiques de textes traduits*, 2017, edito da Peter Lang, Bruxelles.

La sua carriera ha visto una svolta internazionale quando è stata visiting professor presso l'Università Blaise-Pascal di Clermont-Ferrand, Francia, nel 2004; e quando è stata invitata a tenere dei seminari dottorali presso l'Università di Ottawa, Canada, nel 2013, e delle conferenze presso l'Università di Ginevra, in Svizzera, nel 2014, presso l'Università Nazionale e Giustinopolitana di Atene, Grecia, nel 2014, e presso l'Università Paris 8, Francia, nel 2015.

La sua attività scientifica include più di 40 articoli, studi e recensioni su periodici di portata internazionale: *Meta*, *Target*, *Palimpsestes*, *TTR*

⁵ Universidade Federal de Santa Catarina; CAPES, Brasil, rodrigodavilabraga@gmail.com.

⁶ Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; Université Félix Houphouët Boigny, Cocody, Abidjã, Costa do Marfim, nganayeo@gmail.com.

⁷ Università “Ştefan cel Mare” di Suceava, Romania, mugurasc@gmail.com.

⁸ L'HDR, *habilitation à diriger des recherches*, è il grado più alto di formazione accademica in Francia. [N.T.]



(*Traduction — Terminologie — Rédaction*), *Tropelias*, *Cadernos de tradução*, *Quaderns*, *Revista de Traducción*, *Translations*, *Atelier de traduction*, *Rielma*, *Ondina*.

Ha pubblicato più di 35 capitoli su storia e critica della traduzione in opere collettanee di case editrici estere: Picard, Frank & Timme, Lambert Lucas, L'Harmattan, Peter Lang, Honore Champion, Presses Sorbonne Nouvelle, Presses Blaise Pascal, Presses Universitaires de Rouen, Bonomia University Press, ecc.

Senza contare le traduzioni — più di 15 opere e capitoli di opere di G. Genette, G. Durand, A. Montandon, Jean Burgos, J.J. Wunenburger, Pascal Bruckner, Raymond Jean, J. P. Courtine, Raymond Aron, René Louis, Alain Montandon.



RODRIGO D'AVILA e YEO N'GANA (D.R./Y.N.): *Iniziamo dalla sua opera Pour une lecture critique des textes traduits*, pubblicata con L'Harmattan ad aprile 2013. Come la riassumerebbe per coloro che non hanno ancora avuto la possibilità di leggerla?

MUGURAŞ CONSTANTINESCU (M.C.): Innanzitutto le dico che quel libro è stato completato nel 2017 dal testo *La traduction sous la loupe*, pubblicato con la Peter Lang: nel testo sono proposte letture critiche di testi tradotti e si approfondisce ulteriormente il concetto di “lettura critica”. Nelle due opere volevo dibattere sul concetto di critica della traduzione che esiste soprattutto grazie al modello di Berman, attraverso la sua opera *Pour une critique des traductions* del 1995. Personalmente trovo che l'opera di Berman sia coerente, ben strutturata e molto utile, ma credo anche che non si possa applicare a tutte le traduzioni che ci sono in una cultura quella critica, strutturata così come lui la propone. La scelta è tra la critica bermaniana e quella di Lance Hewson, *An approach to translation criticism*, del 2011, entrambe complete, dettagliate e punto. Non esiste un modo più semplice per accogliere una traduzione, mentre per la letteratura nazionale originale di ogni cultura specifica ci sono diverse modalità: recensioni, cronache, articoli, studi. Per la traduzione ci sono poche modalità di ricezione. Spesso nelle riviste letterarie le recensioni di un'opera che è stata appena tradotta vengono pubblicate senza nemmeno menzionare



il fatto che si tratta di una traduzione. Si riferiscono all'opera originale e non alla traduzione, non si commenta affatto il modo in cui l'opera è stata tradotta in lingua straniera, nemmeno se la rubrica si chiama "Recensioni di traduzioni". Ritornando alle mie opere, quando dico "per una lettura critica" faccio riferimento al titolo di Berman e propongo qualcosa che precede, che accentua, che completa il concetto di "critica della traduzione". Un testo tradotto deve essere recepito per ciò che lo rende una traduzione. Quindi questa confusione tra il testo originale e il testo tradotto negli studi letterari deve finire. Prendere la traduzione per l'originale significa ignorare completamente ciò che si è trasformato nel testo, ciò che è andato perso, ciò che potrebbe essere stato approfondito. Tanto più che, d'altra parte, gli studi sulla traduzione si sono sviluppati molto, sono cresciuti di dimensioni, si sono espansi. La critica letteraria esiste dal XIX secolo e si è evoluta, mentre per la traduzione non c'è una diversità di modalità specifiche di ricezione.

D.R./Y.N.: Quindi lei è per delle critiche di traduzione e non per una critica di traduzione?

M.C.: Sì, credo che si debba accogliere la traduzione attraverso diverse modalità semplici o complesse di critica. È possibile effettuare uno studio monografico, in una tesi per esempio, e quindi realizzare uno studio approfondito, ma se si vuole riconoscere in un periodico la pubblicazione di una traduzione, ci si può limitare ad una cronaca, ad una recensione, a volte anche ad una presentazione. In quest'ultima è possibile dedicare alcune righe al modo in cui il testo è stato reso nella lingua di arrivo. Anche in una prefazione è possibile parlare del(lla) traduttore(trice) e del modo in cui ha lavorato. È *grosso modo* l'obiettivo delle mie due opere. Io milito, se il termine non vi disturba, per una diversità di modalità critiche che in un modo o nell'altro riconoscano la traduzione di un testo in quanto traduzione e che non permettano che venga confuso con l'originale, come troppo spesso succede.

D.R./Y.N.: Vorrei parlare del "più flessibile", che è quello che mi ha colpita. Cosa intende per una lettura più flessibile?

M.C.: Intendo dire che la "lettura critica" non deve rispettare rigorosamente tutte le fasi di ricezione del testo proposte da Berman per la critica completa di un testo. In una recensione, che ha il fine di creare un primo contatto

con il pubblico, non si può insistere sulla posizione traduttiva, che è spesso implicita. Quando dico “più flessibile” penso a delle modalità più brevi, che si diano la libertà di ignorare alcune fasi della critica approfondita della traduzione, senza limitarla troppo. In una cronaca ci si può permettere di elencare alcune delle soluzioni più interessanti usate dal(la) traduttore(trice) se le si trova creative, o segnalare delle omissioni che compromettono il messaggio del testo tradotto, se è questo il caso.

D.R./Y.N.: È possibile valutare una traduzione?

M.C.: La mia risposta sarà plurale. Generalmente si può valutare una traduzione se ci sono dei criteri che rimettano al progetto che l’ha fatta nascere. Una condizione necessaria è quella di mettere a confronto l’originale e la traduzione, altrimenti la valutazione non sarà veramente fondata. Secondo me, però, è più interessante commentare una traduzione, esplorarla, invece che analizzarla. Pensare in termini di traduzione di buona o cattiva qualità non è interessante. Verificare piuttosto se è una traduzione che si allontana molto dal testo originale o se si tratta di una traduzione che sacrifica dei termini culturali. Se consideriamo il caso di Le Clézio, credo che chi tradusse le sue prime opere in rumeno non fosse completamente responsabile per le alterazioni del testo. Possiamo supporre che sia stato l’editore(trice) ad esigerle, o che la mentalità traduttiva dell’epoca favorisse le alterazioni. Ai giorni nostri la proprietà intellettuale va rispettata e non è negoziabile. C’è una legge sulla proprietà intellettuale che esige per lo meno una nota del(la) traduttore(trice) dove si avvisa che alcuni passaggi sono stati abbreviati e perché. È un modo di essere corretti(e). Durante gli anni del comunismo, nelle traduzioni di Le Clézio sono state abbreviate le liste di alberi, di piante che mostravano, di fatto, un certo punto di vista sulla natura, importante nel suo caso. Attualmente, la mentalità sulla traduzione è cambiata. Bisogna ricollocare le cose nei loro contesti e considerare anche la visione sulla traduzione a livello editoriale. In questo senso è interessante analizzare una traduzione, inserendola nel suo contesto. Se si giudica troppo severamente quel(la) primo(a) traduttore(trice) di un’epoca in cui le questioni ecologiche e le stesse questioni sulla proprietà intellettuale non erano così chiare come lo sono oggi, si rischia di fare delle valutazioni erranee. Non bisogna quindi giudicare con i criteri del nostro tempo, del XXI secolo, una traduzione che risale a più di mezzo secolo fa.



D.R./Y.N.: L'originale è una metafora? Di fatto, "l'originale" esiste? Oppure ci sono "degli originali"?

M.C.: Penso che per un racconto popolare la situazione dell'originale sia più complicata. Ma per un'opera di Genette o di Pascal Bruckner l'originale, almeno dal punto di vista editoriale, esiste. Beh, non si chiama originale nel paese d'origine, si chiama "opera", "ultimo romanzo", "ultimo saggio", "libro", "testo". Penso che l'originale sia un termine che si utilizza nel momento dell'analisi comparatista. Bisogna dare un nome al testo che è stato tradotto e quindi, per convenzione, si parla dell'originale e della traduzione, del testo da tradurre e del testo tradotto, del testo di partenza e del testo di arrivo. Se pensiamo che ogni lettore(trice), ivi compreso ogni traduttore(trice), legge il testo attraverso la sua soggettività, il suo orizzonte culturale, la sua epoca ecc., possiamo dire che ci sono vari originali. Come l'originale passa attraverso il processo di traduzione, questa è un'altra cosa. È per questo che esiste una certa tendenza a ritradurre soprattutto i(le) grandi autori(trici), perché ogni epoca ha la sua propria visione del mondo e perché anche la lingua evolve. Quindi è necessario pubblicare nuove traduzioni — soprattutto nel caso di autori(trici) che hanno vissuto, diciamo, secoli fa, o anche nel caso di un'opera che è stata pubblicata da un autore(trice) contemporaneo(a). Ma se l'opera è stata pubblicata 40 anni fa la traduzione inizia ad essere datata, ad essere associata a una certa lingua di una certa epoca. E quindi "esiste un originale?". Nel momento in cui il(la) traduttore(trice) ha per le mani un'opera di 300 pagine e non so quanti capitoli da tradurre nella sua lingua, la si può chiamare o meno originale, ma si tratta del testo di partenza. Per i racconti popolari è diverso. Ma per Perrault, che rappresenta il racconto dotto, il testo esiste, anche se originalmente si era ispirato alla letteratura orale. C'è il testo d'autore(trice), che ha tutto uno schema dietro, ma c'è anche un testo concreto, palpabile, con frasi, punteggiatura, illustrazioni.

D.R./Y.N.: Potrebbe dirci com'è diventata una traduttrice?

M.C.: Credo di avere avuto fin da molto giovane quello che si chiama impulso traduttivo. Ero una studentessa di liceo nella mia città natale, stavo imparando francese e mi piaceva tanto. Ero davvero molto interessata ad approfondirne lo studio, a consultare i manuali in modo regolare nei

limiti consentiti nel periodo comunista. Siccome all'epoca ero anche molto appassionata di poesia, mi ero proposta per tradurre alcuni poeti rumeni. Ed ho tradotto dei testi che poi ho anche pubblicato, come giovane traduttrice, in un giornale nazionale. In seguito sono stata molto presa dalla maturità, dall'esame d'ammissione all'università. Studiavo Lettere, con una doppia specializzazione francese-rumeno. Quando ero una studentessa ero molto felice di potermi occupare di testi letterari ai corsi di traduzione, perché c'erano dei corsi di questo tipo. Mi ero talmente appassionata ai corsi di traduzione che frequentavo anche quelli che non facevano parte del mio programma. Ho anche superato un esame nazionale per avere il "certificato" di traduttrice. L'ho ottenuto, ma non mi è mai veramente servito perché le case editrici avevano i(le) loro traduttori(trici) riconosciuti(e). Durante gli anni del comunismo sono riuscita a tradurre un frammento qua e là, per un giornale letterario. Per rispondere a questo desiderio, a questa pulsione della traduzione. Ad un certo punto, ho tradotto dei racconti di Madame d'Aulnoy del XVII secolo per le mie figlie. Traducevo quello che leggevo a loro. Avevo provato a pubblicarli ma mi era stato detto che si trattava di racconti aristocratici, con contesse, non era il momento. Quindi all'epoca non ho pubblicato le mie traduzioni, però sono riuscita a tradurre dopo la caduta del comunismo, quando il mercato editoriale si è aperto, si è allargato. Ed ho incontrato Raymond Jean, romanziere e professore dell'università di Aix-en-Provence che era in visita in Romania. Mi diede un libro intitolato *La lectrice*, molto interessante per la sua carica intertestuale poiché l'autore immaginava una donna che aveva fatto degli studi letterari e che si annoiava a fare la casalinga; aveva quindi proposto, attraverso "piccoli annunci", delle letture a domicilio di Maupassant, Mallarmé, Sade, ecc. Ne ho proposto la traduzione ad una casa editrice, Univers, specializzata in letteratura straniera. È piaciuta molto e l'hanno accettata. Allora mi hanno proposto altre traduzioni. Per una ventina d'anni ho tradotto sia opere proposte da me, sia dagli(lle) editori(trici), opere che mi interessavano e mi si addicevano. Traducevo nel tempo libero perché lavoravo, ho sempre fatto la professoressa di francese. Non sono mai stata una traduttrice che riusciva a vivere di traduzioni. Attualmente pubblico perlopiù traduzioni in collaborazione con studenti(esse) e giovani colleghi(e). È un lavoro stimolante e gratificante tanto quanto la traduzione individuale, solitaria. In sintesi, posso dire che la traduzione ha segnato la mia vita personale e



professionale e che continua ad appassionarmi e a interessarmi, sia come pratica, sia come oggetto di riflessione.

D.R./Y.N.: Nel 2008 ha organizzato un Colloquio Internazionale dal titolo “Panait Istrati sous le signe de la relecture”. Quello che ci interessa in questa istanza è la rilettura. Tradurre è anche rileggere, ridire, riscrivere. Lei che lettura fa del prefisso “ri” da un punto di vista filosofico?

M.C.: Penso di aver già cominciato a rispondere parlando di ritraduzione. Direi che la nostra epoca si trova in qualche modo collocata sotto il segno del “ri”. In traduttologia si parla di ritraduzione, in letteratura si para di riscrittura, negli spettacoli si parla di rivisitare questo o quel testo. Se ci allarghiamo, in architettura — ha presente quelle vecchie fabbriche trasformate in centro culturale — quello si chiama riconversione di un edificio; in ecologia ci esortano, ci invitano, a riutilizzare un prodotto. Ci troviamo nell’epoca del “ri” e credo che sia una buona cosa, perché di fatto, da un lato, siamo più ecologici(che), più attenti(e) al mondo contemporaneo se parliamo di riconversione e riutilizzo, e che, d’altra parte, riconosciamo un’eredità, quindi una ritraduzione presuppone che esista già una prima traduzione o due o tre. È anche riconoscere un’evoluzione, un fenomeno, una serie costituita attraverso le ritraduzioni. Per quanto riguarda la riscrittura è più complesso. Sono relatrice di una tesi sui racconti di Perrault e la loro riscrittura attraverso la traduzione. Ciò presuppone che la dottoranda si occupi delle traduzioni già esistenti dei racconti di Perrault e che faccia una raccolta delle riscritture dei testi di Perrault. Privilegiamo le riscritture che sono tradotte per poter lavorare una seconda volta sulla traduzione. Partendo dalla raccolta *Les contes de Perrault à travers le monde*, prendiamo Cenerentola e vediamo la sua storia in diversi paesi, diverse culture, perché per noi è importante avere anche la traduzione di quella riscrittura. Va molto di moda soprattutto per i racconti, dare una nuova versione di quelli più famosi, se possibile una versione personale. Ho comprato nella libreria della vostra università un libro che si chiama la Cenerentola brasiliana — la *Cinderela brasileira*. È interessante vedere che questi personaggi dei racconti, questi modelli di racconti hanno una nuova vita, adattata. E sa, ho visto non pochi racconti di Cappuccetto Rosso in cui il lupo è innocente e ingenuo ed è la ragazza a sedurlo. Quando c’è stato il centenario dei racconti di Perrault ormai 10 anni fa, nel 1997, è stata pubblicata una



raccolta in Francia, il cui titolo era *Les contes de Perrault revus par*, riscritti per gli adulti da diversi(e) autori(trici) contemporanei(e). Ci troviamo nella riscrittura ed esiste la riscrittura, per esempio, della *Bella addormentata nel bosco*. Ho visto un libro molto interessante pubblicato dall'autore di origine marocchina Tahar Ben Jelloun, *Mes contes de Perrault*: ha dato ai racconti un tocco nuovo, del Maghreb. Ho anche visto che molti(e) illustratori(trici) danno una nuova lettura ai racconti proprio attraverso le illustrazioni, più erotiche, più fiabesche, dipende, oppure più *noir*.

D.R./Y.N.: Come analizza la circolazione delle opere di Eminescu in Romania, e in Europa in generale? La traduzione è stata importante in questa traiettoria?

M.C.: In Romania le opere di Eminescu circolano bene, è il nostro poeta nazionale. Per quanto riguarda la traduzione di Eminescu la questione è complessa ed è difficile fare il punto. È stato molto tradotto in varie lingue europee e anche oltre il vecchio continente; si contano circa ottanta lingue in cui è stato tradotto, dalle più conosciute — tedesco, francese, inglese, spagnolo, portoghese, italiano, greco, russo, cinese, coreano — alle meno conosciute come il catalano, il malgascio, il lituano. Se non ricordo male, Eminescu è stato tradotto anche in Brasile con il titolo: Eminescu, Mihai: *25 poemas do amor romântico* (antologia), Fortaleza: Expressão Gráfica, 2004; e Eminescu, Mihai: *Vésper*, Fortaleza: Cearte, 1989; São Paulo: Giordano, 1994. La traduzione l'ha fatto conoscere come il poeta nazionale rumeno ma non sempre riuscendo a rendere la profondità e la densità del suo universo e la dimensione filosofica che vi sottende. Prendiamo le traduzioni in francese, perché sono quelle che conosco meglio. Dalla sua morte fino ad oggi sono molti(e) i(le) traduttori(trici) che hanno provato a renderlo in francese: Rea Ipcar, Nicolae Jorga e Septime Gorceix, Pierre Nicolesco, L. Barral, Marguerite Miller-Verghy, S. Pavès, Hubert Juin, Georges Barthouil e Ilinca Barthouil-Ionesco, Annie Bentiou, Dimitire Suchianu, Veturia Draganescu, Michel Stériade, Alain Bosquet, Alain Guillermou, Paul Miclău, Jean-Louis Courriol, Elisabeta Isanos, Maria Vodă Căpușan, Ariadna Combes, Emanoil Marcu, Théodor Cazaban, Miron Kiropol, Michel Wattremez Constantin Frosin ed altri(e) ancora. Fatto sta che le traduzioni di Eminescu non hanno sempre fatto giustizia al poeta perché gli hanno dato a volte una dimensione edulcorata, affettata, cercando a tutti i costi la rima, la prosodia.



Secondo Benjamin Fondane, poeta e traduttore all'avanguardia, prima del 1933 nulla di Eminescu, “ce géant dont la langue est une telle merveille qu'il est impossible d'en rendre l'équivalent dans un autre idiome”,⁹ “n'a passé en langue française”¹⁰ o soltanto alcune poesie trasformate in “romances de quat'sous”¹¹ (1933). Ciò si spiega attraverso la “révolution autour de quelque grand courant lyrique européen”,¹² in primo luogo il romanticismo, già inoltrato all'epoca, e la sua traduzione tardiva, in pieno modernismo. Secondo Irina Mavrodin, grande traduttrice ed editrice, la mancanza di fortuna di Eminescu in francese è legata alla lingua di arrivo, la cui struttura è più analitica di quella del rumeno, fatto che allunga e sfuma le traduzioni. A ciò si aggiunga la goffaggine di chi traduce, che mette al di sopra di tutto la rima e la prosodia tradizionali, adornando la poesia di Eminescu invece di proporle una lettura-traduzione rimodernata, attenta alle sue specificità poetiche, alle sue sfumature lessicali e alla sua melodiosità interna. Secondo Miron Kiropol, uno dei migliori e più recenti traduttori di Eminescu, per il quale la traduzione è un vero e proprio atto di ricreazione, lo sbaglio è stato di coloro che hanno assecondato la “tentation de versifier didactiquement”¹³ la sua poesia, trasformandolo in un “sous-Chenier”,¹⁴ invece di “moderniser un peu l'immense poète”,¹⁵ di proporle una lettura compatibile con il pubblico contemporaneo.¹⁶ Un altro fenomeno legato alla traduzione di Eminescu è il fatto che varie versioni, anche quelle che corrispondono al gusto del(la) lettore(trice) moderno(a), dove la melodiosità interna, le parole chiave dell'universo emineschiano sono state preservate, sono simili a quelle delle case editrici rumene e circolano in Romania. Perciò le traduzioni più attuali vengono pubblicate soprattutto in Romania e non circolano veramente oltre confine. L'interesse non è quello di convincere il(la) lettore(trice) rumeno(a)

⁹ “questo gigante la cui lingua è una tale meraviglia che è impossibile crearne un equivalente in un altro idioma”.

¹⁰ “è stato reso in lingua francese”.

¹¹ “ballate da quattro soldi”.

¹² “rivoluzione legata ad una delle grandi correnti liriche europee”.

¹³ “tentazione di verseggiare didatticamente”.

¹⁴ “sub-Chenier”.

¹⁵ “rimodernare un po' l'immenso poeta”.

¹⁶ EMINESCU, Mihai; KIROPOL, Miron. *Poésies/Poezii: comment lire Eminescu en français*. București: Albatros, 2001, p. 6.

del valore di Eminescu, ma di farlo conoscere altrove. Potrei parlarle abbastanza della traduzione della prosa di Eminescu, ho avuto l'occasione di fare ricerca a questo proposito. Eminescu pubblicò anche dei racconti, in origine popolari, ai quali aveva dato una forma più lirica con delle immagini caratteristiche del suo universo. Uno dei suoi racconti è *Beau vaillant né d'une larme*, ovvero *Il bel coraggioso nato da una lacrima*. È la storia di un bel principe, nato dalle lacrime di una regina, che non può avere figli ma che ha la protezione della Vergine Maria. E così ho avuto la sorpresa di vedere che la prima traduzione di questo racconto era stata fatta da un francese che era professore di francese in Romania e che sapeva anche il rumeno, Jules le Brun. Nel 1890, un anno dopo la morte del grande scrittore, il racconto apparve con il generico titolo *Rhapsodies roumaines*, inserto del *Semeur*, rivista letteraria e artistica comparsa a Losanna. La traduzione non è firmata ma è dello stesso traduttore che la pubblica nel 1894 a Parigi nella raccolta *Sept contes roumains*, Librairie de Firmin-Didot, chiamato Jules le Brun. Il traduttore ha lasciato molti dei termini specificamente rumeni e difficili da tradurre, così come sono nel testo. Ha aggiunto varie note al racconto ed ha spiegato quei termini, così come la sua modalità di lavoro. Tutto questo alla fine del XIX secolo! Attualmente è più frequente, soprattutto nella letteratura postcoloniale, punteggiare il testo con termini che vengono dalla cultura d'origine. Lui all'epoca ha avuto questa intuizione che ho molto apprezzato. In seguito, ha spiegato le sue scelte quanto alle note. Più recentemente, un giovane traduttore, Michel Wattremez, ha reso in francese i racconti e la prosa di Eminescu per le edizioni Actes Sud che hanno creato la collana Letteratura rumena. È stato grazie a quella professoressa di cui le parlavo, Irina Mavrodin, direttrice-fondatrice della rivista *Atelier de Traduction*, grande traduttrice — tra gli altri anche di Proust — che è stata creata questa collana. La prosa di Eminescu è tradotta bene in francese. Il pubblico contemporaneo viene investito da così tante opere che compaiono in un mercato saturo, ma comunque ci sono stati(e) lettori(trici) interessati(e) alla prosa di Eminescu. Michel Wattremez è anche riuscito nell'intento di tradurre in francese gran parte delle opere postume di Eminescu.

D.R./Y.N.: Che letteratura si traduce attualmente in Romania?

M.C.: Ci vuole una risposta molto estesa! Attualmente traduciamo da tutte le lingue, culture, generi e stili, in rumeno. Come negli altri paesi, i grandi





premi, nazionali o internazionali, i Nobel vengono tradotti prima possibile. Cerchiamo di essere al corrente di tutto. Ci sono delle case editrici che sono abbastanza consolidate e che hanno delle collane, come per esempio quella dedicata a Le Clézio delle edizioni Art, uno degli scrittori francesi consacrati dal Nobel. Le edizioni Polirom hanno la collana Modiano, altro Nobel, Humanitas ha la collana Coelho, in quanto autore più venduto al mondo, e gli esempi potrebbero continuare. Vengono tradotti i(le) grandi autori(trici) giapponesi, svedesi, norvegesi, africani, magrebini e di altre culture. Da una decina o una quindicina d'anni le edizioni Univers hanno una collana di letteratura brasiliana. Sono tradotti autori(trici) come Érico Verissimo, Luis Fernando Verissimo, Moacyr Scliar, José Mauro de Vasconcelos, Clarice Lispector, João Paulo Cuenca, Patrícia Melo, Paolo Lins, Alberto Mussa ad altri ancora. In Romania, come in molti altri paesi, la traduzione domina il mercato editoriale, anche se abbiamo una letteratura nazionale altrettanto interessante. A tutto ciò si aggiungono la letteratura per l'infanzia, le opere di scienze umanistiche, un'area molto importante, in seguito le opere di storia dell'arte, di filosofia, le opere tecniche e scientifiche. Da non dimenticare anche le opere con tematica ecologica, anch'esse molto tradotte! Il mercato editoriale delle traduzioni è realmente molto vasto e non si limita appena ai testi letterari.

D.R./Y.N.: Come vede il futuro della traduzione in Romania?

M.C.: Dal punto di vista culturale penso che la Romania si possa chiamare una “cultura che traduce”. In Romania traduciamo dal XVI secolo, iniziando dai testi religiosi. È un paese traduttore dal punto di vista della letteratura, delle scienze umanistiche, e anche di altre aree. Con un passato e un presente simili penso che si possa presagire un buon avvenire per la traduzione. Con il nostro corso di laurea magistrale, chiamato “Théorie et pratique de la traduction” [Teoria e pratica della traduzione] prepariamo i(le) nostri(e) laureati(e) per la traduzione editoriale, soprattutto nell'area umanistica. Facciamo pratica, come dicevo prima, con la traduzione collaborativa e funziona molto bene. Credo che continuerà in questa direzione. La traduzione ha una dimensione di dialogo, significa apertura, interesse per l'Altro. Bisogna riconoscere che c'è un'asimmetria tra una cultura che è già conosciuta ed una che vuole farsi conoscere, come la nostra e probabilmente

la vostra. Ho avuto la piacevole sorpresa di sapere che qui in Brasile il teatro di Ionesco è conosciuto, e anche i suoi racconti. Dirce Waltrick do Amarante ha tradotto i racconti di Ionesco che sono tradotti anche in Romania perché li ha scritti in francese. Inoltre, qui conoscete un autore biculturale. Vive un po' in Francia, un po' in Romania. Si chiama Visniec. È originario delle nostre parti quindi è una persona che conosciamo. A volte viene in università. Un'altra piacevole sorpresa fu venire a sapere che è tradotto e messo in scena qui. È un autore contemporaneo. Per riassumere la mia risposta, la traduzione continuerà in Romania e nel mondo ed è ottimo il fatto che possa continuare.

D.R./Y.N.: Secondo lei dove si collocano le teorie della traduzione nell'attività di traduzione in generale?

M.C.: Anche in questo caso la mia risposta sarà plurale. Credo che un(a) traduttore(trice) può non conoscere le teorie di traduttologia ed essere comunque un(a) buon(a) traduttore(trice). Ma penso anche che la traduttologia, in un modo più insidioso, riesce un po' ad influenzare certe tendenze come, per esempio, la ritraduzione a causa dell'età della traduzione. C'è quest'idea per cui, ad un certo punto, una traduzione può diventare caduca, *démodée*, può essere considerata datata e quindi bisogna ritradurre il testo per il pubblico contemporaneo. Inoltre, penso che ogni traduttore(trice), in modo più o meno cosciente, ha una sua visione sulla traduzione nel momento in cui lavora. Françoise Wuilmart, traduttrice e traduttologa belga molto conosciuta, ha accennato, durante il suo intervento al Congrès Mondial de Traductologie dell'aprile 2017 all'Université Paris Nanterre, alle metodologie incoscienti del(la) traduttore(trice). Quest'ultimo(a) ha delle idee sulla traduzione, pur non teorizzandole, pur non esponendole. E un(a) vero(a) traduttore(trice) adatta questa sua visione di traduzione da un testo all'altro perché, a volte, i testi sono abbastanza diversi o abbastanza lontani l'uno dall'altro. Penso a Irina Mavrodin, che ha tradotto un po' di tutto: dalla poesia a Proust, Bachelard, Mme de Staël, Mme de Sévigné, Gide e Camus e molti altri. Una moltitudine di stili e di generi. Credo che, in maniera implicita, ogni traduttore(trice) abbia la sua propria visione sul suo lavoro.



D.R./Y.N.: Il fatto stesso di esprimere la sua idea sulla traduzione non è dovuto al fatto che la casa editrice in primo luogo non lo favorisce? A questo proposito, possiamo chiederci se è importante studiare la traduzione socialmente?

M.C.: Certamente. È vitale. Ma ho constatato che c'è una tendenza in Romania nelle prefazioni dei(lle) traduttori(trici), soprattutto se sono allo stesso tempo universitari(e) e traduttori(trici). In questo caso, fanno un profilo della critica delle traduzioni precedenti per giustificare, per esempio, la loro (ri)traduzione di *Madame Bovary*. Ci sono stati, in forum, in blog, dei commenti su questa o quest'altra traduzione: ciò significa che esiste un nuovo modo di discutere di traduzione. I(le) traduttori(trici) si manifestano sia nelle prefazioni, sia su internet, su vari blog, e ciò potrebbe essere una tendenza in questo momento. Tendenza ancora timida ma che si svilupperà. Non direi che il(la) traduttore(trice) non fa sentire la sua voce in Romania, non ha il diritto di esprimersi. Le darò un esempio incredibile e anche sorprendente, di una traduttrice molto importante di lingua portoghese e di letteratura brasiliana che si chiama Micaela Ghițescu. Una casa editrice molto conosciuta in Romania, la Humanitas, le ha proposto di scrivere un libro sulla sua esperienza di traduttrice. Lei lo ha fatto includendovi tutta la storia della sua vita, perché è stata in prigione durante il periodo comunista, non ha avuto il diritto di insegnare e per lei, all'inizio, la traduzione è stata un modo per sopravvivere, per poi, in seguito, diventare la sua passione. Anche un'altra traduttrice, Irina Mavrodin, ha pubblicato i suoi saggi sulla traduzione su richiesta di un editore, Scrisul Românesc.

D.R./Y.N.: Il(la) traduttore(trice) ha il diritto di modificare il testo "originale"?

M.C.: La risposta ha molte sfumature. Inizialmente no, il(la) traduttore(trice) non deve modificare l'originale quando lo traduce. Ma c'è il caso degli adattamenti, delle versioni abbreviate, in cui il testo verrà modificato al riparo da quelle etichette che figureranno sul frontespizio per fare la differenza con la traduzione. Ma, anche se il testo è interamente preservato, il(la) traduttore(trice) può "modificare" l'originale, in un modo più subdolo, proponendo la propria lettura del testo che ha tradotto e non la pluralità di letture che l'originale propone. Le darò un esempio per essere più concreta. Ho analizzato diverse traduzioni di Mallarmé e sa che Mallarmé è il maestro dell'ambiguità, volendo significare più cose

attraverso lo stesso testo. In questo caso, penso che l'ambiguità debba essere assolutamente preservata. Perciò il(la) vero(a) traduttore(trice) non sceglierà una delle possibili letture di un testo di Mallarmé, di una frase di Proust, di un autore che si presta a questo tipo di lettura plurale. Le cose stanno in maniera diversa quando si tratta di un testo scientifico o di un testo di scienze umanistiche, in quel caso non abbiamo veramente una scelta di lettura, bisogna essere precisi. Ma per la traduzione letteraria, in modo involontario, l'epoca s'insinua nel testo, lo segna con la sua impronta. Nel momento in cui un(a) traduttore(trice) lavora, si trova in una data epoca. È molto difficile prendere le distanze. Per esempio, ho pubblicato la traduzione dei racconti di Perrault più di vent'anni fa e ora vorrei ritradurli perché ad oggi mi sono interessata molto di più alla teoria della traduzione e tradurrei in modo un po' diverso. Comunque posso dire di avere fatto delle buone scelte, dal punto di vista culturale. Non ho rinunciato alla "salsa Robert" tanto amata dalla Regina orchessa (c'è questa famosa salsa Robert ne *La Bella addormentata nel bosco* che i traduttori eliminano perché dicono che è un dettaglio che non dice nulla ai(lle) lettori(trici) rumeni(e)) ma io credo che sia un bene dare, anche ai(lle) bambini(e), un dettaglio che li(e) renda curiosi(e), "che cosa sarà questa salsa Robert?"

D.R./Y.N.: Il(la) traduttore(trice) è autore(trice) del testo tradotto? È responsabile del prodotto finale?

M.C.: Siccome ho avuto abbastanza contratti di traduzione devo dire che nel contratto, almeno nel mio paese, chi traduce viene definito(a) "autore(trice)" ed è responsabile della sua versione. Ciononostante l'editore(trice) interviene con le sue esigenze. Il(la) traduttore(trice) quindi non è solo(a) nel processo editoriale che porta alla pubblicazione di una traduzione. In alcuni contratti che ho firmato, veniva stipulato il fatto che era l'editore(trice) che avrebbe deciso il titolo. Il titolo è spesso controverso. Per esempio, Camus aveva proposto un altro titolo ed è stato l'editore, Gallimard, che ha scelto il titolo *L'étranger* [Lo straniero]. Nella catena editoriale, una volta che il(la) traduttore(trice) consegna la sua traduzione all'editore(trice), un(a) "redattore(trice)", un(a) "correttore(trice)", rilegge il testo e avvia una negoziazione con il(la) traduttore(trice) per questa o quest'altra scelta. Generalmente tutto questo avviene in modo amichevole, anche costruttivo. Direi che il(la)



traduttore(trice) condivide la responsabilità del testo tradotto con il(la) suo(a) redattore(trice). Non è l'unico(a) responsabile. L'editore(trice) ha il suo ruolo nella pratica concreta di produzione di un libro, che passa per il dialogo. A volte il titolo propostomi dall'editore(trice) era più accattivante per il pubblico. Altre volte ho dovuto difendere "i miei" titoli. Ho gentilmente rifiutato, tra l'altro, dei suggerimenti del redattore per il libro di Genette, soprattutto perché avevo avuto l'occasione di parlare con l'autore e avevo delle buone argomentazioni. Ma, in generale, le negoziazioni tra traduttore(trice), redattore(trice) e editore(trice) (responsabile della collana) puntano a una ricezione positiva del libro da parte del pubblico, facciamo squadra per assicurarci. Ad ogni modo, questa è la mia esperienza.

218 *D.R./Y.N.: Il(la) traduttore(trice) ha il diritto di essere creativo(a) rispetto all'originale se si parla di un'opera classica?*

M.C.: Penso che ci sia spazio per la creatività in quasi tutte le traduzioni ma una creatività che è comunque controllata dall'originale, da un certo schema. Non si possono aggiungere metafore che non esistono, non si possono cambiare i personaggi. Ci sono quindi dei limiti imposti dall'originale, altrimenti si tratta di riscrittura, di replica, di parodia, di pastiche, che ha l'originale come punto di partenza. Prendiamo ad esempio un testo letterario il cui testo di partenza è molto dettagliato, molto ricco di connotazioni e un(a) traduttore(trice), diciamo, non molto coraggioso(a), che crea un testo piatto, neutro, corretto, ma in cui le connotazioni o certe ricchezze simboliche si perdono. In quel caso, penso che il(la) traduttore(trice) debba avere il coraggio di esplorare bene la sua lingua. Anche se crediamo di conoscere bene la nostra lingua, quando traduciamo, ci rendiamo conto che a volte non ci soddisfa. Ma se ci si riflette ancora, se si cerca, se si prende il cammino dei sinonimi, se si pensa ad altri testi, si può trovare una parola antica, una parola rara che potrebbe venire in aiuto senza collocare una nota sbagliata nel testo. Non serve scegliere una parola strana o andare nella direzione della soluzione più neutra se il testo di partenza ha questa ricchezza. Il(la) traduttore(trice) può essere creativo(a) esplorando ulteriormente la sua propria lingua, lasciando perdere la soluzione prevedibile. Credo che spesso la creatività rimi con la temerarietà.

D.R./Y.N.: Cosa ne pensa dell'importanza della storia della traduzione e della storiografia della traduzione?

M.C.: Per me è un progetto molto importante che ogni cultura dovrebbe avere. È fondamentale che ogni cultura elabori una storia della traduzione, così come ogni cultura ha una storia della letteratura. Ciò permetterebbe di riconoscere alla traduzione il suo contributo alla letteratura e al patrimonio nazionale. La traduzione ha arricchito la lingua rumena con delle nuove parole, ha permesso la circolazione delle idee, delle terminologie scientifiche ecc. Ho già lavorato con questo progetto di riconoscimento della traduzione come parte del patrimonio nazionale, ma ciò può essere fatto meglio in gruppo attraverso una storia delle traduzioni in lingua rumena. Già nel XIX secolo c'erano traduttori come Odobescu che riconoscevano che il rumeno ha avuto la possibilità di formarsi come lingua letteraria anche attraverso le traduzioni. Credono che sia un'opportunità per modulare la lingua nazionale, attraverso la traduzione, nel momento in cui la lingua letteraria non è ancora ben formata. Ora, dopo molto tempo, ci sono degli studi di storia della traduzione soprattutto a livello universitario. Per esempio, Georgiana Badea, la mia collega di Timisoara ha pubblicato dei repertori di traduzioni e di traduttori(trici) per certe lingue. Io ho creato in università una collana di traduttologia in cui la storia della traduzione occupa una posizione importante. I(le) miei dottorandi(e) hanno contribuito con le loro tesi a delle parti di questa storia, basandosi su Balzac, Flaubert, Maupassant, Mérimée, Verne, Voronca, Fondane, Istrati, Maalouf, Ionesco, Beckett, Le Clézio e altri scrittori(trici). Abbiamo scoperto e lavorato su testi mai commentati dal punto di vista traduttivo e che contribuiscono alla costruzione della storia della traduzione. Abbiamo già elaborato molti strumenti come il Dizionario del romanzo tradotto in rumeno, o delle Bibliografie nazionali, importanti nell'elaborazione di una storia della traduzione. Organizzo un colloquio quest'anno ad ottobre per la celebrazione del centenario della Grande Unione su "100 anni di traduzione in lingua rumena 1918-2018". Questo sarà certamente il passo decisivo per avviare questo progetto su larga scala e di lunga durata: "Une histoire des traductions en langue roumaine XVI-XX siècles". Le prometto che la tengo aggiornata.



INTERVISTA

Marie Helene Catherine TORRES¹⁷ con Georges BASTIN¹⁸

Georges Bastin è professore titolare del Dipartimento di Linguistica e di Traduzione dell'Università di Montreal in Canada. È responsabile per il gruppo di ricerca HISTAL (Storia della Traduzione in America Latina) ed è caporedattore della rivista *Meta*. Si occupa di tutto ciò che riguarda alla traduzione in America Latina, in particolare in Venezuela. I temi privilegiati sono l'indipendenza, la stampa antica e le attività linguistiche dei francescani e dei gesuiti. In pedagogia, si occupa degli aspetti della repressione, così come della traduzione come attività onomasiologica. Lavora soprattutto sulle tecniche di redazione e di auto-revisione. Per quanto riguarda la teoria, Georges Bastin tratta in particolar modo degli interventi deliberati dei(lle) traduttori(trici), come l'adattamento e l'appropriazione.



MARIE HELENE CATHERINE TORRES (M.H.C.T.): Lei è belga e lavora da molto tempo in Canada, con un'incursione di alcuni anni in Venezuela. Potrebbe descrivere il suo percorso accademico? La sua formazione?

GEORGES BASTIN (G.B.): Ho concluso un corso di laurea in traduzione all'Università di Mons nel 1974. In seguito ho partecipato ad un progetto di cooperazione internazionale in Venezuela come traduttore-interprete di un'organizzazione sindacale latinoamericana. Nel 1978, ho iniziato ad insegnare traduzione e interpretazione all'Università Centrale del Venezuela (UCV). Insegnavo traduzione dallo spagnolo al francese, oltre

¹⁷ Università Federale di Santa Catarina; Università Federale del Ceará; CNPq, Brasile, marie.helene.torres@gmail.com.

¹⁸ Università di Montreal, Canada, georges.bastin@umontreal.ca.



al corso su come prendere gli appunti (propedeutico per l'interpretazione di trattativa), interpretazione di trattativa e simultanea, per tutti i livelli. Nel 1987, sono partito per Parigi per iniziare un dottorato all'ESIT (Scuola Superiore per Interpreti e Traduttori) che ho terminato nel 1990. La mia tesi si concentrava sulla nozione di adattamento in traduzione. Infatti, per un lavoro di promozione all'UCV, avevo già adattato il manuale di Jean Delisle: *L'analyse du discours comme méthode de traduction*. L'originale, redatto in francese, aveva come obiettivo la formazione sulla traduzione dall'inglese al francese. Il mio adattamento spagnolo è pensato per i(le) futuri(e) traduttori(trici) dal francese allo spagnolo. Tuttavia, mi mancava la riflessione teorica su questa pratica, l'adattamento, che intendevo riabilitare. Di ritorno in Venezuela, ho continuato ad insegnare, ma soprattutto ho fondato e diretto il Dipartimento di Traduzione e d'Interpretazione. Prima, i(le) professori(esse) di traduzione facevano parte del dipartimento delle loro rispettive lingue. Dopo un anno sabbatico all'Università di Montreal nel 1996-97, decisi di stabilirmi in Canada nel 1998 per lavorare all'Università di Montreal dove resterò ancora per qualche anno.

M.H.C.T.: A livello personale o professionale, può parlarci di come si è interessato alla traduzione? E come ha cominciato la sua carriera di traduttore-interprete? Ha lasciato da parte la sua abilità di traduttore? O traduce ancora oggi?

G.B.: Al momento di scegliere i miei studi universitari sapevo di volermi specializzare in lingue moderne, ma non volevo studiarle né sul piano filologico, né letterario, né linguistico, bensì nel loro uso contemporaneo. Perciò ho scelto di fare traduzione dopo aver saputo alcune testimonianze di traduttori(trici) professionisti(e). Ho ottenuto qualche piccolo contratto di traduzione in Belgio (neerlandese-francese), ma ho veramente iniziato la mia carriera di traduttore-interprete professionista in Venezuela. Ho capito subito che il lavoro dalle 9 alle 17 non mi si addiceva. Quando ho avuto la possibilità di insegnare all'UCV, non ci ho pensato due volte. Ma non ho mai smesso di praticare nel mercato professionale e come parte della mia ricerca. Credo che mi sarebbe impossibile insegnare traduzione professionale senza saperlo fare io stesso. È stata di fatto la mia pratica di traduttore e d'interprete professionista che mi ha permesso di dedicarmi alle difficoltà di riformulazione e sulle tecniche di revisione e di



auto-revisione, oltre ad avermi chiarito nel corso della mia ricerca in storia della traduzione.

M.H.C.T.: Lei ha scritto molto sulle differenze e sulle similitudini tra traduzione e adattamento. Potrebbe parlarcene?

G.B.: Fin dai miei primi incarichi di traduttore e interprete, ho capito che non si trattava di un esercizio puramente linguistico né automatico e che il(la) traduttore(trice) ha un grande spazio di manovra per riformulare testi e discorsi. Mi sono sempre rifiutato di fare il pappagallo! Quando, per i miei corsi all'UCV, ho iniziato la versione spagnola del manuale di Jean Delisle, mi sono reso conto che si trattava di ben più di una semplice traduzione. Dovevo adattare il manuale per i(le) miei(e) studenti(esse) venezuelani(e) che erano totalmente diversi(e) dagli(lle) studenti(esse) canadesi di Delisle. Quindi ho deciso di modificare le lingue di lavoro del manuale (francese-spagnolo piuttosto che inglese-francese) pur conservando i fondamenti teorici dell'originale. Questa modifica ha avuto come conseguenza numerosi interventi da parte mia: un nuovo contesto educativo, nuovi esempi e nuovi riferimenti per illustrare i fondamenti del metodo, e soprattutto nuovi obiettivi di apprendimento adattato alle nuove lingue di lavoro. Questo lavoro d'adattamento mi ha convinto sul fatto che era indispensabile una riflessione teorica a questo proposito data la vaghezza teorica sulla nozione di adattamento. La mia tesi di dottorato all'ESIT mi ha permesso di dimostrare che l'adattamento era sia puntuale, sia globale. Puntuale, nel senso che si tratta di un procedimento abituale di traduzione derivante dalle lingue del testo (certe parole, espressioni o passaggi), e che mette insieme tutta una tattica facoltativa. Globale, perché si tratta di una strategia globale e coerente derivante non più dal testo stesso, bensì dall'atto comunicativo. L'adattamento globale è quindi diverso dalla traduzione vera e propria, poiché quest'ultima si riferisce al significato o al senso, mentre l'adattamento si riferisce al trasferimento dello scopo o alla funzione dell'atto comunicativo verbale. Diversamente dalla "traduzione" cinese che ha mantenuto tutti gli esempi, riferimenti e obiettivi dell'originale, perdendo in questo modo la funzione prettamente didattica dell'originale, la mia versione riproduceva alcune funzioni, come quella di "formare" gli(le) studenti(esse) venezuelani(e) sulla traduzione dal francese allo spagnolo e non semplicemente quella di "informarli(e)"

sul proposito della traduzione inglese-francese. L'adattamento esige di conseguenza un'equivalenza funzionale che si manifesta attraverso decisioni creative e soggettive del(la) traduttore(trice) in funzione dello scopo dell'originale e delle esigenze del pubblico-lettore.

*M.H.C.T.: Lei è caporedattore della rivista **Meta**. Potrebbe dirci quando e come è nata la rivista? Quale sono i momenti forti della sua storia?*

G.B.: *Meta* è sorta nel 1955 come un “giornale di traduttori”, un bollettino di traduttori(trici) professionisti(e), tra l'altro sotto la direzione di Jean-Paul Vinay. I primi 40 numeri, relativamente aneddotici ma rivelatori degli inizi della traduzione in Canada, sono stati oggetto di digitalizzazione e saranno presto pubblicati sul sito *Érudit* (<erudit.org>). Dieci anni dopo, nel 1966, sotto la spinta di André Clas, la rivista diventa universitaria ed è pubblicata dalla casa editrice dell'Università di Montreal. Per 40 anni André Clas ha diretto *Meta* e ne ha fatto una delle migliori riviste specializzate di traduzione al mondo. Nel 1998 diviene la rivista di punta della piattaforma elettronica *Érudit*, dove è diffusa online. Per il momento, la rivista è ad accesso libero con una barriera mobile di un anno. È probabile che la rivista passi presto ad un totale accesso libero. Nel 2008, Sylvie Vandaele ha preso il posto di André Clas e ha rimodernato la rivista, rivedendo tanto il frontespizio quanto il processo di *peer-review*. Il numero di edizioni è passato da 4 a 3 all'anno. Ed io ne ho assunto la direzione nel 2014. La rivista comprende un database di 2300 contatti e di 650 valutatori di 35 paesi. La tasso di rifiuto degli articoli presentati (più o meno 120 all'anno) è del 75% circa. *Meta* è ora più che mai un riferimento essenziale nel mondo degli Studi sulla Traduzione, apprezzata dagli(lle) universitari(e) del mondo intero. Più di 200.000 persone visitano il sito ogni anno e vengono consultate circa 1 milione di pagine.

*M.H.C.T.: Qual è la politica di pubblicazione della rivista **Meta**? Seguite delle linee guida particolari? Ha cambiato con la sua équipe lo stile della rivista o degli(lle) autori(trici) che partecipano alla rivista? Perché pare che il 50% degli articoli debbano essere pubblicati in francese. Perché?*

G.B.: *Meta* pubblica principalmente articoli di approfondimento (una decina per numero) e recensioni. *Meta* accetta solamente articoli scientifici





originali (in via eccezionale delle traduzioni) su traduzione, interpretazione, terminologia e su altre questioni linguistiche in francese, inglese e spagnolo (in via eccezionale in un'altra lingua). Ogni articolo è valutato in forma anonima da 2 o 3 specialisti(e) dell'area in questione. Gli articoli devono contenere tra le 8000 e le 11000 parole in inglese, francese o spagnolo e gli(le) autori(trici) devono firmare un formulario di statuto dell'originale e rispettare le regole stilistiche della rivista. Per quanto riguarda il francese, una delle organizzazioni sovvenzionatrici, il FRQSC (Fonds de recherche québécois — Société et culture) suggerisce molto fortemente che la maggior parte dei contenuti sia in francese. Questo spiega la nostra insistenza nei confronti degli(lle) autori(trici) affinché inviino articoli in francese. Va anche detto che *Meta* pubblica un numero speciale all'anno. Questi numeri sono tematici e diretti da colleghi(e) stranieri(e). La domanda per questo tipo di numeri è molto elevata. Abbiamo numeri riservati fino al 2025... Con una domanda del genere, abbiamo deciso di pubblicare dei numeri fuori serie, ma il finanziamento di questi ultimi (circa 10.000\$ CAD) è a carico del direttore del numero.

M.H.C.T.: Lei è uno specialista in traduttologia, come si dice in Canada, nello specifico fa ricerca sul(la) traduttore(trice). Potrebbe parlarci dello stato della sua ricerca e delle sue principali pubblicazioni che indicherebbe per questo tipo di ricerca?

G.B.: I miei interessi di ricerca sono legati alla storia della traduzione in America Latina e all'insegnamento della traduzione, in particolare, quello della redazione e della revisione. Per quanto riguarda la storia, sto lavorando al mio quarto grande progetto: i diari di viaggio tradotti in Venezuela e in Colombia nel XVIII e XIX secolo, intitolati *Le regard de l'Autre*. I precedenti erano sul Venezuela: i documenti fondatori dell'emancipazione politica, i periodici indipendentisti e la conquista spirituale. La maggior parte degli articoli relativi alle mie ricerche sulla storia si trovano sul nostro sito, tranne quello sull'eurocentrismo pubblicato nel 2017 nella rivista *Perspectives* n° 25. Due studi sono in arrivo, redatti in collaborazione con il mio collega (nonché amico!) Álvaro Echeverri. Il primo è la voce corrispondente a *South America* che si trova nel *A world atlas of Translation Studies* curato da Yves Gambier e Ubaldo Steconi per la John Benjamins; il secondo è *Translation in Latin America* da inserirsi in *The Routledge handbook of spanish*

Translation Studies curato da Roberto Valdeón e África Vidal Claramonte. Dovrebbe uscire una nuova edizione di *The Routledge encyclopedia of Translation Studies* nella quale ho aggiornato la mia voce sull'adattamento. Sembra anche che l'UnB (Universidade de Brasília) voglia pubblicare la versione portoghese della mia piccola opera *Profession traducteur*, scritta in collaborazione con la mia collega Monique Cormier. Si tratta di un piccolo opuscolo che fa parte di una collezione destinata agli(lle) studenti(esse) che desiderano informarsi sulla carriera accademica. Per quanto riguarda la storia della traduzione, vorrei sottolineare la produzione recente di un'opera che amplia e approfondisce la natura stessa della storia come disciplina non neutrale e pone la questione dell'etica dei(lle) traduttori(trici). Si tratta de *La traducción y la(s) Historia(s) — Nuevas vías para la investigación* di Ma Carmen África Vidal Claramonte, pubblicata nel 2018 dalla casa editrice Editoriale Comares.

M.H.C.T.: *Quali sono i corsi di laurea triennale, di laurea magistrale e di dottorato offerti all'Università di Montreal?*

G.B.: Alla laurea triennale insegno metodologia della traduzione, essendo il primo corso di traduzione generale che punta a dare agli(lle) studenti(esse) gli strumenti necessari per la comprensione e per la riformulazione di testi in generale, e le tecniche di stesura di un testo in francese; alla laurea magistrale, al master professionalizzante, sono offerti corsi obbligatori di revisione e redazione avanzate, e al dottorato, il seminario obbligatorio di letture sulla traduttologia. Questo seminario è propedeutico alla prima parte dell'esame di sintesi, sulla conoscenza teorica, la seconda parte è il progetto di tesi. Il seminario comprende letture teoriche (articoli o capitoli di libri) che sono oggetto di recensione e di discussione in aula, delle presentazioni e delle recensioni scritte di opere complete.

M.H.C.T.: *Per quante tesi di dottorato ha già fatto e sta facendo da relatore? Quali sono i temi?*

G.B.: Ho fatto da relatore (o correlatore) per 9 tesi di dottorato e ne sto seguendo, come relatore o correlatore, altre 6. I temi sono molto vari: dalla pedagogia della traduzione, alla traduzione volontaria, la traduzione pubblicitaria, la stampa coloniale, il protettorato francese in Marocco, la



traduzione audio-visuale, l'estetica della traduzione e la traduzione come strumento paradipomatico, la censura politica, la storia della traduzione in Libano, le traduzioni di *Popol-Vuh*, l'imagologia e il sottotitolaggio in Giappone.

M.H.C.T.: Visto che si parla molto della questione dell'internazionalizzazione qui in Brasile, vorremmo sapere se i suoi studenti sono canadesi o provengono da altre parti del mondo? In quali lingue possono scrivere le loro tesi?

G.B.: Sì, circa la metà degli(lle) studenti(esse) di dottorato non sono canadesi e sono rari quelli che non hanno una buona conoscenza del francese. Vengono da molti paesi diversi: Marocco, Francia, Italia, Iran, Colombia, Messico, Venezuela. L'UdeM è un'università francofona ed è orgogliosa di esserlo. Per scrivere una tesi in una lingua che non sia il francese deve essere presentata una domanda. Tra i criteri d'ammissione ci sono il tema proposto o la lingua di redazione della tesi, ma anche il profilo dello(a) studente(ssa). E per questo due delle mie studentesse hanno discusso le tesi in spagnolo e un'altra lo farà prossimamente in portoghese.

M.H.C.T.: Lei è il fondatore del gruppo di ricerca HISTAL — Histoire de la traduction en Amérique latine. Potrebbe spiegarci come e in quali circostanze è nato questo progetto?

G.B.: Sono stato contagiato dal virus della storia in Venezuela quando ho redatto la voce della *Routledge encyclopedia* sull'America ispanica. Una volta in Canada, ho ottenuto una borsa di ricerca di 3 anni (CRSH) per studiare la traduzione dei documenti fondatori dell'indipendenza del Venezuela: la Dichiarazione dei diritti dell'uomo, gli scritti filosofici di Thomas Paine e John McCulloch, la Costituzione americana, la Lettera agli Spagnoli-Americani di Viscardo y Guzman, la Carmagnola, ecc. Sono stati gli(le) studenti(esse) colombiani(e) che collaborarono a questo progetto che mi hanno incoraggiato a istituzionalizzare il gruppo di ricerca e a creare un sito web (<www.histal.net>). L'idea dietro al sito era, come indica la presentazione: "offrire uno spazio di scambio di esperienze nel campo della storia della traduzione in America Latina, un punto d'incontro dove condividere le informazioni con tutti(e) quelli(e) che s'interessano alla storia della traduzione in America Latina, ivi compreso il Brasile. Nella

misura in cui sarà stimolato uno scambio autentico, parteciperemo tutti(e) allo studio e alla valorizzazione dei diversi contributi di latinoamericani(e) e di stranieri(e), nel corso della storia, nonché all'esercizio e allo sviluppo dell'attività di traduzione in questa parte del continente americano". Da allora, il sito non ha smesso di crescere ed invito tutti(e) coloro che desiderano collaborare a scriverci.

M.H.C.T.: Il progetto HISTAL si concentra su quali campi della traduzione? E perché?

G.B.: Come indica il proprio nome, il gruppo s'interessa a tutti gli aspetti della traduzione in America Latina. Oltre al primo progetto già menzionato, abbiamo lavorato sulla stampa indipendentista in Venezuela (1808-1822). Abbiamo analizzato sei periodici pubblicati durante quei 24 anni di storia del Venezuela. Il risultato principale di questa ricerca è la tesi di Aura Navarro sul principale periodico dell'epoca: *Gaceta de Caracas*, che sarà pubblicata quest'anno in spagnolo nella collana *Vertere* della rivista *Hermeneus* dell'Università di Valladolid. Il progetto ha messo in luce una serie di strategie di traduzione e ha mostrato che è interessante considerare l'intertestualità. L'altro progetto è sulla conquista spirituale, cioè sulla traduzione di catechismi, libri di preghiere, dottrine, libri di confessioni, ecc. nelle lingue native. Non potendo comparare le lingue in analisi, sono stati i paratesti a rivelare la visione che avevano i missionari delle culture e delle lingue native, e il modo di tradurre dei diversi ordini religiosi. Abbiamo appena cominciato un nuovo progetto sui diari di viaggio in Venezuela e in Colombia nel XVIII e XIX secolo. La ricerca si concentra sulle ragioni che hanno portato alla traduzione in spagnolo di questi resoconti e sull'impatto che hanno queste storie sull'identità dei paesi ricettori. Il sito web contiene anche numerosi documenti relativi ad altri paesi latinoamericani e riceviamo regolarmente le visite di studenti(esse) che vengo dall'Europa e da vari paesi dell'America Latina. La ragione d'essere del gruppo è innanzitutto quella di censire il patrimonio di traduzioni dell'area, di sottolineare il ruolo politico, ideologico, culturale e sociale che la traduzione ha giocato, così come quella di mettere in contatto i(le) diversi(e) ricercatori(e) che se ne interessano. La visione della storia adottata dal gruppo è una visione chiaramente latinoamericanista che prende le distanze dagli approcci di tipo eurocentrico.



M.H.C.T.: Il Brasile è uno dei paesi-culture che si integra nel progetto HISTAL. Come è stata fatta questa integrazione nel vostro progetto?

G.B.: La presentazione del nostro sito è molto chiara: “Il sito HISTAL ha come obiettivo principale quello di offrire uno spazio di scambio nell’area della storia della traduzione in America Latina, ivi compreso il Brasile”. Infatti, fin dall’inizio, abbiamo adottato una definizione ampia di America Latina. Il Brasile non poteva esserne escluso, né i Caraibi di lingua spagnola, per ragioni linguistiche, culturali e storiche. Le prime visite in Brasile dei membri del gruppo ci hanno fatto scoprire un mondo della traduzione estremamente ricco di programmi di formazione, di ricerca e di pubblicazioni. È stato allora che abbiamo deciso di aggiungere il portoghese. Abbiamo dovuto quindi arricchire la sezione “documenti” di testi in portoghese, il che è stato relativamente facile. Tuttavia c’è ancora molto da fare. Facciamo appello a tutti(e) gli(le) studenti(esse) e colleghi(e) brasiliani(e) per aiutarci ad arricchire il sito e quindi a valorizzare il patrimonio brasiliano.

M.H.C.T.: Lei viene spesso nelle università brasiliane. Potrebbe parlarci del suo rapporto con i centri di ricerca in Studi sulla Traduzione, in Brasile? Non crede che sarebbe vantaggioso, da entrambe le parti, includere dei(lle) ricercatori(e) canadesi nei gruppi di ricerca brasiliani e dei(lle) ricercatori(trici) brasiliani(e) nei gruppi di ricerca canadesi? Stiamo pensando al suo gruppo di ricerca in particolare.

G.B.: È sempre con lo stesso piacere che vado in Brasile! Ci sono andato principalmente su invito per dare delle conferenze, dei workshop o dei corsi. Ci sono andato anche di mia iniziativa per partecipare a dei colloqui, a volte accompagnato da colleghi(e) o studenti(esse). Ho tenuto un corso all’USP, una serie di workshop e di conferenze all’UnB, una conferenza all’UFSC; ho partecipato ad un colloquio internazionale a San Paolo all’Università UNIBERO tempo fa, alla ABRAPT nel 2013 (UFSC) e nel 2016 (UFU), e anche al III e IV Seminario Internazionale di Storia della Traduzione nel 2014 e nel 2016 all’UnB. L’HISTAL ha inoltre ospitato diversi(e) colleghi(e) brasiliani(e) per soggiorni di ricerca più o meno lunghi. Questi(e) colleghi(e) hanno avuto l’occasione di tenere una conferenza all’Università di Montreal e di condividere le loro idee con i

membri dell'HISTAL. Allo stesso modo, l'HISTAL ha ospitato diversi(e) studenti(esse) brasiliani(e) per degli stage di ricerca. È chiaro che tutti questi contatti sono di grande valore per la nostra disciplina e tutti(e) noi ci guadagniamo con l'approfondimento di questa collaborazione. Tra l'altro, questa era l'idea alla base del nostro desiderio di aggiungere il portoghese alle lingue di lavoro dell'HISTAL. Siamo più che mai interessati a collaborare con i gruppi di ricerca brasiliani.

M.H.C.T.: Ha passato il mese di agosto 2018 in Brasile come parte del progetto brasiliano “École des Hautes Études” finanziato dal governo brasiliano. Potrebbe parlarci di questo progetto? Quali sono le università che vi parteciparono? Quali sono gli obiettivi?

G.B.: Sì, è stata un'esperienza magnifica per me e ringrazio la CAPES, Andréia Guerini che ha pilotato il progetto dall'inizio alla fine e anche tutti i(le) colleghi(e) che mi hanno così gentilmente accolto. Le università partecipanti sono state la POET/UFC, la POSTRAD/UnB e la PGET/UFSC. L'Università di Belém (PPLSA/UFPA) era prevista, però non è stato possibile realizzare la visita. Nel corso di queste tre visite, ho tenuto due conferenze in ogni università, ho conversato con gli(le) studenti(esse) e scambiato idee con i(le) colleghi(e).

Progetto “École des hautes études”

Obiettivi: Sviluppare il dibattito sugli approcci metodologici nel campo della storiografia della traduzione con uno dei più grandi esperti dell'area. Sviluppare una metodologia di ricerca e un contributo solido che permetta l'elaborazione di una Storia della Traduzione Letteraria dei paesi di lingua portoghese.

Risultati stimati: Rafforzare la collaborazione internazionale, l'organizzazione di eventi comuni, le co-tutele, le pubblicazioni congiunte e la mobilità di docenti e studenti(esse).

Obiettivo generale: Il ciclo di conferenze, oltre a promuovere gli scambi universitari internazionali nell'area della Traduzione, contribuirà alla formazione di docenti e di ricercatori(trici) nel campo della Storia della Traduzione in Brasile. L'obiettivo è quello di incoraggiare la produzione accademica e la formazione delle risorse umane per lo sviluppo dell'area



a livello di dottorato, come quello della PGET/UFSC, o di programmi in fase di consolidazione, come POET/UFC e POSTRAD/UnB, ed è da considerarsi come un campo strategico per lo sviluppo del paese. La PGET è stato il primo programma di Traduzione ad essere creato nel paese nel 2003. L'UnB ha creato la POSTRAD nel 2012 e offre, al momento, un corso di laurea magistrale. L'UFC ha creato la POET nel 2014 e offre, al momento, un corso di laurea magistrale. L'UFPA ha il programma DINTER con la PGET (2016-2019) e l'intenzione è quella di creare un corso di dottorato in traduzione, tenendo conto del fatto che 16 dottorandi(e) riceveranno una formazione in traduzione.

Obiettivi specifici: È importante ricordare che, in origine, la traduzione è sempre uno sforzo per comprendere l'altro, ciò significa che il corso stimolerà una comprensione più approfondita dei rapporti tra il Canada e il Brasile, per quello che riguarda la costruzione di una storia della traduzione delle Americhe e di alcuni paesi lusofoni; inoltre, con questo movimento disciplinare si cerca di:

- Completare la formazione degli(lle) studenti(esse) di dottorato dell'area di Storia della Traduzione organizzando una serie di conferenze;
- Qualificare i(le) docenti interessati(e) alla Storia della Traduzione dell'UFSC, dell'UnB, dell'UFC, dell'UFPA e di altre università interessate;
- Intraprendere negoziati concreti per degli accordi bilaterali;
- Aumentare la mobilità tra i(le) ricercatori(trici) dei due paesi in vista della diffusione della bibliografia sulla Storia della Traduzione;
- Creare dei centri di ricerca che sviluppino gli studi — a breve, medio e lungo termine — nell'area della Storia della Traduzione.

Oltre a proporre un ciclo di conferenze, il progetto prevede di discutere di un accordo bilaterale tra le diverse università brasiliane e l'UdeM, così come di creare una rete di ricerca internazionale. Questo progetto risponde anche alla domanda precedente...

M.H.C.T.: Le nostre università avevano un accordo che pare non sia stato rinnovato. Pensa che sarebbe importante riabilitare questo accordo di cooperazione tra l'università di Montreal in Canada e l'Università di Santa Catarina in Brasile? Perché?

G.B.: L'Università di Montreal considera il Brasile come uno dei suoi partner prediletti. Ha firmato degli accordi con una decina di università brasiliane. Quello con l'UFSC è effettivamente scaduto nel 2013. Sono i dipartimenti di relazioni internazionali che si fanno carico di questi processi su consiglio o su richiesta dei dipartimenti o dei programmi interessati.

Sì, è importante rinnovarlo perché questi accordi facilitano la mobilità degli(lle) studenti(esse) e dei(lle) docenti, così come gli eventuali progetti di ricerca.

M.H.C.T.: Quali azioni pensa che potremmo mettere in atto per stringere i rapporti in traduttologia tra i nostri gruppi di ricerca in America, e in particolare modo con la PGET di Florianópolis?

G.B.: Da un lato, potremmo incoraggiare i(le) nostri(e) studenti(esse) e colleghi(e) a fare dei soggiorni di ricerca di corta o lunga durata. L'UdeM può collaborare al finanziamento di studenti(esse) e docenti. I progetti di ricerca e le pubblicazioni spesso hanno origine da contatti personali. Dall'altro lato, vedo due linee di ricerca specifiche nei nostri programmi: l'insegnamento della traduzione e la storia della traduzione. Se non mi sbaglio, la storia della traduzione interessa profondamente i(le) colleghi(e) brasiliani(e). Potremmo mettere in marcia dei progetti e delle pubblicazioni in collaborazione in quest'area specifica. Un collega mi ha appunto proposto di lavorare ad un'antologia di testi metodologici e teorici che riguardano la storia. Questo è un esempio. Dobbiamo anche pensare alla co-tutela di tesi di laurea magistrale e di dottorato.

M.H.C.T.: Quali sono i suoi progetti in corso e suoi progetti per i prossimi anni? Il Brasile fa parte di questi progetti?

G.B.: Come dicevo sopra, il quarto grande progetto a cui sto lavorando attualmente è intitolato *Le regard de l'Autre: les récits de voyage traduits au Venezuela et en Colombie aux 18^e et 19^e siècles*. Si tratta di vedere come i resoconti di viaggio degli Altri sono tradotti in spagnolo e com'è stata la ricezione nei due paesi. E di vedere anche in quale misura la traduzione è essa stessa un viaggio, come suggerisce Michael Cronin.

Ho decine d'idee che riguardano altri progetti di storia, soprattutto approfondire i progetti precedenti e immergermi più a fondo nel ruolo



giocato dall'agente di traduzione Francisco de Miranda, ma vorrei anche potermi dedicare alla traduzione di un'opera.

Ho intenzione di mettermi seriamente a studiare il portoghese, il che mi permetterà di avvicinarmi al Brasile. D'altra parte non è improbabile che io passi i miei primi anni da pensionato da voi...



Muguraș CONSTANTINESCU²⁰
 con Marie Helene Catherine TORRES²¹

Marie Helene Catherine Torres è professoressa titolare del Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere e della specializzazione (magistrale e dottorato) in Studi della Traduzione dell'Università Federale di Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brasile. Dopo il doppio diploma Portoghese-Francese presso l'Università Federale di Santa Catarina completato nel 1992 e una laurea magistrale in Lettere completata nel 1995 presso la stessa Università, ha difeso la sua tesi di dottorato in traduzione alla Katholieke Universiteit Leuven nelle Fiandre, Belgio, nel 2001. La sua tesi sulla traduzione della letteratura brasiliana in Francia ha preso la forma di un libro dal titolo *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*, pubblicato nel 2004 dalle edizioni dell'Università di Artois, Arras, nella prestigiosa collezione "Traductologie", un libro che è diventato rapidamente un riferimento nella storia delle traduzioni (appare, con altri testi, nella bibliografia del Congresso Mondiale di Traduttologia dell'Università di Nanterre, che ha avuto luogo nell'aprile 2017).

La sua area di ricerca si concentra sulla relazione tra letteratura e traduzione, tra letteratura nazionale e tradotta, sulla teoria e la storia della traduzione. Si occupa anche di traduzione di letteratura giovanile, di letteratura comparata e di traduzione della letteratura francese in Brasile. Queste aree di interesse si ritrovano nei suoi articoli e nelle sue ricerche pubblicate su riviste di traduttologia come *Meta*, *Traduire*, *Cadernos de Tradução*, *Scientia Translationis*, *Atelier de traduction*, e in interventi in

¹⁹ Questa intervista è stata pubblicata inizialmente sulla rivista *Atelier de traduction*, n. 29, p. 21-33, 2018.

²⁰ Università "Ștefan cel Mare" di Suceava, Romania, mugurasc@gmail.com.

²¹ Università Federale di Santa Catarina; Università Federale del Ceará; CNPq, Brasile, marie.helene.torres@gmail.com.





congressi e simposi internazionali. Un'attenzione particolare merita il primo numero di *Cadernos de Tradução*, volume 36/2016, Edição Regular sulla *Literatura infantil e juvenil*, realizzato in collaborazione con Eliane Dias Debus.

Ha inoltre pubblicato *Literatura traduzida/Literatura nacional* (autori vari) con le edizioni 7Letras nel 2008, in seguito il *Dicionário de tradutores literários do Brasil, Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert* nel 2011.

Mentre esamina il rapporto tra testo e paratesto, Marie Helene Catherine Torres ha anche pubblicato un libro su questo tema: *Traduzir o Brasil literario: paratexto e discurso de acompanhamento*, vol. 1 nel 2011. Due anni dopo ha collaborato per la pubblicazione di *Tradução dos clássicos*, per Copiart, e nel 2014 ha pubblicato un libro sulla storia e sulla critica della traduzione, *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*, vol. 2, che forma un insieme con l'opera sui paratesti.

Marie Helene Catherine Torres fa parte del comitato editoriale delle riviste *Cadernos de Tradução* e *Scientia Traductionis*, pubblicate dalla sua università, a fa parte del comitato scientifico della rivista rumena francofona *Atelier de traduction*.

Attualmente è una ricercatrice del CNPq, il Centro Nazionale di Ricerca brasiliano.

Alla sua ricca attività di ricerca si aggiunge una attività altrettanto ricca di didattica e amministrazione. È stata coordinatrice del corso di laurea magistrale e del dottorato in Studi della Traduzione dal 2003 al 2007 e della specializzazione in traduzione letteraria per la formazione degli insegnanti dal 2008 al 2009; ha inoltre coordinato il dottorato interistituzionale in traduzione con l'Università Federale della Paraíba (UFPB) e l'Università Federale di Campina Grande (UFCG) dal 2010 al 2014 e attualmente coordina il dottorato interistituzionale in traduzione con l'Università Federale del Pará (UFPA) dal 2015 al 2019. A tutto ciò si aggiunge l'organizzazione di numerosi convegni, seminari, incontri, e simposi su tematiche varie e stimolanti, tra cui ricordiamo: “Le teorie della traduzione postcoloniale nello sviluppo della letteratura brasiliana”, “Traduzione del discorso di accompagnamento”, “Il ruolo della traduzione nelle culture”, “Il luogo della traduzione nelle culture: il caso francese”, “Funzioni, teoria e potere della traduzione nelle culture”, “Classici tradotti della letteratura per bambini e adolescenti”.

Come traduttrice, ha reso in portoghese (in collaborazione) *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*²² di Antoine Berman, pubblicato nel 2007, la cui seconda edizione è stata pubblicata nel 2013. Marie Helene Catherine Torres ha anche tradotto in portoghese brasiliano opere di letteratura per l'infanzia — *A Bela e a Fera* [La bella e la bestia] di Jeanne-Marie Leprince de Beaumont e *Cantos para os meus netos* di Victor Hugo in edizione bilingue nel 2014 — e fumetti come *L'aliéniste* [O alienista] per le Editions Urban Comics di Parigi.

Attualmente, l'appassionata ricercatrice Marie Helene Catherine Torres sta sviluppando un progetto su una tematica interessantissima: le scrittrici francesi di racconti del secolo dei Lumi.

L'intervista che segue ha come obiettivo quello di svelare e chiarire tanto il percorso di Marie Helene Catherine Torres quanto il suo pensiero sulla letteratura francese e comparata e soprattutto sulla storia, la teoria e la critica delle traduzioni.



MUGURAŞ CONSTANTINESCU (M.C.): *Cara Marie Helene Catherine Torres, innanzitutto la ringrazio per aver accettato questa intervista. Le propongo di iniziare con una domanda sulla sua formazione. Prima di tutto lei si è dedicata a degli studi di lingua francese-portoghese, li ha continuati alla magistrale ma la sua tesi di dottorato si occupa di traduzione e attualmente lei è una specialista riconosciuta in traduttologia. Come spiega questa svolta verso gli studi di traduttologia nella sua carriera? Cosa è stato determinante per lei quando ha deciso di optare per la traduttologia?*

MARIE HELENE CATHERINE TORRES (M.H.C.T.): Sono io che la ringrazio, Muguraş, per l'opportunità di comunicare con i(le) suoi(e) lettori(trici) e in francese. Penso che per rispondere alla sua domanda avrò bisogno di fare un excursus autobiografico sulla mia carriera. Sono arrivata in Brasile, direttamente a Florianópolis, il 15 gennaio 1989, il primo giorno del piano economico e monetario del presidente Sarney.

²² L'opera di Berman è tradotta in italiano: *La traduzione e la lettera o l'albergo nella lontananza*, a cura, tradotta, e con un saggio di Gino Giometti, edita da Quaderni Quodlibet nella collana Teoria della traduzione (2003). [N.T.]





Era il momento del congelamento di prezzi, salari, ecc. Il tempo in cui un dollaro valeva un *Cruzado Novo*, la moneta brasiliana dell'epoca. Sono entrata come studentessa di lingue e letteratura portoghese-francese presso l'Università Federale di Santa Catarina (UFSC) con un programma di scambio dall'Università di Paris X-Nanterre, senza saper dire una parola in portoghese. E mi sono laureata nell'aprile del 1992. Sono entrata al corso di laurea magistrale in lettere della UFSC a giugno dello stesso anno, sotto la direzione della Prof.ssa Dott.ssa Zahidé Muzart. Era una persona ed un'insegnante eccezionale. E ricordo che Zahidé ci diceva, a noi studenti universitari, che dovevamo pubblicare per poter seguire con una carriera nell'istruzione superiore! Ho cercato di seguire i suoi consigli al meglio. Ho quindi discusso la mia tesi di laurea magistrale nel 1995 su due poeti simbolisti, uno brasiliano e l'altro francese. In effetti, sono stata coinvolta in diverse attività di traduzione tra il 1993 e 1994: 25 anni fa! Volevo davvero fare un dottorato in traduzione all'epoca. Mi sono quindi candidata per una borsa di studio del CNPq, che ho poi ottenuto, per il mio dottorato di ricerca di 4 anni, dal 1997 al 2001, a Leuven, avendo come relatore uno dei fondatori della disciplina della traduzione, José Lambert, grazie al contatto e alla raccomandazione del Prof. Dr. Walter Carlos Costa, con il quale continuo a collaborare in vari progetti accademici ancora oggi.

*M.C.: Il rapporto tra letteratura e traduzione è molto presente nelle sue opere, perché anche quando focalizza la sua ricerca sulla traduzione, lei privilegia la traduzione letteraria. A questo proposito, vorrei sapere quali tracce ha lasciato nelle sue ricerche in traduttologia il tema della sua tesi di laurea magistrale **Descente en enfer dans le monde poétique de Cruz e Sousa et Baudelaire**. Si deve trattare probabilmente di uno studio di letteratura comparata molto vicino all'analisi comparatista che viene spesso praticata in traduttologia, confrontando l'originale e la sua o le sue traduzioni.*

M.H.C.T.: In effetti ho discusso la mia tesi di magistrale nel 1995, il cui titolo è *Descente en enfer dans le monde poétique de Cruz e Sousa et Baudelaire*. È stata in seguito rivista e successivamente pubblicata come libro dalla casa editrice dell'Università Federale di Santa Catarina nel 1998. Ho scritto da qualche parte nel mio libro che ho lavorato a partire dai testi originali, dalle poesie di Cruz e Sousa in portoghese e da quelle di Baudelaire in francese. All'epoca in Brasile non si parlava molto di

traduzione durante i corsi di letteratura. Ho comunque pubblicato la mia prima raccolta di poesie tradotte di Pierre Reverdy in portoghese, nel 1994. Per tornare alla tua domanda, ho eseguito in effetti un'analisi comparatista della discesa poetica nell'universo infernale di Cruz e Sousa e di Baudelaire, uno studio sulla questione del satanismo poetico, che mostrava le relazioni intertestuali del lavoro dei due poeti, il brasiliano João da Cruz e Sousa e il francese Charles Baudelaire. Questo mi aveva portata a stabilire l'esistenza di una teoria satanica come parte della loro poesia, segnando così l'inizio della poesia moderna. In questo caso specifico, ho confrontato testi scritti in una lingua diversa, senza alcun approccio storico, critico o addirittura teorico alla traduzione.

*M.C.: La questione della sua tesi di dottorato presso la Katholieke Universiteit Leuven (KUL) riguarda la traduzione della letteratura brasiliana in Francia ed ha un titolo molto ispirato: **Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes** [Variazioni sullo straniero nella letteratura: cent'anni di traduzioni francesi della letteratura brasiliana]. Ha scelto questo interessante argomento da sola o in collaborazione con il suo relatore? Si tratta proprio di letteratura brasiliana tradotta in Francia e non in francese? Mi viene in mente il progetto HTLF (Storia delle traduzioni in francese) di Yves Chevrel e J.Y. Masson in cui si considerano le traduzioni in francese, anche al di fuori della Francia.*

M.H.C.T.: Il dottorato che ho fatto in Belgio è stato un punto di svolta nella mia carriera universitaria perché segna l'inizio della mia carriera negli studi di traduzione, soprattutto perché mi sono unita al gruppo della scuola di Leuven, dei descrittivisti. La mia posizione teorica si basa proprio sui DTS (Descriptive Translation Studies) e sulle teorie complementari e compatibili, come quelle di Venuti, di Berman o di Pascale Casanova, per esempio. Ho difeso la mia tesi di dottorato nel settembre 2001, il cui titolo in francese era *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes*. L'obiettivo principale di questa tesi è stato quello di contribuire alla mappatura della letteratura mondiale, come l'ho descritta, e di analizzare i tratti culturali, o il *genius loci*, della letteratura brasiliana tradotta in Francia (non in francese) nel sistema culturale e letterario francese durante tutto il XX secolo. Ho esposto come i(le) traduttori(trici) traducevano (partendo dallo studio



delle case editrici, delle strategie commerciali, dei modelli utilizzati, dei concetti e delle tendenze di traduzione), cercando di capire se c'era stata un'assimilazione dell'*altro* o un'apertura alle innovazioni nella lingua e nella cultura. Per ottenere un *corpus* rappresentativo, ho stabilito come principali criteri di selezione alcune opere da analizzare che avessero almeno, per ogni romanzo di formazione dell'identità nazionale brasiliana (un lavoro sul linguaggio e sulla cultura brasiliana), due traduzioni diverse fatte da traduttori(trici) diversi(e). Così ho analizzato i seguenti romanzi brasiliani e le loro traduzioni in francese: *Le Guarani* e *Iracéma* di José de Alencar, *Mémoires posthumes de Bras Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* de Machado de Assis, *Os Sertões* di Euclides da Cunha, *Macounaïma* di Mário de Andrade e *Diadorim* di Guimarães Rosa. Le analisi sul Brasile letterario nelle traduzioni francesi hanno rivelato, in contrasto con i progetti sul linguaggio dei testi brasiliani, una naturalizzazione effettiva della lingua e della cultura brasiliana e che la trasgressione creatrice del linguaggio non penetra la rigidità della lingua francese. Queste caratteristiche rendono la traduzione trasparente, come se le opere fossero state scritte in francese, in cui la parte di “parlata del popolo” finisce per trasformarsi in una lingua (tradotta) formale.

M.C.: Siccome i(le) lettori(trici) della nostra rivista non conoscono tutto (ahimè, anche io lo conosco solo parzialmente) il tuo libro sui cent'anni di traduzione, pubblicato dalla casa editrice dell'Università di Artois e rapidamente esaurito, le chiederei per cortesia di dirci se esso si concentra più sulla storia delle traduzioni e sul loro contesto o sulla critica di queste traduzioni, anche se, come sappiamo, le due sono strettamente collegate.

M.H.C.T.: Questa domanda è particolarmente interessante perché dipende, per quanto riguarda la risposta, da cosa si intende per Storia e Critica della traduzione. Prima di tutto, vorrei dire che considero la storia della traduzione come la storia delle idee, delle mentalità e della cultura in un dato spazio e tempo, da una prospettiva storica, diacronica e/o sincronica. Come nella letteratura, ci sono state (e ci sono ancora) per la traduzione, delle scuole, delle correnti, delle tendenze, dei compromessi e delle liti, sul modo migliore di tradurre. E infine, considero la traduzione come critica, come una critica costruttiva, che porta a rivelare tutto il significato dell'opera, come diceva Berman. Detto questo, posso dire che ho

effettivamente affrontato la storia delle traduzioni in francese delle opere brasiliane di formazione su e nella lingua (portoghese).

M.C.: In un articolo molto interessante pubblicato sulla nostra rivista, lei parla di un fenomeno ingiusto che la letteratura brasiliana ha vissuto in Francia, ovvero quella che lei chiama “la censure, devenue synonyme d’invisibilisation”.²³ In cosa consiste questoparticolare tipo di censura? E la censura “neutralizzante” nei confronti della letteratura brasiliana? In cosa consiste? Lei parla nello stesso articolo di una visione e di un atteggiamento “coloniale” della Francia nei confronti della letteratura del Brasile? Per quanto tempo questo atteggiamento è persistito? È attribuibile ad “agenti culturali”. Chi sono? Quali sono i loro poteri e limiti a questo proposito?

M.H.C.T.: Presumo che lei si riferisca al fatto che i romanzi brasiliani tradotti in francese hanno un ruolo fondamentale nell’internazionalizzazione del concetto di brasilianità. Le traduzioni francesi non solo hanno diffuso una certa visione del Brasile, di un Brasile francese, ma hanno anche costruito e proiettato, nell’immaginario francese, un’identità nazionale brasiliana diversa da quella che esisteva e/o che esiste in Brasile. Parlo anche del concetto di un paese “dominato” — nonostante le caratteristiche descritte da Casanova sull’autonomia e sull’indipendenza del Brasile (capitolo su *Macounaïma*) — dal momento in cui uno studio sulle traduzioni francesi delle opere brasiliane è in grado, secondo me, di rivelare i complessi ingranaggi del funzionamento dei sistemi culturali e interculturali. Naturalmente, dobbiamo tenere conto delle relazioni specifiche che sono intercorse tra Francia e Brasile, della seduzione culturale che la Francia ha esercitato sul Brasile. Una lunga storia di attrazione reciproca ha unito il Brasile e la Francia, quest’ultima nella speranza di metter mano su questo continente che aveva provato ad invadere più volte, politicamente ed economicamente, ma anche culturalmente. In primo luogo nel 1555, con il tentativo d’istituzione della Francia Antartica a Rio de Janeiro, poi nel 1612 con la breve fondazione della Francia Equinoziale a São Luis do Maranhão che si è conclusa nel 1615. Queste velleità coloniali abortite sono state rimosse dalla memoria, ma i rapporti tra Francia e Brasile avrebbero preso una piega diversa. Anche se all’inizio della scoperta del

²³ “la censura, diventata sinonimo di invisibilizzazione”.



Brasile i francesi godevano dei favori degli indios rispetto ai portoghesi, come specifica Lévi-Strauss in *Tristi tropici*, fu grazie al re João VI, stabilitosi con la corte portoghese a Rio de Janeiro, che i rapporti tra Brasile e Francia si intensificarono. Per la fondazione di un'Accademia di Belle Arti ai tropici fece arrivare una spedizione di artisti francesi, nel 1816, composta da pittori, scultori, architetti, incisori, ingegneri. Anche l'invio di una considerevole quantità di libri francesi in Brasile ha avuto un enorme impatto sull'evoluzione del pensiero. Il Brasile nel XX secolo si separerà progressivamente dal modello francese attraverso un'emancipazione culturale e identitaria e creerà nuove relazioni con la Francia, rapporti di scambio, cooperazione e tributi.

M.C.: Qual è il rapporto tra il (la) traduttore(trice) antropofago(a) e la brasilianità?

M.H.C.T.: Quando parlo di antropofagia, mi riferisco alla teoria dell'antropofagia brasiliana. Mi spiego. Il Brasile ha provocato la sua emancipazione culturale e identitaria, e questa ricerca di un'identità nazionale, la brasilianità, è sfociata in un'interessante teoria brasiliana, la Teoria Antropofaga. È stata lanciata dopo la "Semana de arte moderna de 1922" (11-18 febbraio) a San Paolo, da uno scrittore brasiliano, Oswald de Andrade, che in seguito ha pubblicato il suo *Manifesto Antropofago*²⁴ nel 1928, in reazione alla cultura europea importata in Brasile. In controeazione, inoltre, il *Manifesto Antropofago* fu tradotto in francese solo nel 1982 da Jacques Thiériot. Secondo il manifesto, il Brasile riproduceva i modelli europei, assimilandoli, come era percepito nell'immaginario europeo. Il *Manifesto Antropofago*, la cui prima frase in francese è "Seule l'anthropophagie nous unit", ovvero "Solo antropofagia ci unisce", dettò il tono e richiese precisamente l'esistenza di un movimento, di una teoria propria del Brasile. Il rituale antropofago fu quindi usato come metafora culturale del movimento antropofago, rappresentando così il culmine della ricerca identitaria brasiliana. Come funziona? Così come

²⁴ La traduzione è contenuta nell'opera *La cultura cannibale. Oswald de Andrade: da Pau-Brasil al Manifesto Antropofago*, edita da Maltemi nel 1999. Il testo ha una post-fazione dello studioso Ettore Finazzi-Agrò ed è composto dalle traduzioni annotate di Maria Caterina Pincherle del *Manifesto Pau-Brasil* (1924), della *Poesia Pau-Brasil* (1925) e del *Manifesto Antropófago* (1928). [N.T.]

il “selvaggio” che divorando il nemico — ma non un nemico qualsiasi, un nemico coraggioso e che si distingue per le sue qualità, soprattutto guerriero — lo assorbe e lo digerisce per incorporarne le virtù, lo(la) scrittore(trice) brasiliano(a) ha fatto lo stesso attraverso il rituale dell’antropofagia culturale. Davanti alla cultura dell’altro, lo(la) scrittore(trice) brasiliano(a) avrà quindi lo stesso comportamento: divorare la cultura straniera, assorbirla, digerirla, per restaurare il suo proprio patrimonio culturale. La stessa cosa vale per chi traduce, che può essere, in gradi diversi, un(a) antropofago(a), in base a ciò che sceglie di divorare.

*M.C.: So che lei si interessa in modo particolare alla traduzione della letteratura per l’infanzia e che ha coordinato un’edizione speciale della sua rivista **Cadernos de Tradução** su questo tema, nella quale ho avuto l’onore di pubblicare un contributo. Può dirci com’è nato il suo interesse per questo settore e la sua specificità?*

M.H.C.T.: Il mio interesse per la letteratura giovanile deriva dal fatto che poche opere sono effettivamente tradotte dall’originale. Sembra incredibile ma, ad esempio, *La Belle et la Bête* [La Bella e la Bestia] non era mai stato tradotto nella sua versione integrale in Brasile prima della mia traduzione del 2014. Così ho tradotto il racconto di Mme. Leprince de Beaumont del 1755, scritta con intenzioni educative per i bambini inglesi dai 5 ai 12 anni. C’erano stati solo degli adattamenti prima della mia traduzione del 2014. Un adattamento non è, come sapete, una traduzione! Ma naturalmente, nell’adattamento, possono esserci tratti stilistici del testo di partenza, per esempio. L’adattamento mostra due autori(trici), e qui l’adattatore(trice) è molto più visibile dell’autore(trice) originale del testo. La traduzione e l’adattamento intrattengono dei rapporti che io chiamo isomorfi, cioè rapporti di somiglianza nella forma e nell’aspetto. Gli adattamenti contemporanei riflettono un grande desiderio di appropriazione e cercano di minimizzare le differenze tra l’universo linguistico e culturale dell’opera di partenza e dell’adattamento. Quindi, in questi adattamenti de *La Bella e la Bestia*, la fata scompare dal racconto mentre è un personaggio essenziale per la morale finale della storia, perché appare in un sogno a Belle che vede la Bestia morire vicino al canale. Poi, alla fine, la fata punisce le due sorelle di Belle per il loro orgoglio, la loro rabbia, pigrizia e invidia, trasformandole in statue di pietra! Successivamente, ho anche tradotto delle poesie di



Victor Hugo per bambini. Quelle poesie che aveva dedicato ai suoi nipoti, Georges e Jeanne.

M.C.: Lei ha tradotto in portoghese (in collaborazione con due colleghi) l'opera di Berman **La traduzione e la lettera o l'albergo nella lontananza**, che non è ancora stata tradotta in rumeno. Ho visto che ha già avuto diverse edizioni. Quanto tempo avete lavorato a questa traduzione collaborativa su un testo così denso, erudito e di grande finezza? Quali difficoltà avete dovuto superare?

M.H.C.T.: La seconda edizione di *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (Titolo originale: *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*) è praticamente esaurita. Ho avuto il piacere di tradurre con due dei(lle) miei(e) colleghi(e) di studi sulla traduzione, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Il lavoro di traduzione effettivo ha richiesto due anni di lavoro. Ci sono state varie difficoltà, principalmente a causa delle citazioni di Berman in lingue straniere tradotte in francese. Abbiamo cercato di spiegare le nostre scelte traduttive in una nota dei(lle) traduttori(trici). E davvero, la sfida più grande è legata ai titoli di opere citate da Berman. Poiché ogni traduzione è un processo decisionale, abbiamo optato per i titoli in portoghese quando questi esistevano in traduzione, quando l'esempio citato non aveva conseguenze sulle questioni traduttive. Per quanto riguarda i titoli non ancora tradotti in portoghese, sono stati mantenuti come erano, così come presentati da Berman nell'originale in francese, in modo da non creare titoli senza corrispondenti testi tradotti.

M.C.: Qual è il peso del paratesto in una traduzione per lei?

M.H.C.T.: Enorme!! Non concepisco la lettura di un testo letterario, qualunque esso sia, senza prima soffermarmi sui testi che chiamo testi di accompagnamento, sia sull'aspetto esteriore dei libri, che chiamo aspetto morfologico, e poi sul discorso di accompagnamento. Questi indici morfologici riguardano tutte le indicazioni sulle copertine, esterna — anteriore e posteriore — e le pagine di apertura (frontespizi, titoli...), all'interno del libro, che possono sia fornire dei dettagli sullo statuto delle traduzioni, sia su come sono percepite in base agli elementi informativi che presentano. E quando parlo di discorso d'accompagnamento intendo tutto

l'apparato paratestuale (prefazione, note, introduzione, epigrafi, ecc...), che è spesso il luogo in cui l'ideologia appare più chiaramente. Il paratesto è quindi essenziale per l'analisi delle traduzioni.

M.C.: Ricordo che in un'intervista meno recente aveva parlato di 300 tesi di laurea magistrale e di dottorato in traduttologia della sua università. Qual è la situazione attuale della ricerca di dottorato in Studi sulla Traduzione alla UFSC? Qual è lo sbocco sul mercato del lavoro?

M.H.C.T.: Prima di tutto, dobbiamo dire che il contesto brasiliano è unico perché il mercato del lavoro in questo settore è molto promettente. Sono state fondate facoltà e università ogni anno fino al 2016, consentendo lo sviluppo e il consolidamento dell'area, a differenza di una situazione molto diversa e spesso opposta non solo in Europa ma anche nel mondo in generale. Se lì sembra esserci poca o quasi nessuna prospettiva di lavoro per i(le) titolari(e) di una specializzazione e di un dottorato in traduttologia, gli Studi della Traduzione, come vengono chiamati in Brasile, sono in piena crescita. Ho fatto parte del primo gruppo di docenti e ricercatori(trici) del Brasile che hanno proposto al Ministero della Pubblica Istruzione la creazione del programma esclusivamente dedicato agli Studi sulla Traduzione che include laurea magistrale e dottorato. Di conseguenza, ho avuto il privilegio di coordinare il primo programma di questo tipo nel 2003 presso l'Università Federale di Santa Catarina (UFSC) a Florianópolis. Questo è stato il punto di partenza propizio per la formazione di altri tre programmi di laurea magistrale e dottorato in Studi sulla Traduzione in Brasile: la magistrale dell'Università di Brasilia (UnB) nel 2011; la magistrale e il dottorato in Studi sulla Traduzione dell'Università di São Paulo (USP) nel 2012 e la magistrale dell'Università Federale del Ceará (UFC), nel 2013. Altri due corsi di laurea magistrale in Studi sulla Traduzione attendono una risposta dal Ministero della Pubblica Istruzione a Rio de Janeiro e a Natal. Questo porterà le specializzazioni in Studi della Traduzione a sei, un numero in sé significativo. Questa popolarità tende a svelare, prima di tutto, il fatto che il campo della traduzione è un campo precursore, d'avanguardia in Brasile, soprattutto perché le università hanno riconosciuto il suo status di scienza a sé stante, conferendo così diplomi specifici, la laurea magistrale





in Studi sulla Traduzione e il dottorato in Studi sulla Traduzione. Penso che la questione si basi sul riconoscimento istituzionale degli Studi sulla Traduzione in Brasile. In risposta al numero di tesi di magistrale e dottorato alla PGET/UFSC, ho consultato la nostra pagina su internet (<<http://ppget.posgrad.ufsc.br/teses-e-dissertacoes-pget/>>). Alla fine di maggio 2018, c'erano 270 tesi di magistrale e 115 di dottorato. Un'altra cosa: la laurea magistrale e il dottorato brasiliani in Studi sulla Traduzione non sono lauree e dottorati professionalizzanti. Non formano quindi traduttori(trici), ma ricercatori(trici) in Studi della Traduzione e sono essenzialmente accademici. Questa è la differenza.

M.C.: Restando sul dottorato, che cos'è un "dottorato interistituzionale"? Potrebbe essere una formula di dottorato in co-tutela?

M.H.C.T.: No, non esattamente. Non si tratta di co-tutela. In realtà, il dottorato interistituzionale (DINTER) è uno dei pochi progetti che affrontano contemporaneamente le esigenze di condivisione concreta della conoscenza e di scambio a livello nazionale, privilegiato attraverso un progetto di solidarietà istituzionale, soprattutto da parte dei(lle) docenti. L'internazionalizzazione è la parola d'ordine attualmente nelle università federali brasiliane, c'è poco spazio per progetti di scambio locali, nazionali. Tuttavia, ci sono programmi che da dieci anni supportano l'istituzione del dottorato in Brasile. Ciò significa che i(le) docenti delle università o degli istituti federali hanno l'opportunità di fare un dottorato attraverso un'università diversa dalla loro. Il successo del progetto DINTER dipende fondamentalmente da fattori istituzionali, universitari e, soprattutto, umani, poiché implica la volontà e la mobilitazione partecipativa, nonché la qualità di ciascun(a) insegnante-ricercatore(trice). La cultura dell'associazione è una cultura del dialogo tra le università interessate, in questo caso, l'Università Federale di Santa Catarina e le Università Federali della Paraíba, UFSC e UFPB dal 2010 al 2014, e del Pará, UFPA, dal 2015 al 2019. Io coordino il dottorato interistituzionale da 8 anni.

*M.C.: Nella sua università è edita una rivista di traduttologia e lei fa parte del comitato editoriale, per quello che so, di **Cadernos de Tradução** che ha celebrato 20 anni di attività a gennaio. Può parlarci del percorso e dell'importanza della rivista?*

M.H.C.T.: La rivista *Cadernos de Tradução* è stata fondata nel 1996 da Mauri Furlan, Walter Carlos Costa e da me, tutti(e) noi docenti presso l'Università Federale di Santa Catarina. È la rivista del corso di magistrale e del dottorato in Studi sulla Traduzione dal 2003. All'inizio, fino al 1999, ha avuto una periodicità annuale. Durante il passaggio al XXI secolo, al fine di adattarci alle norme relative agli aiuti finanziari del Consiglio Nazionale della Ricerca in Brasile (CNPq), così come a quelle per la valutazione del Coordinamento di Perfezionamento del Personale dell'Istruzione Superiore (CAPES), la rivista ha cominciato a pubblicare due numeri all'anno. Nuovi cambiamenti strutturali hanno avuto luogo dal 2016, con l'ingresso della rivista nel portale SciELO e con la produzione di tre numeri all'anno (gennaio, maggio e settembre). L'obiettivo principale della rivista è quello di pubblicare i risultati della ricerca nel campo della traduzione in Brasile e all'estero e di seguire il dibattito su quest'area, della quale l'interdisciplinarietà è intrinseca. Oggi la rivista condivide il suo contenuto che va da articoli originali o tradotti, relativi al campo della traduzione, recensioni di libri relativi alla traduzione (analisi, teoria, storia), recensioni di opere tradotte pubblicate negli ultimi cinque anni e interviste, come quella che ha fatto con me, con traduttori(trici), insegnanti e ricercatori(trici) nell'area della traduzione. Inoltre, è sempre stata parte della politica di *Cadernos de Tradução* creare numeri e dossier tematici. La rivista segue un rigoroso processo di *peer-review* ed è, a sua volta, regolarmente valutata dal settore di regolamentazione CAPES, il "Qualis", un insieme di procedure per categorizzare la qualità della produzione intellettuale dei programmi scolastici di istruzione superiore. La rivista è infatti indicizzata in banche dati internazionali come DIALNET — Difusión de Alertas en la Red, DOAJ — Directory of Open Access Journals, LATINDEX — Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal, MLA — Modern Language Association International bibliography, SciELO — Scientific Electronic Library Online e ULRICHS — Ulrichs Periodical Directory. Per quanto riguarda il numero dal titolo *Voices tradutórias: 20 anos de Cadernos de Tradução* [Voci di traduzione: 20 anni della rivista *Cadernos de Tradução*] è stato organizzato da Andréia Guerini (caporedattrice della rivista), Marie Helene Catherine Torres e Walter Carlos Costa. È stato pubblicato nel 2016 per rendere omaggio ai(lle) traduttori(trici). Aggiungerò, inoltre, che *Cadernos de Tradução* è una



del materiale paratestuale su queste scrittrici al fine di introdurre nello scenario brasiliano dei testi che ampliano il discorso sul XVIII secolo, e di rendere disponibili delle traduzioni inedite di queste scrittrici in portoghese brasiliano. Ho già pubblicato parte della ricerca in lavori precedenti sotto forma di antologia, come l'antologia *Mnémosyne* (<<https://mnemosineantologias.com>>), dedicata alla storia della letteratura delle scrittrici francesi del diciottesimo secolo e il loro ruolo nella (tras) formazione del canone letterario brasiliano. Ci sono, per il momento, trenta scrittrici nell'antologia con voci costantemente aggiornate. Il nostro lavoro di ricerca prende in considerazione le teorie di André Lefevere e la sua opera *Traduzione e riscrittura. La manipolazione della fama letteraria* (1992), che mostra in particolare che la riscrittura, vale a dire la traduzione, la storiografia, la critica e l'editoria giocano un ruolo chiave nella ricezione e nella canonizzazione delle opere letterarie. Altri importanti teorici hanno ispirato questa ricerca, come José Lambert, Lieven D'hulst, Anthony Pym e Antoine Berman. Una seconda fase della ricerca consentirà di stabilire la Storia delle scrittrici di racconti, più spesso legate ai salotti letterari dedicati alle fiabe in tutte le loro forme. I racconti di Madame d'Aulnoy, Madame Murat o Mademoiselle de la Force erano molto apprezzati e letti, come attestano le continue ristampe. La fiaba era un vero fenomeno di moda. Così nacque il racconto letterario femminile, una scrittura mondana e galante dalle tendenze romantiche. Più in generale, tuttavia, è all'incontro tra la letteratura orale e scritta, popolare e letteraria, antica e moderna, che questi racconti si sono ispirati nell'estetica, nella poesia e nella loro ricca immaginazione. Le fiabe di Madame d'Aulnoy, ad esempio, ottennero un successo immediato e duraturo. Furono anche tradotte in inglese molto prima dei racconti di Perrault, e ristampate spesso nel corso del XVIII secolo. I classici francesi sono generalmente poco tradotti in Brasile e, quando lo sono, si tratta sempre degli stessi testi, questa nuova storia antologica comprenderà dei racconti di scrittrici francesi dell'epoca d'oro (1690-1710) pubblicati nei quarantun volumi del *Cabinet des fées* e la loro traduzione in portoghese brasiliano accompagnata da commenti critici. Questo è quello che sto facendo ultimamente, tra le altre cose. Per rispondere finalmente alla seconda parte della tua domanda, c'è attualmente sulla mia scrivania un'opera di Pascale Casanova in francese, *La langue mondiale: traduction et domination*. Siamo negoziando con le case editrici delle Università



Federali di Santa Catarina e di Brasilia per l'acquisto dei diritti di traduzione in portoghese brasiliano dalle Editions Seuil. Questo nuovo progetto di traduzione è principalmente motivato dalle carenze esistenti nella teoria e nella sociologia della traduzione nel mercato editoriale brasiliano. Inoltre, questo libro potrà essere adottato per i corsi di laurea magistrale e dottorato in studi sulla traduzione delle università brasiliane.



Intercontinental Translation Studies
Brazil — Canada — Romania

Translated by
Rodrigo D'Avila & Yeo N'Gana

INTERVIEW¹

Andréia GUERINI² and Robert de BROSE³ with Walter Carlos COSTA⁴

Walter Carlos Costa, professor, translator, and a level 2 researcher at Brazilian Council for Scientific and Technological Development (CNPq), is a key figure on Translation Studies (TS) in Brazil, either by his long and prolific career as a researcher of this area, which he provided support for its consolidation in the country, or by his role in translators, researchers and professors education. He began his academic career as a graduate in Romance Philology (French and Spanish) at *Katholieke Universiteit Leuven*, Belgium, where he also wrote his master's thesis about *Grande Sertão: Veredas*, by João Guimarães Rosa, translation issues into French, which was developed under the supervision of Professor José Lambert, eminent researcher and one of Translation Studies' founders. From 1988 to 1992, he wrote his doctoral dissertation on Jorge Luis Borges translations' linguistic aspects at the University of Birmingham, UK, under the supervision of Professor Malcolm Coulthard. Nowadays, he is a retired Professor at the Federal University of Santa Catarina, where he is still working as a volunteer professor at the Postgraduate Program in Translation Studies (PGET/UFSC). He is also a Visiting Professor since 2017 at the Postgraduate Program in Translation Studies at the Federal University of Ceará (POET/UFC), being one of its founders. His current investigations focus on Jorge Luis Borges' and Adolfo Bioy Casares' literature and History and Historiography of Translation.

¹ This interview was previously published in the Anpoll's journal, v. 1, n. 44, p. 436-447, Jan./Apr. 2018.

² Federal University of Santa Catarina, CNPq, Brazil, andreia.guerini@gmail.com.

³ Federal University of Ceará, Brazil, robert.de.brose@gmail.com.

⁴ Federal University of Ceará; Federal University of Santa Catarina; CNPq, Brazil, walter.costa@gmail.com.





ANDRÉIA GUERINI and ROBERT DE BROSE (A.G./R.B.): *Could you comment on your first contact with translation?*

WALTER CARLOS COSTA (W.C.C.): My first contact with translation dates back to my childhood, spent in a small town in the state of São Paulo called *Santópolis do Aguapeí*, where I went to the elementary school. [At the time] The town's population was composed by immigrants of various nationalities, mainly Japanese, and migrants from several states, besides having an indigenous reserve area. Thus, I was able to hear people speaking different foreign languages and accents from different regions of the country every day until eleven years old. I remember that my best friends were a *nissei* and a son of Syrian-Lebanese couple, in whose home I could overhear Japanese, Arabic, and Portuguese interchangeably. I also remember seeing people read foreign press, among others a Lebanese newspaper and different publications in Japanese, such as *São Paulo Shimbun*, which many inhabitants subscribed. It was also in Santópolis that I was able to accompany American cinema for years, and, on weekends, Japanese cinema, both with subtitles. During high school, which I attended on nearby towns, Tupã and Birigui, I had excellent English and French teachers. The access to school libraries was particularly relevant, since I was able to read hundreds of adventures translated books, among them the whole *Terramarear* collection (<http://marginalia.com.br/2015/11/16/colecao-terramarear/>). One of my brothers was a *Clube do Livro* subscriber, whose books of foreign literature I used to read. A key event my early adolescence was the reading of "Suplemento Literário" de *O Estado de São Paulo* (<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,no-suplemento-literario-o-encontro-de-several-generations,6862.0.htm>), a newspaper that my father used to subscribe. In "Suplemento", which I read from start to finish every week, I had contact with the translations of Augusto and Haroldo de Campos' translations and with the "Letras russas", column written by Boris Schnaiderman, with whom I would become friends decades later.

A.G./R.B.: *When does translation appear in your academic education? What has changed in the area of Translation Studies since your first contact until today that you consider to have been important or striking?*

W.C.C.: I had been interested in translation due to the reading of the concrete poets, published by supplements, magazines, and books. The wide range of Western and Eastern languages, modern and ancient, from the concrete repertoire, instilled in me the will of learning a number of foreign languages, both in regular language courses (English, French, Italian, German, Russian, Japanese) and by my own (Spanish, Romanian). However, it was during my studies at *Katholieke Universiteit Leuven* (KU Leuven) that translation practice took place on a daily basis. First of all, it happened at home since my wife, at the time, Sara Vergés Cabello, a Chilean, spoke Spanish with me and our two children, Hiran and Rodrigo, I spoke in Portuguese with them. When we had visitors who spoke English, Dutch or French, we were used to speak in these languages with them, but among us, we spoke Spanish and Portuguese. In other words, we practiced spoken translation all the time. At KU Leuven, I had, Joseph Lambert as a professor; at that time, he was a translation enthusiast and was beginning to establish, together with his Belgian, Dutch and Israeli colleagues, what would become the discipline of Translation Studies. I used to attend several academic events promoted by Lambert and his colleagues and had begun to read the emerging bibliography of the area. Lambert had begun to direct researches on translation and it was under his guidance that I wrote the thesis entitled *Un roman brésilien en français. Questions de traduction à propos de Grande Sertão: Veredas de J. Guimarães Rosa*. When I was hired as Spanish professor at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), translation began to be part of my academic practice. The Spanish area had started to offer courses on translation and version in language teaching undergraduate program since the first semesters and I often taught those courses. Later, in one of the many curriculum design changes, Translation Studies course was incorporated. At UFSC, I also started to work as a publisher, first at the Department of Teaching Methodology, and then at the Department of Foreign Languages and Literatures (DLLE), at both I worked 20 hours. At DLLE, I was called upon to cooperate to edit *Ilha do Desterro* journal and to work at the Postgraduate Program in English, then called PGI, by my colleague Carmen Rosa Caldas-Coulthard. At *Ilha do Desterro*, I organized the monographic issue *Translation/Tradução* in the first issue of 1987, and at PGI, I taught numerous courses on Translation, one of which in collaboration with Professor Malcolm Coulthard, who



would become later my advisor at the University of Birmingham, where, in 1992, I completed my Ph.D. on Jorge Luis Borges' translations into English.

A.G./R.B.: You have been translating regularly; How do you define your practice?

W.C.C.: My translation practice has been constant but, at the same time, not very systematic. I began to translate on a regular basis in Belgium, when, in the middle Romance Philology (French and Spanish) course, I began to work as a journalist at BRT (*Belgische Radio en Televisie*, Belgian Radio and Television) an official broadcaster, newly created for the Flemish community through the division of the former national single broadcaster. During four years, I translated press and news agencies' contents from Dutch into Spanish, and for one-year period I did the same work but into Brazilian Portuguese. I used to record those texts that were subsequently broadcasted in a short wave on the radio at night. What I translated the most over the years was poetry, generally for literary and academic journals, especially from Spanish, English and Dutch into Brazilian Portuguese. I translated the anthology *Paisagem com uma vela e abelhas assírias*, by the American poet, professor and translator Steven White (Florianópolis, Edições da Orla, 1995). I also translated poetry (Cruz e Sousa, Leonor Scliar-Cabral) from Brazilian Portuguese into Spanish, a very rewarding experience because both cases resulted in a multilingual edition (English, French and Spanish; English, French, Spanish and Hebrew) and which made possible to interact with colleagues such as Marie Helene Catherine Torres and Alexis Levitin. A special experience was the translation of two children's books from Dutch into Brazilian Portuguese: *Nina*, from the Flemish writer David Ausloos (Comboio de Corda, 2010) and *Zoeira esteve aqui*, from the Dutchman writer Edward van de Vendel (SM, 2011). The relationship with the publishers was excellent and I had the widest freedom; revision and text preparation were admirable, and performed with great delicacy and permanent consultation. I did a lot of collaborative translations and it is worth highlight some of these works. Together with Philippe Humblé, I translated, in 1993, *Sobre livros e leitura*, by Arthur Schopenhauer, a great success of the alternative publishing company Paraula (headquartered first in Porto Alegre and later in Florianópolis) which was reproduced by the journal *Buriti*, of *Fundação Biblioteca Nacional* (Brazilian Library

Foundation). Also, with Humblé, I translated some poems by the Flemish poet Paul van Ostaijen. Together with Cleber Teixeira, my great friend from the Noa Noa publishing house in Florianópolis, I translated poems by Octavio Paz. And with Andréia Guerini and Fabiano Seixas Fernandes, I translated *Maomé — uma biografia do profeta*, by Karen Armstrong (Companhia das Letras, 2002). Together with Andréia Guerini and Eclair Antônio Almeida Filho, I translated Leopardi's poems, published in the *Suplemento Literário de Minas Gerais*. In addition, with Rosario Lázaro Igoa, I translated some chronicles of Brazilian authors into Spanish, published in the Uruguayan press. Moreover, with Pablo Cardellino, I translated Cervantes and the Uruguayans Felisberto Hernández and Henry Trujillo, among others. Furthermore, with Luana Ferreira de Freitas, my wife, I translated the short story "A bugra" by Bram Stoker, published in the collection *Sombras de Carcosa — Contos de terror cósmico*, by Poetisa, from Piracicaba. Luana and I are currently preparing an anthology of Emily Dickinson's poetry.

A.G./R.B.: Do you understand or assume translation as authorship?

W.C.C.: Authorship in translation usually varies from text to text, according to its genre and degree of complexity, and from translator to translator, according to their competencies. Among with the quoted examples the answer of the previous question, I would say that the level of authorship was higher on the translation of poetry, on those of the two children's books, and on Felisberto Hernández and Bram Stoker's fiction translation. This level of authorship also depends on the reading and textualizing skills of the translator. I believe that these skills are translinguistic, although they are learned and developed in concrete languages. It also depends on the retextualising competence, which I believe to be a specific competence and which is both interlingual (re-creative capacity, from one linguistic-discursive system to another) and intralinguistic (paraphrasing capacity, within a linguistic-discursive system). We can also say that three important competences are involved on the translator's task: the encyclopedic, the lexical-idiomatic and stylistic competences. With regard to literary translation, things naturally become more complex. The level of authorship, as well as of cultural and aesthetic relevance, will depend on multiple factors present in the time and place of production, and in the time and





place of reading. So, it seems premature to me to say that translations have a shorter life than the source texts. If we look at the history of literatures and, therein, the history of translations, we can say that translations may present a greater lifetime, which is due to, among other factors, the fact that an important part of literary translations is made from source texts previously selected by the public and by critics. It is a fact that only a small part of the world's literary production is translated and a small part of this small part is constantly retranslated. Only histories of translated literature, such as the recent *The Oxford history of literary translation in english* (Oxford: Oxford University Press, 2005, 2006, 2008, 2011) e *Histoire des traductions en langue française* (Paris: Verdier, 2012, 2014, 2015) can commence to clarify the intricate production and reception process of literary translations and their importance to the international circulation of representations, themes and procedures, and the complex formation of the world literary system and the equally complex formation of regional, national and transnational subsystems.

A.G./R.B.: You were the founder of the journal *Cadernos de Tradução*, nowadays considered the leading journal of the area in Brazil, in which you participate as an associate editor. Please, comment on the journal's creation and how it fits into the academic context in relation to other journals.

W.C.C.: From early adolescence, I was a great reader of cultural magazines, such as the *Leitura*, *Anhembi*, *Brasiliense*, *Civilização Brasileira*, locally, and internationally, *Quinzaine Littéraire*, *Les Temps Modernes*, *Critique*, *Strumenti Critici*, *Europe*. During my time in Belgium (1974-1982), I was able to increase this list including large collection of academic journals of *Katholieke Universiteit Leuven*, both at the central library and at the sectorial library of Letters and Linguistics. During my Ph.D., at the University of Birmingham (1988-1992), I expanded even more the range of academic journals read, especially those published in English. It was with this framework of previous reading of cultural magazines and academic journals that the idea of publishing a journal dedicated to Translation Studies and which could be the voice of the newly created UFSC's working group (WT), at the Brazilian Post-graduate on Letters and Linguistic Association (ANPOLL), due to the invitation of the Translation WT coordinator at the ANPOLL, Maria Paula Frota, from the Pontifical

Catholic University of Rio de Janeiro (PUC-Rio), arose. *Cadernos de Tradução* began as an annual journal edited by my colleagues Marie Helene Catherine Torres, Mauri Furlan and I, as a unit of the newly created NUT (*Núcleo de Tradução*; Translation Centre) at UFSC. *Cadernos de Tradução* is run, since its first issue published in 1996, according to some principles: the restriction of local texts publication in opposition to the publication of national and international texts; the publication of texts written in foreign languages; the publication of reviews and the inclusion of all the currents of thought of the area. The journal was an immediate success and, gradually, it became stronger and gained prestige among researchers from the country and abroad. The major breakthrough happened when Andréia Guerini became editor-in-chief. The journal, which started to have the support of CNPq and the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), became professionalized and started to be published regularly and incorporated new sections, such as translation review, interviews and, lately, unpublished translations. An important milestone happened recently when, thanks to a relentless effort of the editor-in-chief with the then-doctoral student Letícia Goellner, *Cadernos de Tradução* was indexed at SciELO platform, which ensures that its rating, A1, in CAPES' Qualis is automatically renewed. *Cadernos de Tradução* is, therefore, the leading Translation Studies journal in Brazil, the country with the largest number of journals in the area. The international scene is dominated by journals from the Anglo-American world. This is explained by a number of reasons, including the relevance of large editorial groups such as Benjamins and Routledge, which control the fertile journal market in the current main *lingua franca*: English. Until now, major Brazilian publishing houses are not interested in publishing Translation Studies books and journals. Besides, all Brazilian journals are related to educational institutions and are of free online access, which makes Brazilian research, in the area, democratic and inclusive.

A.G./R.B.: You were the person in charge for the creation of the first Translation Studies Post-graduate program in the Brazil, at the Federal University of Santa Catarina, and provided support to the conception of specific programs in Translation Studies at other institutions, such as at the University of Brasília (UnB) and at the Federal University of Ceará (UFC).



Could you comment on this movement? How do you see the expansion of Translation Studies in Brazil?

W.C.C.: The creation of PGET, the Postgraduate Program in Translation Studies, at UFSC, was due to a combination of favorable factors, starting with the existence of a group of professors who were passionate about Translation and who grouped themselves at *Cadernos de Tradução* journal and at NUT. That is, at UFSC, the specialized journal has been created seven years before the specific program in Translation Studies. In addition to working at NUT and *Cadernos*, a small group of researchers already worked on a research line dedicated to Translation within the programs of Literature, English and Linguistics. This explains, in part, the reason to PGET meteoric upward trajectory: authorized in the second semester of 2003, it started its activities in the first semester of 2004, with an emblematic opening class by translator and professor Boris Schnaiderman, whose career inspires much of my institutional performance. On its first CAPES evaluation, the program had its rating changed into 4 and then the PhD program was authorized due to the new score, 5. In 2018, PGET has achieved score 6 on CAPES Quadrennial Evaluation and it is not unreasonable to think that maximum score, 7, can be achieved in the future. One of the factors that was relevant to PGET positive evaluation is the conduction of researches on Sign Language, specially the Brazilian case. Among the 345 theses and dissertations sustained at PGET (<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/88241>), from 2004 to 2018, many of them focused on translation and interpretation in Sign Language and Brazilian Sign Language. Another specific characteristic of the PGET is its relationship with Belgium, one of the countries (along with Netherlands and Israel) where Translation Studies was born. I pursued my undergraduate studies and master degree at KU Leuven, a trajectory shared by Philippe Humblé, who was a professor at UFSC for 25 years and nowadays teaches at Vrije Universiteit Brussel, Free University of Brussels (VUB). This aspect is complemented by another, equally relevant, the presence foreign professors (more than 20%) and the strong presence of visiting international professors at PGET. At one point, we got to have 6 foreign p at the same time, combining the possibilities offered by CAPES, CNPq, and UFSC itself. Among other visitors who collaborated on PGET international aspect, there are the English John Gledson (one of the greatest



specialists in Machado de Assis, and also translator of Machado and other Brazilian writers) and Malcolm Coulthard (one of the exponents of the British Discourse Analysis and one of the founders of Forensic Linguistics), the Belgian José Lambert and the German Berthold Zilly, professor of the *Freie Universität Berlin* (the Free University of Berlin) and one of the most important translators of Brazilian literature, who has been teaching and supervising at the PGET for seven years. Another characteristic of PGET was its attitude not only to welcome fellow researchers from national and international institutions but also to collaborate with the education of nondoctoral colleagues of institutions through the Interinstitutional doctore program, known as DINTER, funded by CAPES. Thus, PGET offered a DINTER program along with two federal institutions of the state of Paraíba, (Federal University of Paraíba (UFPB) and Federal University of Campina Grande (UFCG)), graduating nine doctors. Currently, PGET offers DINTER along with UFPA, and is in the process of training 15 Ph.D. students, all of them colleagues of different *campi*. In both cases, the program was coordinated by Marie Helene Catherine Torres; I was, and still am, quite engaged in both projects. The typical interdisciplinarity of the Translation Studies area, which interfaces with all areas of knowledge, got reinforced at PGET. This became quite clear recently, when PGET applied a project, under its coordination, to the joint public call for proposals 01/2018/PROPG/PESQ, to integrate the Internationalization Institutional Program (CAPES-PrInt). This project included nine other Post-graduate programs from UFSC, computing 32 participants and 16 different countries, with 36 foreign researchers and was approved by the Postgraduate Dean's Office and is awaiting implementation by CAPES. Specially through consultancies by Marie Helene Catherine Torres and I, PGET has helped colleagues from other universities to set up a specific program, or related, in Translation Studies. Over the years, Marie and I were consulted by colleagues from the University of Brasília (UnB), the Federal University of Paraíba (UFPB), the Federal University of Ceará (UFC), the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), Fluminense Federal University (UFF), the Federal University of Rio Grande do Sul (FURG) and the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN). From these consultations came the PosTrad, at UnB, whose foundation was led by Germana Henriques Pereira, and POET, at UFC, whose foundation was led by Luana Ferreira de Freitas. It is worth





mentioning that Freitas, has a B.A in Translation and a M.A. degree in Applied Linguistics by UnB, and both her Ph.D. and post-doctorate were done at UFSC, respectively, at the Postgraduate Program of Literature and at PGET; she is now a permanent member of the latter. With POET, where I am currently a visiting professor, my ties are especially strong. Due to my wife's hiring at UFC, I ended up requesting, and obtaining, a "technical collaboration" at UFC from 2013 to 2016. Thus, I was able to participate actively in the process of establishing the program; I continue to participate on its operation and strengthening, putting my experience accumulated at UFSC on its service. POET/PGET partnership resulted in a series of courses and joint events, in Fortaleza, Florianópolis and Brussels, as well as in Bragança and Belém (within the framework of DINTER PGET/UFPA), and in national colloquia as ABRALIC⁵ and ANPOLL.⁶ This partnership also extends to the participation in associations (ABRAPT, Translation Work Group of ANPOLL), the participation of PGET's professors as lecturers at POET (currently Marie Helene Catherine Torres and Silvana dos Santos Aguiar), the joint publication of books and the intense participation in commissions of both programs and the co-orientation of theses and dissertations. In terms of the field's expansion, Translation Studies have experienced a real explosion in Brazil. Thus, the Director of the Portuguese-Brazilian Department of Translation and Interpretation at the University of Heidelberg, Germany, Thomas Sträter, observed in his lecture on May 5th, 2018 at POET/UFC entitled "*Por que (Estudos da) Tradução?*" that Brazil is the country where Translation is investigated the most.

A.G./R.B.: How do you see the institutionalization of Translation Studies abroad?

W.C.C.: Despite the success of the discipline among researchers and publishing industry, especially in English, the institutionalization of Translation Studies abroad seems problematic to me. It is curious that the only country where the discipline has strong specific programs, and with a

⁵ Associação Brasileira de Literatura Comparada (Brazilian Association of Comparative Literature).

⁶ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Brazilian Association of Postgraduate studies and Research in Literature and Linguistics).

large number of masters, Ph.D. students and postdoctoral students, is Brazil. In most countries, what predominates are training programs for translators and interpreters, not for Translation Studies at Masters and Ph.D. levels. The UK stands out having a large number of master and doctorate programs, but this is due to the flexibility of British university, which allows that post-graduation *stricto sensu* be offered in a certain area with a reduced number of professors. It is also worth remembering other countries where the Translation Studies have an institutional insertion, starting with two traditionally strong countries: Belgium, more precisely in Flanders, where the former schools of interpretation were absorbed by KU Leuven, Universiteit Antwerpen, and VUB; and Canada, where the discipline is well established in several universities and where some of the most important international journals like *Meta* and *TTR* are edited. In Spain (with emphasis on Barcelona) and in Portugal, Translation Studies achieved an important institutional position. A new phenomenon is that Portuguese colleagues have preferred to publish, and hold many events in English.

More countries stand out: Turkey, South Africa, India, Australia, and Malaysia. China is the great novelty and seems to have embraced the Translation Studies cause, fostering a tradition that already existed in Hong Kong and Macao. In international publications in English, both in journals and in books, the presence of Chinese authors has become a constant. Here, we owe the current recognition of Translation Studies, in large part, to Sandra Regina Goulart Almeida, current president of the Federal University of Minas Gerais (UFMG). Before applying for UFMG vice-rectory, Sandra was the vice-coordinator of the area of Letters and Linguistics at CAPES. In this position, with the support of Dermeval da Hora, the then coordinator, she defended and promoted Translation Studies. Consequently, during da Hora's seven-year-mandate, Translation Studies were recognized by CAPES, and some of its representatives such as Andréia Guerini and myself, were systematically invited to participate on the evaluation committee of the programs, as well as other instances, like CAPES Thesis Award. During Dermeval's mandate, there were important gains in the area including, specifically, the recognition of article translation as article and translation of book as book.



A.G./R.B.: The bibliography on Translation Studies has been increasing exponentially since the creation of the discipline in the 70s/80s of the twentieth century. How do you assess such increase?

W.C.C.: The bibliography has been increasing a lot in the last years, surpassing other established disciplines. However, as usual, this growth is uneven, both in terms of languages and countries, and of subareas. Thus, in the last decades, we have seen an increase in the number of publications, mainly in English, and especially in previously unexplored areas such as interpretation (which has almost become an independent area), audiovisual translation, interpretation, and sign language translation. In contrast, sectors that existed prior to the discipline, such as Literary Translation Studies, have grown little on the international scene. In Brazil, Literary Translation Studies remain a strong area and constitute a significant part of national production. There is also the recent phenomenon of digital publishing, in which Brazil stands out, since all the works of public universities, such as program completion works, theses and dissertations are available online. It is a huge and valuable production, little known and little studied, and increasingly used. It would be important that this bibliography be better known, with free-access publication of critical bibliographies describing and evaluating this rich material.

A.G./R.B.: What still needs to be done for the field of Translation Studies advances and gains more visibility in the Brazil and abroad?

W.C.C.: The area is well established in terms of publication, with the limitations noted hereupon, but not in terms of institutionalization, which is what guarantees more visibility and a sustained development by giving access to stable funding sources. I believe that it is more a political-institutional problem than an academic one. One initiative that I believe to be essential is to increase dialogue with other disciplines, which means to increase dialogue with all of them. Another important initiative is that the research in Translation Studies be worldwide, that is, covering all continents, languages and cultures, and be multilingual. It should be noted that there were retrocession as well. In Germany, a pioneering and relevant country in several historical moments in the study of translation,

Translation Studies seem to face institutional difficulties. The same is true in France and even more so in the United States.

A.G./R.B.: How do you see the perception of the role and relevance of Translation outside academia? Has this perception changed? In what ways?

W.C.C.: It changed in some sectors; but there remains a long way to go. There are Translation prizes, especially literary ones; there are call for proposal of the *Fundação Biblioteca Nacional* (National Library Foundation) with scholarships for translators of Brazilian literary works to other languages. Huge publishers are more sensitive: they usually place the translator's name on the cover page and, in some cases, on the cover; instruct reviewers and copy editors to be tolerant to translators' choices; and also privilege direct translations whenever possible. Besides, some bad habits remain: on bookstore websites, translators are almost never mentioned and the same is true for a good number of program completion works, theses and dissertations in Translation Studies... Translators' copyrights are still very limited, with the exception of countries like Netherlands. At international level, the situation is not very different, although there are prizes, mainly, for literary translations. An important development is that of translators' houses, which are beginning to spread through several countries, including Brazil, through an initiative of colleagues from UFF and the National Library Foundation, which embraced the idea to which PGET actively participated.

A.G./R.B.: Still thinking about the previous question, what happens inside the Academy?

W.C.C.: We are far from the recognition of the relevance of Translation and Translation Studies. Even in Arts, where it is most recognized, and where much of the bibliography consists of translated works, there is a certain prejudice against the translated text as an object of research. I believe that the existence of well-qualified *stricto sensu* postgraduate programs can help in this process, which is necessarily long. The recognition of promotion agencies is equally important, and in Brazil, the situation is much more favorable than in other countries. However, despite the progress, Translation Studies are yet to be included as a sub-area in CNPq and CAPES.



A.G./R.B.: How do you see the future of translation and its study in an increasingly connected world?

W.C.C.: I think the future of Translation and Translation Studies will be very rich. Due to a happy conjunction of factors, wherein the Internet occupies the centerpiece, Translation is now available to everyone on the planet who dominates some linguistic system, and for “free” (actually paid by ads). The most visible aspect of this are machine translators, which have now reached such a level of sophistication, that any researcher can read any text, written in hundreds of languages from all continents in a quick and efficient way, especially, if that researcher has a good command of English and a few more languages. Potential problems can be corrected through a large number of online dictionaries, also funded by ads, most of which provide a translation interface such as Oxford, Cambridge and Larousse dictionaries, and hundreds of others. Another instrument for the progressive sophistication of machine translations are online matches, which are becoming more numerous and larger, covering a large number of languages.

I can show this, with an example, in the area of Translation Studies. For a long time, I have become interested in Jiří Levý (1926-1967), whom I first heard about in Leuven, in a course taught by José Lambert. Yesterday, in Florianópolis, and today, in Fortaleza, Lambert maintains the same admiration for his Czech colleague, who died so early. Levý, who has a gigantic work for the few years he lived, has significantly contributed not only to Translation Studies, but to Literary Studies as a whole, and more specifically, to the study of poetry and verse. Well, thanks to machine translators, dictionaries and matches, and including the command of a few foreign languages, I can now have direct access to the Czech text. As an experiment, I sought and found the Czech edition of his best-known work, *Umění překladau*, 1963, which got a first German translation, *Die literarische Übersetzung — Theorie einer Kunstgattung*, in 1963 and a translation into English only in 2011. I reproduce below the first paragraph of the Czech text, followed by its translation by the Google Translator and the translator Patrick Corness.

Text in Czech.	Translation from <i>Google Translate</i> to English on 04/09/18.	LEVÝ, Jiří. <i>The art of translation</i> . Translated by Patrick Corness. Edited with a critical foreword by Zuzana Jettmarová. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 2011, p. 3.
1. Všeobecná situace Literatura o překládání se jen zčásti pohybuje v rovině teoretické, do dnešního dne většina studií i knižních publikací nepřesahuje hranice empirických pozorování nebo esejistických aforismů.	1. General situation Literature on translating is only partly in the theoretical plane; to date, most studies and books publications does not go beyond boundaries of empirical observations or eseistic aphorisms.	1.1 An overview To date, writing on translation only partially belongs to the realm of theory, as most articles and monographs have been confined to empirical observation or essayistic aphorisms.

I highlighted in bold some problems of Google translation. Compared to the first automatic translations, this translation seems to me to be close to the kind of translation I need to get to know Jiří Levý's work from the Czech text, and of course, also exploring other foreign languages (including a little Russian) and my knowledge on Translation Studies. I am curious to extend this first experiment to Levý's other works on Translation Studies, such as *České teorie překladau* [Czech Theories of Translation], 1957, and to his numerous texts on versification.



INTERVIEW

Rodrigo D'AVILA⁷ and Yeo N'GANA⁸ with Albumita-Muguraş CONSTANTINESCU⁹

Muguraş Constantinescu is a Habilitated professor at the University of “Ştefan cel Mare” of Suceava, in Romania where she teaches translatology. She is editor-in-chief of the review *Atelier de Traduction*, director of the so-called collection “Studia doctoralia — Francophony and Translatology” and coordinator of the master in Theory and Practice of Translation of her university.

She authored several books including *Pratique de la traduction* [Translation Practice], 2002; *La traduction entre pratique et théorie* [Translation between theory and practice], 2005; *Les contes de Perrault en palimpseste* [Perrault's tales in palimpsest], 2006 by the University of Suceava Press; *Pour une lecture critique des traductions. Réflexions et pratiques* [Towards a critical reading of translations. Reflections and practices], 2013 by L'Harmattan, Paris, *Lire et traduire la littérature de jeunesse* [Read and translate youth literature], 2013 by Peter Lang, Brussels and, more recently, *La traduction sous la loupe — lectures critiques de textes traduits* [Translation under the lens — critical readings of translated texts], 2017 by Peter Lang, Brussels.

She has got an international career as a visiting professor at the Université Blaise-Pascal of Clermont-Ferrand, France, in 2004 and, in 2013, as a guest professor in charge of doctoral seminars at the University of Ottawa, Canada. She gave several lectures at the University of Geneva, Switzerland in 2014, at the National and Kapodistrian University of Athens, Greece, in 2014, at the University of Paris 8, France in 2015.

Her research activities include more than 40 articles, studies, and reviews published in periodicals of international reach: *Meta*, *Target*,

⁷ Federal University of Santa Catarina; CAPES, Brazil, rodrigodavilabraga@gmail.com.

⁸ Federal University of Santa Catarina, Brazil; Université Félix Houphouët Boigny, Cocody, Abidjã, Costa do Marfim, nganayeo@gmail.com.

⁹ University “Ştefan cel Mare” of Suceava, Romania, mugurasc@gmail.com.



Palimpsestes, TTR (Traduction — Terminologie — Rédaction), Tropelias, Cadernos de tradução, Quaderns. Revista de Traducción, Translationes, Atelier de traduction, Rielma, Ondina.

More than 35 chapters, dealing with translations history and criticism, were published internationally in collective books by: Picard, Frank & Timme, Lambert Lucas, L'Harmattan, Peter Lang, Honore Champion, Sorbonne Nouvelle Press, Blaise Pascal Press, University of Rouen Press, University of Bologna Press, etc.

She translated more than 15 books and book chapters including G. Genette, G. Durand, A. Montandon, Jean Burgos, J.J. Wunenburger, Pascal Bruckner, Raymond Jean, J. P. Courtine, Raymond Aron, René Louis, Alain Montandon.



RODRIGO D'AVILA and YEO N'GANA (D.R./Y.N.): *Let us start with your book **Towards a critical reading of translated texts**, published in April 2013 by L'Harmattan. How would you sum it up for an individual who is yet to read it?*

MUGURAȘ CONSTANTINESCU (M.C.): Let me point out that this book was completed in 2017 by the following, *La traduction sous la loupe* [Translation under the lens] by Peter Lang, which appeals to critical readings of translated texts and nuances anew the “critical reading” concept. I wanted, in these two books, to react to the existing concept of translations criticism based on the model Berman offers in his 1995 handbook *Pour une critique des traductions*. I deem the book coherent, well structured and very useful, still one cannot, as per the various translations a culture can provide, carry out such a structured criticism like Berman's. One has the choice between the Bermanian criticism and Lance Hewson's 2011 *An approach to translation criticism*, complete and extensive. One does have a simpler form of receiving a translation whereas for every original and national literature of each culture, there are various forms — reviews, chronicles, articles, studies. And there are few receiving forms for translation. Literary journals may often publish chronicles of the latest translated book without even mentioning that it is a translation. References are made to the original book but not to the translation and, therefore, no mention





of how the book was rendered in the foreign language, even if the section is called “translations chronicle.” Coming back to my books, when I say “towards a critical reading” I am referring to Berman’s book title, for I am suggesting something that precedes, nuances and completes this concept of “translations criticism.” A translated text must be received for what it is: a translation. Therefore, the confusion made in literary studies must cease. To consider the translation as if it were the original means to completely ignore the transformations applied to the text, what was lost and what was perhaps nuanced. Translatology has, furthermore, developed and reached some proportion, some dimension. Literary criticism exists since the 19th century and has made an evolution of its own, whereas, for translation, there is no specific range of reception forms.

D.R./Y.N.: So, you are in favor of translation criticisms and not a translation criticism?

M.C.: Yes, I think translation should be received by means of many simple or complex forms of criticism. One could conduct a monographic study or a thesis, for instance, which would consist of an extended study on the matter. But if one wishes to refer within a journal to a translation, one may limit oneself to a chronicle, a review, oftentimes, to a presentation. In the latter, one may dedicate few lines to how the text was rendered within the language of translation. A preface may also serve to introduce the translator and discuss his translation process. It is *grosso modo* the point in my two books. I am advocating, if you will, for an array of criticisms that, in either way, consider the translated text as a translation and which do not admit any confusion with the original, as it is too often the case.

D.R./Y.N.: I would like to go back to “more flexible,” as it drew my attention. What do you mean by a more flexible reading?

M.C.: It is a “critical reading” that should not strictly follow all the stages that Berman suggested for the reception of a text, for its complete critique. In a review aiming to establish a first contact with the public, one may choose not to put emphasis on the translation agenda, which is generally implicit. When I say “more flexible,” I am thinking of short forms that may decide to pass over in silence one step or another during an extended criticism of

translations, without being too curtailed. In a chronicle, one may be free of enumerating some of the translator's interesting solutions, if one considers them as creative or to report, if so, omissions that jeopardize the message of the translated text.

D.R./Y.N.: Can a translation be assessed?

M.C.: My answer will be manifold. In theory, a translation can be assessed, if one establishes criteria in rapport with the project that brings it into being. Unless the comparison of the original and the translation is included as an obligation, the evaluation will have no solid ground. For me, it is more interesting for a translation to be analyzed, commented, and explored. To think in terms of good or bad translation is not interesting. One should, instead, see whether the translation moves too much away from the original text or whether it is a translation that sacrifices culturemas. If one considers Le Clézio's case, I believe that the translator of his first books to Romanian was entirely responsible for the text's adjustments. One may assume that they were required by the editor, or that the translation zeitgeist of that time commanded those adjustments. Nowadays, the intellectual property shall be respected and this is not negotiable. There is a law on intellectual property which requires a translator's note that explicates the passages that have been shortened and why. It is a way to correctness. During the communist years, Le Clézio was abbreviated in his lists of trees and plants which offer, in fact, a look at nature that was fundamental for his context. Today, the thinking on translation has changed. One should put things in contexts and also see how such a vision developed at the editor's level. This is why it is important for a translation to be evaluated, putting it in context. If the first translator is severely judged in a time where notions like ecology and the notions of intellectual property alone were not that clear as they may seem today, then one risks carrying out inaccurate evaluations. One should not assess with today's criteria, a translation that has more than half a century of existence.

D.R./Y.N.: Is the original a metaphor? Actually, does "the original" exist? Or do we have "originals?"

M.C.: As for the popular tale, I believe that the nature of the original is more complicated. But, for a book like Genette's or Pascal Bruckner's, the original





exists, at least, from an editorial point of view. Well, it is not called original in his country, but “opus,” “latest novel,” “latest essay,” “book,” “textbook.” The original is, I think, a term that is utilized in a context of comparative analysis. One must give the text being translated a name, and then, as it is a convention, one talks of original and translation, text to be translated and translated text, source text and target text. If one assumes that each reader, including the translator, reads the text based on his subjectivity, his cultural horizon, his epoch, etc., then there are several originals. How does original go through translation? This is another issue. This explains why retranslating great authors mainly have become trendy. For each period of time, there is specific a world vision and language also evolves. It is then necessary that re-translations be published — especially of authors who lived, say, centuries back, or as well as of a book that has been published by a contemporary writer. However, if the book was published 40 years back, the translation becomes outdated, and linked to a specific language of a specific time. Therefore, “is there an original?” When a translator holds a 300-page opus in his hands, and I have no idea how many chapters he must render in his language, one may choose to call it original or not, but it is the source-text. For popular tales, it’s different. But for Perrault, who is a role model of scholarly tales, the text exists, even though he has got inspired by oral literature in the first place. There exists an authorial text which carries an entire palimpsest behind, but it is a concrete and palpable text with sentences, punctuation, illustrations.

D.R./Y.N.: Could you tell us how you became a translator?

M.C.: I think that I have very soon got what is called a translation impulsion. I was a high school pupil in my home town where I was learning French, which I quite loved. I was very interested, say, in deepening my knowledge about it, and then I would, on a regular basis, refer to textbooks in the limits the communist era permitted. As I was, at that time, also passionate by poetry, I decided to translate, on my own, a few Romanian poets. So, I translated some texts which I published, as a young translator, in the national journal. I have, thereafter, been selected at the “baccalauréat,” the university admission test. I studied at the Faculty of Arts with a double specialty French-Romanian. I was happy that, as a student, we could study literary texts in the translation classes, because we did have translation classes. I

was so much passionate about these classes that I would join them even out my program. In addition, I did a national exam to get the translator's "certificate," which did not serve me much because publishers already had their assigned translators. I could translate, during the communist era, fragments here and there which I published in a literary journal, to satisfy that desire, that translation pulsion. To some point, I translated some 17th century tales by Madame d'Aulnoy for my daughters. I used to translate what I was about to read to them. And when I tried to publish them, I was told that those were aristocratic tales with countesses, and that it wasn't the moment for that. At that time, I could not have my translations published. In return, I have been able to translate later as soon as communism failed, and the market opened and expanded. I met with Raymond Jean, novelist and lecturer at the University of Aix-en-Provence who came to visit Romania. He offered me a book entitled *La lectrice* [The reader], very interesting for its intertextual load. The author imagined a woman who studied Arts and was a little-enjoyed home, so she decided by way of "small ads" that she was going to give at-home readings on Maupassant, Mallarmé, Sade, etc. I then suggested my translation to Univers, a publisher that was specialized in foreign literature, which it considered a very good one and accepted it. Later on, I have got new proposals from Univers to carry out other translations. During twenty years, I translated books either suggested by me or by the editors (which interested me and were of my taste). All this happened during my spare time because I used to work a teacher of French. I have never been a paid translator, who depends only on translating. Now, I rather publish collaborative translations carried out with students and young colleagues. It is quite stimulating and gratifying as a solitary and individual translation. To sum up, I can say that translation marked my life at personal and professional levels and it continues to engross my attention and concerns me, either as an activity or as a subject of reflexion.

D.R./Y.N.: In 2008, you organized an International Colloquium entitled "Panait Istrati under the re-reading sign." What we are interested in is mainly the rereading. To translate is also to reread, to retell, and to rewrite. So, how do you read the "re" prefix from a philosophical standpoint?

M.C.: I think I was already responding to this while talking about retranslation. I would say that our time is somewhat placed under the "re"



sign. In translatology, one already talks of retranslation, in literature, one talks of rewriting and, in performance one says to revisit this or that text. If one expands in architecture when an old factory is transformed into a cultural center, that is called a building reconversion; and in ecology, one is exhorted, invited to reuse some product. We live in the “re” epoch and I think it is good because, on the one hand, one is more eco-friendly, more attentive to today’s world when one talks of reconversion and reuse, and, on the other hand, one becomes aware of the heritage, therefore a retranslation means that there were already one, two or three translations. It also means acknowledging evolution, a phenomenon, and a sequence that was built throughout re-translations. As for rewriting, it is more complex. I am directing a thesis about Perrault’s tales and their re-writing through translation. This implies that the candidate will study the existing translations of Perrault’s tales and that she is collecting the rewrites of Perrault’s texts. We privilege the rewrites that have been translated so that we can work on translations again. From the collection *Les contes de Perrault à travers le monde*, we consider Cendrion, for instance, and investigate her story in many countries, many cultures because, for us, it is also important to have the translation of that rewriting. It is very trendy, especially for tales, to offer a new version to famous existing tales, if possible one’s personal version. I purchased a book from your university bookstore called the Brazilian Cinderella — *Cinderela brasileira*. It is interesting to see that these fairy-tale characters, these patterns from tales have a new and adjusted life. And let me tell you, I came across a lot of *Little red riding hoods* where the wolf is innocent and naive, and the girl is the one who seduces him. During the centenary of Perrault’s tales, ten years back, in 1997, a collection was published in France entitled *Perrault’s tales reviewed by*, rewritten for adults by many contemporary authors.

One is thus within the rewriting. And, there is a re-writing, for instance, for *Sleeping Beauty*. I have seen a very interesting book by the Moroccan writer Tahar Ben Jelloun, *My Perrault tales*. He gave them a new touch, a Maghrebian one. I could notice too that many illustrators give fairytales a new reading by means of their illustrations, more erotic, more enchanting, depending, or on the contrary, gloomier.

D.R./Y.N.: How do you evaluate the circulation of Eminescu works in Romania, say, in Europe overall? Was translation important in such trajectory?

M.C.: In Romania, Eminescu is our national poet and his writings circulate well. Regarding the translations of his works, this issue is a bit complex and hard to determine. He was widely translated in many European languages and outside the old continent. Eighty languages were identified within which he was translated, the well-known being: German, French, English, Spanish, Portuguese, Italian, Greek, Russian, Chinese, Korean, and the less known Catalan, Malagasy, Lithuanian.

If my information is correct, Eminescu is also translated in Brazil with titles like: Eminescu, Mihai: *25 poemas do amor romântico* [25 poems of romantic love] (anthology), Fortaleza: Expressão Gráfica, 2004; e Eminescu, Mihai: *Vésper* [Dawn], Fortaleza: Cearte, 1989; São Paulo: Giordano, 1994. Translation has contributed to make him the national poet of Romania, though his universe depth and density are hardly rendered, as well as the philosophical dimension that underlies them. I shall consider the French translations which I know better. Since he died, up-to-now, many translators have tried to render him in French: Rea Ipcar, Nicolae Jorga and Septime Gorceix, Pierre Nicolesco, L. Barral, Marguerite Miller-Verghy, S. Pavès, Hubert Juin, Georges Barthouil and Ilinca Barthouil-Ionesco, Annie Bentoiu, Dimitire Suchianu, Veturia Draganescu, Michel Stériade, Alain Bosquet, Alain Guillermou, Paul Miclău, Jean-Louis Courriol, Elisabeta Isanos, Maria Vodă Căpușan, Ariadna Combes, Emanoil Marcu, Théodor Cazaban, Miron Kiropol, Michel Wattremez Constantin Frosin, among others. It shall be noted that the translations of Eminescu did not help him because he was often given a precious and toned down dimension that looks, at any cost, for rhyme and prosody. According to Benjamin Fondane, poet and vanguard translator, there was no Eminescu up to 1933, “a giant whose language is so marvelous that it is impossible to find its equivalent in another tongue,” “was not rendered in French,” or only a few poems were transformed in “Threepenny novels” (1933). This is explained by his “revolution within a European lyric stream,” notably romantism, delayed during his time, and his late translation, in full modernism. For Irina Mavrodin, a distinguished translator and editor, Eminescu’s misfortune in French has to do with the language of translation, of which the structure is more analytical than Romanian’s, therefore, it lengthens and dilutes





translations. To this, one can add translators' mishandling which, on top of anything, gives rhyme and traditional prosody priority, embellishing Eminescu's poetry instead of proposing an innovative reading-translation that cares about the poetic specificities, its lexical flavor and its internal musicality. Miron Kiropol, one of the bests and more recent translators of Eminescu who considers translation as a concrete re-creation act, believes that the blame lies with those who felt under the "temptation of versifying didactically" his poetry, turning him into a "below Chenier," instead of "just modernizing the great poet," and suggest a reading that is compatible with the contemporary public.¹⁰ Another phenomenon related to the translation of Eminescu is that many translations, even those that meet the contemporary reader's taste where the internal musicality and the key words of the Eminescian universe are preserved, still raise some interest among Romanian publishers and circulate in Romania. Thus, modern translations are mainly published in Romania and do not really circulate beyond the borders. The point is not to convince the Romanian reader of Eminescu's importance, but to help promote him outside. However, I can tell you good stuff about the translation of Eminescu's prose, which I've got the opportunity to investigate. Eminescu has also published tales, popular in the beginning, to which he gave a form that was much more lyrical with images typical of his universe. And one of those tales is *Beau vaillant né d'une larme*. It is the story of a beautiful prince, born out of the tears of a queen who cannot bear children, but who is under the Virgin Mary protection. I was taken by surprise to find out that the first translation of this tale was carried out by the French Jules le Brun who had been a French teacher in Romania and knew Romanian as well. A year later, in 1890, after the 'word' of the great writer, the tale was published with *Rhapsodies roumaines*, a generic title which benefited from a special printing of the *Semteur*, a literary and artistic review published in Lausanne. The translation had no signature but it belonged to the same translator who had it published in 1894 in Paris in the collection called *Sept contes roumains*, Librairie de Firmin-Didot, then under the name of Jules le Brun. He kept many words, especially Romanian ones, difficult to translate, intact in their original outfits. Then he provided a lot of footnotes about this tale

¹⁰ EMINESCU, Mihai; KIROPOL, Miron. *Poésies / Poezii: comment lire Eminescu en français*. Bucareşti: Albatros, 2001, p. 6.

where those words are explained as well as his translation process. That happened in the end of the 19th century! It is more frequent now, mainly in the post-colonial literature permeated with terms borrowed from the original culture. At that time, he had this intuition that I really appreciated. He then explained how he made the choice of notes. Not distant from us, a young translator, Michel Wattremez, rendered Eminescu's prose and poetry to French for Actes Sud, where a collection of Romanian Literature was created. It is thanks to this professor I told you about, Irina Mavrodin, founder-director of the review *Atelier de Traduction*, a great translator of among other Proust, that this collection came to life. Eminescu's prose was well rendered in French. Though the contemporary public is overwhelmed by a great number of books published on a saturated market, still there are readers interested in Eminescu's prose. Michel Wattremez also succeeded in rendering a large part of Eminescu posthumous works to French.

D.R./Y.N.: What is the literature translated in Romania today?

M.C.: Here comes an extended answer! Nowadays, we translate from all languages, all cultures, all genres, and all styles to Romanian. Like in many countries, great awards, be national or international, such as Nobel prizes are translated as fast as possible. We try to be updated. There are publishers that are not so strong and which have collections like, for instance, the series dedicated to Le Clézio, by the publisher Art, one of the French novelists awarded with the Nobel Prize. The publisher Polirom has the Modiano series, another Nobel and Humanitas have Coelho's as one of the worldwide bestsellers, and examples like these could keep going. Great Japanese, Swedish, Norwegian, African, Maghrebian writers and other cultures are translated. About ten or fifteen years now, Univers has a series dedicated to Brazilian literature. We've translated writers like: Érico Verissimo, Luis Fernando Verissimo, Moacyr Scliar, José Mauro de Vasconcelos, Clarice Lispector, João Paulo Cuenca, Patrícia Melo, Paolo Lins, Alberto Mussa, among others. In Romania, like in other countries, translation controls the editorial market, even though there is a national literature which is not less interesting. Besides, one may add the translation of youth literature, of textbooks from Humanities, a very important area, as well as Artistic, philosophical, technical and scientific manuals. One must not forget that manuals dealing with ecology are



given a lot of translations! The editorial market of translations is really extended and shall not be limited to literary texts.

D.R./Y.N.: What is the future for translation in Romania?

M.C.: From a cultural standpoint, I think that Romania is what one may call a “translating culture.” We translate since the 16th century, and have started with religious texts. It is a translating country from literary and humanistic points of view, including other areas. Considering such past and today’s context, I believe that one may foresee a bright future for translation. With our Master called “Theory and Practice of Translation,” we train our graduates for editorial translation, chiefly, in the Humanities. There, we practice, as I already mentioned, a collaborative translation and it works very well. I believe that we will continue doing it. Translation has a dialogic dimension; it means openness to the other. One must acknowledge that there is an asymmetry between a well-known culture and a culture that strives to be known, like ours and maybe yours. I have been positively surprised to see that, here in Brazil, people know of Ionescu’s theater as well as his fairytales. Dirce Waltrick do Amarante has translated Ionescu’s tales, which have also come to be translated in Romania, because he wrote them in French. Furthermore, Visniec is a writer that we know as a bicultural because he lives sometimes in Romania, sometimes in France. This is someone from our region, so we know him. He often comes to our university. Knowing that his work is translated and performed here was another surprise too. He is a contemporary writer. To summarize my response, translation will continue in Romania and in the world. And it is good that it can keep going.

D.R./Y.N.: What place do you think translation theories occupy in the translation practice in general?

M.C.: Here too, my answer is plural. I believe that a translator may not know translation theories and still be a good translator. But I also think that translatology, in an insidious manner, succeeds in somewhat impacting, for instance, trends like retranslation based on a translation lifetime. There exists the idea that a translation, to some extent, may become old, obsolete and may be felt as something outdated, and that one must retranslate

the text for the contemporary audience. Moreover, I think that each translator bears, more or less consciously, a vision on translation when he is working. This is what the well-known Belgian translator and translator scholar Françoise Wuilmart referred to — in her lecture at the World Congress of Translatology in April 2017 at the Université Paris Nanterre — as the translator's unconscious methodologies. The latter has some ideas about translation, though he does not theorize nor expose them. And a real translator adjusts this translating vision from one text to another because texts are, oftentimes, very different or very distant from one another. My thoughts go to Irina Mavrodin who translated a little bit of everything: poetry, Proust, Bachelard, Mme de Staël, Mme de Sévigné, Gide, Camus, and many others. One visualizes here a diversity of styles and genres. I think that, implicitly, every translator has his own vision of translation.

D.R./Y.N.: Isn't the absence of translators' opinions on translations due to the fact that the publishers fail to enable it? Besides, is one not inclined to question whether it is socially important to study translation?

M.C.: Yes, indeed. It is vital. But I have observed a tendency in translators' prefaces in Romania, principally when they are both academics and translators. In which case, they sketch a criticism on previous translations to justify, for instance, their (re)translation of *Madame Bovary*. Comments on this or that translation were observed in forums and blogs, so that means there is a new form of debate on translations. Translators express themselves either in prefaces, or on the internet, or on blogs, which may perhaps be the trend today. A timid tendency though, but which is on its way to growth. I won't say that the translator's voice is inaudible in Romania, or that he has no right to expression. Let me give you an incredible example, if not surprising, of a very important translator who worked with Portuguese and Brazilian literature. Her name is Micaela Ghițescu. A very renowned Romanian publisher, Humanitas, suggested her to write a book on her experience as a translator. She did it, also including the story of her own life, because she was imprisoned during the communist regime, wherein she had no right to teaching; and translation, for her, was, at the beginning, but a means to survive. It became later a real passion. Another translator, Irina Mavrodin, also published essays on translation on the request of Scrisul Românesc, her editor.





D.R./Y.N.: Does the translator have the right to alter the “original” text?

M.C.: My say on this is much nuanced. In theory, no. The translator should not alter the original while translating it. But, there are cases like adaptations, i.e., abridged versions where the text will be modified in the lee of these labels, which are to appear on the title page to differentiate it from the translation. But, even though the text is entirely maintained, the translator can “alter” the original, in a more perfid way, offering his own reading of the text that he is translating, not the plurality of readings the original offers.

To be more precise, let me give you an example. I have studied many translations of Mallarmé and you know Mallarmé is master in ambiguity, willing to express many things with the same text. Here, I think this ambiguity must be absolutely maintained. Therefore, the true translator will not choose one of the possible readings for a text by Mallarmé, for a sentence by Proust, for a writer who uses such a pluralistic reading style. Issues appear differently in a scientific text or a text in Humanities where one does not have any real choice but to keep in the precision. But for literary translation, time inscribes, unwillingly, its footprint within the text. When a translator translates, he is in his time. It is difficult to remain distant. For example, I published the translation of Perrault’s tales twenty years now. Today, I would like to retranslate them because I have, by then, got more interested in theories about translation. Now I would do the translation otherwise. But I can affirm that I have made good choices, from a cultural point of view. I did not abandon the “sauce Robert” that the Ogress Queen loves (this so-called sauce Robert can be found in *La Belle au bois dormant*, which translators generally delete for they consider it as a detail of no significance to Romanians). Still I believe that it is good to provide a detail, even to a kid, that may instill his curiosity, “what does the sauce Robert stand for?”

D.R./Y.N.: Is the translator the author of the translated text? Is he accountable for the final product?

M.C.: Based on the various translation contracts that I’ve got, I shall tell you that the translator is therein called, at least in my country, author and he is accountable for his version. Then, the editor comes with his own requirements. The translator is therefore not alone in the editorial process that leads to the publication of a translation. In some of the contracts that I

signed, they stipulated that it is on the editor to choose the title. The latter is very often controversial. For example, Camus had proposed another title, but it is the publisher Gallimard that decided that *L'étranger* would be the title. In the translation chain, once the translator delivers the translation to the editor, an “associate editor,” a “proofreader” reads the text afresh and begins to negotiate this or that choice with the translator. Discussions are, in general, friendly and constructive to some extent. I would say that the translator shares responsibility for the translated text with his or her editor. He is not the sole responsible. An editor plays a practical role in the concrete production of a book, which happens through dialogue. In two specific occasions, the editor's titles were catchier for the public, but sometimes, I had to come up defending “mines.” In addition, I politely refused some of the editor's proposals for Genette's book, chiefly, because I had the opportunity to exchange ideas with the author and also had good arguments. The negotiations between translator, associate editor, editor (in charge of the collection) aims to make sure the book is well received by the audience. One forms a team. This is, at least, my experience.

D.R./Y.N.: Does the translator have the right to be creative before the original, mainly if the latter is a classical opus?

M.C.: I believe that there is room for creativity in almost all translations, still a creativity that is controlled by the original, by a certain framework. We cannot add metaphors that do not exist, we cannot change the characters. There are, thus, limits imposed by the original, otherwise one falls in a rewriting, a replica, a parody, a pastiche based on the original. Let us consider a literary text in which the source text is very nuanced, very rich in connotations and that a less confident translator, say, renders a flat, neutral, correct text where some of the connotations or symbolic resources are lost. Here, I believe that the translator must be confident enough to explore his language. This regardless that one who knows very well one's language, one may often feel, during the translation process, some dissatisfaction towards it. But if one delves deeper, if one searches, if one considers synonyms, if one takes other texts into account, one may find out an archaic term, a rare word that copes with the situation without altering the text's tone. One should choose a bizarre word or opt for a more neutral solution if the text possesses such richness. Leaving aside the predictable



solution, the translator can be more creative and explore more of his own language. Sometimes, creativity goes with temerity, I guess.

D.R./Y.N.: How important do you consider the history of translation and the translation historiography to be?

M.C.: For me, it is a very crucial project that every culture should have. It is vital for a people to elaborate a history of translations like it is the case with literary histories in every culture. That would help acknowledge the contribution of the translation to nations' literature and heritages. Translation has expanded the Romanian language with new words, helped circulate ideas, scientific terminologies, etc. I have already explored this project of translation recognition as part of the national heritage. But this can only be done in team work through a history of translations in Romanian. Translators like Odobescu defended, in the earlier 19th century, that the Romanian language has the opportunity to evolve as a literary language by means of translations. They thought of it as an occasion to modulate the national language, through translations, when the language of the literature is still not well-formed. A few times now, studies have started to emerge on the history of translations, mainly in universities. For example, Georgiana Badea, my colleague from Timisoara, has published registers on translations and translators to other languages. I, myself, have created, at the university, a collection of translatology where the history of translations is well-placed. My doctoral students have given this history a sequence through their works on Balzac, Flaubert, Maupassant, Mérimée, Verne, Voronca, Fondane, Istrati, Maalouf, Ionescu, Beckett, Le Clézio, among other writers. We've discovered and worked on texts that had never been approached from a translation perspective, and which contribute to the history of translations. We've got a lot of resources already elaborated, such as the Dictionary of the novel translated into Romanian, and national Bibliographies that are essential for the development of a history of translations. I am organizing, this year, in October, a colloquium for the celebration of the centenary of the Grand Union, entitled "100 years of translations in Romanian 1918-2018." It will undoubtedly be a decisive step to begin this large-scale and long-term project "A history of translations in the Romanian language from 16th to 20th centuries." I promise you will soon have some news.

INTERVIEW

Marie Helene Catherine TORRES¹¹ with Georges BASTIN¹²

Georges Bastin is a full professor of the Translation and Linguistic Department at the University of Montréal in Canada. He is in charge of the HISTAL Research Group (History of Translation in Latin America) and is the chief editor of *Meta: Translators' Journal*. He is interested in every issue related to translation in Latin America, especially in Venezuela. His favorite topics include independence, old press, and language activities of Franciscan and Jesuits. With regard to teaching, he is concerned with re-expression aspects, that is, translation as an onomasiological activity. He works specially on writing and self-editing techniques. In theory, Georges L. Bastin is particularly passionate about the translator's deliberate interventions, such as adaptation and appropriation.



MARIE HELENE CATHERINE TORRES (M.H.C.T.): You are Belgian and have long been working in Canada, with a few year incursions in Venezuela. Could you have a say on your academic path? On your training?

GEORGES BASTIN (G.B.): I concluded a license in translation at the University of Mons in 1974. Then, I joined an international cooperation in Venezuela as a translator and interpreter for a Latin-American labor organization. In 1978, I began to teach translation and interpretation at the Central University of Venezuela (CUV). I was in charge of the Spanish-French translation course as well as note taking (introduction to consecutive interpretation), and consecutive and simultaneous interpretation at all levels.

¹¹ Federal University of Santa Catarina; Federal University of Ceará; CNPq, Brazil, marie.helene.torres@gmail.com.

¹² University of Montréal, Canada, georges.bastin@umontreal.ca.





In 1987, I went to Paris to do a doctorate focused on the notion of adaptation in translation at ESIT, which I concluded in 1990. In fact, I had already adapted Jean Delisle's *L'analyse du discours comme méthode de traduction* at CUV as a promotional activity. Written in French, the original aimed to train learners at the English-French translation. My Spanish adaptation targeted future French to Spanish translators. Yet, I personally felt a lack of theoretical reflections on that practice (adaptation) which I pretended to rehabilitate. On my return from Venezuela, I continued teaching and, above all, I created and managed the translation and interpretation department. At that time, translation teachers belonged to the department of their respective languages. After a sabbatical year at the University of Montréal from 1996 to 1997, I decided to migrate to Canada in 1998 to work at the University of Montréal where I will remain for a couple of years.

M.H.C.T.: Be it at a personal or professional level, where have your passion for translation come from? And how have you begun your career as a translator and interpreter? Have you set aside your translation aptitudes? Or do you still translate?

G.B.: When it came to make a choice for my college journey, I knew that I wanted to specialize in modern languages, but I wanted to learn them not through philology, or literature, or linguistics, but in their contemporary usage. After I had listened to testimonies from professional translators, I then chose translation. I have got some small translation contracts in Belgium (Dutch-French), but I really started my career as a professional translator-interpreter in Venezuela. I quickly understood that a 9 a.m. to 5 p.m. job was not what I wanted. When I got the chance to teach at CUV, I did not hesitate. But I have never ceased working on the professional market and practicing it in my research activities. As a matter of fact, I believe that it would be impossible for me to teach translation without practicing it myself. For it is, in fact, my translation and interpreting activity that helped me bend to the re-expression challenges, and to editing and self-editing techniques. It is also what enlightened me during my research on the History of Translation.

M.H.C.T.: You've written a lot on the differences and resemblances between translation and adaptation. Would you have a say on that?

G.B.: Since my first mandates as a translator and interpreter, I realized that this was neither a purely linguistic activity nor an automatic one, and that the translator had a great room for manoeuvre in his re-expression of texts and discourses. I always kept myself from being a parrot! When, for my CUV classes, I undertook the Spanish version of Jean Delisle's textbook, I promptly understood that it was more than mere translation. I had to adapt that textbook to my Venezuelan students far different from Delisle's Canadian ones. Therefore, I decided to alter the book's working languages (French-Spanish instead of English-French) while maintaining the theoretical foundations of the original. This modification called for a number of interventions from me: a new educational context, new examples and new references to illustrate the method's foundations and, above all, new learning objectives adjusted to the new working languages. This adaptation activity convinced me of the need for a theoretical reflection on that matter, which was indispensable owing to the vagueness that the notion of adaptation involved that time. My ESIT doctoral thesis helped me prove that adaptation was either timely or global. Timely means a voguish translation activity based on the language of the text (including words, expressions or passages) and, altogether, an optional tactic or global, that is, a coherent and global strategy depending not on the text itself but on the communication act. Thus, global adaptation differs from translation per se, for the latter copes with the "purpose" or the sense while adaptation focuses on the scope transfer or on the function of verbal communication acts. Unlike the Chinese "translation" which had maintained all the original examples, references, and objectives and, therefore, have lost the eminently didactic function of the original, my version could preserve that function, that of training Venezuelan students to translate from French to Spanish and not simply "inform" them about the English-French translation. Thence, adaptation demands a functional equivalence which manifests itself through the translator's creative and subjective decisions according to the scope of the original and to the target readers' needs.

*M.H.C.T.: You are the chief-editor of **Meta**. When and how was it created? What do you consider the key moments of its history?*

G.B.: *Meta* started in 1995 as a "Journal for translators," that is, a periodical of professional translators notably under Jean-Paul Vinay's direction. The



journal's first 40 issues, relatively anecdotal though revealing of the debuts of translation in Canada, are being digitalized and will soon be available online on Erudit's website (<erudit.org>). Ten years later, in 1966, under André Clas's impulsion, it became scholarly and published by the University of Montréal Press. During 40 years, *Meta* was directed by André Clas who made it one of the best specialized translation journals in the world. In 1998, it became the main periodical of the Érudit electronic platform, where it is disseminated online. The journal is, up-to-now, open access with a one-year movable restriction. It is likely to become, in the future, a full open access journal. As Sylvie Vandaele assumed replacing André Clas in 2008, she began to modernize the journal revising both its style sheet and the peer assessment process. The number of issues was reduced from 4 to 3 a year. I took on the direction in 2014. The journal possesses a database with 2,300 contacts and 650 assessors from 35 countries. The average rejected articles is close to 75% (more or less 120 per year). *Meta* is more than never a fundamental reference in the world of translation studies, and praised by university scholars worldwide. An average of 200,000 people access it per year and about 1 million pages are read.

M.H.C.T.: What is Meta's publication policy? Do you follow specific rules? Have you involved your team or contributors in the journal reshaping? It seems that 50% of the articles must be published in French? Why?

G.B.: *Meta* publishes mainly feature articles (10 per issue) and reviews. *Meta* does not accept but original scientific articles (translations exceptionally) about translation, interpretation, terminology and other linguistic issues related to French, English and Spanish (another language would be an exception). Every article is anonymously assessed by 2 to 3 experts in the field under consideration. Articles must have from 8,000 to 11,000 words in English, French or Spanish and authors must sign an original status form and abide by the journal style sheet. Regarding the French issue, one of our granting agencies, the *Fonds de recherche du Québec — Société et culture* (FRQSC) highly suggests that French content be dominant. This explains why we insist that authors submit their articles in French. It is worth mentioning that *Meta* publishes one special issue per year. These issues are thematic-based and directed by foreign colleagues. Issues of this kind are highly demanded, but we remain reserved on the question until

2025... Considering that demand, we agreed to publish special issues but their funding (about: CDN\$ 10,000) is entirely on the issue organizer's account.

M.H.C.T.: You are an expert in translatology, as Canadians call it, with a particular focus on the translator. Could you talk about the current state of your research? Which of your main publications would you suggest concerning such topics?

G.B.: My research interests concern the history of translation in Latin-America and the teaching of translation, especially writing and editing. With regard to history, I am now working on my fourth great project: travel narratives translated in Venezuela and Colombia in the 18th and 19th centuries, entitled: *Le regard de l'Autre* [The Other's sight]. Previous works focused on Venezuela: the founding documents of the political liberation, independence periodicals, and the spiritual conquest. The biggest part of my research papers on history are available in our website, except the one on Eurocentrism, which was published in 2017 in *Perspectives*, issue n. 25. Two studies, developed in collaboration with my colleague (say, my friend!) Álvaro Echeverri, are coming. The first study concerns the entry referring to *South America* in *A world atlas of Translation Studies* edited by Yves Gambier and Ubaldo Stecconi, and published by John Benjamins. The second study, *Translation in Latin America*, will be published in *The Routledge handbook of spanish Translation Studies* edited by Roberto Valdeón and África Vidal Claramonte. In *The Routledge encyclopedia of Translation Studies* forthcoming new edition, I have updated my entry on adaptation. I have knowledge that UnB is willing to publish the Portuguese version of my little book, *Profession traducteur*, written in collaboration with my colleague Monique Cormier. This little opus is part of a collection for students in search of information about a university career. Concerning the history of translation, I would like to call to attention the recent publication of a book that broadens and delves into the very nature of history as a non-neutral discipline and raises afresh the issue of translators' ethics. I am referring to *La traducción y la(s) Historia(s) — Nuevas vías para la investigación* by María Carmen África Vidal Claramonte published in 2018 by Editorial Comares.

M.H.C.T.: Which courses are you giving in the University of Montréal at the graduate, master and doctorate levels?





G.B.: At the graduate level, I teach the translation methodology, that is, the first course of general translation, which aims at providing students with the required tools for the comprehension and re-expression of general texts and writing techniques in French. As for the professional master, I am in charge of the compulsory course of editing and advanced writing. And, at the doctorate level, I conduct a mandatory seminar of guided-readings in translatology. This is a seminar that prepares the student for the first part of the comprehensive examination which focuses on theoretical abilities, whose second part relates to the thesis project proposal. The seminar comprises theoretical readings (articles or book chapters) including full books that are subject to class presentations, discussions as well as written reviews.

M.H.C.T.: How many doctoral theses have you directed and how many are you directing today? What are the topics?

G.B.: I directed (or co-directed) 9 doctoral theses and I am currently directing (or co-directing) 6. Topics are rather diverse: translation pedagogy, volunteer translation, adverts translation, colonial press, French protectorate in Morocco, audio-visual translation, translation aesthetics and translation as a paradiplomatic tool, political censorship, translation history in Lebanon, the translations of *Popol-Vuh*, imagology, and subtitling in Japan.

M.H.C.T.: The issue of internationalization being on the spot in Brazil, we would like to know if your students are Canadian, or if they come from other parts of the world. In which languages can they write their thesis?

G.B.: Yes, quite half of my doctorate candidates are not Canadians, and I seldom advise students without a good command of French. They are from different origins: Morocco, France, Italy, Iran, Colombia, Mexico, and Venezuela. UdeM is a francophone university, and proud of it. To write a thesis in a language other than French, the student must make a request. Among other acceptance criteria are the research topic or the thesis working language, as well as the student profile. As a result, I have got two students defend in Spanish and one will soon do it in Portuguese.

M.H.C.T.: You founded the HISTAL research group — History of translation in Latin America. Could you explain how and in which context the project came to light?

G.B.: The virus of history affected me in Venezuela during my writing, for *Routledge encyclopedia*, of the entry on Hispanic America. On my return to Canada, I got a three-year research grant (CRSH) to investigate the translation of the independence founding documents in Venezuela: the Declaration of Human Rights, the philosophical writings of Thomas Paine and John McCulloch, the US Constitution, Viscardo y Guzman's letter to Spanish-Americans, the Carmagnole, etc. The institutionalization of this research group and the creation of a website (<www.histal.net>) were instilled by the Colombian students who participated in that project. The idea behind the site was, as mentioned in the presentation: "to offer a space for experience sharing in the area of Latin American translation history, a meeting point to share information with every individual interested in the history of translation in Latin America. This will result in a real debate, and we will all participate in the study and enhance the various contributions of Latin-Americans and foreigners, throughout history, to the practice and development of translation activity in that part of the American continent." Since then, the website has never ceased to expand, and I invite each and every one willing to contribute to send us an e-mail.

M.H.C.T.: What are the translation axes the HISTAL project is interested in? And why?

G.B.: As the name indicates, the group is interested in all the aspects of translation in Latin America. In addition to the first project already mentioned, we worked on the independence press in Venezuela (1808 to 1822). We also examined six periodical published during the 24 crucial years of Venezuelan history. The main outcome of this research is Aura Navarro's doctoral thesis which focused on the main journals of that time: *Gaceta de Caracas* which is yet to be published this year in Spanish in a collection called *Vertere* of the Valladolid University *Hermeneus* journal. The project highlighted a series of translation strategies and emphasized on the importance of contemplating intertextuality. The following project focused on the spiritual conquest, i.e., translating catechisms, prayer books,





doctrines, confession books, etc. to native languages. Instead of comparing the languages in contact, paratexts proved useful to fathoming the missionaries' vision on native languages and cultures, as they also helped see how the various religious orders were translated. We've just started a new project on travel narratives in Venezuela and Colombia in the 18th and 19th centuries. The investigation aims at figuring out the motivations of the Spanish translation of these narratives and the impact those translations had on the identity issue in the receiving countries. Beside, the website contains many documents related to other Latin American countries. And, we frequently receive trainees from Europe and many other Latin American countries. The group's *raison d'être* is above all to identify the translational heritage of the region, to highlight the political, ideological, cultural and social role the translation played, but also to connect the diverse researchers interested in the question. The group's vision on history is clearly a Latin-Americanist one, which distanced itself from Eurocentrist approaches.

M.H.C.T.: Brazil is one the country-culture that participates in the HISTAL project. How has this integration happened?

G.B.: The presentation of our site is very clear: “The main objective of the HISTAL's website is to offer a space for experience sharing in the area of Latin American translation history, including Brazil.” In fact, since the beginning, we adopted an extended definition of Latin America where Brazil could not be excluded, Spanish-speaking Caribe either, for linguistic, cultural and historical reasons. The first visits of our members to Brazil revealed a translation world excessively rich in training programs and publications. This is how we came to include the Portuguese language. As a consequence, we had to expand the “documents” section with more texts in Portuguese, which was relatively easy. Needless to say that we still have a long way to go. We call on all Brazilian students and colleagues to help us enrich the website and promote Brazilian heritage.

M.H.C.T.: You visit Brazilian Universities very often. Could talk about your relations with the Brazilian research centers in Translation Studies? Don't you believe it would be profitable, for both sides of course, to include Canadian researchers in Brazilian research groups and Brazilian researchers in Canadian research groups? We are referring notably to your research group.

G.B.: I always visit Brazil with the same delight! I have been there mainly on invitation to give lectures, workshops or classes. I also went there on my own to participate in colloquiums, sometimes accompanied by colleagues or students. This is how I taught a course at USP, and gave a series of workshops and lectures at UnB, and another one at UFSC. I have participated, long time back, in an International Colloquium hosted by UNIBERO in São Paulo. I also took part in ABRAPT in 2013 (UFSC) and in 2016 (UFU), and in the 3rd and 4th International Seminars on the history of translation in 2014 and 2016 at UnB. HISTAL also received many Brazilian colleagues for research sojourns more and less extended. Those colleagues had the opportunity of giving lectures at the University of Montréal, and shared their ideas with HISTAL's members. Moreover, many Brazilian students came to HISTAL for research internships. It is clear that all these contacts are great resources for the discipline and we will profit even more in strengthening such collaboration. This is exactly the idea lying behind our decision of adding Portuguese to the HISTAL working languages. We are more than ever interested to cooperate with Brazilian research groups.

M.H.C.T.: You went to Brazil in August 2018 as part of the project called “École des Hautes Etudes” financed by the Brazilian government. Could you tell us about that project? What are the universities concerned by it? What are the project's objectives?

G.B.: Yes, it was indeed a wonderful experience for me and I am grateful to CAPES, to Andréia Guerini who conducted the project the way long, and not to forget, all the colleagues who kindly received me. The participant universities were POET/UFC, POSTRAD/UnB, and PGET/UFSC. The University of Belem (PPLSA/UFPA) was part of the journey, but I could not go there. During these three visits, I gave two lectures at each university, participated in conversations with students, and exchanged ideas with colleagues.

Project: “École des hautes etudes”

Objectives: Expand the debate on the theoretical approaches to the field of translation historiography, with one of the field's major experts. Develop a research methodology and a sound contribution to assist the elaboration of a Literary Translation History of Portuguese-speaking countries.



M.H.C.T.: Our universities had an agreement which, it seems, was not renewed. Would it be interesting, in your opinion, that we rehabilitate that cooperation accord between the University of Montréal in Canada and the Federal University of Santa Catarina in Brazil? Why?

G.B.: The University of Montréal considers Brazil among its privileged partners. It has signed several ententes with a dozen of Brazilian Universities. The one with UFSC expired in 2013. It is the departments of international affairs that cope with such questions on advice, or on the request of the corresponding departments' programs. Yes, it is important to have it renewed because these ententes facilitate student and professors' mobility as well as potential research projects.

M.H.C.T.: What actions do you believe we could implement to reinforce the translational ties between our research groups in America, specifically, at PGET in Florianópolis?

G.B.: On the one hand, we could encourage our respective students and colleagues to participate in short or long-term research sojourns. UdeM can contribute to its students and professors' project funding. Research and publication projects often stem from personal contacts. On the other hand, I see two research axes proper to our programs: Translation Teaching and Translation History. Translation history, if I am not mistaken, is of high interest to Brazilian colleagues; therefore, one could implement joint projects and publications in this specific area. As a matter of fact, a colleague suggested that we developed an anthology containing methodological and theoretical texts related to history. This is just an example. We shall also consider the co-directions of dissertations or theses.

M.H.C.T.: What are your current projects and the ones for the forthcoming years? Is Brazil part of those projects?

G.B.: Like I mentioned before, the fourth great project I am carrying out is, as of now, entitled: *Le regard de l'Autre: les récits de voyage traduits au Venezuela et en Colombie aux 18^e et 19^e siècles*. It consists of understanding how the travel narratives of the Others have been translated to Spanish and how they were received in both countries. It seeks likewise to conceive the extent to which translation is itself a travel, as Michael Cronin suggests.



I have dozen of ideas concerning other projects related to history, including the enhancement of previous projects and my dedication, like Francisco de Miranda, to a role of translation agent. Besides that, I would also like to be able to translate a book. I intend to dedicate myself seriously to the study of Portuguese language, which will bring me closer to Brazil. That my retirement years may be spent with you, therefore, is not an implausible hypothesis...



INTERVIEW¹³

Muguraş CONSTANTINESCU¹⁴ with Marie Helene Catherine TORRES¹⁵

Marie Helene Catherine Torres is a full Professor of the Department of Foreign Languages and Literatures and of the Postgraduate Program in Translation Studies at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brazil. After a dual degree Portuguese-French achieved in 1992 and a literary Master degree completed in 1995 both at the Federal University of Santa Catarina. In 2001, she defended her Ph.D. dissertation in Translation at the *Katholieke Universiteit Leuven*, Flanders, Belgium, which focused on Brazilian literature translated in France. Her Ph.D. dissertation was published as a book entitled *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes* in 2004 by the Presses of the University of Artois, Arras, in the prestigious collection "Traductologie", and quickly became a reference in the history of translations (It appeared at the bibliography of the World Congress of Traductology of the University of Nanterre, which took place in April 2017).

Her research focuses on the relationship between literature and translation, between national and translated literature, on the Theory and History of Translation. She also works on the Translation of Youth Literature, Comparative Literature and Translated French Literature in Brazil. These areas of interest are tackled in articles and studies she published in Translation journals such as *Meta*, *Traduire*, *Cadernos de Tradução*, *Scientia Traductionis*, *Atelier de traduction* and her communications at international conferences and symposia. Special attention should be paid to *Cadernos de Tradução*, volume 36, number 1

¹³ This interview was previously published in the journal *Atelier de traduction*, n. 29, p. 21-33, 2018.

¹⁴ University "Ștefan cel Mare" of Suceava, Romania, mugurasc@gmail.com.

¹⁵ Federal University of Santa Catarina; Federal University of Ceará; CNPq, Brazil, marie.helene.torres@gmail.com.





(2016) regular edition, which she published in collaboration with Eliane Dias Debus on *Children and youth literature*.

She also published *Literatura traduzida/Literatura nacional* published by 7Letras in 2008, then *Dicionário de tradutores literários do Brasil, Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert* in 2011.

As she is interested in the relationship between text and paratext, Marie Helene Catherine Torres also published a book on this issue, notably *Traduzir o Brasil literário: paratexto e discurso de acompanhamento*, volume 1 in 2011. Two years later, she worked in collaboration on the book under the title *Tradução dos clássicos*, published by Copiart, and in 2014 a book on the history and criticism of translations, *Traduzir o Brasil literário: história e crítica*, volume 2, which forms a whole on books about paratext. Marie Helene Catherine Torres is a member of the editorial boards of *Cadernos de Tradução* and *Scientia Translationis* published by UFSC and is on *Atelier de traduction* scientific committee, a Francophone Romanian journal.

She is currently a researcher at the Brazilian Council for Scientific and Technological Development (CNPq).

Her rich research activity is complemented by an equally rich didactic and administrative activity. She coordinated the Postgraduate Program in Translation Studies from 2003 to 2007, and the specialization in Literary Translation for Teachers' Training from 2008 to 2009. She also coordinated the Interinstitutional doctorate in Translation with the Federal University of Paraíba (UFPB) and the Federal University of Campina Grande (UFCG) from 2010 to 2014 and is currently coordinating the Interinstitutional doctorate in Translation with the Federal University of Pará (UFPA) from 2015 to 2019. Furthermore, she has organized many congresses, seminars, meetings, symposia on various and stimulating themes including: "Theories of post-colonial translation in the development of brazilian literature," "discourse accompanying translation," "the role of translation in cultures," "the place of translation in cultures: the French case," "translation function, theory and power in cultures," "classics translated of children's and youth literature."

As a translator, she has translated into Portuguese (in collaboration) *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain* by Antoine Berman, published in 2007, a translation that has already had a second edition in 2013. Other translations signed by Marie Helene Catherine Torres are on children's literature, *A Bela e a Fera* [La belle et la bête] by Jeanne-Marie

Leprince of Beaumont and *Cantos para os meus netos* by Victor Hugo in a bilingual edition in 2014 and on comics, such as *L'aliéniste* [O alienista] by Urban Comics Editions, Paris.

Currently, the passionate researcher that Marie Helene Catherine Torres is develops a project on a most surprising subject: the French women storytellers of the Enlightenment.

The following interview aims to unveil and shed some light on Marie Helene Catherine Torres' career as well as her reflection on French and Comparative Literature and, especially, on the Translation History, Theory and Criticism.



MUGURAŞ CONSTANTINESCU (M.C.): Dear Marie Helene Catherine Torres, first of all, thank you for accepting this interview. I suggest to start with a question about your education. First, you have studied both French and Portuguese, then have undergone a master's degree in Literature, and finally your doctoral dissertation was on Translation. Now, you are a recognized specialist in Translation Studies. How do you explain this shift in your career towards the Translation Studies? What has been crucial for choosing Translation Studies?

MARIE HELENE CATHERINE TORRES (M.H.C.T.): I am the one who thanks you Muguraş for the opportunity to express myself to your readers and in French. I think that in order to answer your question I need to make an autobiographical review on my career. I arrived in Brazil, directly in Florianópolis, on January 15th, 1989, the first day of President Sarney's economic and monetary plan. It was the time of freezing prices, freezing wages, and so on. The time when a US dollar was worth one *Cruzado Novo*, Brazilian currency at that time. I joined the Federal University of Santa Catarina (UFSC) as a Portuguese-French Languages and Literature transfer student from the University of Paris X-Nanterre, without a word in Portuguese. I graduated in April 1992. I started the Master degree in Literature at the UFSC in June of the same year under the direction of Professor Zahidé Muzart. She was an exceptional person and professor. I remember that Zahidé would tell us, master students that we should publish to pursue a career in higher education! I tried to follow her advice as best as I could. Then, I defended my master's thesis in 1995 on two symbolist poets, a





Brazilian and a French. In fact, I was involved in several translation activities from 1993 to 1994, that's 25 years ago! I really wanted to pursue a doctorate degree in Translation at the time. I therefore applied for a CNPq scholarship, which I was awarded with a four year Ph.D. scholarship from 1997 to 2001, to study in Leuven, under the direction of one of the founders of the Translation field, José Lambert due to the contact and the recommendation of Professor Walter Costa, with whom I work on various academic projects until today.

*M.C.: The relationship between Literature and Translation is prevalent in your books, even when your research focus is on Translation, you foster Literary Translation. From this perspective, I would like to know what marks did the topic of your M.A thesis entitled **Descente en enfer dans le monde poétique de Cruz e Sousa et Baudelaire** has left on your research in Translation Studies? It is, apparently, a comparative study which is very close to the comparative analysis that is often practiced in Translation Studies, by mirroring the source text and its translations.*

M.H.C.T.: I indeed defended my Master's thesis in 1995 whose title is *Descente en enfer dans le monde poétique de Cruz e Sousa et Baudelaire*. It was adjusted and subsequently published as a book in 1998 by the Federal University of Santa Catarina publishing house. I mention somewhere in the book that I worked from the original texts, either Cruz e Sousa's poem in Portuguese or those of Baudelaire in French. Translation was barely mentioned in Literature Studies at the time in Brazil. Still I published in 1994 my first collection of Pierre Reverdy poetry translated into Portuguese. Coming back to your question, I did, in fact, a comparative analysis of the poetic descent into the infernal universe of Cruz e Sousa and Baudelaire, that is a study on the question of poetic satanism, showing the intertextual links of both poets' works, the Brazilian João da Cruz e Sousa and the French Charles Baudelaire. This led me up to establish the existence of a satanic theory as part of their poetry, thus marking the beginning of modern poetry. In this case, I compared texts written in different languages, without any historical, critical or even theoretical approach to translation.

*M.C.: The issue of your doctoral dissertation defended at the Katholieke Universiteit Leuven (KUL) focuses on Brazilian literature translated in France and has a catchy title: **Variations sur l'étranger dans les lettres: cent***

ans de traductions françaises des lettres brésiliennes. Have you chosen this interesting topic yourself or in collaboration with your director? This is about Brazilian literature translated in France and not in French? I have in mind the HTLF¹⁶ project of Yves Chevrel and J.Y. Masson where one considers translations into French, even outside France.

M.H.C.T.: My Ph.D. in Belgium was a turning point in my academic career because it marks the beginning of my career in Translation Studies, mainly because I joined that group in this school in Leuven, the descriptivists. My theoretical position is based precisely on the DTS (Descriptive Translation Studies) and other complementary and compatible theories, such as Venuti's, Berman's or Pascale Casanova's, for example. I defended my doctoral dissertation in September 2001, whose French title was: *Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes.* The main objective of this dissertation was to contribute to the world map of Literature, because I therein describe and analyze the cultural marks, the *genius loci*, of Brazilian literature translated in France (and not in French) into the French cultural and literary system throughout the 20th century. I show how translators used to translate (through the study of publishing houses, commercial strategies, models in use, translation concepts and trends), by trying to find out if there was an assimilation of the *other* or an openness to linguistic and cultural innovations. In view of building a representative corpus, I established, as part of the main criteria for the selection of the books under study, that they have, at least, for each Brazilian identity formation novel (a work on the Brazilian language and culture), two different translations carried out by different translators. Therefore, I analyzed the following Brazilian novels and their translations into French: *Le Guarani* and *Iracéma* by José de Alencar, *Mémoires posthumes de Bras Cubas*, *Quincas Borba* and *Dom Casmurro* by Machado de Assis, *Os Sertões* by Euclides da Cunha, *Macounaïma* by Mário de Andrade and *Diadorim* by Guimarães Rosa. The analyses of the literary Brazil in French translations revealed, unlike the projects on the language of Brazilian texts, an effective naturalization of the Brazilian language and culture, and that the creative transgression of language does not penetrate the rigidity of the French language. This makes the translation transparent, as if the books had

¹⁶ Histoire de la Traduction en langue française.



been written in French, where the case with “people’s discourse” eventually let to metamorphosing itself into a formal (translated) language.

M.C.: As the readers of our journal do not know all (alas, I also know only partially) your work on the hundred years of translation, published by the University of Artois Press and quickly sold, will you please tell us if your focus is on the history of translations and their context, or on the criticism of those translations, even if, as we know that both are very related.

M.H.C.T.: This question is particularly interesting because its answer depends on what one means by Translation History and Criticism. First of all, I shall say that I consider the Translation History to be the history of ideas, of mentalities, and of culture in a space and a given space, considered from a historical perspective, diachronic and/or synchronic. As in Literature, there has been (and still exist) for Translation, schools, trends, tendencies, compromises, and quarrels on the best way to translate. And finally, I consider Translation as a criticism, as a productive criticism, which helps reveal all the meaning of the work, as Berman said. Therefrom, I can tell you that I have indeed dealt with the history of translations into French of Brazilian identity formation works on and in the language (Portuguese).

M.C.: In a stimulating article published in our journal, you talk about an unfair phenomenon that Brazilian letters have experienced in France, notably what you call “censorship, which has become a synonym for invisibility.” What is this particular type of censorship consisted of? And what is it about the “neutralizing” censorship of Brazilian letters? What does it consist? You state, in the same article, of both a vision and “colonial” attitude of France towards the Brazilian literature, do you? How long did such attitude persist? This attitude is attributable to “cultural agents.” Who are they? What are their powers and limitations on this topic?

M.H.C.T.: I presume you are referring to the fact that Brazilian novels translated into French have a fundamental role in the internationalization of the concept of Brazilianity. The French translations not only spread a certain vision of Brazil, of a French Brazil, but also built and projected, in the French imagination, a Brazilian national identity different from that which existed and/or exists in Brazil. I also discuss the concept of a “dominated” country, despite the characteristics stated by Casanova concerning the



autonomy and independence of Brazil (chapter on *Macounaïma*), since a study of French translations of Brazilian works can, according to me, reveal the complex mechanisms of how cultural and intercultural systems works. Of course, one must take into account the specific relations that France and Brazil have maintained, and of the cultural seduction that France has exerted on Brazil. A long history of mutual attraction united Brazil and France, the latter, hoping to control this continent-like country, tried several times to invade it politically and economically as well as culturally. First in 1555, with the attempt to establish an Antarctic France in Rio de Janeiro, then in 1612 with the short foundation of an Equinoctial France in São Luís do Maranhão which ended in 1615. These unsuccessful colonial impulses were erased from the memories, but the relations between France and Brazil were going to take a different turn. Even if at the beginning of the Discovery of Brazil, the French benefited from the favors of the natives compared to the Portuguese, specifies Lévi-Strauss in *Tristes tropiques*, it is due to King John VI of Portugal, settled with the Portuguese court in Rio de Janeiro, that the Brazil-France relations intensified. He indeed had brought a mission of French artists composed of painters, sculptors, architects, engravers, engineers. In 1816, for the foundation of an Academy of Fine Arts in the tropics. The considerable shipping of French books to Brazil also had a huge impact on changing attitudes. The 20th century Brazil will progressively detach itself from the French model through cultural and identity emancipation and, subsequently, forge new relations with France, relations of exchange, of cooperation, and of tributes.

M.C.: What is the link between the anthropophagous translator and Brazilianity?

M.H.C.T.: When I speak of anthropophagy, I am referring to the theory of Brazilian anthropophagy. Let me explain. Brazil provoked its cultural and identity emancipation, and its pursuit for a national identity, a Brazilianity, resulted in an interesting Brazilian theory, the Theory of Anthropophagy. It was launched after the “Semana de Arte Moderna de 1922”¹⁷ (February 11 to 18) in São Paulo, by a Brazilian writer, Oswald de Andrade, who later published his *Anthropophagic Manifesto* in 1928, as a reaction to the European culture imported into Brazil. Moreover, in a counter-reaction the

¹⁷ Brazil’s Modern Art Week of 1922.



Anthropophagic Manifesto was translated into French just in 1982 by Jacques Thiériot. According to the *Anthropophagic Manifesto*, Brazil reproduced European models, assimilating itself to the same, the way it was perceived in European imagination. The *Anthropophagic Manifesto* whose first sentence “Only anthropophagy unites us” set the tone and defended precisely the existence of a movement, a theory specific to Brazil. The anthropophagic ritual was thus used as a cultural metaphor of the anthropophagic movement, reaching therefore the culminant point of the Brazilian pursuit for its identity. How does it work? Like the “savage” who devours the enemy — but not just any enemy, a courageous enemy who distinguished himself by his qualities, especially war-related —, absorbs and digests him in order to incorporate only his virtues, the Brazilian writer would do the same through cultural anthropophagy ritual. Faced with the culture of the other, the Brazilian writer will, therefore, have the same behavior: devour the foreign culture, absorb it, digest it to restore his own cultural heritage. The same holds true to the translator who can be, in different degrees, an anthropophagus, according to what he chooses to devour.

M.C.: *I know that you are particularly interested in the translation of children’s literature and that you have coordinated a special issue of your journal **Cadernos de Tradução** on this issue, where I had the honor to publish a contribution. Please tell us where your interest for this area and its specificity come from.*

M.H.C.T.: My interest in Youth Literature comes from the fact that few works are actually translated from the original. This seems unbelievable but *La Belle et la Bête*, for example, had never been fully translated in Brazil before my translation in 2014. So, I translated the 1755 tale by Mrs. Leprince de Beaumont written with educational intentions for English children from 12 to 5 years. There were only adaptations prior to my translation of 2014. An adaptation, as you know, is not a translation! But, of course, one may still find, in the adaptation, some stylistic features of the first text, for example. The adaptation presents two authors including the adapter, who is much more visible than the source text’s author. Translation and adaptation have what I call isomorphic relations, that is, similarity relations in form and appearance. Contemporary adaptations reflect a great desire to appropriation and they try to minimize the differences between the linguistic

and cultural universe of the source text and that one of the adaptation. So, in these adaptations of *La Belle et la Bête*, the fairy disappears from the story although she is a character essential to the final morality of the story since she appears in Belle's dream and could see the Beast dying near the canal. Then, in the end, the fairy punishes Belle's two sisters because of their pride, their anger, their laziness, and their envy, turning them into stone statues! Thereafter, I also translated some of Victor Hugo's poems written for children, which he dedicated to his grandchildren, Georges and Jeanne.

M.C.: You translated (in collaboration with two colleagues) Berman's *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain* into Brazilian Portuguese and which is not yet translated into Romanian. I noticed that it has already had several editions. How long did you work on this collaborative translation on a so dense, erudite and subtle a text? What challenges were you confronted with?

M.H.C.T.: The 2nd edition of *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* [La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain] is quite out of print. I had the pleasure of translating it with two of my colleagues from Translation Studies, Mauri Furlan and Andréia Guerini. The actual translation required a 2-year work. Several difficulties arose, mainly due to Berman's citations in foreign languages with their translations into French. We've therefore attempted, in a translator's note, to explain our translation decisions. The biggest challenge was, truly, related to the titles of the works mentioned by Berman. Since every translation is a decision-making process, we have chosen Portuguese titles when they were already published translations, that is if the mentioned example did not raise translation issues. As for the titles not yet translated into Portuguese, they were kept intact, the way they are presented by Berman in the French original, to avoid creating titles with no corresponding translated texts.

M.C.: In your opinion, how significant is paratext in a translation?

M.H.C.T.: Huge!! I cannot read a literary text, whatever it is, without first lingering on what I call accompanying texts, be it the external aspect of books which I call morphological aspect and the accompanying speech. These morphological elements include any indication on the covers, external



— front and back —, and the cover pages (front sheets, half-title pages ...), internal to books which is likely to provide details on translation status, I mean, the way they are perceived based on the informative elements they present. And by accompanying speech, I mean all the paratextual apparatus (preface, notice, introduction, postface, etc.), which is often the place where the ideology appears most clearly. Paratext is therefore essential to translation analysis.

M.C.: I remember a previous conversation where you referred to about 300 master's theses and Ph.D. in tradutology being carried out in your university. What is the current state of the doctoral research in Translation Studies at UFSC? What opportunities does the market offer?

M.H.C.T.: First of all, I must say that the Brazilian context is unique because the labor market in this area is very promising. Faculties and universities were established every year until 2016 which helped to develop and consolidate the discipline, contrasting with a very different and often opposite situation not only in Europe but in the world in general. If there seems to be little or almost no work prospect for the Master's degree and Ph.D holder in *Tradutology*, on the other hand, Translation Studies, as they are called in Brazil, is booming. I was part of the first group of professors and researchers in Brazil who proposed, to the Ministry of Education, the creation of the master and doctorate program devoted exclusively to Translation Studies. As a result, I had the privilege of coordinating the first program of its kind in 2003 at the Federal University of Santa Catarina (UFSC) in Florianópolis. This was the starting point for the implementation of three other master and doctorate programs in Translation Studies in Brazil: the master at the University of Brasília (UnB), in 2011; the master and doctorate in Translation Studies at the University of São Paulo, in 2012; the master at the Federal University of Ceará (UFC), in 2013. Two other masters in Translation Studies, in Rio de Janeiro and Natal, await a decision from the Ministry of Education. This will increase to six the 3rd cycle on Translation Studies, which in itself is significant. This passion tends to reveal, first and foremost, the fact that the Translation field is a pioneering and an avant-garde field in Brazil, mainly because the universities have recognized its status as a science in its own right, thus granting specific degrees, the master's and the doctorate degrees in Translation Studies. I think the point



is there: the institutional recognition of Translation Studies in Brazil. To tackle the number of dissertations and theses defended at the PGET/UFSC, I verified our page on the Internet (<<http://ppget.posgrad.ufsc.br/teses-e-dissertacoes-pget/>>), and by the end of May 2018, there were 270 masters theses defended and 115 doctoral dissertations. One last thing: Brazilian Masters and Ph.D. in Translation Studies are not professional Masters and Ph.Ds. They do not train translators but educate researchers in Translation Studies and are essentially academic. There lies the big difference.

M.C.: Continuing with the doctorate, what is an “Interinstitutional doctorate”? Is it a sort of, let’s say, co-directed doctorate?

M.H.C.T.: No, not exactly. It’s not a co-direction. In fact, the Interinstitutional Ph.D. (DINTER) is one of the few projects that meet, at the same time, the needs of the concrete knowledge socialization and national exchange favored through a project of institutional solidarity, mainly conducted by professors. Internationalization being the current catchword in Brazilian federal universities, there is little room for local and national exchange projects. However, there are programs that have been supporting the establishment of doctorate programs in Brazil for ten years now. This means that professors at universities or federal institutes have the opportunity to undergo a doctorate program through a university other than on their own. The success of the DINTER project depends essentially on institutional, academic and, above all, human factors, because it implies the will and the participative mobilization as well as the quality of each professor-researcher. The culture of partnership is a culture of dialogue among the universities involved, in our case, the Federal University of Santa Catarina and the Federal Universities of Paraíba (UFPB) and the Federal University of Campina Grande (UFCG) from 2010 to 2014, and the Federal University of Pará (UFPA) from 2015 to 2019. I have been coordinating the Interinstitutional Ph.D. for 8 years.

*M.C.: You have in your university a journal of traductology and you are part of the editorial board, to my knowledge, of **Cadernos de Tradução** which celebrated in January 20 years of activity. Could you tell us about the trajectory and the importance of this journal?*



M.H.C.T.: The journal *Cadernos de Tradução* was created in 1996 by Mauri Furlan, Walter Costa and myself, all professors at the Federal University of Santa Catarina. Since 2003, it became the journal of the Master and Doctorate in Translation Studies. Initially, it had until 1999 one volume per year. During the transition to the XXI century, in order to meet the standards related to the financial assistance from the Brazilian Research Council (CNPq) as well as those of the evaluation of the Coordination of the Development of Higher Education Personnel (CAPES), the journal began publishing two issues a year. New structural changes have occurred since 2016, as the journal joined the SciELO platform and began to publish three issues per year (January, May, and September). The journal's main objective is to publish the outcomes of the research related to Translation in Brazil and abroad and to follow the debate in the field, wherein interdisciplinarity is inherent. Today, the journal's content ranges between original or translated articles, related to Translation field, book reviews related to Translation (analysis, theory, history), reviews of translated works published over the last five years and interviews, similar to what you are doing now with me, with translators, professors, and researchers in the Translation field. In addition, *Cadernos de Tradução* has always had the policy of publishing issues and thematic dossiers. The journal follows a rigorous peer review process and is, in turn, regularly assessed by CAPES regulatory sector, the "Qualis", a set of procedures for stratifying the quality of higher education programs intellectual production. The journal is, in fact, indexed in international databases such as DIALNET — Difusión de Alertas in the Red, DOAJ — Directory of Open Access Journals, LATINDEX — Online Regional Information System for Latin America, Caribbean, Spain and Portugal, MLA — Modern Language Association International Bibliography, SciELO — Online Scientific Electronic Library and ULRICH'S — Ulrich's Periodical Directory. Regarding the issue entitled *Vozes tradutórias: 20 anos de Cadernos de Tradução* [Voices: 20 years of the journal *Cadernos de Tradução*], it was organized by Andréia Guerini (editor-in-chief of the journal), Marie Helene Catherine Torres and Walter Carlos Costa. It was published in 2016 to pay homage to translators. I shall also add that *Cadernos de Tradução* is an entirely free journal, which offers immediate and free access to its content, following the principle that making scientific knowledge available to the public free of charge allows a greater global democratization of knowledge.

M.C.: Our Canadian colleague, Marc Charron, a member of our journal's scientific committee as you, briefly talked about research collaboration between the University of Ottawa and your university? What does it involve?

M.H.C.T.: My university, the Federal University of Santa Catarina, has agreements with dozens of universities worldwide in all fields. It is true that it has none with Romania. We can think about it. However, trying to answer your question, it signed some agreements with 15 Canadian universities, including the University of Ottawa, where our colleague Marc Charron teaches. These are technical, scientific and cultural co-operation agreements that facilitate students', professors', and technical-administrative officials' mobility and exchange. There is no funding envisaged in these agreements. Students and professors-researchers participate using their own resources or due to an eventual grant awarded by their country and/or their home university.

M.C.: What are you working on now? I know you are also working on the eighteenth-century female storytellers. Could you give us some details about this project? What do you have on your desk?

M.H.C.T.: It is indeed true that I am currently devoting my research to eighteenth century French female storytellers. It is mainly about reshaping the canon of the 18th century French literary works in Brazil, and analyzing the translation and its process. Our contribution concerns the critical fortune of eighteenth-century French classical texts in Brazil through the commented translation. And I make this questioning of the aesthetic canon in order to develop an innovative concept of literary history, a concept that would escape the rigidity of the traditional literary canon in search of intellectual autonomy, freedom of choice, of reading and of critical thinking. I am trying, in this sense, to rehabilitate female writers forgotten by French literary history, to provide a paratextual material about these writers in order to introduce in Brazilian scenario texts that broaden the discourse on the eighteenth century and to make available unpublished translations of these writers in Brazilian Portuguese. I have already published part of the research in previous works in the form of an anthology, such as the *Mnemosyne* anthology (<<https://mnemosineantologias.com>>), devoted to the literary history of 18th century French female writers and their role in the



(trans)formation of the Brazilian literary canon. There are currently thirty women writers in the anthology with entries being constantly updated. Our research takes into account André Lefevere's theories and his *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame* (1992) where he shows that rewriting, namely translation, historiography, criticism, and edition plays a key role in the reception and canonization of literary works. Other important theorists who also inspired this research include José Lambert, Lieven D'hulst, Anthony Pym and also Antoine Berman. A second stage of the research will establish the History of female Storytellers, in most cases associated to literary salons dedicated to fairy tales in all its forms. The tales by Mme d'Aulnoy, Mme Murat or Mle de la Force were very appreciated and read, as the constant reprints attest. The fairy tale was a real trend. Thus, this is how female literary tale was born, a socialite and gallant writing with romantic tendencies. Generally speaking, however, it is from the encounter among oral and written, popular and literary, ancient and modern, that the aesthetics, poetry, and rich imagination of these tales were inspired. Madame d'Aulnoy's fairy tales, for example, achieved an immediate and lasting success. They were even translated into English long before Perrault's tales, and were often reprinted during the eighteenth century. French classics are generally not translated in Brazil, and when they are, these are always the same texts. This new anthological history will include tales of French female writers of the golden age (1690-1710) published in *Cabinet des fées*' forty-one volumes and their translation into Brazilian Portuguese will have critical commentaries. It is what I've been doing lately, among other things. To finally tackle the second part of your question, there is currently on my table a book in French by Pascale Casanova, *La langue mondiale: traduction et domination*. We are negotiating with the publishing houses of the Federal University of Santa Catarina and the University of Brasília to purchase its translation rights into Brazilian Portuguese from Editions Seuil. This new translation project is mainly motivated by the absence of works related to the theory and sociology of translation in the Brazilian book market. In addition, this book can be included in Master and Doctorate courses in Translation Studies in Brazilian Universities.

1ª edição brasileira 2019

Esta obra foi composta por PauloArtes em Minion Pro e Roboto
publicado on-line por Rafael Copetti Editor
em outubro de 2019.

O presente livro coloca em diálogo estudiosos de diferentes países sob a ótica dos Estudos da Tradução. O fio condutor das diferentes entrevistas apresenta convergências e é um rico material para os estudiosos de tradução, pois um dos aspectos que liga os entrevistados é o fato de terem contribuído para a institucionalização e o fortalecimento dos Estudos da Tradução.

